



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E
CONTEMPORANEIDADE (PPGEDUC)**

TATIANE PEREIRA DOS SANTOS

**REESCREVENDO A VIDA ATRAVÉS DA POESIA MARGINAL:
JUVENTUDE (S) DAS PERIFERIAS, EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS E
ESTÉTICAS NO SARAU DA ONÇA**

Salvador
2020

TATIANE PEREIRA DOS SANTOS

**REESCREVENDO A VIDA ATRAVÉS DA POESIA MARGINAL:
JUVENTUDE (S) DAS PERIFERIAS, EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS E
ESTÉTICAS NO SARAU DA ONÇA**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação e Contemporaneidade no Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEDUC do Departamento de Educação Campus I, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Luciano Lopes Messeder.

Salvador
2020

Universidade do Estado da Bahia
Sistema de Biblioteca

Ficha Catalográfica - Produzida pela Biblioteca Eivaldo Machado Boaventura

Pereira dos Santos, Tatiane.

REESCREVENDO A VIDA ATRAVÉS DA POESIA MARGINAL:
JUVENTUDE (S) DAS PERIFERIAS, EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS E
ESTÉTICAS NO SARAU DA ONÇA / Tatiane Pereira dos Santos.--
Salvador, 2020.

200.

Orientador: Marcos Luciano Lopes Messeder

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento
de Educação. Campus I. Programa de Pós-Graduação em Educação e

Contemporaneidade - PPGEDUC, 2020

1. Juventude (s). 2. Periferia. 3. Sarau da Onça. 4. Educação Popular. I.
Lopes Messeder, Marcos Luciano II. Universidade do Estado da Bahia.
Departamento de Educação. Campus I.

CDD: 370

FOLHA DE APROVAÇÃO

REESCREVENDO A VIDA ATRAVÉS DA POESIA MARGINAL: JUVENTUDE (S) DAS PERIFERIAS, EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS E ESTÉTICAS NO SARAU DA ONÇA

TATIANE PEREIRA DOS SANTOS

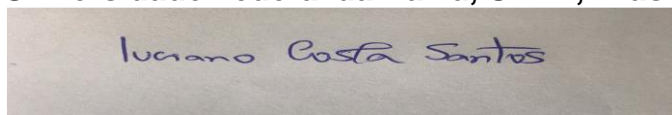
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, em 10 de dezembro de 2020, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestra em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia, composta pela Banca Examinadora:



Prof. Dr. Marcos Luciano Lopes Messeder
Universidade do Estado da Bahia - UNEB
Doutorado em Sociologia e Antropologia
Universite Lumiere Lyon 2, U.LYON 2, França



Prof. Dr. José Eduardo Ferreira Santos
Universidade Federal da Bahia - UFBA
Doutorado em Saúde Coletiva
Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil



Prof. Dr. Luciano Costa Santos
Universidade do Estado da Bahia – Uneb
Doutorado em Filosofia
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Brasil

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela presença constante na minha vida, pelas bênçãos, proteção e amor.

A minha família, ao amor de mainha e painho que sempre estiveram ao meu lado, também a minha avó e irmã. Amo vocês.

Ao meu esposo Eliseu pelo amor e companheirismo.

Aos meus amigos por compreender os momentos de recolhimento.

Muitas foram às pessoas que contribuíram nessa caminhada, agradeço a todas, em especial, aos professores e a coordenadora do curso de serviço social da UNIRB (profa Lúcia Couto), e aos colegas do Ppgeduc desde a primeira turma como aluna especial até a defesa da dissertação, esse trabalho é nosso. Gratidão a: Moisés, Paulo, Ivandilson, Cintia, Sérgio, Manoel Neto, Micheline, Gilcelene, Arielma, Marcelo, e tantos outros.

Aos colegas de turma, especialmente as meninas do Conedu, grata pelas experiências compartilhadas com muitas risadas. Pelo apoio e aprendizado dos colegas do grupo de pesquisa Pensamento e contemporaneidade, especialmente aos professores Luciano Costa Santos e Sueli Mota.

Ao meu orientador prof. Marcos Messeder, minha gratidão, pela confiança no nosso trabalho, pelos momentos de atenção, esclarecimento, incentivo e apoio.

Aos membros da banca examinadora pela presença e contribuições.

A UNEB e seus funcionários, ao corpo docente que tanto contribuíram com o meu aprendizado, em especial sou grata pelo carinho e aprendizado de vida proporcionado pela profa Edite Farias.

É com satisfação que agradeço aos moradores da Sussuarana, aos organizadores do Sarau da Onça (Evanilson Alves e Sandro Sussuarana) que permitiram a realização da pesquisa, bem como aos jovens que possibilitaram as entrevistas virtuais em meio ao período de isolamento social. Clara, Paula, Rick, Bolha, Franklin e Larry, agradeço imensamente pela atenção, entrega e carinho com o nosso trabalho.

Agradeço a CAPES pelo financiamento da pesquisa.

RESUMO

Esta pesquisa analisou a constituição da história de jovens da periferia do bairro periférico de Sussuarana, em Salvador-BA, buscando compreender os significados atribuídos às suas experiências educativas e estéticas no coletivo Sarau da Onça. Para tanto, buscamos dialogar com as contribuições de Freire (1967; 1987) sobre a educação popular, com Dussel (2018) que trata da estética da libertação, Nascimento (2009) que discute a literatura marginal e Dayrrel (2001; 2003) sobre juventude(s). Tal diálogo teórico se realizou em estreita articulação com os depoimentos dos jovens e dos organizadores do Sarau da Onça. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, seguindo o percurso etnográfico das atividades produzidas pelo Sarau da Onça. Foram realizadas entrevistas narrativas com os organizadores do Sarau da Onça, entrevista em grupo e narrativa com 06 jovens participantes do coletivo. Os resultados da pesquisa revelaram que a poesia marginal propõe uma estética da libertação e o Sarau da Onça se enquadra em uma experiência de educação popular. Assim, é um trabalho que promove a transformação, o empoderamento e evidencia o protagonismo de jovens da periferia na construção de suas histórias.

Palavras-chave: Juventude (s). Periferia. Sarau da Onça. Educação Popular. Estética da Libertação.

ABSTRACT

This research analyzed the constitution of the history of young people from the periphery, seeking to understand the meanings attributed to their educational and aesthetic experiences in the collective Sarau da Onça. To this end, we seek to dialogue with the contributions of Freire (1967; 1987) on popular education, with Dussel (2018) who deals with the aesthetics of liberation, Nascimento (2009) who discusses marginal literature and Dayrrel (2001; 2003) on youth . Such theoretical dialogue took place in close articulation with the testimonies of the young people and the organizers of the Jaguar soiree. This is a qualitative research, following the ethnographic path of the activities produced by Jaguar soiree, narrative interviews were conducted with the organizers of Jaguar soiree, group interview and narrative with 6 young participants of the collective. The results of the research revealed that marginal poetry proposes an aesthetics of liberation and the Jaguar soiree fits into an experience of popular education. Thus, it is a work that promotes transformation, empowerment and highlights the role of young people from the periphery in the construction of their stories.

Keywords: Youth (s). Periphery.Jaguar soiree.Popular Education.Aesthetics of Liberation.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** Entrada do Centro de Pastoral Afro (Cenpah) / 17
- Figura 2** A periferia do Novo Horizonte / 20
- Figura 3** Anfiteatro Abdias Nascimento/ 20
- Figura 4** Mapa de Saraus em Salvador / 82
- Figura 5** Lançamento do livro do grupo Recital Ágape /89
- Figura 6** Slogan do Sarau da Onça/ 90
- Figura 7** Sarau realizado em 2011 no Salão Santa Bakita/ 92
- Figura 8** Lançamento do primeiro livro em 2014/96
- Figura 9** Cartaz de divulgação do Sarau da Onça 2019/ 97
- Figura 10** Oficina de escrita para mulheres no Cenpah / 99
- Figura 11** Livros utilizados na oficina/ 99
- Figura 12** Exposição no espaço para a venda de roupas afros/ 106
- Figura 13** Slogan da Batalha do Pega Visão/ 113
- Figura 14** Slogan da Batalha da Fg/ 114
- Figura 15** Cartaz de divulgação do Festival Literário Regional/ 115
- Figura 16** Divulgação do lançamento do livro (2019)/ 136
- Figura 17** Capa do livro “Força Feminina: A Poesia que Liberta” / 152
- Figura 18** Divulgação e interação através da rede social/155
- Figura 19** Sandro veste a camisa com verso de sua poesia “A perifa”. Ao fundo, o banner do Sarau / 156
- Figura 20** “Postesia” (placas com pequenos poemas)/ 157
- Figura 21** Os poetas escritores do livro “O diferencial da favela: dos contos as poesias de quebrada” (2019) / 162
- Figura 22** O público nas escadarias do Anfiteatro no lançamento do livro (2019) / 163
- Figura 23** Uma escritora autografando no lançamento do livro (2019) / 163

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APN	Agente Pastoral Negro
CASE	Comunidade de Atendimento Socioeducativo
CAPDEVER	Centro Afro de Promoção e Defesa da Vida Ezequiel Ramin
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior
CEAO	Centro de Estudos Afro-Orientais
CENPAH	Centro Pastoral Afro Pe. Heitor
CNAS	Conselho Nacional de Assistência Social
COS	Comissão Organizadora de Sussuarana
COVID	Coronavírus
CRAS	Centro de Referência da Assistência Social
CV	Comando Vermelho
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
EUA	Estados Unidos da América
FLIN	Festival Literário Regional
FUNDAC	Fundação da Criança e do Adolescente
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
JACA	Juventude Ativista de Cajazeiras
LOAS	Lei Orgânica da Assistência Social
MC	Mestre/a de Cerimônia
ONGs	Organizações Não Governamentais
PAIF	Programa de Atenção Integral à Família
PCC	Primeiro Comando da Capital

PEC	Proposta de Emenda Constitucional
PM	Polícia Militar
Prouni	Programa Universidade para Todos
PPGEDUC	Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade
PPGEL	Programa de Pós-graduação em Estudos de Língua
RAP	Ritmo e poesia
SCFV	Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos
SJDHDS	Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social
SUAS	Sistema único da Assistência Social
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFRB	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
ZAP	Zona Autônoma da Palavra

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	PERCURSO METODOLÓGICO	17
1.2	ENTRADA NO CAMPO	21
1.3	RECONSTRUINDO CAMINHOS	31
2	JUVENTUDES DAS PERIFERIAS: VULNERABILIDADE E RISCO	36
2.1	CONTEXTUALIZANDO A VULNERABILIDADE	39
2.1.1	As vidas da (s) juventude (s) negras das periferias de Salvador: humano x desumano	66
3	CULTURA POPULAR, SARAUS E MOVIMENTOS SOCIAIS	79
3.1	OS COLETIVOS E OS SARAUS DE POESIAS NAS PERIFERIAS DE SALVADOR	85
4	SARAU DA ONÇA: EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS E EDUCATIVAS DA (S) JUVENTUDE (S)	90
4.1	SLAM DA ONÇA: A MANIFESTAÇÃO DA VOZ E DO CORPO DOS JOVENS DAS PERIFERIAS	126
4.2	O PODER DA ESCRITA PERIFÉRICA/MARGINAL	137
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	171
	REFERÊNCIAS	174
	APÊNDICE A – Roteiro do questionário do perfil dos jovens	184
	APÊNDICE B – Modelo dos Termos de Consentimento	185
	ANEXO A – Poesias citadas e não publicadas	191

1 INTRODUÇÃO

Para apresentar os caminhos da pesquisa, é necessário destacar as provocações que surgiram ao longo da minha¹ trajetória acadêmica, profissional e pessoal. Pesquisar a história de vida de jovens da periferia leva-me a associar as minhas memórias enquanto moradora de periferia e a construção dos meus projetos de vida. Logo, apresento uma breve narrativa sobre esse contexto.

Sou mulher negra, pobre e moradora do bairro da periferia Fazenda Grande do Retiro, situado na cidade de Salvador/BA. Meu pai possuía o ensino médio e minha mãe cursou o ensino fundamental incompleto. A trajetória escolar curta se explica também pelo fato de que desde a sua infância trabalhou em “casa de família”. Apesar da renda familiar de até 2 salários mínimos, ambos incentivaram e dedicaram seus esforços aos estudos das duas filhas, inclusive contando com a solidariedade de parentes e vizinhos para cuidar das crianças, já que trabalhavam o dia inteiro.

Aos meus 17 anos, após completar o ensino médio, busquei o emprego formal, e foram 3 longos anos sem sucesso. Posso atribuir isso às condições de gênero, classe social, raça, bem como às exigências de experiências profissionais, dentre outros aspectos. A exemplo disso, nas seleções de emprego no setor de recepção, o fato de se exigir “padrão de beleza” da candidata, como também as vagas serem direcionadas, em determinados cargos, com predominância para o sexo masculino, restringindo a concorrência do sexo feminino. Recentemente, compreendi que as diversas situações as quais vivenciei, com tratamento desigual, são reflexos de uma sociedade histórica e estruturalmente racista e machista. Acreditei, durante muito tempo, que ser negra e os meus atributos físicos, como o cabelo crespo, me faziam um ser “inferior”.

Universidade Pública? Certamente não teria chances, então, investi em curso profissionalizante para aumentar as minhas chances no mercado de trabalho. No entanto, a alternativa que recorri foi a informalidade, ofertando “banca” ou reforço escolar, vendendo produtos para adquirir renda. Aos 21 anos, finalmente, a conquista do tão sonhado primeiro emprego formal, assim contribuindo para

¹Em circunstâncias específicas, serão utilizados os pronomes na primeira pessoa do singular e do plural. No tratamento de questões subjetivas e pessoais, prevalece o uso do pronome na primeira pessoa do singular, nas demais situações utilizaremos a primeira pessoa do plural.

melhorar a rendada família e ajudar no pagamento das despesas. Porém, eu não escolhi o emprego, pois na realidade do pobre não há opções de profissão. Deste modo, acrescentei na minha experiência 2 cursos profissionalizantes, cada um com o período de 2 anos.

Até então, acreditava que era inatingível a entrada na faculdade. Foi difícil confiar na minha capacidade, desmitificar diversos discursos que limitavam o meu olhar sobre a minha realidade e a do mundo. Como o que enfatiza a inaptidão do jovem de periferia, estudante de escola pública e negro a ingressar no curso superior, bem como em diversos outros espaços.

Como meta de estudos e trajetória de percurso de vida, planejei, no horário de descanso do trabalho, estudar para a prova do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Através do Programa Universidade para Todos (Prouni), conquistei bolsa de 50% em uma faculdade particular. Novos desafios, trabalhar 8h por dia e estudar à noite, além dos riscos à circulação da mulher na rua durante a noite.

Considero de suma importância, na minha trajetória e na construção e reconstrução de projetos de vida, algumas experiências tais como: o acesso ao trabalho formal, os cursos profissionalizantes, a universidade, a diversidade nas relações sociais e, por conseguinte, o ingresso em outros espaços. Cada uma dessas vivências influenciou de alguma maneira na leitura de mundo, nas referências e em novos conhecimentos que adquiri.

Acrescento que, como moradora de periferia, chamava minha atenção o processo dos jovens como trabalhadores do tráfico de drogas: em alguns momentos, com notícias de trocas de tiros com a polícia ou grupos rivais, em outros brincando de bola e pipa na rua, buscando o lazer e a diversão típicos da idade, que é o seu direito. Para o senso comum, o destino da juventude periférica é a criminalidade e, por isso, ela é vista como um “problema social”. Logo, se desconhece a potencialidade desse segmento através das manifestações culturais insurgentes².

Nesse contexto, destaco a minha experiência na periferia com grupos de Capoeira, e o trabalho desenvolvido com o público infanto-juvenil na associação comunitária do bairro, sem recursos financeiros nem vínculo com os setores público ou privado. Tais iniciativas desmitificam o discurso que inferioriza e marginaliza o

²[...] movimentos culturais insurgentes à medida que assumem uma posição de enfrentamento a uma ordem pré-estabelecida, reivindicando novos regimes de visibilidade e autonomia para se expressar a partir das periferias que ocupam (SOUTO, 2020, p. 137).

movimento cultural oriundo da negritude e desenvolvido nas periferias. Além disto, fomenta o reconhecimento da opressão sentida historicamente pelo negro e negra, a valorização da ancestralidade e da sua luta e resistência, tal como é possível observar neste trecho da música de capoeira do Mestre Toni Vargas:

Dona Isabel

Dona Isabel que história é essa?
 Dona Isabel que história é essa
 Oi ai ai!
 de ter feito abolição?
 De ser princesa boazinha que libertou a escravidão
 To cansado de conversa
 to cansado de ilusão
 Abolição se fez com sangue
 Que inundava este país
 Que o negro transformou em luta
 Cansado de ser infeliz
 Abolição se fez bem antes
 E ainda há por se fazer agora
 Com a verdade da favela
 E não com a mentira da escola [...]

No período da graduação na área de Serviço Social, o estágio foi desenvolvido no Centro de Referência da Assistência Social (CRAS)³ e, logo em seguida, nessa mesma instituição, passei a exercer a profissão de Assistente Social. O CRAS é um espaço público estatal que tem como objetivo a prevenção da ocorrência de situações de vulnerabilidades e riscos sociais através da oferta do Programa de Atenção Integral à Família (PAIF) e dos serviços da proteção social básica, tais como: Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) para crianças, adolescentes, jovens e idosos.

Como dissemos acima, podemos sintetizar afirmando que a Política de Assistência Social foi instituída a partir da Constituição Federal de 1988, com a publicação da Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS), em dezembro de 1993,

³CRAS é uma unidade de caráter público que atua com famílias e indivíduos em seu contexto comunitário. O CRAS é fruto das lutas dos profissionais do Serviço Social e dos movimentos sociais para garantir a assistência social como política pública, e que resultaram na promulgação da lei nº 8.742 de 07 de dezembro de 1993, que garantiu avanços na política pública na área da assistência social do país. Impulsionada pela Constituição Federal de 1988, a assistência social passou a fazer parte do tripé da seguridade Social, tornando-se uma política pública de dever do Estado e direito do cidadão, não contributiva. O CRAS é uma unidade pública estatal descentralizada na política de assistência social, responsável pela organização e oferta de serviços da proteção social básica do Sistema Único da Assistência Social – SUAS – nas ações de atendimento a situações de vulnerabilidade e risco social dos municípios e DF. Dada sua capilaridade nos territórios, se caracteriza como principal porta de entrada do SUAS, ou seja, é uma unidade que possibilita o acesso de grande número de famílias à rede de proteção social da assistência social (CRAS, Brasília, 2009, p.09).

compondo o tripé da Seguridade Social, juntamente com a Saúde e Previdência Social. A Assistência Social é Política de Seguridade Social não contributiva, direito do cidadão e dever do Estado, que provê os mínimos recursos sociais, realizada através de um conjunto integrado de iniciativa pública e da sociedade para garantir o atendimento às necessidades básicas.

Ao me aproximar da realidade de jovens da periferia, a partir do desenvolvimento do PAIF e SCFV, notava a constante preocupação das famílias com o tempo ocioso dos seus filhos no horário oposto ao da escola, com os riscos de cooptação pelo tráfico de drogas e, como consequência, a morte. Enfim, a angústia quanto ao futuro dos seus filhos.

Como proposta de proteção social básica para os jovens de 18 a 29 anos, foi criado o SCFV (Resolução CNAS nº13/2014), que:

[...] objetiva fortalecer vínculos familiares e comunitários, assegurando espaços de referência para o convívio grupal, comunitário e social e o desenvolvimento de relações de afetividade, solidariedade e respeito mútuo, de modo a desenvolver a sua convivência familiar e comunitária. Contribui para a ampliação do universo informacional, artístico e cultural dos jovens, bem como estimula o desenvolvimento de potencialidades para novos projetos de vida; propicia sua formação cidadã e vivências para o alcance de autonomia e participação social; detecta necessidades, motivações, habilidades e talentos (2014, p.15).

O SCFV pode ser ofertado no CRAS, desde que este disponha de espaço compatível para tal, sem prejudicar a oferta do PAIF. Igualmente, nos Centros de Convivência (unidades públicas ou unidades vinculadas a entidades de assistência social).

Portanto, o Estado reconhece que a juventude tem o direito à proteção social básica, e compartilha a responsabilidade da execução dos SCFV com entidades não públicas, vinculadas a assistência social.

No campo propriamente acadêmico, minha aproximação com a temática da juventude nasceu durante a produção de um artigo de uma especialização na área de trabalho social com ênfase em família e comunidades contemporâneas. A proposta da especialização é construir conhecimento teórico interdisciplinar para compreensão e a intervenção em diversos contextos familiares no cenário contemporâneo, assim como acercada comunidade e das políticas sociais no cenário neoliberal. O interesse pelo curso se deu na perspectiva de ampliar

conhecimentos para minha atuação profissional no CRAS com atendimento à família e à comunidade.

Daí surge a temática do artigo, a partir das observações das demandas do CRAS. O artigo trata do contexto de vulnerabilidade e risco infanto-juvenil nas periferias de Salvador-BA, bem como das Políticas Públicas de Proteção Social Infanto-juvenil. Apesar de almejar desenvolver um trabalho de campo, devido ao tempo restrito do curso, optei pela revisão de literatura. Verificou-se que as juventudes⁴ experimentam situações de vulnerabilidade tais como: a falta de perspectiva de trabalho, evasão escolar, pouco acesso às redes socioassistenciais, a violência, entre outras. Assim, observou-se, a partir das pesquisas e estudos analisados, a negação dos direitos sociais das juventudes da periferia e a precarização das Políticas Públicas nesse processo.

Diante da realidade sentida nas periferias quanto à relação com o tráfico de drogas e o aumento de homicídios de jovens que assumem os papéis ora de vítimas e outros como algozes, cabe ampliar as discussões, inclusive nos espaços acadêmicos, na sociedade, nos movimentos sociais e nos diversos âmbitos do Estado.

Ademais, surge uma polêmica a partir de projetos legislativos na atualidade, tal como a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 171/1993, de Redução da Maioridade Penal, que passa de 18 para 16 anos a idade penal. Para os políticos que são a favor da PEC 171/1993, a justificativa é “o crescente aumento do número de delitos praticados por menores de dezoito anos”.

Assim, a Constituição Federal define o Estado como uma das instâncias responsáveis pela proteção integral dos jovens. Porém, esses políticos mencionados, eleitos pelo povo, na prática, buscam tornar este Estado acusador e punitivo, com propostas que apenas evidenciam o retrocesso nas intervenções frente à realidade das juventudes, inclusive no que tange a grupos específicos de determinada classe social, raça/etnia e gênero.

⁴Colocar juventude no plural expressa a posição de que é necessário qualificá-la, percebendo-a como uma categoria complexa e heterogênea, na busca de evitar simplificações e esquematismos. (VELHO, 2006, p. 192) Posteriormente, apresentaremos com mais profundidade a discussão teórica pertinente.

Vale mencionar que os dados do Atlas da Violência de 2019 revelam que, foram 30.873 jovens vítimas de homicídios no ano de 2018. Acrescentamos as informações que constam no Atlas da Violência (2020, p. 47):

Apenas em 2018, para citar o exemplo mais recente, os negros (soma de pretos e pardos, segundo classificação do IBGE) representaram 75,7% das vítimas de homicídios, com uma taxa de homicídios por 100 mil habitantes de 37,8. Comparativamente, entre os não negros (soma de brancos, amarelos e indígenas) a taxa foi de 13,9, o que significa que, para cada indivíduo não negro morto em 2018, 2,7 negros foram mortos.

É nítida a discrepância do número de homicídios por raça/cor, o que sustenta fortemente a acusação feita por vários segmentos do movimento negro sobre o genocídio da juventude negra.

O Atlas ainda acrescenta que, em 2018, os negros, especialmente os homens jovens, são o perfil mais frequente de vítimas de homicídio no Brasil, sendo muito mais vulneráveis à violência do que os jovens não negros. Por sua vez, os negros são também as principais vítimas da ação letal das polícias e o perfil predominante da população prisional do Brasil.

O Atlas destaca que a guerra desencadeada pelo Primeiro Comando da Capital (PCC) e pelo Comando Vermelho (CV) a partir de 2016, mas com grandes consequências em 2017, teve um papel relevante no aumento dos homicídios. As maiores facções brasileiras e seus respectivos aliados regionais passaram a se confrontar pelo domínio de novos mercados de drogas em um embate cuja expressão mais visível foram os massacres em cadeias em janeiro de 2017, que deixaram 138 presos mortos, mas que também se espalhou pelas ruas das grandes cidades (CARVALHO, 2019, p.1).

Assim, fica demonstrada a relevância dos debates referentes àqueles que são ditos o “futuro do Brasil”. Mas, que futuro é esse? Quais perspectivas de planejamento são possíveis para esse segmento diante do cenário sentido nas periferias?

Considerando o contexto de negação da humanidade vivenciada pela juventude da periferia, destaco movimentos de reivindicação e enfretamento contra essa barbárie, como os coletivos culturais. Por meio de uma leitura crítica e formação política, atuam protestando contra a realidade imposta pelo perverso sistema. Através da poesia marginal como produção de conhecimento, formação intelectual, arte e resistência, expressam os problemas sociais do cotidiano da

periferia. Isso revela um modo de territorialização para além da violência e do medo fomentado pelo discurso conservador.

Diante do cenário ora exposto, decidimos pesquisar o coletivo cultural Sarau da Onça, criado por poetas e ativistas culturais de Sussuarana, bairro periférico da cidade de Salvador. Entendemos que a organização de um espaço cultural protagonizado por sujeitos desse território e frequentado por jovens habitantes do local, configura um universo interessante para compreender as possibilidades de elaboração de projetos de vida entre jovens vulnerabilizados pelas condições econômicas, políticas e racializadas da sociedade brasileira. Consideramos também que seus elementos dialogam com a concepção da educação popular. Conforme Carlos Brandão (2000, p.26):

A educação popular como um trabalho coletivo e organizado do próprio povo, a que o educador é chamado a participar para contribuir, com o aporte de seu conhecimento “a serviço” de um trabalho político que atua especificamente no domínio do conhecimento popular.

A associação, como as expressões culturais existentes nas periferias, despertou o meu interesse para entender o viés educativo do Sarau da Onça, a partir da visão dos jovens participantes. Considerando o exposto, cabem algumas indagações: Como e quais são as experiências educativas proporcionadas pelo Sarau da Onça? Como elas repercutem nos jovens, e como estes as representam? Que perspectivas estéticas são aí engendradas?

A pesquisa propõe analisar narrativas de jovens da periferia, buscando compreender os significados atribuídos às suas experiências educativas no coletivo Sarau da Onça. Nesse sentido, temos como objetivos, em princípio, entender a perspectiva de jovens da periferia considerando as situações de vulnerabilidade e risco que vivenciam. A pesquisa pretende refletir sobre a experiência educativa e estética no coletivo cultural Sarau da Onça, a partir do ponto de vista dos jovens participantes.

Propomos, então, como pergunta de partida norteadora da pesquisa: Quais os significados das experiências educativas e estéticas dos jovens da periferia participantes do Sarau da Onça?

A presente dissertação está estruturada em 3 capítulos, cujos conteúdos descreveremos a seguir. Na introdução, discutimos como temos visto a trajetória da

pesquisa e os caminhos metodológicos adotados para obtenção dos dados. No primeiro capítulo, abordamos os conceitos de juventude(s), vulnerabilidade e risco. Tratamos como principal categoria a(s) juventude(s) a partir de autores com perspectiva sociológica, histórica, antropológica, do direito ou jurídica, etc, tais como Dayrell (2001; 2003), Groppo (2004), Abramo (1994), Novaes (2006), entre outros. Referente à situação de vulnerabilidade e risco que expõe a(s) juventude(s) da periferia, buscamos compreender a violação de direitos vivenciada nesse universo, através dos estudos de teóricos como Kowarick (2009), Castel (2005), José Eduardo Santos (2010; 2013), Alba Zaluar (1994), Gey Espinheira, (2004), Gilberto Velho (1994; 2006), Marielle Franco (2018), Cristina Brites (2017), entre outros.

No capítulo seguinte, encontra-se a pesquisa sobre os Saraus nas periferias de Salvador e movimentos sociais, embasado nas ideias de autores como Maria Glória Gohn (2000) e Marília Sposito (2000; 2009).

No último capítulo, tratamos da dimensão educativa e estética do Sarau da Onça, a partir dos estudos de pesquisadores como Paulo Freire (1967; 1987), Carlos Brandão (2000; 2009) Enrique Dussel (1997; 2018), Miguel Arroyo (2014), entre outros. Em todos os capítulos, utilizamos os depoimentos dos jovens sobre suas experiências, bem como dos fundadores do Sarau, mas, especialmente, procuramos analisá-los de maneira mais aprofundada nos dois últimos. Buscamos, assim, estabelecer uma articulação estreita entre a realidade e as elaborações teóricas que serviram de baliza para a pesquisa.

1.2 PERCURSO METODOLÓGICO

Como profissional da área do Serviço Social, ao refletir sobre a pesquisa para entender a(s) juventude(s) da periferia e as suas experiências educativas no coletivo Sarau da Onça, cabe enfatizar dois aspectos na escolha da pesquisa que apontam para as dimensões teóricas, políticas e epistemológicas: o primeiro interesse era entender ações institucionais de caráter educacional, produzidas pelo Estado e Organizações não governamentais (ONGs), destinadas a jovens em situação de vulnerabilidade social para evitar a sua entrada no tráfico de drogas; no segundo momento, a partir da leitura das avaliações dos trabalhos produzidos sobre jovens nas áreas de Educação, Serviço Social e Ciências Sociais, verificamos que poucos estudos deram vozes aos sujeitos das pesquisas. Assim, pensando em outras

leituras da realidade, na importância de conhecer a visão de mundo e a percepção de quem participa das ações, me permiti vivenciar o desafio de entender a parte educativa do coletivo através da experiência do jovem participante, e assim compreender pontos de vista plurais sobre a realidade estudada.

A partir das memórias dos caminhos que percorri, dos sonhos, dos projetos de vida e do inesperado, surgiram os questionamentos quanto ao que é ser jovem da periferia. Desse modo, ao relacionar a minha trajetória juvenil periférica com o estudo, fica evidente que não há neutralidade do pesquisador. Segundo Ivenicki e Canen (2016, p. 2), o pesquisador “é sempre um sujeito portador de cultura, gênero, raça, linguagem, crenças religiosas, história de vida e outros aspectos ligados à sua identidade que interferem e moldam a pesquisa”.

Ciente da não neutralidade do pesquisador, apontamos os critérios de rigor. A metodologia adotada nessa pesquisa é qualitativa, abordando a percepção dos sujeitos diante de uma determinada realidade social, como são as suas experiências educativas com o coletivo cultural. O foco da observação e das entrevistas são os jovens, buscando capturar os significados das suas experiências educativas e estéticas.

Dito isto, a pesquisa qualitativa permitirá entender a diversidade das experiências e visões de mundo de jovens da periferia, como afirma Minayo (2010, p.198):

Certamente o número de pessoas é menos importante do que o empenho de enxergar a questão sob várias perspectivas e pontos de vista. A validade da amostra está na sua potencialidade de objetivar empiricamente, em todas as suas dimensões.

Após um período de construção e reconstrução da pesquisa, definimos a investigação centrada no entendimento da caminhada educativa de jovens da periferia participantes do coletivo cultural Sarau da Onça.

O Sarau da Onça⁵ é um grupo idealizado por jovens moradores da Sussuarana. O grupo surgiu a partir da necessidade de sensibilizar as pessoas quanto aos problemas da comunidade, além de combater o aumento da violência contra os jovens negros. Como diz o grupo: “A arma utilizada são as palavras da boca dos poetas e poetizas das baixadas e vielas do bairro”.

⁵ Posteriormente, apresentaremos o histórico do Sarau da Onça a partir da narrativa dos idealizadores.

O estigma da periferia quanto à violência e à predominância do tráfico de drogas, é naturalizado e exaltado pela mídia, como por exemplo, na reportagem do jornal Correio da Bahia publicada no dia 09.03.2019: “Dois homens são mortos em Sussuarana em represália à morte de chefe do tráfico”. Por outro lado, o contexto do Sarau da Onça propaga um olhar da periferia, em especial, Sussuarana e seus moradores, como produtores de arte e cultura, ressaltando a potência da periferia. Como diz um dos idealizadores do coletivo nos versos a seguir:

[...] Já passou da hora de a gente se informar
 De entender que ser malandro mesmo é estudar
 deixar os racistas tudo com raiva e se formar
 Esfregar o diploma na cara deles e gritar
 Que a revolução não vai ser com armas
 Vai ser com papel, caneta e a favela toda graduada!
 (Sandro Sussuarana, poema “Favela graduada”, publicado na antologia “O Diferencial da Favela: dos contos às poesias de quebrada”, organizado pelo Sarau da Onça, 2019, p. 32).

A aproximação com o grupo foi realizada, em um primeiro momento, assistindo palestras com a participação de membros do Sarau da Onça recitando poesias em eventos. Chamou minha atenção o fato das temáticas poéticas apresentadas, em sua maioria, serem relatos das vivências do cotidiano das periferias, geralmente com crítica à realidade social e ao sistema, com ênfase em aspectos como: classe social, gênero, etnia/raça, religião, orientação sexual, entre outros.

Em 2018, no espaço da UNEB, como membro do coletivo Quilombo Ubuntu e colaboradora na organização da Roda de Conversa: “I Encontro de coletivos de resistência”, na qual um dos idealizadores do Sarau da Onça participou como palestrante, percebia dimensão educativa do movimento. Naquele momento o grupo não constava como campo da pesquisa. A escolha do coletivo para investigação foi fundamentada por diversos fatores, tais como: espaço formativo não formal; ações na perspectiva arte-educação; participantes na maioria jovens; o protagonismo juvenil na construção do coletivo cultural; ações desenvolvidas sem recurso público ou privado.

Todas estas características abrem novas perspectivas para o entendimento das experiências juvenis em espaços periféricos. Assim, nos interessa compreender o ponto de vista dos jovens participantes, os significados atribuídos às experiências

educativas nesse coletivo. Como estes jovens se apropriam da realidade social que os enquadra e constrange?

Ao propor e reconhecer o protagonismo destes jovens, consideramos que a abordagem etnográfica se coloca como o caminho metodológico mais adequado para dar conta do empreendimento da pesquisa. Aqui abraçamos a perspectiva de Geertz (2008, p.7) segundo a qual tal prática de pesquisa se define como “uma descrição densa” dos sentidos elaborados pelos sujeitos na vida social e acrescenta que fazer etnografia é:

[...] como tentar ler (no sentido de "construir uma leitura de") um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado.

Para entender a representação da vivência educativa, é necessário o contato com diversos atores participantes do cotidiano juvenil, tais como: família, amigos, vizinhos, escola e coletivos. Dentre as formas de registro das observações no espaço, das conversas informais com os atores envolvidos e das impressões durante o processo de pesquisa, utilizamos de maneira bastante atenta e intensa o caderno de campo como instrumento que, segundo Minayo (2010, p.194), assume importante papel na coleta de variados tipos de dados:

Nesse caderno, o investigador deve anotar todas as informações que não sejam o registro das entrevistas formais. Ou seja, observações sobre conversas informais, comportamentos, cerimoniais, festas, instituições, gestos, expressões que digam respeito ao tema da pesquisa. Fala, comportamentos, crenças, hábitos, usos, costumes, celebrações e instituições compõem o quadro das representações sociais.

Estas dimensões e aspectos acima tratados estão, obviamente, articulados ao trabalho de observação participante que, conforme Minayo (op. cit., p. 286), ajuda a “vincular os fatos a suas representações e a desvendar as contradições entre as normas e regras e as práticas vividas no cotidiano do grupo”.

No primeiro momento conversamos com os idealizadores e responsáveis pelo coletivo e, em seguida, com os jovens participantes. Mas, tal ordem sequencial foi apenas uma estratégia de conhecimento que foi alterada em virtude da própria dinâmica da pesquisa e das interações. Entender a história e funcionamento do coletivo propiciou subsídios para as conversas com os jovens, mas não impediu

conversas informais anteriores que se apresentaram como oportunidades relacionais com os jovens.

Tal estratégia se coloca particularmente importante para o uso de outro instrumento metodológico que utilizamos, que é a entrevista semiestruturada. Foram realizadas entrevistas com os organizadores, com a finalidade de levantar informações referentes ao grupo e aos jovens participantes, tais como a constituição histórica, objetivo, desenvolvimento das ações, o campo educativo e a relação com os jovens, dentre outros aspectos. De acordo com Minayo (2010, p. 261): “entrevista semiestruturada, que combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada”.

A proposta inicial era realizar rodas de conversas no espaço, levantar, junto com os idealizadores, a seleção de 12 jovens, na faixa etária entre 15 e 24 anos, na sua maioria negros, de ambos os sexos e moradores de uma periferia, com a intenção de investigar a situação de vulnerabilidade e risco que vivenciam. Desse grupo, seriam escolhidos 4 jovens para aprofundar a pesquisa através da entrevista narrativa, para compreender, no percurso da(s) juventude(s), as suas experiências educativas com o Sarau da Onça. Porém, ocorreram alterações metodológicas que serão explicadas posteriormente.

Cabe ressaltar os aspectos éticos da pesquisa, pois, para a participação dos informantes, solicitamos de todas as pessoas a assinatura do termo de consentimento, resguardando o sigilo quanto à identidade dos entrevistados.

1.3 A ENTRADA NO CAMPO

Nesta parte, discorrerei sobre a entrada no campo do Sarau da Onça, o primeiro contato, o processo de construção de vínculos e os dados até então observados e registrados no caderno de campo.

Como vimos acima, já conhecia o grupo e um pouco das suas atividades, quando decidi incluí-lo como possibilidade para o desenvolvimento do trabalho de campo. Para tanto, pesquisei através das redes sociais o próximo encontro no Sarau da Onça e, deste modo, compareci ao espaço.

Os encontros são realizados no Centro de Pastoral Afro (Cenpah), localizado no Novo Horizonte (Grande Sussuarana), Salvador-BA.

Fig. 1 - Entrada do Cenpah



Fonte: Arquivo da autora

Para tratar do campo empírico, recorreremos aos estudos do pesquisador da UNEB, Marcio Nery de Almeida (2007), que elaborou uma pesquisa de mestrado sobre a história do bairro e a perspectiva de ancestralidade. No território de Sussuarana (Sussuarana Velha, Nova Sussuarana, Novo Horizonte e adjacências), havia vegetação composta por diversas espécies de Mata Atlântica, abrigando também animais característicos deste tipo de vegetação. A área era de ocupação indígena e teve, posteriormente, a implantação de fazendas. Conforme Almeida (2007, p. 18):

As territorialidades, reunidas, possuem cerca de 165 mil habitantes originários de áreas rurais do interior da Bahia e demais Estados da Região Nordeste que se deslocaram para a capital baiana por volta dos anos 60 e 70, em busca de melhor qualidade de vida e de uma lógica de futuro.

De acordo com Almeida (2007, p. 18), “os bairros de Sussuarana possuem esta denominação devido à presença, no passado, desta espécie de animal, a onça parda ou onça suçuarana, na região, e do contato entre antigos habitantes com o animal”. O autor apresentou, na sua pesquisa, narrativas que fazem inter-relação entre as onças e os antigos moradores, tal como:

Entre as narrativas, circula uma que faz referência a um antigo trabalhador e morador da região, quando esta ainda era uma fazenda, uma pequena propriedade “rural” por assim dizer, chamado José Inocência que, certa feita, caminhando pela mata em torno da fazenda, se deparou com uma

onça suçuarana. Segundo a narrativa dos moradores, José Inocência matou a onça com um golpe certo de foice e a levou até a sede da fazenda, onde o animal foi cozido e consumido. Os moradores da região passaram a considerar o José Inocência como um homem forte e corajoso, capaz de caçar um animal feroz como a onça. Apelidaram-no de Zé da Onça e, todas as vezes que alguém se dirigia à antiga fazenda de Guiomar, fazia referência ao grande feito do “Homem da Suçuarana” (ALMEIDA, 2007, p. 18).

É interessante enfatizar o referencial simbólico da Onça Suçuarana⁶ e do Zé da Onça para os moradores do bairro, até mesmo nos dias atuais. Para o pesquisador da UNEB Sérgio da Silva (2013, p. 56):

Quando o bairro foi “fundado”, este aconteceu, que vive forte no imaginário da população, veio à tona e deu todo significado àquela região, batizando o bairro de Sussuarana, perpetuando a existência simbólica, sertaneja e de coragem, (re)significando as relações do ato corajoso com a onça junto à forma de viver e se organizar desse lugar [...]

É possível associar essa simbologia ao nome do Sarau da Onça, bem como ao nome de um dos idealizadores, o Sandro Sussuarana. A Onça representa a força, a superação e estratégia para sobrevivência,

Demonstra também como a territorialidade Sussuarana constitui-se significativamente como espaço de autoafirmação existencial, de afirmação de uma identidade própria, local, coletiva, em constante diálogo e também em contraposição a uma possível ordem estabelecida (ALMEIDA, 2007, p.17).

As escolas são distribuídas pela “Grande Sussuarana”: Escolas Municipais, tais como: Santa Izabel, Eraldo Tinoco, Menino Jesus e Acelino Maximiliano da Encarnação, bem como as Estaduais: Ruth Pacheco e Prof^a Maria José Fonseca.

De acordo com os estudos de Leal (2017, p. 18) sobre o bairro, Novo Horizonte “originou-se da Estrada das Boiadas, que era a rota por onde os vaqueiros traziam os rebanhos de determinadas regiões como Goiás, Pernambuco, Piauí e Sergipe para outras como Salvador e Feira de Santana”.

⁶A grafia do nome do animal pardo se escreve com ç – suçuarana, mas a grafia que hoje denomina o bairro é com dois SS – Sussuarana. Esta não é reconhecida pelo Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, mas a *comunalidade* mantém a grafia antiga, já que quando surgiu se escrevia com SS e hoje há uma grande identificação com esta forma de escrita (SILVA, S., 2013, p. 56).

A partir da pesquisa do Observatório de bairros de Salvador, coordenado por Fernandes e Araújo (2018), de acordo com os dados dos infográficos presentes no site, em 2010:

O bairro Novo Horizonte contava com uma população total de 12.952 habitantes, a maior parte se autodeclarou parda (52,93%) e preta (32,10%), do sexo feminino (52,14%) e se encontrava na faixa etária de 20 a 49 anos (53,87%). No que diz respeito aos domicílios, 0,37% dos responsáveis não eram alfabetizados e apesar de 40,2% estar na faixa de 0 a 1 salário mínimo, a renda média dos responsáveis por domicílio no bairro era de R\$1.196,00. Já com relação a infraestrutura ofertada, 94,74% dos domicílios contavam com coleta de lixo, 99,5% com abastecimento de água e 94,91% com esgotamento sanitário.

Segue foto retirada da escadaria do Cenpah, um retrato da periferia do Novo Horizonte:

Fig. 2 - A periferia do Novo Horizonte



Fonte: Arquivo da autora

Segundo informações obtidas através do site da Pastoral Afro, em Novo Horizonte situa-se o Cenpah, uma instituição ligada à igreja católica, que foi fundada em 1999 pelos padres Ferdinando e Fidele em homenagem ao Padre Heitor Frisotti. Este último dedicou suas atividades missionárias ao diálogo com as religiões africanas, além de incentivar a comunidade católica a usar a internet como mais um instrumento de evangelização e de divulgação do diálogo religioso e do respeito à cultura afro-brasileira.

De acordo com o Padre Jurandy Araújo, o Cenpah é um espaço de diversas iniciativas, no âmbito cultural, inter-religioso, de luta contra o racismo, para a igualdade e a promoção dos direitos humanos (informações adquiridas pelo site

Missionários Combonianos. Disponível em: <http://www.combonianos.org.br/>. Acesso em: 15 fev. 2020).

No Cenpah, foi criado o Salão Santa Bakita para tratar da questão educacional, oferecendo aos jovens negros da periferia o cursinho preparatório para o vestibular, bem como a oferta de cursinhos e oficinas de cultura afro para lideranças das comunidades e a capacitação étnica para professores das escolas. Vale acrescentar os cursos de Direitos Humanos e Racismo. Também foi construído o Anfiteatro Abdias do Nascimento:

Fig. 3 - Anfiteatro Abdias Nascimento



Fonte: Arquivo da autora

Assim, o que é que a Sussuarana tem? É um pólo cultural, repleto de trabalhos sociais, sobre os quais teceremos um breve comentário.

O Centro Afro de Promoção e Defesa da Vida Ezequiel Ramin (Capdever), criado em 2003, visa recuperar a autoestima dos participantes, sobretudo dos jovens negros que estão mais expostos às violências sociais, através de atividades na área educacional, artística e cultural, como aulas de dança e capoeira, oficinas de percussão, aulas de grafiteagem, dentre outras (Disponível em: <https://www.facebook.com/capdever>. Acesso em: 06 mar. 2020)

Com o objetivo de homenagear Zumbi dos Palmares e atrair a comunidade local para uma reflexão sobre seu real papel na sociedade, bem como dinamizar conhecimento cultural/artístico e social, nos bairros da Grande Sussuarana é realizada, anualmente, no mês de novembro, a Semana da Consciência Negra, com caminhada, palestra, apresentação teatral e oficinas: teatro, dança, percussão, capoeira e estética negra. A Comissão Organizadora da Semana da Consciência Negra de Sussuarana é formada pela junção de líderes religiosos e comunitários,

arte-educadores, educadores e representantes de diversas instituições da comunidade (Informações adquiridas através do site do Programa Evolução Hip Hop da Rádio Educadora FM 107.5. Disponível em: <http://www.irdeb.ba.gov.br/evolucaohiphop/?tag=caminhada-da-consciencia-negra>. Acesso em: 15 fev. 2020).

Realizado pela Comissão Organizadora de Sussuarana (COS), a Noite da Beleza Negra em Sussuarana é um concurso de dança afro que tem como objetivo a afirmação da identidade e resgate dos valores culturais através da arte e da estética negras. Em 2019, com o tema “A periferia (re)existe”, homenageou os bairros periféricos, que ao longo dos anos dão belos exemplos de mobilização comunitária, utilizando a arte-educação como instrumento de potencialização da cultura. (Conforme o portal Soteropreta, Disponível em: <http://portalsoteropreta.com.br/category/danca/>. Acesso em: 06 mar. 2020).

Ressaltamos a diversidade de grupos na Sussuarana associada à poesia marginal, dentre eles citamos o coletivo Pé Descalço: “é um coletivo de poesia que visa dá voz a quem ficou calado por muito tempo” (segundo informações do facebook do grupo. Disponível em: <https://www.Facebook.com/C.pedescalco>. Acesso em: 06 mar. 2020).

O Projeto Sussuarana Resiste ocorre na Nova Sussuarana, anualmente. O evento é o dia todo, com diversas apresentações como grafite, batalha de Mc’s e de dança e intervenções poéticas. De acordo com Bolha⁷, “já acontece há 3 anos, no ano passado eu fui pra frente da organização e esse ano eu também tô na frente”. O jovem explica o que o motiva a realizar esse projeto: “a única coisa que a gente recebe mesmo em troca de montão é a gratificação e a relevância, que você acaba virando uma pessoa relevante no local onde você mora se você movimenta os movimentos artísticos”(Trecho da entrevista individual via rede social – 07/04/2020).

Caminhada contra o extermínio da juventude negra de Sussuarana – a manifestação tem participação do Grupo Recital Ágape e outras lideranças locais, junto com moradores.

Conforme Sérgio Silva (2013, p. 52), o Hip hop da Onça é evento em articulação com espaços institucionais de educação e centros culturais de Sussuarana, que tem o objetivo de enaltecer a produção local do Hip Hop, da poesia, do teatro, da música, da dança, mostrando também o quanto estes podem

⁷ Cabe informar que, mais à frente, situaremos este interlocutor.

ser um ponto de diálogo entre a e a escola, além de um ponto fundamental como alternativa de lazer e expressão artística para a territorialidade periférica.

No programa Aprovado da Rede Bahia, 2015, (Disponível em: <http://gshow.globo.com/Rede-Bahia/Aprovado/noticia/2015/08/serie-bahianation-desembarca-em-machu-picchu-cidade-perdida.html>. Acesso em: 06 mar. 2020), relata-se que:

O percussionista Carlos descobriu que o som dos tambores e percussão é capaz de transformar vidas e vencer a luta contra a marginalidade. Assim, surgiu o projeto Urbanidade Nagô, como uma ferramenta que pode dar a esses jovens a chance de ter um futuro melhor através da música, conta.

Ressalto o desabafo de Larry:

Eu não quero abandonar esse local onde eu resido hoje, por conta disso, que as atividades culturais da Sussuarana são importantes na minha caminhada e são coisas que me fizeram muito bem durante todo esse tempo e que também eu espero um dia retornar para cá para devolver tudo (Trecho da entrevista individual via rede social – 09/04/2020).

Dando continuidade à entrada no campo, o primeiro contato foi com um dos idealizadores do grupo, Evanilson Alves, que estava logo na entrada do Cenpah. Apresentei-me, como pesquisadora de mestrado, mencionei a roda de conversa em 2018 na UNEB (“I Encontro de coletivos de resistência”), da qual participamos. Na sequência, expliquei o meu projeto e o interesse de realizar a pesquisa com o grupo. Em conversa curta e informal, foi-me apresentada a dinâmica do Sarau da Onça.

Após seguir o corredor do Cenpah, nos deparamos com o colorido verde e amarelo das escadarias, nas quais as pessoas ficam sentadas para apreciar o recital.

Aquela era a noite da batalha de poesias conhecida como o Slam da Onça. Os Slam's fazem parte do Circuito de Batalha de Poesia Falada Nacional. São divididos em edições classificatórias que garantem presença na estadual e, desta, sairá o (a) representante para o Slam Nacional. Pioneiro nas batalhas de poesia em Salvador, o Slam da Onça acontece desde 2014 em Sussuarana.

A participação de homens, mulheres, cis e trans, da Sussuarana ou de outras “quebrada”⁸, iniciantes ou veteranos, negros e não negros, revela um espaço democrático.

Alguns freqüentadores assíduos, quando chegam cumprimentam apertando a mão das pessoas que se encontram no espaço. Em seguida, ficam reunidos em grupos e outros ficam espalhados no ambiente.

Cada vez que a poeta ou o poeta são chamados para a manifestação da sua escrita, a partir da ordem do sorteio, o público é convidado a compartilhar do grito que é enunciado três vezes pelo mobilizador, “Slam!”, e respondem um sonoro “da Onça!”. Assim, começa a batalha.

São definidos pelo coletivo os jurados que terão a difícil tarefa de escolher os três melhores poetas, que serão premiados geralmente com os livros organizados pelo Sarau da Onça. No meu primeiro contato com o coletivo, fui convidada a integrar o júri, porém, na ocasião, estava programada para sair cedo, pois termina aproximadamente às 22h, e moro distante dali. Numa noite dessas, aceitei o convite. De início, procurei me apropriar dos critérios de pontuação, pois desconheço o universo das rimas, simplesmente os organizadores responderam: “é o que tocar no seu coração, o que te arrepiar”.

Durante a batalha, experimentei, seja transitando pelo papel de avaliadora, seja como admiradora e na identificação com as histórias de vida, um misto de sensações. O encanto da performance, o movimento do corpo, os gestos, a entonação da voz, as expressões a cada rima, a potência nas palavras, enfim, é emocionante. Há um claro envolvimento da plateia, que manifesta reações conforme a poesia é sentida, um composto de aplausos, gritos, expressões de indignação e apoio ao enunciado.

Na leitura do texto, os temas poéticos são normalmente com forte teor de criticidade aos problemas sociais vivenciados na periferia, tais como a precarização na saúde, educação e transporte público, bem como a intolerância religiosa, violência institucional e doméstica, racismo e homofobia.

⁸A categoria “quebrada”, conforme Sandro Sussuarana, “significa quilombo amontoado de pessoas com os mesmos objetivos e, boa parte da sua realidade, muito vivenciadas e experienciadas por todos que moram ali e, para mim, estar na quebrada é mesmo de estar no quilombo”.

Jovens negros e negras, historicamente silenciados, compartilham suas vivências através da literatura marginal com arte, intelectualidade e criatividade nas rimas, repletos de consciência política. Outro momento é a divulgação dos “corres da galera”, como das atividades informais que os jovens desenvolvem para gerar renda, comercialização de produtos, além das ações culturais promovidas pelos frequentadores em outros espaços.

O crescimento desse coletivo, com a sua poesia marginal e a força da Onça, vem deixando suas pegadas em caminhos fora das periferias da Bahia. O Sarau é convidado a recitar em instituições, tais como universidades, escolas, feiras literárias, entre outros espaços.

No segundo contato, os acompanhei na participação no encerramento da Mostra Literária de Salvador, no Rio Vermelho. Nesse dia, fui apresentada ao também criador do grupo, Sandro Sussuarana, ao qual apresentei a pesquisa e dialogamos brevemente sobre as “crias do Sarau da Onça” como possíveis participantes para o estudo. Ambos os idealizadores acolheram a proposta e autorizaram o desenvolvimento da pesquisa no coletivo. A partir daí comecei a acompanhar os encontros quinzenais em Sussuarana, na perspectiva de construção de vínculos e observação.

Além do Slam, o Sarau promove diversas atividades: apresentações musicais, leituras de poesia, oficinas, Festival de Arte e Cultura, Concurso Literário do Sarau da Onça e outras ações realizadas através de parcerias. Nesse contexto, aconteceu em maio no Cenpah, a oficina “Jovem Negro Vivo”, com a presença dos representantes da Anistia Internacional de Salvador.

Através da dinâmica “Ninguém solta a mão de ninguém”, possibilitou-se a interação com relatos dos idealizadores e jovens, que destacaram o Sarau como um espaço de fortalecimento, de união, afeto, identidade e formação política. Em seguida, a Anistia fomentou a importância do conhecimento sobre os direitos e o combate ao genocídio do jovem negro. Ressaltou-se a importância da multiplicação das informações, inclusive pelo número reduzido de frequentadores naquela noite.

Fomentando a potência da literatura marginal, escritores periféricos contribuíram com os seus versos de resistência no livro “O diferencial da favela: dos contos às poesias de quebrada”, organizado pelo Sarau da Onça, resultado de concurso literário. Sentados nas escadarias, no chão, no palco, o espaço ficou

lotado de poetas, familiares, amigos, moradores, acadêmicos e admiradores para apreciar esse momento insurgente, o lançamento do livro.

O evento é um dos muitos que permite desmitificar o escritas sobre suas vivências, seus sentimentos, suas dores e superações. Cada produtor de conhecimento poético, convidado a receber o livro e expor seus versos, encerrava com relatos de agradecimento e sobre a importância do Sarau da Onça como espaço revolucionário, de “recarga de energia; de resgate de autoestima, de valorização e transformador de vidas”.

Nesse dia, em conversa informal com o organizador da editora que publicou os livros do coletivo, este apresentou o processo das publicações anteriores, inclusive da primeira edição, pois as seguintes foram através de editais. Também trouxe relatos sobre os jovens que frequentam o espaço e a referência do Sarau na construção de outros grupos culturais.

Destaco, no meu primeiro contato com o espaço, que o campeão da batalha mencionou as dificuldades para organizar um Sarau no seu bairro. Em outro momento, questionei os idealizadores sobre a situação daquele jovem, responderam que estão prestando orientações e acompanhando a construção dessa ação cultural.

Paralelo ao trabalho com o Sarau da Onça, os idealizadores têm suas agendas particulares e, nesse contexto, participei da atividade particular de Evanilson. Tratava-se do encerramento das oficinas de “Comunicação Comunitária contra o extermínio da juventude negra”, promovidas pelo projeto “Juventude Negra: 8 contra 80”, com o objetivo de formar lideranças para debater e lançar publicações sobre temas ligados ao protagonismo juvenil, violação e negação de direitos.

O educador social solicitou que eu compartilhasse da experiência enquanto mulher negra da periferia, juntamente com outros negros e negras que dividiram as suas vivências através da produção de poesias, resultado de oficinas anteriores. Percebi que, com o discurso, o grupo ficou à vontade com a minha presença, salientando suas impressões sobre a minha fala, inclusive fazendo relação com as suas vivências.

A princípio, as conversas informais com os idealizadores do Sarau da Onça eram realizadas nos diversos espaços em que os acompanhei além do Cenpah e, em raros momentos, através das redes sociais.

Percebo que a construção dos vínculos é desenvolvida a partir da conexão entre as histórias de vida. O diálogo com os organizadores se desdobra nos relatos

de suas vivências enquanto moradores da periferia, assim como das superações, sobrevivências, como produtores de conhecimento em níveis intelectual, cultural, artístico, político e educacional.

Nos contatos com Evanilson, geralmente flui o compartilhamento dos relatos da experiência como educador social na Fundação da Criança e do Adolescente (FUNDAC), na qual desenvolve o trabalho de oficina criativa de poesia com os (as) adolescentes. Isso aconteceu após lhe apresentar minha vivência nessa instituição, numa visita que fiz à mesma enquanto graduanda de Serviço Social. O poeta menciona o incentivo à leitura e construção de poesia como instrumentos de transformação.

Em abril de 2019 foi a minha primeira visita no campo, no qual os encontros foram quinzenais. Porém, em virtude de alguns imprevistos, ocorreram encontros apenas uma vez no mês. Considerando as poucas visitas no campo, dei prioridade ao vínculo com os idealizadores, enquanto a relação com os jovens participantes transcorreu de forma lenta.

Com os jovens, as poucas conversas eram breves e com comentários parabenizando a exposição da poesia, eventualmente também falavam de alguma experiência com as ruas das periferias. Apenas uma conversa informal com um jovem frequentador assíduo do Sarau da Onça, que comentou seu envolvimento com o grupo e das suas experiências com a poesia em outros espaços como no transporte público.

Após algumas reflexões quanto à minha relação com os jovens participantes, percebi a necessidade de rever as estratégias e aprofundar na construção desses vínculos e em minha inserção no grupo dos frequentadores assíduos.

1.4 RECONSTRUINDO CAMINHOS

O último Sarau da Onça aconteceu no final de novembro de 2019 e, em seguida, entrou em recesso, ficando a princípio 3 meses sem atividades. Em virtude do tempo de espera para o primeiro Sarau de 2020, do período de afastamento do campo de pesquisa e do prazo para defesa da dissertação, logo no início do ano solicitei a Sandro o agendamento da roda de conversa. Após um período aguardando, o poeta fez a mediação, me adicionou no grupo de WhatsApp no qual constavam jovens que participaram do projeto realizado pela Universidade Federal

da Bahia (UFBA), que resultou na produção do livro “Vozes de reexistências juvenis: presente!” (junto com jovens de outras periferias). Combinamos o encontro num sábado à tarde no Cenpah (local agendado por Sandro). No grupo constavam 9 pessoas e alguns confirmaram presença.

No dia, fui recebida pelo Padre Bernadino, responsável pelo espaço. Segui para arrumar as cadeiras que foram disponibilizadas para a atividade, mesmo sem a minha solicitação. Às 14h, postei um aviso no grupo informando que estava no local. 10 minutos depois, chegou Larry e comentou que é comum os jovens chegarem atrasados nas atividades, como assim aconteceu, com pessoas chegando 1h 30 minutos após o horário combinado. Sugeri aguardar os demais participantes, que foram chegando aos poucos e todos aceitaram.

O encontro, que durou aproximadamente 2h 20 minutos, foi realizado com 5 jovens. Iniciei apresentando a minha história de vida enquanto mulher negra periférica e a relação com a pesquisa. Em seguida, apresentei a proposta, o termo de consentimento, a permissão para a gravação da conversa, o sigilo quanto à identidade dos entrevistados, e como pensei o roteiro da conversa. Assim, relacionando com os objetivos da pesquisa, trouxe frases e palavras-chaves e, ao longo do processo, fui trazendo questões provocadoras com o intuito de ampliar a narrativa. Cabe enfatizar que a roda de conversa é mais informal e permite explorar certa espontaneidade de uma conversa de grupo. Ademais, considerando as características dos interlocutores, menos afeitos a formalismos.

Na primeira rodada, o convite foi o debate referente às suas experiências enquanto jovem da periferia. Apesar da proposta, alguns jovens seguiram o desejo de se expressarem sobre o Sarau e a poesia que, na maioria das vezes, dialogavam com as suas caminhadas e a periferia. Outros falavam pouco, o que é próprio da timidez, confirmada pelos demais participantes. Na segunda rodada, a proposta foi ampliar as questões que envolvem a vida dos jovens e a periferia. Os participantes estavam mais à vontade e focaram nos seus percursos de vida. As meninas ficaram emocionadas em alguns momentos, a ponto de chorar. Já os meninos, em algumas falas, traziam a revolta e, um deles em específico, ressaltava sua timidez e demonstrava certo nervosismo e insegurança ao narrar sobre sua vida, inclusive quanto à família. Os jovens foram bem participativos, cuidadosos, com poucas interrupções nas falas e em nenhum momento expressaram desejo de término do diálogo, apesar da longa duração. Após o encerramento da roda de conversa,

ofereci para os participantes um lanche com bolo e refrigerante que eu levei, causando nítida surpresa e entusiasmo nos jovens.

Combinamos de realizar o próximo encontro no sábado seguinte. Porém, em 2020, vivemos um momento histórico em nível mundial, a presença do Coronavírus (COVID-19), uma doença infecciosa causada por um novo vírus. Esse acontecimento provocou transformações em todas as sociedades nos mais variados aspectos (social, econômico, familiar, dentre outros). Em virtude do avanço do vírus em vários países, bem como o alarmante número de pessoas falecidas devido à pandemia, foram decretadas medidas extremas pelo prefeito junto com o governador da Bahia, tal como a quarentena. Nesse sentido, o primeiro Sarau da Onça, que foi divulgado para o final de março, acabou sendo cancelado.

Diante do contexto explanado, foram necessárias mudanças na metodologia da pesquisa de campo. Assim, para continuar a atividade, recorreremos à tecnologia, quando sugeri que fosse realizada uma videoconferência. Todos concordaram e, após duas semanas, informei o aplicativo e marcamos o horário. Tivemos algumas dificuldades, como para entrar e nos manter na sala virtual, principalmente devido à internet de alguns jovens, o que resultou em algumas falas com pouca nitidez. Inclusive, um dos participantes, o qual estava em seu primeiro encontro (no anterior estava sem o celular), só conseguiu permanecer durante 10 minutos. E uma das meninas teve dificuldade em baixar o aplicativo. Desse modo, a roda de conversa foi desenvolvida com 4 jovens, os quais expressaram a preferência pela atividade presencial e, realmente, a conversa não fluiu como aconteceu face a face, mas, ainda assim, foi produtiva.

Considerando o contexto, os entrevistados comentaram sobre as vivências diante da pandemia e a exigência do isolamento. Segundo Bolha, “as pessoas não tão respeitando muito, continuam na rua, aqui na minha favela não parou nada tá tudo funcionando no mercado, bar, eles continuam funcionando porque tem que ganhar dinheiro”. O jovem acrescenta: “eu como tava trabalhando de vendedor, eu fiquei impossibilitado de subir no ônibus para vender alguma coisa, quem é que vai querer comprar?”. Para Clara, “eu tenho a possibilidade de trabalhar Home Office, trabalhar em casa, talvez não me afetou tanto”. Também destacaram a ausência de água nos bairros, chegando a ficar dois dias sem abastecimento. Sobre isso, vale ressaltar que, dentre outras recomendações dos órgãos de saúde na prevenção do vírus, uma das mais importantes é a frequência da lavagem das mãos.

Seguimos com a pesquisa, permanecendo o mesmo processo com rodadas de palavras estimuladoras, tais como: Sarau da Onça, poesia marginal e Slam e, à medida que a conversa se desdobrava, os próprios jovens acrescentavam outras questões relacionadas com as suas vivências. Esse encontro teve duração de 2h 30 minutos.

Diante do contexto de quarentena, devo acrescentar que alguns dados, necessários para pesquisa, foram solicitados aos idealizadores e aos jovens através das redes sociais.

Logo, considerando as barreiras para a concretização da videoconferência, realizei as entrevistas com os jovens individualmente, via rede social. Acordei com os participantes dia e horário para a entrevista e solicitei as narrativas de experiências a partir de frases e palavras-chave associadas aos objetivos da pesquisa. No decorrer das falas, os provocava a ampliar as explicações diante de algumas situações.

Ressalto a limitação desse recurso no que tange à relevância da leitura a partir dos movimentos corporais e das expressões de sentimentos, geralmente manifestados durante os discursos. Além disso, não foi possível seguir a proposta inicial do aprofundamento do percurso de vida através da entrevista narrativa, pois exigiria outros longos encontros.

As experiências narradas pelos jovens nas rodas de conversa (presencial e via videoconferência) e na entrevista individual (via rede social) estarão presentes ao longo do texto, dialogando com os autores e os objetivos da pesquisa; além delas, também trechos de poesias obtidas dos livros organizados pelo Sarau da Onça, bem como as poesias produzidas pelos jovens entrevistados que não foram publicadas, exceto a poesia de Franklin que foi publicada no livro do projeto “Vozes de reexistências juvenis: Presente!”.

Reforço a ideia de escrevivência, de autoria da escritora Conceição Evaristo, como método que serve de inspiração na pesquisa dos sujeitos. O sentido decolonial da escrevivência foi utilizado em vários momentos na análise das experiências narrativas dos jovens. Veremos que ela se apresenta com sentido agudo da experiência estética.

Vale ressaltar que, conforme solicitado pelos organizadores do Sarau da Onça e pelos jovens entrevistados, manteremos os nomes com os quais se identificam. Desse modo, quem são os 06 jovens freqüentadores do Sarau da Onça

que estão participando da pesquisa? Nesse contexto, faremos abaixo uma breve descrição do perfil sócio econômico dos nossos interlocutores:

De acordo com a investigação realizada, dos 06 jovens, 02 são do sexo feminino e os demais, do sexo masculino. Com relação à faixa etária, a maioria dos pesquisados encontra-se com uma faixa etária de 17 a 24 anos. Somente um entrevistado mora no bairro da Liberdade, os demais são da “Grande Sussuarana”. A maioria reside em casa própria.

Em relação à escolaridade, apenas 1 frequentou o ensino particular. Dos jovens entrevistados, 02 estão inseridos na universidade. Já 02 declararam estar cursando o ensino médio e, dos 02 que já concluíram o ensino médio, 01 está tentando entrar na universidade. No que se refere à questão do trabalho, a maioria dos jovens está desempregada; apenas uma é estagiária (com renda de R\$ 400,00 mensais); os demais realizam atividades informais, sem uma definição exata de renda.

No que concerne à questão da cor, 02 dos entrevistados se declaram negros e os demais se identificam como pardos. Em relação à religião, somente 01 segue o Candomblé; os demais se declaram sem religião, sendo que a maioria diz se identificar como agnóstico.

Uma questão que merece ser apontada refere-se à família dos jovens. Observa-se que a maioria dos entrevistados mora com algum dos genitores (pai ou mãe). Desses, 01 mora com os 02 genitores, e apenas 01 mora com os avós maternos. Há presença de irmãos em 03 lares. Em relação a emprego e renda familiar, varia entre atividades informais, aposentadoria e serviço público, com renda aproximadamente de R\$ 500,00 a R\$ 1.500,00 e somente um casal com renda de R\$ 5.000. Em relação à escolaridade, os pesquisados informam que seus familiares estão entre os analfabetos e ensino médio, e apenas uma família tem membros com nível superior.

Os dados acima mencionados refletem o perfil dos jovens entrevistados, revelando, em alguns aspectos, uma diversidade da realidade, apesar de todos serem oriundos das periferias. Assim, seguiremos a pesquisa contextualizando sobre a (s) juventude (s) das periferias e a situação de vulnerabilidade e risco que vivencia (m).

2 JUVENTUDE(S) DA PERIFERIA: VULNERABILIDADE E RISCO

É notório o crescimento na produção de conhecimento sobre o tema juventude(s) diante da complexidade e diversidade de problemáticas que atravessam cotidianamente a realidade desse segmento. Questões tais como o contexto de vulnerabilidade⁹ na vida de jovens das periferias e suas experiências educativas estão no centro das nossas preocupações. Esta pesquisa reforça a importância da discussão referente à autonomia dos jovens da periferia.

Nessa perspectiva, investigando as produções realizadas, vale mencionar o trabalho de Marília Sposito (2009), que organizou o levantamento de dissertações e teses defendidas em programas de Pós-Graduação em Educação, Ciências Sociais (Antropologia, Ciência Política e Sociologia) e Serviço Social, sobre a temática da Juventude no período entre 1999 e 2006. Nesse estudo, Sposito (2009) verifica os principais aportes teórico-metodológicos e sugere novas vertentes de investigação para problemáticas ainda pouco exploradas pelas pesquisas de mestrado e doutorado.

A autora aponta temas que são recorrentes e outros que requerem maiores estudos. Assim, dialogando com essa pesquisa, considerando a temática juventude(s) e a transversalidade das problemáticas violência e criminalidade na produção, Sposito (2009, p. 28) revela que:

É forçoso reconhecer que as intrincadas relações entre os jovens e as múltiplas violências, sobretudo aquelas derivadas da presença das redes criminosas nos bairros, ainda são pouco investigadas. O tema demanda um adensamento teórico ao lado da construção de problemáticas de pesquisa não assentadas em polaridades que, de um lado, reiterem o imaginário popular de uma juventude pobre violenta e perigosa e, de outro, considerem esses segmentos apenas como vítimas de desigualdades, não sendo, nesse caso, atores capazes de produzir orientações e algumas escolhas em suas trajetórias de vida.

Desta forma, a autora aponta que a produção de conhecimento sobre o universo da juventude e contextos de criminalidade requer uma investigação para

⁹O debate em torno do aumento da vulnerabilidade social entre o segmento juvenil tem crescido bastante nos últimos anos, principalmente se levarmos em consideração o aumento considerável do número de jovens no Brasil e no mundo. Segundo dados estatísticos do IBGE, registrados no Censo Demográfico de 2010, neste ano o Brasil tinha 51.340.478 milhões de jovens na faixa etária de 15 a 29 anos de idade, o que representa um percentual de cerca de 26,91% da população. É por conta disso que se justifica a atenção dedicada a este segmento, principalmente no que diz respeito ao debate relacionado à desproteção por parte do Estado, que tem acarretado, dentre outros, o crescimento da situação de vulnerabilidade (OLIVEIRA, R., 2017, p. 02).

além da dualidade mencionada, e evidencia o cuidado que deve ter o pesquisador para evitar a construção do conhecimento com resultados prontos. Romper com o senso comum demanda abertura para o novo, para desmitificar certos padrões, bem como o aprofundamento teórico que subsidiará uma elaboração a partir da realidade que será apresentada durante a pesquisa. Neste sentido, buscamos partir de uma perspectiva que considere o protagonismo desses sujeitos.

Em conversa, Sandro informou o nome de 08 pessoas que realizaram suas pesquisas no Sarau da Onça e, ao consultá-los na internet, os resultados foram 03 dissertações e os demais Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC).

A dissertação de Sérgio Ricardo Santos da Silva, realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEDUC) da UNEB, em 2013, com o título “O cordel pilando (re) elaborações de valores comunais e perspectivas de educar: a Pedagogia da onça”, busca compreender como jovens e adultos conseguem afirmar, nas composições textuais do Cordel, aspectos do seu viver cotidiano, legados dos seus patrimônios civilizatórios. A territorialidade da pesquisa é Nova Sussuarana e Novo Horizonte; assim, a população envolvida, dentre outros, são 03 jovens do Sarau da Onça.

Outra dissertação da UNEB, realizada no Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem (PPGEL), por Adriana Leal de Andrade, tem o seguinte título: “Entre o impresso e o digital: as experiências de escrita dos jovens do grupo Sarau da Onça”, de 2017. Neste trabalho, a autora desenvolve um estudo interpretativo sobre as relações entre as manifestações de escrita *off-line* e *on-line* de quatro sujeitos do Sarau da Onça e a criação letrada do grupo enquanto mídia alternativa periférica.

Joselia Santos da Silva desenvolveu a pesquisa “Margens: formas de resistência e reexistência”, pelo Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural do Departamento de Educação da UNEB- Alagoinhas, em 2018. O objetivo foi refletir sobre modos de resistência e reexistência na periferia de Salvador a partir da produção cultural do Sarau da Onça e do programa de rádio Evolução Hip-Hop.

O mais recente trabalho realizado no Sarau da Onça foi de 2019, por Danielle Marcia Hachmann de Lacerda da Gama: “A voz e a vez de dizer: batalhas de poesia em comunidades de periferias em Salvador/BA”, do mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). A pesquisa trata sobre os Slams nas periferias de Salvador; logo, é

desenvolvida em outros espaços além do Sarau da Onça. Busca entender como o Slam é realizado e ganha sentido, e como pode contribuir para a geração de formas de pensar o poético e o ético nos espaços da cidade de Salvador.

Dialogaremos, ao longo deste trabalho, com as dissertações mencionadas logo acima. Assim, esta pesquisa vem somar, buscando analisar as experiências educativas do Sarau da Onça a partir da visão dos jovens frequentadores. Neste sentido, os sujeitos da nossa pesquisa têm peculiaridades que requerem um aprofundamento na discussão. Logo, serão convocados determinados autores, dentre eles, Dayrell, Abramo, Novaes, Groppo, que dialogam nas perspectivas: histórica, condição social, cultural e de direitos do público alvo da pesquisa.

Reconhecemos de início que o estudo da(s) juventude(s) é complexo e heterogêneo, pois são várias as áreas que apontam uma definição, tais como: biologia, psicologia, história, sociologia, entre outras.

Uma abordagem normalmente utilizada para conceituar juventude é a partir da faixa etária. Algumas instituições utilizam esse critério cronológico no desenvolvimento de ações e intervenções, inclusive nas políticas públicas, como evidencia o Estatuto da Juventude, ao definir que são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos. Enfatiza-se o início de uma determinada etapa da vida e sua finalização etária. Cabe refletir se é possível padronizar esse ciclo diante do universo heterogêneo de circunstâncias que permeiam a vida dos diversos sujeitos inscritos nesta faixa etária em uma sociedade como a brasileira, por exemplo.

De acordo com as ideias de Novaes (2006, p. 105), “para os que não têm direito a infância, a(s) juventude (s) começa(m) mais cedo. [...] Com efeito, qualquer que seja a faixa etária estabelecida, jovens com idades iguais vivem juventudes desiguais”. Apesar do fato cronológico ser uma referência na noção de juventudes, considera-se limitado o seu uso desassociado de outras dimensões como as questões histórica, social e cultural.

Segundo Abramo (1994, p.1), a “definição do tempo de duração, dos conteúdos e significados sociais desses processos modifica-se de sociedade para sociedade e, na mesma sociedade, ao longo do tempo e através das suas divisões internas”.

Desse modo, como determinar um tempo exato para definir a condição juvenil a partir de uma realidade que é dinâmica, envolta por elementos que diversificam

esta mesma condição, tais como o momento histórico e as várias formas de organização das sociedades, com suas diferentes culturas e maneiras de compreender o sujeito?

A pesquisa que pretendemos desenvolver privilegia o enfoque da construção juvenil fundamentada pela categoria sócio histórica e cultural, como afirma Groppo (2004, p.4): “é preciso fazer o cruzamento da juventude – como categoria social – com outras categorias sociais e condicionantes históricos”. Assim, juventude é construída socialmente considerando a diversidade que, para Dayrell (2001, p. 5) “se concretiza nas condições sociais (classes sociais), culturais (etnias, identidades religiosas, valores), de gênero e também das regiões, dentre outros aspectos”.

Dayrell (2003, p.3) propõe tratarmos a categoria no plural “para enfatizar a diversidade de modos de ser jovem existentes”. Em face disso, a pesquisa busca compreender as juventudes(s) e suas experiências educativas no Sarau da Onça, considerando a sua história de vida, a condição sociocultural e singular do modo de ser jovem, na diversidade de classe social, cor/raça/etnia, gênero, entre outros aspectos, bem como na vivência de situação de vulnerabilidade e risco.

2.1 CONTEXTUALIZANDO A VULNERABILIDADE

Para estudarmos a experiência educativa na caminhada da(s) juventude(s), cabe especificar qual jovem pretendemos pesquisar, perante a diversidade de classes sociais, etnia, gênero, orientação sexual, entre outros marcadores que permeiam as condições de vida dos sujeitos.

O enfoque da pesquisa será dado aos jovens da periferia, pobres¹⁰ que, na sua maioria, são negros. Considerando que estão expostos aos diversos tipos de riscos, tais como, na contemporaneidade, a questão da violência, os homicídios e a inserção no tráfico de drogas. Logo, buscaremos ampliar a discussão sobre as juventudes no seu contexto social para entender como vivenciam, no seu cotidiano,

¹⁰Estamos habituados a ver pobreza como carência material, no plano do ter: é pobre quem não tem renda, emprego, habitação, alimentos, etc. Esta dimensão é crucial e não poderia, em momento algum, ser secundarizada. Mas a dinâmica da pobreza não se restringe à esfera material do ter. Avança na esfera do ser e, possivelmente, alcança aí intensidades ainda mais comprometedoras. Mais drástico do que não ter mínimos materiais para sobreviver é não ser nada na vida. [...] Cada vez mais se aceita que pobreza tem, por trás, o problema da desigualdade social, o que implica reconhecer que se trata substancialmente de dinâmica política (DEMO, 2010, p. 2).

a situação de vulnerabilidade e risco, a partir da articulação entre os autores e os depoimentos referentes às experiências dos jovens nesse cenário.

Sobre o campo teórico da vulnerabilidade e risco, vale mencionar que são diversos os conceitos elaborados pelas áreas do conhecimento. Pretendemos focar situações de vulnerabilidade e risco derivadas de uma realidade com ausência de direitos e do exercício da cidadania plena, e com desigual distribuição de riqueza.

Castel (2005, p. 27), entende o risco social como “um evento que compromete a capacidade dos indivíduos de assegurar por si mesmos sua independência social”. Na concepção de Kowarick (2009, p.19), a vulnerabilidade socioeconômica refere-se à “situação de desproteção a que vastas camadas pobres encontram-se submetidas no que concerne às garantias de trabalho, saúde, saneamento, educação e outros componentes que caracterizam os direitos sociais básicos de cidadania”. O direito de experimentar a cidadania plena, propositalmente, não é para todos. Determinados segmentos da sociedade não alcançam diversos serviços que são necessários para uma existência de maneira digna e humanizada, e assim permanecerá enquanto a distribuição de riquezas for realizada desigualmente.

Cabe desmitificar uma imagem redutora da relação de vulnerabilidade e pobreza, pois, de acordo com o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (2010, p.76), “a vulnerabilidade não é só financeira; ela envolve a relação entre direitos e rede de serviços e políticas públicas e a capacidade dos indivíduos ou grupos sociais de acessar esse conjunto de bens e serviços, de modo a exercer a sua cidadania”. Entretanto, no cotidiano dos jovens das periferias, os acessos aos direitos e redes de serviços são fragilizados quando não negados pelos seus responsáveis, as diversas instâncias do Estado.

Sendo assim, diante de uma realidade de inúmeras desvantagens, questionamos: quais alternativas estão disponíveis aos jovens das periferias? Quais projetos de futuro possíveis, quando não são dadas condições de exercerem a cidadania plena, quando as escolas para os pobres são ofertadas com precárias estruturas físicas, terceirização dos funcionários, baixos salários, com localização de difícil acesso, etc? Além disso, segundo os estudos de Espinheira (2004, p. 26):

As escolas são exemplos de ambientes anti-sociais: são gradeadas, sujas e feias; são autoritárias e de baixa qualidade de ensino, sem encantamento, sem sedução. Há todo um quadro de violência na escola e da escola, cujas expressões vão desde informações em cartazes como: “Não haverá

merenda porque não tem água” ou “não haverá merenda por causa da indisciplina”, até a sequência de assassinatos dentro de escolas.

Essa perspectiva evidencia a intencionalidade da escola para o pobre, ou seja, é notório o não compromisso com o direito à educação, nenhum interesse em jovens pobres com reflexões críticas de leitura de mundo, emancipados, com autonomia e protagonismo ativo na transformação da realidade social.

Cidadão escravizado

A escravidão acabou ou se reconfigurou?

A filosofia e a sociologia ajudam a entender a situação!

Êta! Elas foram tiradas do plano Nacional de Educação!

A periferia não pode aprender que ser cidadão não combina com exclusão!

(Ana Paula de Oliveira, poema “Cidadão escravizado”, publicado na antologia “O Diferencial da Favela – Poesia e contos de quebrada”, organizado pelo Sarau da Onça, 2017, p. 87)

Seguem alguns relatos dos jovens referentes à condição da educação na periferia. Para Bolha¹¹:

Você morar em periferia é algo que te afeta muito, com a Reforma do ensino médio mudou completamente o programa de aulas, até matérias que sempre foram estudadas com 4 aulas semanais hoje só tem uma aula semanal, você percebe que o Estado não quer mesmo que a gente estude (Trecho da roda de conversa presencial – 14/03/2020).

Para ampliação dessa lógica, é proposto na contemporaneidade o projeto de lei “Escola sem partido”, que alega ser contrário ao que chamam de “doutrinação política ideológica” nas escolas, com propostas conservadoras, como por exemplo, a proibição da discussão de gênero nas escolas. Vale ressaltar que uma parcela da sociedade concorda com as pautas da “Escola Sem Partido”. Por outro lado, é essencial a participação dos professores, estudantes e famílias enquanto resistência contra o retrocesso na educação fomentado por esse projeto.

No entanto, os jovens narram outras perspectivas no ambiente escolar. Rick¹² enfatiza que:

A gente sempre tem aquela estatística aonde um jovem negro gay que a família não aceita por ser gay, ele vai sair da escola que também não aceita. Já no meu caso foi diferente a escola me dava apoio entendeu, onde

¹¹Bolha, 17 anos, morador da Sussuarana, reside com os avós maternos, está cursando o ensino médio, realiza trabalho informal, declara ser pardo. Bolha namora com Paula, uma das jovens entrevistadas.

¹² Rick, 19 anos, morador da Sussuarana, reside com o pai, tem o ensino médio completo, realiza trabalho informal, declara ser negro e candomblecista.

eu não achava apoio em casa. [...] A gestão da escola foi sempre maravilhosa, o aluno era ouvido. Então eu sempre tive ideia de um projeto no colégio, como o de dança, e acabaram aceitando e fazendo (Trecho da entrevista individual via rede social – 07/04/2020)

Destaco a experiência de Larry¹³ no mesmo espaço escolar mencionado acima:

Quando eu comecei a freqüentar o colégio faziam sexta-feira cultural, para recitar poesia e apresentar outros trabalhos artísticos. Eu vi Rick e Samuel fazendo poesia e me interessei para saber o porquê eles faziam isso, o porquê eles estavam levando aquilo para o colégio e eles tinham muito pouco apoio dentro do colégio, de outros alunos e principalmente da direção do colégio, a direção não tratava aquilo como um evento que ocorria toda sexta-feira, tratava aquilo como se fosse só uns alunos que iam lá falar umas coisas sem sentido para os outros alunos e iam assistia quem quisesse e aí era um aluno outro, menos de 10 alunos às vezes que assistiam (Trecho da roda de conversa presencial – 14/03/2020).

Em outro trecho da roda de conversa, Franklin¹⁴ ressalta sua relação com a leitura:

Eu tento ler todos os dias, porque você que não teve o hábito de ler todos os dias é complicado, não tive ninguém para me incentivar isso. A única professora que me incentivou foi a de português, na 6ª série, eu tinha repetido 3 anos, ela bateu pé firme que era para todo mundo ler o livro, eu lembro até hoje o nome que era “Os Miseráveis” de Vitor Hugo, foi a primeira vez que eu li um livro, muita dificuldade, de lá pra cá eu tenho tentado trazer o hábito de leituras todos os dias (Trecho da roda de conversa presencial – 14/03/2020).

Com relação ao hábito da leitura, para Larry foi diferente (Trecho da roda de conversa presencial – 14/03/2020): “eu sempre fui apegado à leitura, meus pais sempre compravam uma coisa para mim, um livro infantil, um Gibi eu ia sempre lendo uma coisa outra e comecei a pegar gosto”. No âmbito escolar, Larry afirma que: “diante de alguns professores, eu tive um professor que chegou para mim e falou: eles não querem formar pessoas com senso comum, eles querem que vocês sejam formados como mão-de-obra, quebre isso”.

¹³ Larry, 18 anos, morador do Novo Horizonte, reside com a mãe e o irmão, está cursando o 1º semestre de Filosofia na UFBA, realiza trabalho informal, declara ser pardo e agnóstico teista. O jovem tem um filho.

¹⁴ Franklin, 24 anos, morador do Novo Horizonte, reside com a mãe, tem o ensino médio completo, realiza trabalho informal como designer, declara ser pardo e agnóstico.

Quando problematizamos a garantia de trabalho aos jovens da periferia, notamos o descaso na oferta desse direito, inclusive atrelado ao descaso no campo educacional, pois os poucos cursos profissionalizantes geralmente são disponibilizados para atividades manuais, desinteressantes e sem diálogo com os participantes. Bolha desabafa que:

Você tem que estar empregado, esse ano mesmo o sistema do colégio me mudou para o vespertino e eu me matriculei para de manhã, só que tinha arranjado um estágio que era no vespertino, eu não consegui mudar, eu fiquei muito irritado, eu só ia ter o atestado para emprego se eu levasse o comprovante de matrícula que estudava de manhã (Trecho da roda de conversa presencial – 14/03/2020).

No mesmo sentido, Franklin compartilha sua experiência:

O colégio não forma a gente para que seja pessoas pensantes, e essa ficha caiu como uma depressão quando eu saí do ensino médio e me deparei com o mercado de trabalho e a questão do Enem. Durante o ensino médio eu não me sentia capaz de fazer o Enem e eu nem me arrisquei a fazer, me sentia muito medíocre para o que é exigido no Enem. E quando eu saí tive que arranjar um trabalho e me deparei com isso porque eu estava totalmente despreparado para ocupar uma vaga de trabalho, minha escolaridade não me deu condição o suficiente. (Trecho da roda de conversa presencial – 14/03/2020)

Enquanto isso, o mercado de trabalho exige dos candidatos alto grau de escolaridade e qualificação profissional. É evidente a desvantagem na disputa por vagas no mercado diante de uma parcela da sociedade que adquiriu uma formação educacional diferenciada, com disponibilidade de tempo para dedicação aos estudos, visando cursos universitários considerados elitizados e negados aos pobres. Nessa perspectiva, Larry, que conquistou uma vaga no curso de filosofia na UFBA (2020), fala das dificuldades para inserção e permanência na universidade:

Para conseguir uma vaga na faculdade, eu tenho que estudar mais do que quem quer um acesso à faculdade, eu sou negro eu não tenho essa oportunidade se a pessoa tem educação por ser branca, de classe média, classe alta, ela teve educação. Eu tenho que estudar 30 vezes mais para poder chegar o nível de educação daquela pessoa. Eu tive que estudar em casa sozinho porque às vezes no colégio não tem essa estrutura para ajudar uma boa educação, a gente tem que se virar nos trinta, e agora eu passei na UFBA e agora o que eu faço, eu estou desempregado, eu tenho um filho (Trecho da roda de conversa presencial – 14/03/2020).

Destacamos a experiência de Bolha com o mercado de trabalho:

Estou procurando uma profissão, eu já me virei com tudo, já fiz muitas coisas para ganhar dinheiro, mas têm coisas que eu mais me identifico, agora eu me identifico com a fotografia, como Design. Eu vendo abará nos ônibus e no terminal, também faço fotografia (Trecho da roda de conversa presencial – 14/03/2020).

A escassez de oportunidade de atividades laborais formais para o público mencionado, abre espaço para a busca de vínculo com o tráfico de drogas no desempenho de funções como garantia de renda, pois, para o sustento da família, essa pode ser a alternativa disponível diante do contexto de vulnerabilidade vivenciado. Menciono um trecho da entrevista com Evanilson, que declara:

Eu fui testado no momento que eu precisei optar pelo papel, pela caneta ou ir para pista, por exemplo, ir para o tráfico. Fui chamado diversas vezes, mais¹⁵ferreamente no ensino médio, quando me deram de fato, e aí irmão, o momento é esse, você vai ficar trabalhando o mês inteiro para ganhar R\$ 250,00, tirando xerox 6h do seu dia ou você vai querer ganhar R\$ 700 na semana. Pra um jovem de periferia que passa por diversas situações, algumas tenebrosas, é tentador mas eu sabia também que o espaço de tempo que eu poderia ter esse sucesso era pouco (11 de março de 2020).

Destaco os relatos dos jovens, resultado do diálogo referente ao contexto do trabalhador do comércio de drogas e a (des) igualdade de acesso às oportunidades. Bolha diz que já foi chamado para trabalhar para o tráfico de drogas: “eu tenho essa visão de que realmente não é isso que eu quero para minha vida, eu quero ocupar outros espaços” e acrescenta que:

Estar no meio da criminalidade me ajuda a ter uma visão que não é para tá ali, ali não é o meu lugar, tipo a vida é feita de muitas oportunidades e escolhas, se você escolhe que é isso que você quer na sua visão você vai tá certo (Trecho da roda de conversa presencial – 14/03/2020).

Clara¹⁶ aponta uma visão diferente:

Bolha falou da questão das escolhas, e eu não acho que talvez seja muito por questão de escolhas, eu não acredito muito nessa questão da meritocracia. Todo mundo sabe a hora que dá dor na sua barriga, todo mundo sabe a hora que, por exemplo, sua mãe precisa de um remédio, e as oportunidades que lhe são dadas, não são na verdade oportunidade. (Trecho da roda de conversa presencial – 14/03/2020).

¹⁵ O poeta Evanilson, esclarece que “ferreamente” foi utilizado para demonstrar que era algo que acontecia “de maneira inflexível; fortemente”.

¹⁶ Clara, 19 anos, moradora da Liberdade, reside com a mãe, pai e irmã, está cursando Bacharelado Interdisciplinar de Artes na UFBA, é estagiária de Design Gráfico, declara ser parda e não possui religião. Clara namora com Franklin, um dos jovens entrevistados.

Nesse sentido, segue a contribuição de Paula¹⁷:

Tem gente que entra para o tráfico porque não teve oportunidade de estudo ou não teve oportunidade de emprego, e eles estão querendo ajudar a mãe em casa e quer fazer alguma coisa e não pode por causa que a sociedade não deixa. (Trecho da roda de conversa presencial – 14/03/2020)

Vale ressaltar que o desemprego é gritante nas periferias, especialmente entre os jovens. Dialogamos com os estudos apresentados pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) em 2018, referentes ao perfil dos desempregados no Brasil no período entre 2012 e 2018, que analisou diferentes grupos socioeconômicos (demarcados por sexo, cor, idade e escolaridade). Do segundo trimestre de 2014 ao primeiro trimestre de 2017, a taxa de desemprego aumentou em mais de 6p.p.

No que tange à escolaridade, houve um aumento de 7p.p. (106%) na taxa de desemprego dos trabalhadores com ensino médio incompleto e de 5,9 p.p. (85%) dos com o médio completo. Em relação à faixa etária, os jovens, de 18 a 29 anos, que já apresentavam uma taxa elevada, tiveram um aumento de 10,6 p.p. (86%), ao passo que os adultos experimentaram um aumento bem menor, de 4,8 p.p. (109%). (2018, p.73).

Cabe refletir: Será que os jovens não procuram emprego, e preferem a “facilidade” do trabalho com o tráfico de drogas? Mas, será que há vagas disponíveis para o público juvenil da periferia, e com opções? De acordo com o Ipea, “vem crescendo a parcela de desempregados cujo tempo de procura por emprego é maior que dois anos”.

Compartilhamos da percepção de Duarte (2018, p. 68): “não só falta trabalho, mas sobretudo condições para que esse trabalho propicie novas e enriquecedoras experiências sociais aos jovens“. Assim, o trabalho é primordial no desenvolvimento e na formação da cidadania do sujeito. O idealizador do Sarau descreve essa realidade do trabalho através da poesia, que “é o carro chefe do meu repertório, surgiu dessa forma, na madrugada acordei muito mexido, emocionado, com lágrimas nos olhos e comecei a escrever a minha história que não tive coragem de contar pra ninguém”.

¹⁷ Paula, 18 anos, moradora do Novo Horizonte, reside com a mãe, o padrasto e 3 irmãos, está cursando o ensino médio, realiza trabalho informal como trancista, declara ser parda.

Pés no chão

*E as mãos cheias de calo
São dos ferros que atou pra sobreviver
Juntava umas moedas
E entre uma brincadeira e outra se alimentava
Guardava as cédulas
Pois elas garantiam o alimento de casa
Viu seu pai se afogar no álcool e na angústia do desemprego
e por sentir suas mão atadas quase entrou em desespero.
(Evanilson Alves, poema “Pés no chão”, publicado no livro “O diferencial da favela...”, Sarau da Onça, 2019, p.37).*

Nesse sentido, fica a reflexão: o que seria considerado trabalho para os jovens da periferia? Apenas uma forma de adquirir renda para satisfação das necessidades mínimas? Mas, como fica a formação do sujeito, a questão da dignidade, dos recursos para acessar bens e serviços, das relações sociais, enfim, o trabalho como fonte transformadora? Ou seja, a atividade laboral formal não é um privilégio de todos. Para Duarte (2018, p. 64):

A informalidade, além de não assegurar a imprescindibilidade dos direitos trabalhistas, transfere para o sujeito a responsabilidade de prover e desempenhar funções das quais a necessidade de vida e a emergência de sobrevivência retiram as condições materiais de profissionalização e ingresso no mercado de trabalho formal com alguma estabilidade.

Segundo a fala de Franklin:

Lembro-me que ao me formar no ensino médio, eu estava puto da vida porque passei uma parte da vida, ouvindo que o colégio era uma preparação para o mercado de trabalho e eu estava ali, ainda desempregado. Já que o mercado busca sempre por experiências e habilidades. [...]Essa talvez não seja uma realidade só minha, tendo em vista que muitos jovens periféricos estão ai trabalhando no informal. Afinal não existe emprego, mas tem trabalho (Trecho da entrevista individual via rede social – 24/04/2020).

Considerando as especificidades de jovens da periferia, a entrada no mercado informal, geralmente, não é para complementar salário, mas como alternativa de adquirir renda, já que não têm acesso ao campo da formalidade. Enfrentam o cotidiano incerto do mundo do trabalho sem garantia de renda fixa. Deste modo, é necessário refletirmos quanto à perspectiva de futuro da(s) juventude(s) periférica(s) que busca(m) emprego formal e as suas experiências no mercado informal. Segue o relato de Larry:

Comecei com 14 anos trabalhando como garçom na pizzaria que era de um parente meu, para ajudar a minha mãe que trabalhava lá. Teve um período que prejudicou os estudos, pois saía às 2h da manhã do trabalho, sendo que estudava pela manhã. Quando a gente tem uma necessidade de conseguir algo a gente tem que se sujeitar a qualquer condição de trabalho por mais extrema que seja. [...] Trabalhei com geladinho alcoólico para vender nos eventos daqui de Sussuarana, no Pelourinho e em outros locais. Ainda trabalhava com poesia no ônibus. Atualmente como ajudante de pintor com o meu sogro (Trecho da entrevista individual via rede social – 09/04/2020).

No caso de Rick foi essencial a renda adquirida no trabalho poético realizado nos transportes públicos, considerando o seu contexto de vida.

Eu já vesti um boneco, super amo fazer isso, eu consigo me expressar, todo mundo fala sem saber que sou eu, como é um boneco, sabe que pode brincar, é aquela coisa divertida. Eu sempre me virei foi fazendo corre de poesia no buzu, foi o que me ajudou quando meu pai me expulsou de casa (Trecho da entrevista individual via rede social – 07/04/2020).

Outra realidade referente à busca pelo emprego é destacada por Clara:

Eu já tentei várias vagas após o curso na área do design e em telemarketing. Não por uma necessidade de sobrevivência, eu sempre fui bem assistida em casa, porém por necessidade da minha própria autonomia. [...] não deixam de ser trabalho, só porque não atribuem renda, um clássico exemplo são as atividades domésticas, é trabalho mesmo quando feito para nós mesmos, em nossas casas (sem renda), como também é trabalho quando feito para o outro (com renda)(Trecho da entrevista individual via rede social – 11/04/2020).

Desse modo, destacamos a última reforma trabalhista, que foi introduzida para beneficiar o empregador na exploração da força de trabalho e na apropriação de riquezas, por exemplo, com o aumento da jornada de trabalho, formas precarizadas de contratação, entre outras regras da lei. Assim, reforçando o retrocesso dos direitos trabalhistas conquistados através da luta da classe trabalhadora.

Nos estudos sobre gênero, segundo pesquisas do Ipea (2018), “entre os grupos de sexo/cor, as mulheres negras experimentaram o maior aumento absoluto na taxa de desemprego. [...]com as mulheres negras experimentando um resultado mais adverso que os homens brancos”. Quanto a presença no mercado de trabalho e renda, permanece a desigualdade na relação de gênero. Quando o gênero é associado com a classe social e cor/etnia, o campo informal, que geralmente é destinado para as jovens pobres e negras, é o setor doméstico. Diante da

necessidade de sobrevivência, abandonam-se estudos para trabalhar nas “casas de família” em condições precárias e por um salário inferior.

Como resultado da lógica capitalista, para o morador da periferia é negado o consumo, o lazer e a esperança de emprego para suprir suas necessidades básicas. Os veículos de comunicação ressaltam o quanto é importante ser consumidor, utilizar roupas e sapatos “de marcas”, porém nem todos têm oportunidades para usufruí-los. A venda de drogas é uma alternativa apresentada para a(s) juventude(s) da periferia como caminho para aquisição de dinheiro, visto que a inserção no mercado de trabalho é extremamente desigual para ela.

Rafael da Silva Lima

*Homem menino 17 já foi abatido
Com pai e mãe “ausente” ele já segurava um pesado pente
Já experimentou todos os horrores, em sua vida teve poucos amores
Presenciando briga constante de pai e mãe, ele se tornava cada vez distante
Aos 13, sua primeira ação: fez um assalto, deu tudo certo, aí fudeu, ele já estava no crime.
Mas, antes disso, experimentou o árduo trabalho, vendendo picolé na praia, sendo humilhado pra então ter aquele dinheiro suado.
Mas o mundo capitalista é perverso, irmão; ele viu seus amigos ostentando, tinha que ter dinheiro pra entrar nessa tal ostentação.
(Fabiana Lima, poema “Rafael da Silva Lima”, publicado no livro “O diferencial da favela...”, Sarau da Onça, 2017, p. 85).*

Nesse contexto, referente à questão do tráfico de drogas e segurança pública nas periferias, destaco as experiências relatadas pelo casal Paula e Bolha sobre um amigo em comum:

Ele tinha um trabalho, todo mundo conhecia ele. Ele não trabalhava para o tráfico, mas ele acabou se envolvendo por influência desse menino que morreu, o cartão dele tinha contas para pagar, reformar a casa, e só tinha ele para pagar, aí ele só queria entrar para ganhar uma renda e depois se sair (Paula - Trecho da roda de conversa presencial – 14/03/2020).

Segundo informações de Paula e Bolha, os 3 jovens foram mortos pela Polícia Militar. As pesquisas de Eduardo Santos (2010, p.168) ajudam-nos a compreender este quadro:

Ter uma roupa de marca, aceita como moeda de troca na sociedade de consumo que permite o trânsito e a admiração torna-se objeto desse desejo e da necessidade dos jovens que, na impossibilidade de obter recursos de forma lícita para tal, embrenham-se em situações como o tráfico e pequenos delitos.

Isso é resultado da desigual distribuição de riquezas. É criado o estímulo para o consumo que ultrapassa a necessidade material, pois envolve compensações, prazer, status e poder. Porém, é selecionado quem pode alcançar determinados bens, visto que, para o pobre, a renda é estritamente utilizada no indispensável à sobrevivência. Por outro lado, apesar da busca pelo consumo ser um desejo que estimula a entrada da juventude da periferia no tráfico, o senso comum imagina que os ganhos com o tráfico são astronômicos, mas não é para aqueles que operam o varejo do comércio de drogas, pois essa vantagem é obtida pelos grandes empreendedores, a elite. Compartilhando a visão de Larry:

Acho que tem uma construção social, a mídia passa lá dizendo que eles entram por dinheiro fácil, venha cá véio, você acha que a sua vida vai valer 900 conto no final do mês? Às vezes a pessoa tem a falta de oportunidade dela, mas às vezes o veículo midiático fica informando erroneamente que dá dinheiro que é uma vida de luxo, ninguém tem vida de luxo no tráfico não, se tivesse ficava em um ano depois tava morando na Barra (Trecho da roda de conversa presencial – 14/03/2020).

Segue o diálogo realizado em grupo presencial e Bolha acredita que “quem ganha dinheiro de verdade com tráfico ninguém sabe onde tá, a pessoa que realmente financia que fica milionário com isso, com importação, com venda, não corre perigo nenhum”.

Nessa perspectiva, no que se refere ao lazer, esporte e cultura como direito da(s) juventude(s), propomos a discussão quanto à realidade vivenciada nos espaços periféricos diante da escassez desses serviços ou a fragilidade como são ofertados por parte das agências estatais, sem o diálogo com o público alvo, com omissão da participação ativa e do protagonismo juvenil, isso quando não se desvaloriza a cultura local. Assim, apresento relatos das experiências dos jovens com o lazer. Segundo Clara:

Eu gosto de frequentar o Sarau, a Batalha. De me reunir com os amigos para jogar, ir à praia ou só sentar na porta para bater papo. Na periferia é simples, não é luxuoso nem nada, é bom, tá todo mundo próximo, gente que a gente gosta (Trecho da entrevista individual via rede social – 11/04/2020).

Conforme as experiências narradas por Franklin:

Na minha infância/adolescência isso era sinônimo de está correndo no asfalto, jogando uma bola com alguns colegas, mas sempre tem aquela limitação devido à "segurança" e infraestrutura, como em algumas vezes em

que houve tiroteio, e a gente tinha que saí correndo para algum canto [...]a ideia de lazer, atualmente, é está de quebrada pela favela, mas sempre atento. Tipo sair de casa para me encontrar com meus amigos, para jogar uma sinuca no bar, jogar um baralho, ou quando tem o Sarau da Onça ou Pega Visão. E ficar de visão no caminho, com o movimento alerta, sabe? E sempre com a identidade no bolso (Trecho da entrevista individual via rede social – 24/04/2020).

Outra fala trata do contexto do lazer a partir da vivência de Larry: “o Sarau tornou rotina para gente, o nosso bairro é muito carente de entretenimento, de projeto cultural, nem praça tem” (Trecho da roda de conversa presencial – 14/03/2020). E acrescentou:

Eu creio que para gente o afeto de outras pessoas é de importância, assim como posso dizer é crucial porque a gente vive no ambiente o tempo todo hostil, e a gente precisa do afeto de outras pessoas para se sentir bem. Então quando você tá com um amigo, com alguém que compreende suas ideias e você pode trocar um papo fazer coisas com uma pessoa dá uma risada para mim é o mais importante (Trecho da entrevista individual via rede social – 09/04/2020).

Nos relatos, predomina a importância das amizades e do afeto. Para Rick:

Eu gosto de eventos como marcha crespa, de dança afro Beleza Negra, Beleza Black, eu gosto de ver pessoas, entendeu?, não gosto tanto de paredão, você vê pessoas, mas é um barulho, você não consegue dialogar, você não vê, você não admira as pessoas, não consegue ver os rostos, observar, eu gosto disso (Trecho da entrevista individual via rede social – 07/04/2020).

Em outra dimensão, é preciso refletir também sobre o direito habitacional, pois não se trata apenas da posse ou propriedade de um imóvel, mas de diversos elementos disponíveis na comunidade para o bem estar do morador. Kowarick (2009, p.19) aponta a questão habitacional no aspecto da qualidade da moradia, bem como sua localização e os serviços existentes no bairro como fundamental para definição da qualidade de vida. Entende que o vínculo com a comunidade e os serviços socioassistenciais ofertados são essenciais para o desenvolvimento da cidadania com plenitude.

Vale destacar a diversidade da percepção quanto às terminologias “periferia” e “favela”, nos espaços acadêmicos, demais instituições, para as regiões brasileiras, e na representação dos próprios moradores. De acordo com as ideias de Eduardo Santos (2010, p. 45), “periferia, subúrbio e favela são palavras que indicam uma

mesma categoria de habitações precárias, caracterizadas pela pobreza, afastadas ou incrustadas nos centros das grandes cidades [...]”. Diante da semelhança entre os termos, destaca-se a classe social dos moradores e o distanciamento dos centros, ou seja, considerando a falta de condição, as pessoas não escolheram construir moradias em locais afastados dos centros sem usufruir dos privilégios que lá estão.

Conforme a pesquisa realizada pelo Observatório de Favelas, Silva e colaboradores (2009, p. 11) mencionam:

[...] cabe distinguir entre ocupações de terras públicas ou privadas, com ou sem o consentimento do proprietário. Nesse último caso, é significativa a diferença entre favelas e loteamentos periféricos, em que se (sic) pesem as semelhanças na precariedade das condições urbanísticas e socioeconômicas de ambos. No primeiro caso, a aquisição ou autoconstrução de uma moradia em terrenos alheios constitui uma ilegalidade. Já a compra de um lote em empreendimento realizado em desacordo com projeto aprovado pela administração municipal (irregular), ou mesmo sem o conhecimento desta (loteamento clandestino) pode ser, em princípio, mais fácil de regularizar, pois o documento fornecido pelo loteador, mesmo não sendo reconhecido para fins de registro da propriedade, constitui prova da boa-fé do comprador.

Acrescentamos que, segundo o estudo de Eduardo Santos (2010), “a periferia e o subúrbio fazem parte da história das cidades, favela é a denominação brasileira desses conjuntos de habitações, assim identificadas a partir do início do século XX” (VALLADARES, 2005; ZALUAR; ALVITO, 2004; SANTOS, 2005b).

Favela

*São tetos levantados na mistura
Do suor e cimento.
Todas em conjunto,
Na mesma proporção
Compactadas e complexas,
Becos e vielas, ladeiras e escadas
Inseparáveis!
Sempre na sua mesma essência e aparência. Todas nas mesmas lutas, nas
mesmas cenas.
Pra uns: arquitetura,
Pra outros: incômodo.
(Breno Silva, poema “Favela”, publicado no livro “O diferencial da favela...”,
Sarau da Onça, 2017, p. 43).*

Ao longo da história, a favela sofreu transformações significativas. Algumas características deixaram de predominar, tal como “a invasão, gradual ou repentina, individual ou em grupo, de uma terra sem infra-estrutura com a autoconstrução de

uma moradia com material provisório, como madeira, palha” (Silva e colaboradores, 2009, p. 62). Além disso, cabe ressaltar os avanços alcançados através da luta dos próprios moradores, segundo Silva e colaboradores (2009, p. 16):

A organização popular, manifestada em diferentes momentos e formas, permitiu uma significativa ampliação do acesso regular aos serviços de água, esgoto, coleta de lixo, asfaltamento e iluminação. Além disso, se difundiu a construção de escolas, creches e posto de saúde; reivindicações fundamentais para a qualidade de vida dos moradores. O item no qual menos se avançou foi justamente o que coloca em questão a presença da favela nas cidades: a apropriação e uso do espaço urbano em seu conjunto como direito social.

Resultado do Seminário “O que é a Favela, afinal?”, o Observatório de Favelas apresentou uma Declaração própria com o objetivo de contribuir para a formulação de um conceito de favela (Silva e colaboradores, 2009, p. 96-97):

Considerando o perfil sociopolítico, a favela é um território onde a incompletude de políticas e de ações do Estado se fazem historicamente recorrentes. (...) as favelas são, de modo geral, territórios sem garantias de efetivação de direitos sociais, fato que vem implicando a baixa expectativa desses mesmos direitos por parte de seus moradores.

Considerando o perfil socioeconômico a favela é um território onde os investimentos do mercado formal são precários, principalmente o imobiliário, o financeiro e o de serviços. (...) Há, portanto, distâncias socioeconômicas consideráveis quando se trata da qualificação do tempo/espaço particular às favelas e o das condições presentes na cidade como um todo.

Considerando o perfil sociourbanístico a favela é um território de edificações predominantemente caracterizadas pela autoconstrução, sem obediência aos padrões urbanos normativos do Estado. (...) A favela significa uma morada urbana que resume as condições desiguais da urbanização brasileira e, ao mesmo tempo, a luta de cidadãos pelo legítimo direito de habitar a cidade.

Considerando o perfil sociocultural, a favela é um território de expressiva presença de negros (pardos e pretos) e descendentes de indígenas, de acordo com região brasileira, configurando identidades plurais no plano da existência material e simbólica. (...). Superando os estigmas de territórios violentos e miseráveis, a favela se apresenta com a riqueza da sua pluralidade de convivências de sujeitos sociais em suas diferenças culturais, simbólicas e humanas.

Para Espinheira (2004, p. 199), a periferia pode ser definida da seguinte forma:

Os espaços urbanos distanciados pelos serviços públicos e privados de apoio à vida urbana, desde a infraestrutura em rede (água, esgoto, energia, telefone, etc., mas também vias pavimentadas e calçadas) aos serviços de atendimento à saúde, à segurança, ao lazer; comércio, transporte e outras funções especializadas.

A realidade dos jovens que estão em situação de vulnerabilidade com residência nas favelas, é a escassez dos serviços públicos, isto é, abandonados pelo Estado, distantes dos grandes centros e dos seus privilégios. Como afirma Milton Santos (2007, p. 110), o “espaço urbano é diferentemente ocupado em função das classes sociais em que se divide a sociedade urbana”, o que demonstra a desigualdade em relação à distribuição de renda e de espaço. Nesse contexto de segregação espacial e social, o valor da humanidade é determinado através das normas do grupo dominante; logo, a partir dos aspectos espaço, classe social e raça, é atribuída a condição de inferioridade aos sujeitos da periferia, pobres e negros.

Outro âmbito que merece destaque é a ideia de Milton Santos (2011, p. 14) acerca do território:

O território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas; o território tem que ser entendido como território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho; o lugar da residência, das trocas materiais, e espirituais e do exercício da vida.

Considerando o contexto da periferia, seguem as explicações dos jovens. Para Larry: “a periferia para mim é como se fosse um quilombo, e pode ser assim, até porque realmente Sussuarana, Mata Escura, Cabula é região quilombola”. O jovem acrescenta que:

O único local que eu me sinto livre para ser eu mesmo é aqui, é o meu lugar, por isso que eu não me vejo sair de dentro da Sussuarana, sair de dentro da favela. Porque é o único local onde a gente pode se sentir à vontade de ser quem a gente realmente é, porque quando a gente sai daqui vai para o local que não deveria deixar a noção de pertencimento, mas atualmente o local parece pertencer às pessoas brancas, a gente se sente oprimido constantemente (Trecho da entrevista individual via rede social – 09/04/2020).

Conforme Bolha: “não penso em sair da favela, não penso nem um pouco em sair da minha favela, eu quero sim continuar na minha favela, mas sempre exaltando isso que as pessoas podem sim estar em outro lugar” (Trecho da entrevista individual via rede social – 07/04/2020).

Partimos da realidade de Clara, que trata da mudança de visão sobre a periferia, e o sentimento de pertencimento:

No início da minha vida, aqui na liberdade, eu não me entendia como periférica, principalmente por conta da família, esse acesso a essa comunidade periférica eu meio que era restrita, eu quase nunca saía de casa e quando saía era direto para escola e ainda assim era de carro. Por terem um trabalho de prestígio, os meus pais não se consideram tão parte dessa comunidade dos trabalhadores. Mesmo sendo desconstruídos aos poucos, os meus pais ainda são muito brancos de pensamento. Hoje em dia eu já me encontro mais situada, eu entendo a Liberdade como periférica, mas não no sentido em que eu acredito que é ser um bairro periférico, porque até hoje ainda não tenho muito contato com a comunidade daqui, além da minha família. Que é aí que entra a Sussuarana, onde eu descobri isso, foi onde eu consegui me enxergar como uma mulher negra, pobre e sim periférica, não que eu não fosse na Liberdade, mas foi onde eu tive mais contato e consegui entender que sim, eu estava inserida ali naquele meio, que sim, eu sou parte da comunidade periférica de Salvador (Trecho da entrevista individual via rede social – 11/04/2020).

De acordo com Goffman (2004, p. 6), o termo estigma:

Será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem horroroso nem desonroso.

São construídos estereótipos para um determinado tipo de indivíduo e as pessoas são discriminadas pelo local que habitam, por isso, “é comum omitirem o seu local de residência, pois as empresas deixam de empregá-los pelo fato de serem favelados” (KOWARICK, 2009, p. 290).

É indispensável a reflexão sobre o processo de estigmatização sentida pela(s) juventude(s) da periferia, no que tange a sua percepção quanto a essas construções sociais, os estereótipos e discriminação e como buscam estratégias de enfrentamento no seu cotidiano. Porém, a periferia “não pode ser reduzida ao olhar externo que a estigmatiza, como se estivesse em constante desagregação, caracterizada por medo, violência, terror, dificuldades, etc. Essas realidades existem, mas não são as últimas palavras sobre a periferia” (SANTOS, E., 2010, p. 73).

Segundo Clara:

Hoje eu entendo um bairro periférico como um bairro pobre sim, mas não só por conta da parte econômica, mas porque a sociedade quer que sejam entendidos como pobres, para que permaneçam “nesse lugar”, a margem de tudo. Além disso, eu pude perceber o que realmente existe em um bairro periférico que é o respeito, é o cuidado, é a arte, é como se fosse um novo globo, é realmente uma comunidade. (Trecho da entrevista individual via rede social – 11/04/2020)

Nesse sentido, os estudos de Marielle Franco corroboram esta visão (2018, p. 25):

[...] visão predominante de que favelas e periferias são locais de ausência, carência, onde predomina a “vagabundagem”, ou então, usa-se a narrativa do assistencialismo, em um espaço considerado território de “pobres coitados”. [...] Por outro lado, locais de produção, melhor dizendo, de potência, onde seus moradores, mesmo diante da realidade de baixos investimentos pelo Estado, inventaram suas diversas formas de regular e de resistir à vida: por meio das artes, moradias, mobilidade, encontros etc.

Em uma sociedade na qual se categoriza o valor do sujeito pela classe social, cor e espaço em que habita, não há lugar para a juventude pobre e preta da periferia, sem luta e resistência.

Considerando o contexto do consumo de drogas entre os jovens, recorreremos aos estudos de Zaluar (1994, p. 12):

[...] entre os pobres existe maior pressão para o envolvimento com os grupos de criminosos comuns, por conta da facilidade de entrar em dívida com o traficante, da facilidade em obter armas e estímulo para a ação criminosa, da facilidade de esbarrar na repressão policial que prende os “maconheiros” pobres para acrescentar números na sua folha de serviços, bem como da dificuldade em encontrar atendimento médico e psicológico quando vêm a ter problemas reais no uso e controle das drogas.

De acordo com as ideias de Bolha:

Pelo caso da proibição e da venda ilegal, a guerra às drogas acaba sendo algo que acontece apenas na periferia, uma pessoa que mora no condomínio, que compra no próprio condomínio, tem acesso fácil e sem complicação até por consumo e para compra. Hoje em dia, se você quiser comprar alguma coisa e eu tiver subindo, e acontecer alguma coisa com você, ninguém vai querer saber se você é usuário, se você era traficante, tá tudo junto (Trecho da conversa em grupo via videoconferência – 04/04/2020).

Compartilhando da visão de Larry:

Sobre o proibicionismo não só referente à cannabis, à droga, parte do princípio da liberdade individual da pessoa. A pessoa tem o direito dela de fazer o que quiser da vida dela a não ser que ela interfira na liberdade individual de outra pessoa, que não é o caso (Trecho da conversa em grupo via videoconferência – 04/04/2020).

Em conversa em grupo (via videoconferência - 04/04/2020), referente ao tema drogas, ficou nítido o clima de tensão. A princípio, todos ficaram em silêncio. Relembrei que não eram obrigados a falar sobre o assunto, e a possibilidade do sigilo das informações. Bolha foi o primeiro a romper com o silêncio, estimulando brincadeiras e abordando sua experiência. Porém, antes, verificou se a porta do quarto estava aberta, e se algum familiar poderia escutá-lo. Diante do explanado, abordaremos apenas alguns relatos.

Referente ao ingresso no consumo das drogas, dadas como ilícitas, os relatos apresentam que a maioria dos jovens consumidores entrevistados se iniciou na faixa etária entre 13 a 20 anos, motivados pela curiosidade ou por convites de amigos. Rick fala da sua experiência:

Eu já fumei muito, mas hoje eu não fumo. Em 2018 eu comecei a fumar na escola porque eu tava gostando de uma pessoa, eu ia atrás dela fumar. Todos os dias na aula, 2 vezes por dia, e isso acabou me afetando, não nos estudos, mas afetou o meu psicológico. Eu perdi 2 dias de trabalho, não fui para não perder de fumar com os meninos, acabei perdendo 10 dias de trabalho, eu não dei satisfação. Aí comecei a mudar, me chamava e eu não ia fumar (Trecho da entrevista individual via rede social – 07/04/2020).

Segundo Bolha:

Comecei precocemente com 13 anos. Eu escolhi para minha vida depois realmente de ter pesquisado muito, entrei por causa de amigos que me chamava e a curiosidade também de ter que fazer aquilo. Eu acredito também que é muito da proibição, às vezes as pessoas acham que proibido é mais gostoso. [...] querendo ou não, de uma forma ou outra, hoje em dia tudo é droga, se você é viciado em assistir televisão é uma droga, tá ligado. Então eu acredito que isso é algo relativo (Trecho da conversa em grupo via videoconferência – 04/04/2020).

Sendo assim, poucos são os recursos disponíveis ao tratamento a quem tem o propósito de redução de danos e fortalecimento da autonomia. E as intervenções para quem é consumidor das drogas, dadas como ilícitas, são com perspectiva estigmatizadora e criminalizante, especialmente para os pobres e negros. Eduardo Santos (2010, p. 171) considera que “a socialização e os modos de vida daqueles que ingressam no consumo de drogas mudam significativamente e eles, para se protegerem, necessitam distanciar-se do seu contexto anterior (relações, vínculos e pertencas)”. Os jovens entrevistados revelam que geralmente consomem entre amigos, e descrevem a sua relação com a substância, de acordo com Bolha:

Assim como tudo que em excesso na vida pode fazer mal. A maconha me faz bem, inclusive me ajuda a escrever, a ter inspiração, aí fazer qualquer outro tipo de coisa, a trabalhar. Às vezes eu sinto mais revolta, e aí não dá vontade de usar para não amenizar a revolta, isso no caso de usar para escrever (Trecho da roda de conversa via videoconferência – 04/04/2020).

Na visão de Larry (Trecho da roda de conversa via videoconferência – 04/04/2020): “a gente tem que se desconectar das coisas ruins, a gente fala em coisas boas, a gente sente feliz, sente leve, sente mais conectado com as pessoas que estão ao nosso redor da gente”.

Durante a conversa, os jovens traziam explicações e argumentos fundamentados a partir de pesquisas que fizeram sobre as drogas ditas ilegais, os efeitos, dados de países que liberam o consumo, dentre outras informações. Conforme Bolha:

Como tudo que eu faço na minha vida eu gosto de pesquisar, acabei pesquisando para saber até o que tava dentro de mim, é algo importante também saber, tipo, hoje em dia países que já estudaram isso [...] acredito que falta informação chegar nas pessoas, assim como tudo, falta a pessoa querer a perda de ignorância, a pessoa querer se informar, até para poder conversar com seus filhos ou algo assim (Trecho da conversa em grupo via videoconferência – 04/04/2020).

São diversas as complexidades que envolvem o consumo de drogas, inclusive pela sua criminalização. Ao refletir sobre as mudanças na realidade da juventude negra nos espaços como escola, comunidade e família, percebemos que essas instituições têm dificuldades no enfrentamento de situações que permeiam a vida do jovem que consome drogas. Uma das estratégias comuns é o isolamento ou distanciamento do considerado “marginal”, pois é uma “má influência”. Como afirmam Nery Filho e Messeder (2004, p. 63), “estigmatizado, marcado, o sujeito passa a carregar o fardo da identidade de marginal, que aos poucos vai se construindo”. Logo, a visão moralista do senso comum privilegia o maniqueísmo que estigmatiza e reforça estereótipos. Conforme as pesquisas de Zaluar (1994, p. 117), “os consumidores vivem para o próximo prazer, afetando no máximo a si mesmos, mas os cidadãos cumpridores da lei consideram os viciados, assim como os traficantes, agentes modernos do eterno demônio”.

Deste modo, os estudos multidisciplinares sobre o consumo de drogas entre jovens apontam para a importância da boa informação para desmistificar a visão puramente maléfica das substâncias e de seus consumidores.

Cabe mencionar a relação dos jovens consumidores com seus familiares, assim, Bolha narra:

As pessoas que moram na minha casa sabem, podem até não aceitar. No começo é sempre algo assim, tem pessoas que são de outra época que não têm muito convívio, não têm muito conhecimento. Durante um tempo foi ruim, mas aí depois as pessoas viram o que eu sou, que eu corro atrás, que eu trabalho. Aí hoje aceitação é um pouco maior, não é mais aquele monstro, é mais pelo que eu sou de verdade (Trecho da conversa em grupo via videoconferência – 04/04/2020).

Ao dialogar com a sua experiência familiar, Larry se expressa da seguinte forma: “minha mãe finge que não sabe, aí ela disse que se ela tiver confirmação, ela vai me tirar de casa. A minha mãe já fazia uso de substâncias ilícitas e hoje em dia quer me reprimir” (Trecho da conversa em grupo via videoconferência – 04/04/2020).

Para Clara, que é filha de policiais:

Eles super condenam, não tem nem como eu falar sobre isso, não existem nenhuma possibilidade de eu falar sobre. Eles falam o que a maioria dos pais falam, hoje ele trata como se fosse qualquer outro tipo de droga, sabe, que pudesse me levar a um lugar que eles não quisessem, só que não me afeta em nada, eu continuo fazendo todas as minhas coisas, nunca me atrapalhou por conta disso (Trecho da conversa em grupo via videoconferência – 04/04/2020).

Caríssimo estado

*Caro estado,
Desgraçante e desgraçado,
devolva meu dinheiro,
irei administrá-lo.
Constitui-se uma constituição,
onde dever e obrigação,
no papel, são lindos,
mas, na prática, funcionam? Não!
[...] A saúde já está morta,
minha vida, quem se importa?
(Vanessa Sena de Almeida, poema “Caríssimo estado”, publicado no livro
“O diferencial da favela...”, Sarau da Onça, 2017, p. 96)*

No cenário das políticas de saúde pública e educação sexual, o segmento juvenil vivencia a precarização dos serviços de saúde nas periferias, especialmente na fragilização das informações disponibilizadas quanto à prevenção/tratamento de doenças sexualmente transmissíveis e gravidez precoce. Vale mencionar que, culturalmente, é apontada apenas para as meninas a responsabilidade quanto à prevenção da gravidez, isentando a obrigação dos meninos, o que corrobora uma

espécie de machismo institucional. Cabe destacar a importância da educação e atenção no desenvolvimento sexual e afetivo da juventude. Conforme as interpretações de Eduardo Santos (2010, p.128), “é possível que a própria rapidez das transformações maturacionais dificulte a percepção de que as meninas não são mais crianças e estão cada vez mais precocemente tendo contato com novas experiências, como as afetivas”. O que requer o cuidado dos adultos na orientação e referências quanto à vulnerabilidade das jovens na construção do vínculo afetivo e sexual, inclusive quando a relação é de opressão e dominação, sentidas pelas mulheres em geral e jovens de bairros periféricos e negras, em particular.

Dessa forma, vale ampliar a discussão sobre o possível envolvimento das jovens com o tráfico de drogas, por compreender o que acontece de maneira específica entre as jovens em situação de vulnerabilidade econômica e social. De acordo com Eduardo Santos (2010, p. 128), existem diversos elementos que envolvem esse cenário, tais como: o crescimento acelerado, saída da infância e assunção de novos papéis; início das práticas sexuais, relacionamentos afetivos e submissos com os jovens inclusos na marginalidade; consumo de drogas e mudanças de hábitos, etc. Sem falar de ambientes familiares machistas com frequentes casos de abuso sexual.

A relação das meninas com os jovens inseridos no tráfico é permeada pelo status e poder. A dominação masculina, que é histórica, também é um elemento presente na construção de um relacionamento que a jovem receia terminar e, por medo, permanece submissa às vontades do parceiro. Compreender como acontece o vínculo e o processo das jovens nesse contexto é relevante para o fortalecimento da sua emancipação feminina, considerando a sua construção social, história de vida, seus desejos e projetos de futuro.

Mais uma

Quem ia imaginar

Que quando eu desse um basta você ia me matar...

Um amor tão lindo, seu ciúme tão meigo.

Romantizei sua possessão enquanto caminhava para o abatedouro

Mas onde iria eu arrumar outra pessoa que me quisesse?

Você fazia questão de me lembrar o tempo todo.

(Ana Carolina Fernandes, poema “Mais uma”, publicado no livro “O diferencial da favela...”, Sarau da Onça, 2019, p. 46).

Ao tratar da vulnerabilidade, é fundamental destacar o vínculo e a importância da família durante o processo de desenvolvimento do membro familiar:

A iniciação das crianças na cultura, nos valores e nas normas de sua sociedade começa na família. Para um desenvolvimento completo e harmonioso de sua personalidade, a criança deve crescer num ambiente familiar, numa atmosfera de felicidade, amor e compreensão (KALOUSTIAN, 2011, p. 5).

A família é a primeira instituição que influencia na construção do indivíduo. À medida que acessa outros espaços, este tem a possibilidade de ampliar o olhar sobre a realidade. Segue os relatos dos jovens referentes ao ambiente familiar:

Até certo tempo eu não me considerava uma pessoa negra periférica, os meus pais são policiais militares, eles têm uma visão muito elitizada, e eu fui criada com essa visão [...] Tá os meus pais pensam assim, eu fui moldada assim o tempo inteiro (Clara - Trecho da roda de conversa presencial – 14/03/2020).

Ainda na perspectiva do âmbito familiar, menciono as narrativas dos jovens sobre a ausência da figura paterna. Dos 5 jovens que participaram da roda de conversa, 4 deles não conviveram ou conviveram pouco com o pai. Expressam suas dores, medos e como pensam sobre a falta dessa referência.

Bolha revela: “meu pai mora em São Paulo e nunca teve tão presente na minha vida; não posso muito falar o que é isso, assim é a realidade de várias pessoas que está na periferia, não tem o seu pai perto de você, não ter aquela força paternal”. E ele acrescenta:

Desde pequeno eu moro na casa da minha vó, minha mãe morava aqui, só que acabou se mudando. Minha relação com ela é poucas palavras, ela mora aqui em cima, mas poucas vezes vem aqui em casa e tudo mais, mas não acaba sendo uma relação ruim, mas também não é uma relação boa (Trecho da roda de conversa presencial – 14/03/2020).

Franklin diz: “o meu progenitor é Antônio Silva de alguma coisa aí, meu progenitor não tem nenhum peso não, sou filho de mãe solteira”. Essa relação tem uma forte influência na história do jovem, pois demonstrava certa tensão ao abordar esse assunto e, ao longo da atividade, voltou a falar:

Você não tem uma referência, sabe! Eu não quero ser o que eu tenho como referência de pai, você não tem essa referência, hoje coloca em dúvida. Isso me incomoda, porque eu fico me indagando que eu posso acabar me tornando parecido, gera muito medo sobre isso, aquela falta que te moldou [...] Meu pai descobriu que minha mãe tava grávida e foi embora (Trecho da roda de conversa presencial – 14/03/2020).

Franklin expressa o medo de se tornar igual ao pai. No diálogo, outros jovens fizeram questão de participar, apontando uma forma de Franklin olhar essa realidade, como disse Larry: “você sabe que aquilo é o que você não quer para você, se você tem um exemplo ruim com o seu pai, como o que eu tive com o meu, eu sei o que eu não quero para o meu filho [...] meu pai abandonou a casa desde 2016”. Bolha acrescentou: “meu pai foi um cuzão, um filho da puta a minha vida toda, por que eu vou querer ser assim com o meu filho?” (Trecho da roda de conversa presencial – 14/03/2020).

Nessa perspectiva de formação do jovem, compartilho a narrativa de Larry: “desde criança eu fui criado numa família semiconservadora; não era totalmente conservadora, porque entre uma visão e outra, minha família tinha uma visão que implicava em tentar encontrar o melhor pra mim”. Em seguida, o jovem explica essa dimensão conservadora da família que, junto com a religião, influenciaram na sua vida:

Eu fui criado num ambiente cristão até meus 11 anos, toda a minha família saiu ao mesmo tempo da igreja. Algumas questões que tinham dentro da igreja continuavam comigo em questão daquele ambiente conservador, e eu mantinha algumas dessas questões, eu não conseguia me identificar como uma pessoa negra periférica por conta dessa questão toda, dessa lavagem cerebral que a gente acaba sofrendo em alguns ambientes religiosos (Trecho da roda de conversa presencial – 14/03/2020).

Larry acrescenta: “eu fui criado de uma maneira e depois eu percebi que não era a maneira correta; então, Sarau da Onça foi o principal para abrir a minha mente em relação a isso e eu percebi que o modo como eu tratava as questões era errado”.

Nessa perspectiva, segundo o depoimento de Bolha:

Comecei a vida no ambiente evangélico e isso já coloca uma visão na nossa mente diferente do que realmente você está na realidade. Eu não gostava de ir, eu ia porque tinha que ir para a igreja, depois que a pessoa sai disso, tipo meio que sai dessa bolha, você acaba entrando realmente na realidade, não foi diferente comigo, quando eu saí da igreja eu comecei a ver o mundo diferente (Trecho da roda de conversa presencial – 14/03/2020).

A família, que é a primeira a prover o cuidado e conduz os primeiros aprendizados, experiências afetivas e a socialização primária, geralmente é culpabilizada por envolvimento dos filhos em atos ilícitos. Fica claro que a família

necessita também do apoio e amparo das demais instituições para cumprir as suas funções de forma plena, pois sobrevive à lógica capitalista, diante de uma realidade atrelada ao desemprego, trabalho informal, baixos salários, violência, etc, enfim, à presença da desigualdade social. Nesse sentido, ressalta Kaloustian (2011, p. 12) sobre a família: “é também caracterizada por problemas sociais de natureza diversa, tais como atentados frequentes aos direitos humanos, exploração e abuso, barreiras econômicas, sociais e culturais ao desenvolvimento integral de seus membros”.

Muralhas ou migalhas?

[...] A vida de papai nunca foi fácil: retirante quando criança; trabalhou no corte de cana quando adolescente; tangeu muita boiada quando jovem; e envelheceu antes do tempo: bebendo pelas calçadas, bares e ladeiras triturando, calado, os murros que o racismo lhe dava todos os dias: sem oportunidades de bom emprego, sem valorização, sem plano de carreira. Cresci vendo a muralha que era aquele homem transformar-se, aos poucos, em castelo de areia levado pela maré de problemas do dia a dia. (Ana Fátima, poema “Muralhas ou migalhas?”, publicado no livro “O diferencial da favela...”, Sarau da Onça, 2017, p. 92).

Cabe apresentar o relato de Carolina de Jesus (1960, p. 9), pois, apesar do fato ter acontecido em 1955, na contemporaneidade, ainda é uma realidade sentida pelos “favelados”. Quando a escritora narra, no livro “O quarto do despejo”¹⁸, o aniversário da filha: “eu pretendia comprar um par de sapatos para ela mas os custos dos gêneros alimentícios nos impedem a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida”.

Logo, as famílias periféricas vivenciam a negação de realizar seus desejos ou seria a negação a ter direitos, direito a dignidade, direito ao emprego formal, enfim, direito a condições fundamentais para cumprir com o seu papel como pais e provedores de condições materiais e de sonhos.

Diante da escassez de alimento, da dor de ouvir seus filhos chorando ou desmaiando de fome, cabe destacar a busca de estratégias de sobrevivência dos pobres, desempregados que, sem perspectivas de trabalho formal, são obrigados a aceitar atividades informais. Sentem a opressão, a exploração da sua força de trabalho, com remuneração inferior aos seus esforços, cientes de que o aumento da

¹⁸ O livro “Quarto do despejo: diário de uma favelada”, publicado em 1960, é uma obra literária escrita por Carolina de Jesus. Cabe destacar o fato de a autora ter sido recentemente valorizada como escritora, e como os seus escritos se associam fortemente à produção dos membros do Sarau, que tomam as próprias condições de vida e experiências como matéria prima da literatura.

sua carga horária não garante a valorização da sua força de trabalho nem a igualdade na distribuição do lucro.

Carolina de Jesus (1960, p. 39), mais uma vez, nos ensina a experiência da dor e dos apelos de um torpor qualquer: “a tontura da fome é pior do que a do álcool. A do álcool nos impele a cantar. Mas a da fome nos faz tremer. Percebi que é horrível ter só ar dentro do estômago”.

O cotidiano do “favelado” é envolvido por resistência e luta pela existência nesse mundo cruel, inclusive quando a família tem chefia feminina, como o caso da história de Carolina de Jesus, que enfrenta a responsabilidade de prover o sustento dos filhos, submetendo-se a atividade laboral opressora. Na atualidade, continua sendo a realidade vivenciada por uma enorme parcela das famílias periféricas. Como afirma Carolina de Jesus (1960, p. 37), “duro é o pão que nós comemos. Duro é a cama que nós dormimos. Duro é a vida do favelado”.

Dessa forma, é indispensável a intervenção do Estado, não na perspectiva de responsabilização da família nos cuidados com seus membros, como afirmam Miotto, Campos e Carloto (org.) (2015, p.226), “julgando as famílias vulneráveis como incapazes, incompetentes para criar seus filhos, como responsáveis pelos problemas que seus membros enfrentam”; mas, sim, a partir de políticas públicas desenvolvidas de forma plena, no sentido de garantia de direitos e cidadania, ou seja:

[...] a oferta universal de serviços dirigidos à família, como suporte, apoio, cuidados domiciliares e serviços alternativos diurnos para os membros dependentes, por idade, problemas de saúde, desemprego, falta de qualificação e para ocupação do tempo livre de idosos, adolescentes e crianças com atividades socializadoras, esportivas e educativas, dentre outras (MIOTTO; CAMPOS; CARLOTO (org.), 2015, p. 218).

Na formação do jovem que convive com o membro familiar que é trabalhador do tráfico, ocorre o risco de tornar-se um ciclo seguido por outras gerações, pois a família é a primeira instituição que promove o aprendizado e, com a referência de uma imagem vantajosa do tráfico demonstrada através do ganho rápido de dinheiro, do status, do poder, etc., dá-se a possibilidade de cooptação do jovem.

Vale mencionar as possíveis situações vivenciadas no âmbito familiar em relação à violência doméstica e ao abuso sexual infanto-juvenil, bem como esse cenário na formação dos jovens, inclusive de meninas que são abusadas, na maioria

das vezes, por parentes, revelando uma vida marcada pelo medo, a desvalorização do feminino e a ausência de sua condição de igualdade e respeito. Nesses casos, cabe a intervenção das demais instâncias responsáveis pelos considerados públicos vulneráveis, sendo fundamental a ação do Estado e da sociedade na proteção integral.

Poço de melancolia

*Menina negra, de bairro periférico, descobriu
Que o pai era seu próprio inferno.
[...] Criança doce deu adeus à vida,
Viveu seus últimos dias, afundada em melancolia.
Descanse em paz menina, em meu coração você ta guardada
E quanto aos pedófilos, QUE NÃO SE ESCONDAM MAIS!
(Rafaela Borges, poema “Poço de melancolia”, publicado no livro “O diferencial da favela...”, Sarau da Onça, 2019, p. 132).*

No cenário de violência e abuso sexual, bem como das relações afetivas e sexuais de risco, é indispensável a educação sexual e de gênero, a ser desenvolvida pelas principais redes, tais como: família, representantes da saúde pública e escola, porém cabe ressaltar a lacuna na garantia desse direito para as jovens.

Na roda de conversa presencial, foi abordado o tema da violência contra as mulheres e, nesse sentido, Franklin compartilhou as suas experiências em relação à masculinidade tóxica:

Nós homens também sofremos o machismo, não como vocês mulheres, mas sofremos na questão da virilidade, tem sempre essa de, o homem tem que provar ser másculo, tem que andar e se portar como homem. Não gera um espaço para você se conhecer [...] eu sofri e não sabia que estava sofrendo com relação a isso, só quando cheguei na fase adulta que eu parei para perceber essas coisas. Quando eu estava no colégio e me pediam uma postura de ser homem másculo, de chegar lá e pegar novinha. Me colocavam como gay. Hoje eu acho ridículo, mas para nós homens ser gay era um negócio que joga você lá no fundo do poço (Trecho da roda de conversa presencial – 14/03/2020).

E acrescenta que hoje “taco o foda-se se a pessoa acha que eu sou gay [...] conviver com o sofrimento de outros homens não héteros e a luta de vocês mulheres tem me ajudado bastante a perceber como é ridículo isso”.

Cabe mencionar as singularidades das experiências de Rick, inclusive relacionado à sua orientação sexual no ambiente familiar:

Eu sempre fui gay, desde os 5 anos de idade eu gostei de brincar de boneca. Eu tenho irmãos que não falam comigo por conta disso, de não aceitar. Minha família não me aceita, não me respeita, ela me atura. Com 16 anos meu pai me expulsou de casa. Foi uma discussão que a gente teve. Ele sempre fala “acho bom você sair da minha casa”, mas só fala, e nesse dia ele pegou minhas roupas e jogou na sala e disse que era para eu sair da casa dele, eu arrumei as minhas coisas, chorando, mas segurando as lágrimas, saí de casa. Fiquei um tempo na casa da irmã de um amigo meu. Minha mãe conversou com o meu pai, ele me deu uma casa de aluguel, mas com condições, eu teria que pagar a luz, metade do aluguel para ele, fora que eu teria que me virar para me sustentar. Eu não tinha fogão, não tinha armário, não tinha geladeira, eu comprava biscoito, comprava suco, às vezes eu comprava mortadela e pão. Mas depois de um ano eu acabei voltando. Hoje a gente vive se aturando (Trecho da entrevista individual via rede social – 07/04/2020).

O jovem acrescenta: “minha mãe sonha em ter um filho que case com a mulher e dê netos para ela. Eu falei com ela, eu não sou o padrão de filho que vou casar com a mulher e vou ter filho”.

Considerando a realidade de repressão sexual e homofobia sentida pelo jovem Rick, enfatiza-se a sua articulação entre os marcadores de classe social, raça, gênero e sexualidade. Nesse sentido, Akotirene (2018, p. 68), no seu livro “O que é interseccionalidade?”, defende os estudos de Kimberlé Crenshaw, que definiu interseccionalidade como:

A conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, as opressões de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento.

O modelo ideal a ser reproduzido é o heterossexual, os demais são estigmatizados como anormais, inferiores e até mesmo doentios. E a opressão é ampliada quando se é gay, pobre e negro. Rick desabafa sobre a homofobia e a masculinidade frágil:

Você não é homofóbico, mas você não pode tá perto de um gay que sua masculinidade frágil se inflama, a masculinidade frágil dos héteros de hoje em dia é o maior ápice para a homofobia tanto direta quanto indireta. Porque às vezes tem aquelas que são homofóbicas e que não gostam, e tem aquelas pessoas que dizem que não são homofóbicas, mas tem atitude homofóbica, às vezes no jeito de olhar, de falar e em situações por conta de amigos, pra de certa forma sustentar o padrão de heteronormativo (Trecho da entrevista individual via rede social – 07/04/2020).

Rick complementa: “passei muito tempo ligando para a opinião das pessoas, o que achavam de mim. Sempre me dispus a seguir o padrão que todo mundo queria que eu seguisse, até um dia que eu não quis mais”. Rick nos presenteia com a sua recente produção poética:

Coragem

*[...] E esse é o dilema que vivo no dia a dia
 Tratado como embalagem
 Pois a todo momento tentam rotular a minha imagem
 Dizendo o que eu posso ou não fazer
 E nem posso correr atrás
 Pois cresci ouvindo que eu parecia um botijão de gás[...]*

Em suma, a partir da articulação entre os autores e os depoimentos citados em relação às experiências da(s) juventude(s) em situação de vulnerabilidade, revelam-se histórias de dores, medos, força e lutas diárias diante das ausências/fragilidades das políticas públicas. Demonstra-se a diversidade dos modos de ser jovem da periferia, considerando as suas experiências singulares, como a orientação sexual do jovem Rick, para alguns a ressignificação do ser jovem da periferia ou o recente pertencimento periférico de Clara, dentre outros. Logo, essas vivências revelam a construção e reconstrução ao longo da vida dos jovens e como as instâncias (família, escola, religião, Sarau da Onça, entre outras) influenciam nesse processo formativo único.

Veremos, logo a seguir, que o genocídio dos jovens negros periféricos é um risco sentido nesse espaço, bem como as dores, os medos e, por outro lado, a luta pelo direito à vida e a dignidade humana.

2.1.1 As vidas da(s) juventude(s) negra(s) das periferias de Salvador: humano x desumano

A ampliação do Estado na totalidade da garantia de direitos é fundamental para a consolidação da proteção social; logo, quando o poder público assegura o mínimo de intervenções, ou apenas uma política, como geralmente acontece na periferia, restringida à política de Segurança Pública, e se isenta na efetivação das demais políticas, deixa os moradores expostos aos riscos e, assim, desprotegidos socialmente.

No debate sobre a existência e o valor da vida juvenil, tomamos como referência a análise de Kowarick (2009, p.19), que afirma: “sobre a vulnerabilidade civil, refere-se à integridade física das pessoas, ou seja, o fato de vastos segmentos da população estarem (sic) desprotegidos da violência praticada por bandidos e pela polícia”. É indispensável fomentar denúncias sobre a situação sentida nas periferias com relação ao direito à vida, pois, cotidianamente, os jovens negros são exterminados. Quem são os responsáveis pela segurança desse grupo? Até quando as famílias pobres serão penalizadas por essa lógica cruel?

Nesse contexto, segundo as análises de Eduardo Santos (2010, p. 103), “existe uma guerra não declarada. Jovens, envolvidos ou não na marginalidade e no tráfico, estão morrendo e têm seus horários de entrada e saída, assim como os espaços de trânsito na periferia, restritos”. Nesse sentido dialogaremos com os autores e as experiências dos jovens entrevistados em relação à Segurança Pública na periferia, tráfico de drogas e o genocídio da juventude negra. Assim, Bolha relata que:

Minha namorada mora na rua da “Boca”, tipo para eu ir para lá, eu tenho que descer a ladeira, eu tenho que subir a ladeira, e se eu tiver subindo a ladeira e a polícia passar, eu vou ser o quê? Eles vão querer saber se eu tô voltando da casa da minha namorada, eles vão querer saber se eu tô fazendo alguma (Trecho da roda de conversa presencial – 14/03/2020).

Homem fardado

*O que é necessário fazer, pra tu crer,
Que preto não é sinônimo de ladrão?
Que nem todo favelado anda armado [...].
(Vanessa Sena de Almeida, poema “Homem fardado”, publicado no livro “O diferencial da favela...”, Sarau da Onça, 2017, p. 50).*

O que justifica o crescente número de homicídios da juventude negra periférica? Quem são os executores dessa barbárie? Será que a sociedade é permissiva com essa realidade? Essas questões são complexas e envolvem abordagens, tanto do senso comum, como críticas. Para tanto, é essencial propor debate sobre a imagem conservadora da relação criminalidade e pobreza e, na contemporaneidade, a ênfase é no tráfico de drogas. Marielle Franco (2018, p. 47) propõe a seguinte perspectiva: “há uma visão impregnada na sociedade de que os moradores de favelas são, em sua maioria, participantes do varejo das drogas

imposto pelo tráfico na comunidade, o que não se justifica por nenhuma evidência empírica”.

Para compreender a materialização de um padrão de imagem sobre os moradores da favela, recorremos a Pimenta (2018, p. 118):

Nesse processo de construção ideológica, os meios de comunicação de massa são fundamentais, como instrumentos de manipulação na difusão de estereótipos dos criminosos e, sobretudo, do alarme social, essencial para obtenção de apoio e legitimidade a políticas repressivas inspiradas nas teorias de lei e ordem.

O autor salienta a presença do estereótipo do criminoso, geralmente com as características de jovem negro da periferia; para a construção dessa crença, tem-se o apoio manipulatório dos meios de comunicação que realizam a abordagem das informações nessa perspectiva.

A partir do exposto, Milton Santos (2001, p.17) conclui que a tirania da informação é um dos pilares da produção da história atual do capitalismo globalizado, sendo uma situação em que “[...]progresso técnico é aproveitado por um pequeno número de atores globais em seu benefício exclusivo”.

Alianças são construídas com o propósito de alimentar a supremacia do capital com informações manipuladas, para beneficiar os grupos que detêm o lucro e almejam ampliá-lo. Entretanto, as consequências da tirania da informação são sentidas pelos segmentos desfavorecidos da população, como os periféricos.

Cabe desmitificar a suposta neutralidade na veiculação das informações, pois é nítida a influência de interesses ideológicos, bem como políticos, como aponta Mendes (2017, p. 30):

A mídia é capaz de informar e fazer um trabalho de detalhamento sobre os fatos; de construir sentidos e provocar interpretações, reproduzir valores, preconceitos e estereótipos sobre determinados fenômenos e classes sociais, a partir da utilização de jogos manipulatórios condicionados, sobretudo, por valores e interesses políticos e ideológicos dos grupos dominantes.

Dessa forma, revela-se o uso da informação como subsídio de sustentação dos interesses hegemônicos, unidos na garantia de uma globalização extremamente capitalista, excludente, desigual, individualista, e não comprometida com o humano. As interpretações de Milton Santos (2001, p.20) nos ajudam a compreender esta associação entre mídia e interesses econômicos globais:

As mídias nacionais se globalizam [...]. Falsificam-se os eventos, já que não é propriamente o fato o que a mídia nos dá, mas uma interpretação, isto é, a notícia. [...] O evento já é entregue maquiado ao leitor, ao ouvinte, ao telespectador, e é também por isso que se produzem no mundo de hoje, simultaneamente, fábulas e mitos.

Ao refletirmos sobre a atuação da mídia e as verdades dos fatos, fica evidente a criação de realidades interpretadas de acordo com os seus interesses e dos demais grupos dominantes, crenças que são reproduzidas constantemente de modo a se configurarem como verídicas para quem as acessa, ou seja, é forte a influência dos meios de comunicação sobre a opinião pública, inclusive através dos programas que focam na criminalidade e violência, como salienta Mendes (2017, p. 37):

Ao evidenciarem os envolvidos e as provas, nesse cenário, o que esses programas ainda objetivam é despertar a indignação dos telespectadores, convocados a concordarem com a gravidade dos acontecimentos e com o suposto mal dos acusados.

Notória a intencionalidade das narrativas dos meios de comunicação enquanto estratégia de controle da população, sem preocupação com a autenticidade dos conteúdos, com a dor das famílias e com a exposição de corpos ceifados, naturalizando o cotidiano da violência. Nesse cenário, a elevada audiência desses programas aponta a importância da leitura crítica das informações acessadas, bem como do estímulo às mídias alternativas, possibilitando ampliar os horizontes discursivos sobre a realidade.

Favela graduada

*Quero é que parem de nos matar
De justificar assassinato com tiro acidental
Porque na periferia pode, né? é normal.
Quando vamos parar de naturalizar essas coisas?
De assistir Bocão dizendo que só morre assim porque fez essa escolha!
Desgraça, quem escolhe morrer?
Cê acha que os pivete vai pra pista por que quer ou por que não têm o que comer?
Para pra pensar e veja que na pirâmide econômica a gente é o corpo e não a ponta.
(Sandro Sussuarana, poema “Favela graduada”, publicado no livro “O diferencial da favela...”, Sarau da Onça, 2019, p.32).*

Observamos a perpetuação da representação estereotipada do criminoso, o jovem negro e pobre. Aquele que é perigoso, que “o cidadão de bem” deve temer e

segurar a bolsa com medo de ser assaltado, que justifica ser executado em nome da segurança e ordem social, afinal, “bandido bom, é bandido morto”.

Nesse estudo, cabe o debate da atuação do Estado, que é desenvolvida através da representação de diversas instituições. Para Pimenta(2018, p.103), “a imagem do criminoso violento e perigoso legitima socialmente, assim, a atuação do poder punitivo, desde a truculência policial até as decisões judiciais que condenam com poucas provas e aplicam sanções duras(...)”. Isto é, as intervenções repressoras são desenvolvidas em determinados territórios e segmentos sociais; logo, só quem é morador da favela sabe e sente como é a atuação da Segurança Pública nas ruas principais, e em especial nos becos desses territórios. Bolha desabafa:

Eu já fui abordado quando eu ia trabalhar; eles queria levar o meu dinheiro, o meu único dinheiro, eu não tinha nada, não tinha nenhum tipo de droga, tipo me taxar de vagabundo quando na verdade eu tava trabalhando(Trecho da roda de conversa presencial – 14/03/2020).

Em relação à atuação do Estado policial e punitivo nas periferias, cabe enfatizar a importância da dissertação de Marielle Franco, que analisa as Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) nas favelas do Rio de Janeiro.

Para a autora (2018, p. 27), as UPPs se firmaram como uma política que “fortalece o Estado penal¹⁹, com o objetivo de conter os insatisfeitos ou ‘excluídos’ do processo, formados por uma quantidade significativa de pobres, cada vez mais empurrados para os guetos das cidades”.

A intencionalidade do Estado penal não é a proteção e segurança dos moradores daqueles territórios, apesar de terem esse direito como qualquer outro cidadão, mas de elaborar cruéis mecanismos de controle do pobre, esses sujeitos que não são considerados humanos e dignos de exercera sua existência na totalidade.

Desse modo, uma parcela da sociedade, preocupada com o avanço da violência e o tráfico de drogas, e por acreditar que essa realidade tem origem na

¹⁹ Estado penal é um conceito trabalhado por Marielle Franco, conforme conceituado por LoïcWacquant (2007, 2012). Para o autor, “é precisamente devido ao fato de que as elites estatais, convertidas à ideologia dominante do mercado todo-poderoso, irradiada dos Estados Unidos, reduzem ou abandonam as prerrogativas do Estado nos assuntos socioeconômicos que elas devem, de todas as formas, aumentar e reforçar sua missão nos assuntos de ‘segurança’ – após terem-na reduzido abruptamente à sua única dimensão criminal – e, além disso, fazer a assepsia do crime da classe baixa nas ruas, em vez de enquadrar as infrações da classe alta nas grandes corporações” Wacquant (2007, p. 203 *apud* FRANCO, 2018, p. 60).

periferia (imagem criada a partir da contribuição dos aparelhos ideológicos que defendem os interesses hegemônicos), defende a ação da polícia. Tal processo é essencial para o projeto do Estado penal e da elite em conter o pobre, e não revela a ausência das demais políticas sociais e as inúmeras demandas que envolvem a população periférica. Segundo Marielle Franco (2018, p. 46):

Grande parte da população é marcada por percepções segundo as quais as favelas são vistas em oposição ao conjunto da cidade. Tal fato tem grande interferência na vida dessas comunidades, pois, com frequência, o papel repressor do Estado é legitimado pelo senso comum, o que reforça as incursões policiais e uma atuação diferenciada nesses territórios da cidade.

De acordo com as explicações de Duarte (2018, p. 21):

A criminalização da pobreza e seletividade penal são resultantes de uma sociedade desigual; marcada pelos altos índices de concentração de renda, pelo cerceamento ao espaço público, pela guetização das áreas periféricas, bem como pelo encarceramento dos mais pobres, em maioria negros e com baixa escolarização, que habitam esses territórios hoje considerados e institucionalizados pelo poder público como guetos, vilas ou favelas.

Dessa forma, o senso comum dissemina o falso discurso de que a predominância de negros e negras pobres no sistema penal é devido a sua aptidão ao crime, culpabilizando o sujeito e não revelando a origem desse processo, como a perversa discrepância na distribuição de renda e a escassez do acesso aos diversos direitos que permitem o exercício da cidadania plena.

Cabe compartilhar a análise de Espinheira (2004, p. 127), ao afirmar que “a pobreza não é o fator único e determinante para o crime, mas pode ser entendida como um fator contribuinte, gerado pela desigualdade social e caracterizado por seu estágio de acentuada miséria”.

Nessa perspectiva, para Pimenta (2018, p.103):

As prisões no país são habitadas majoritariamente por pessoas jovens, negras e de baixa escolaridade, o que indica que a pobreza e a vulnerabilidade social são fatores importantes para a probabilidade de incidência de processos de criminalização e aprisionamento.

Está claro que não é aptidão ao crime e nem é exclusivamente a pobreza que determina o ato, mas diversos fatores que envolvem os sujeitos. Logo, desnaturalizando a relação criminalidade e pobreza, e que todo pobre é

criminoso, compreendemos que há uma seletividade no sistema penal que justifica a predominância de um perfil de público nos processos de criminalização e encarceramento, com enfoque no recorte de classe social, idade, cor/raça e escolaridade.

É inegável a presença do fator classe social na seleção penal, como afirma Espinheira (2004, p. 35): “a justiça faz-se presente e imediata quando o delituoso é pobre, é lenta ou omissa quando se trata de delituosos de classe média ou alta”, ou seja, o tratamento é desigual no que tange aos tipos de crimes executados pela elite, pelo fato de considerar não haver motivo para punição, influenciando no tempo na prisão, bem como no recurso disponível para a saída ou no acesso às informações quanto ao atendimento pelo defensor público.

De acordo com as investigações de Pimenta (2018, p.104), “o sistema penal está voltado à repressão das classes mais pobres, e isso se mostra presente, inclusive, nos tipos de crimes aos quais ele preferencialmente se dirige”. O autor acrescenta que os delitos que levam os pobres à prisão estão relacionados a desigualdade: “a preferência do sistema penal pelos crimes a que os pobres estão mais susceptíveis como o furto, o roubo e o tráfico de drogas”.

Nesse contexto, se revela a intencionalidade quanto aos tipos de crime escolhidos como prioridade para repressão da Segurança Pública, na contemporaneidade. Nos seus estudos, Pimenta (op.cit.) apresenta dados que demonstram o crescimento do número de presos em virtude da repressão ao tráfico de drogas. Porém, cabe ressaltar que as prisões são de pequenos traficantes que estão na ponta do comércio de drogas, ou seja, na sua maioria, jovens da periferia. Para a sociedade hegemônica, a representatividade do tráfico é a favela, não se analisa a existência de um grupo elitizado que detém o poder e o lucro, e que raramente é punido.

Segundo Velho (1994, p.27), “como tráfico de drogas é uma das atividades mais lucrativas de que se tem conhecimento, torna-se uma tentação quase irresistível para certos aplicadores de capital menos éticos”, e quando aliado com o comércio internacional e o tráfico de armas, cresce o acúmulo de capital nas mãos de determinados segmentos sociais. Pois, o autor acrescenta, há “[...] conexão entre traficantes e poderosos setores das elites oficiais, tanto econômicos quanto políticos de diversos países”.

De acordo com Salama; Fonseca (1993; 1992 *apud* ZALUAR, 1994, p. 106):

O crime organizado desenvolveu-se nos atuais níveis porque tais práticas socialmente aceitáveis e valorizadas foram proibidas por força da lei, possibilitando níveis inigualáveis de lucros a quem se dispõe a negociar com estes bens. Os lucros não são gerados pela produtividade ou pela exploração maior do trabalho, mas pela própria ilegalidade do empreendimento.

Ou seja, historicamente, nem sempre as drogas foram criminalizadas. Essa mudança é baseada na lógica da produção capitalista que visualiza a rentabilidade desse processo, inclusive nos campos econômico, político e cultural. Assim, considerando as pesquisas de Moisés Oliveira (2017, p. 61): “o processo sócio histórico de institucionalização da comercialização das substâncias vistas como ilegais, como conhecemos hoje, surgiu das várias convenções realizadas por vários países para tornar as drogas ilegais”, bem como o fomento à proibição mais rigorosa, como através da repressão do Estado, gerando um cenário de “guerra às drogas”.

Nesse contexto, conforme os estudos de Brites (2017, p.110), referentes ao proibicionismo:

Durante todo o século XX (e neste início do XXI), serviu para justificar cruzadas morais de corte étnico-racial e de classe, repressões militares aos movimentos insurgentes contra a desigualdade nas sociedades de capitalismo periférico – alguns de caráter anticapitalista, a caça aos inimigos internos e externos, as invasões militares e a associação entre narcotráfico e terrorismo.

São inúmeros os impactos sentidos na sociedade com o proibicionismo e a criminalização do comércio das substâncias consideradas ilícitas, inclusive nos territórios periféricos, com a exploração da mão-de-obra barata, aumento da violência, do encarceramento e assassinatos de jovens negros, enquanto outros atores usufruem do lucro desse processo, aumentando o seu capital. Logo, é nítido que a repressão com medidas drásticas na guerra ao tráfico de drogas não atingiu o propósito de prevenção ao seu consumo. Por outro lado, promove um clima de tensão constante e desumana nas periferias, atingindo a liberdade de ir e vir, gerando traumas diários pelo medo de, ao sair, não saber se retornam para o seio familiar, escolas interrompendo as aulas, famílias perdendo seus entes queridos, bem como a morte de policiais.

Lamento

*E ainda dizem que no Brasil não existe racismo,
Baratino!
O racismo diz que preto é sinônimo de bandido,
Mainha teme quando eu chego tarde em casa,
Por causa desse sistemas cruel e canalha,
Mainha tem medo
Que me “confundam” com ladrão e eu morra cedo.
(Isaac Matos, poema “Lamento”, publicado no livro “O diferencial da favela...”, Sarau da Onça, 2019, p.67)*

Os estudos de Zaluar (1994, p. 9) referentes ao poder estatal, analisam as consequências desta política:

Nestes setores mais vulneráveis à ação policial, os efeitos da própria repressão podem ser desastrosos por estimularem a criminalidade violenta. Isto porque, no combate ao uso de drogas, a polícia tem um enorme poder em determinar quem será ou não processado e preso como traficante, crime considerado hediondo.

Destarte, a polícia, em alguns casos, apresenta atitudes corruptas, violentas e promove sentimento de medo e insegurança, seguindo uma linha contrária às necessidades da sociedade, afinal eles são os representantes da segurança pública.

Homem fardado

*Seu soldado, tu também ta sendo usado,
por esse sistema deturpado,
porque já dizia o ditado:
Soldado morto, farda em outro!
Veja senhor,
sua vida também não tem valor!
[...] Na real, não odiamos a polícia,
E sim a militarização.
(Vanessa Sena de Almeida, poema “Homem fardado”, publicado no livro “O diferencial da favela...”, Sarau da Onça, 2017, p.50).*

São imensuráveis os efeitos das mortes prematuras de jovens negros provocadas pelo Estado, ao serem retirados brutalmente das famílias: mães que sofrem, crianças traumatizadas e assustadas, além da repercussão na comunidade e nos próprios jovens da periferia, marcados pela experiência do assassinato de amigos e pelo medo de ser o próximo, independente da relação com o tráfico de drogas.

Paula começou a narrar sobre a morte do amigo que estava trabalhando para o tráfico, dizendo ter sido assassinado pela PM. Porém, ficou emocionada e não conseguiu concluir e, assim, Bolha seguiu ressaltando:

Saber que as pessoas estão morrendo, são pessoas, são vidas, são seres humanos, elas importam, elas estão ali de alguma forma, poderia estar em qualquer outro lugar, mas está ali, no caso por opção ou por necessidade, mas as pessoas estão e são vidas, a gente não pode deixar morrer (Trecho da roda de conversa presencial – 14/03/2020).

Relacionando o contexto acima e a relação com a poesia, Bolha relatou o seu sentimento de revolta com o que aconteceu com o amigo:

Quando eu tive a primeira oportunidade para recitar, tipo na batalha que eu apresento, eu tive que jogar para fora e recitei com ódio mesmo, aquela emoção de saber que o que eu escrevi antes aconteceu, acontece todo dia (Trecho da roda de conversa presencial – 14/03/2020).

Nesse contexto, destacamos a “Chacina do Cabula”, que aconteceu no dia 06 de fevereiro de 2015, na Vila Moisés, no bairro do Cabula. Nove policiais envolvidos na morte de 12 jovens. Dos mortos, sabemos que todos eram negros, apenas dois tinham passagem pela polícia. Os policiais alegaram legítima defesa. Conforme informações dos laudos, os militares dispararam 500 tiros, quase 100 deles atingiram os corpos negros. O governador Rui Costa (PT) elogiou os PMs, comparando-os a “artilheiros diante do gol”. (Informações adquiridas no site da Geledés. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/chacina-do-cabula-um-ano-12-mortos-e-uma-sentenca-e-absolvicao/>. Acesso em: 02 jul. 2019). Como diz a poesia de um dos idealizadores do Sarau da Onça, a seguir (2017, p.38):

Vila Moisés

*Na coletiva de imprensa
O secretário de segurança
Nos vê como estatística
Comparando execução sumária
Com partida futebolística
Infratores ou não,
O fato é que foram assassinados
Porque o direito à vida
Da tal Constituição
Para o preto, e pobre, sempre é negado.
Aos 13 que se foram
Muita luz, descansem em paz,*

*Quanto a nós, juventude negra,
NENHUM PASSO ATRÁS.
(Evanilson Alves, poema “Vila Moisés”, publicado no livro “O diferencial da favela...”, Sarau da Onça, 2017, p. 38).*

Assim, é fundamental fomentar a discussão sobre o aumento dos homicídios e a discrepância das vítimas no que se refere à condição de raça, gênero, geração e classe social, pois predomina a morte de pessoas jovens, homens e negros da periferia, revelando o descaso pelas existências dessas pessoas.

Na análise do pensador Abdias Nascimento, em seu livro “O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado”, de 1978, o autor aponta a utilização da miscigenação e do embranquecimento cultural como estratégia de dizimação do povo negro brasileiro. Na sua pesquisa (1978, p. 15) consta que:

Genocídio: o uso de medidas deliberadas e sistemáticas (como a morte, injúria corporal e mental, impossíveis condições de vida, prevenção de nascimentos), calculadas para o extermínio de um grupo racial, político ou cultural ou para destruir a língua, a religião ou a cultura de um grupo.[...] Recusa do direito de existência a grupos humanos inteiros, pela exterminação de seus indivíduos, desintegração de suas instituições políticas, sociais, culturais, linguísticas e de seus sentimentos nacionais e religiosos.

Logo, é histórica a invisibilização do negro e negra no Brasil. O extermínio não é apenas dos corpos, mas engloba o universo do negro como na dimensão do seu pensamento e cultura. O sistema impõe condições para a fragmentação da sociedade, as diferenças tornam-se motivações para uma realidade de constante competição, e um enquadramento humano em categorias de superior ou inferior. A luta é contra esse sistema e a favor da igualdade no direito de viver de forma digna, independente de raça, classe social, gênero, religião e orientação sexual.

O fato é que o genocídio da juventude repercute em toda comunidade negra, provocando ações de resistência e luta de um povo historicamente negado na sua humanidade.

A cor da luta

*Valente, resiste
Pois justiça é de cor preta.
Diariamente peleja e insiste:
Direito de ser, dizer que existe!
(Vinícius Costa Moraes, poema “A cor da luta”, publicado no livro “O diferencial da favela...”, Sarau da Onça, 2017, p. 51).*

Na contemporaneidade, observa-se a amplitude dos estudos sobre o genocídio da juventude negra em diversas áreas, para além da segurança pública e das denúncias dos movimentos negros. Diante do exposto, referente à desproteção da juventude periférica em relação à violência policial, pesquisamos o conceito de necropolítica para explicar o extermínio do povo negro através da violência do Estado.

Mbembe (2016) apresenta argumentos que são fundamentais para explicar a necropolítica, recorrendo a pensadores como Foucault e aos conceitos de biopolítica e biopoder. Vale mencionar que o autor analisa o biopoder em países periféricos e, portanto, particulariza e aprofunda tais conceitos para entender o contexto do mundo colonizado.

Nesse estudo, referente à execução em massa, Mbembe (2016, p. 135) argumenta que “a soberania é a capacidade de definir quem importa e quem não importa, quem é ‘descartável’ e quem não é”. Nesse caso, esse poder é do Estado que executa a violência institucional nas periferias. Logo, há um grupo de pessoas cujas vidas são valorizadas e merecem a proteção do Estado e meios para a preservação da vida, enquanto outras não são merecedoras de serem consideradas humanas, ou seja, é notória a cruel injustiça na condição da vida e morte.

Nesse sentido, o autor faz relação da biopolítica como Estado de exceção e Estado de sítio. Assim, “o estado de exceção e a relação de inimizade tornaram-se a base normativa do direito de matar” (MBEMBE, 2016, p. 128). Uma vez que o proibicionismo é utilizado como justificativa para a violência ao segmento juvenil negro da periferia, sendo o traficante o inimigo, logo, o Estado respalda suas ações com o discurso de que mata em nome da ordem, proteção e segurança do povo brasileiro.

Mbembe propõe a noção de necropolítica e necropoder para explicar:

[...] as várias maneiras pelas quais, em nosso mundo contemporâneo, armas de fogo são implantadas no interesse da destruição máxima de pessoas e da criação de “mundos de morte”, formas novas e únicas da existência social, nas quais vastas populações são submetidas a condição de vida que lhes conferem o status de “mortos-vivos” (MBEMBE, 2016, p. 146).

O Estado, além de deixar a periferia desprotegida, ainda decide que eles são as pessoas que devem morrer, sendo a raça e a classe social o critério para

selecionar quem é merecedor de viver. Assim, exerce o papel de controlar e eliminar a massa considerada descartável, nesse caso o pobre negro da periferia.

Favela na veia

*E nas quebradas, nos guetos
Nós, juventude negra, continuamos a ser exterminados.
Quem se importa com o genocídio de uma população
Que não era nem pra existir?
A resposta é simples, é melhor a limpeza étnica [...].
(Mateus Silva, poema “Favela na veia”, publicado no livro “O diferencial da favela...”, Sarau da Onça, 2017, p. 101).*

A indignação referente à realidade de jovens das periferias deve sensibilizar toda sociedade, assim como exige intervenções quanto ao fim do genocídio dos moradores desses territórios, e do retrocesso de programas, projetos, leis e direitos. Para tanto, se requer outro projeto de sociedade, como afirma Milton Santos (2001, p.72): “uma outra globalização supõe uma mudança radical das condições atuais, de modo que a centralidade de todas as ações seja localizada no homem”. Ou seja, que se reconheça o valor da vida do outro com responsabilidade, sua cultura, sua história de vida, suas lutas e estratégias de sobrevivência. Compreendendo que todos têm o direito de usufruir o melhor da vida, os bens materiais, a construção de projetos de futuro, as relações sociais e, por que não, o amor.

Enfim, nesse capítulo buscamos o diálogo entre os teóricos e as experiências ao longo da caminhada dos jovens que participam do coletivo Sarau da Onça, no que tange à desproteção na garantia dos direitos sociais, da integridade física e do direito à vida. Revelando um cotidiano de dores, medos, incertezas, bem como de consciência e pensamento crítico face a uma realidade de opressão e negação da humanidade das pessoas negras. Evidencia um processo crescente de conscientização crítica das suas condições sociais, raciais e de gênero e o papel que atribuem à educação, ao conhecimento, à produção estética e aos afetos para a construção de outros caminhos e destinos.

3 CULTURA POPULAR, SARAUS E MOVIMENTOS SOCIAIS

Neste capítulo, destacamos os Saraus nas periferias enquanto cultura popular, bem como os coletivos organizadores na perspectiva de movimentos sociais. Nesse sentido, abordamos o Sarau da Onça enquanto uma cultura popular, esta que, durante séculos, foi anulada, entendendo-se que é construído por determinados sujeitos em seus locais, ou seja, o povo da periferia. Para tanto, cabe o destaque do conceito de cultura, que tem várias vertentes e modificações dependendo do seu contexto, tempo e de qual área o define.

A antropologia tem riquezas de trabalhos tratando da cultura dos diversos povos. Assim, a partir dos estudos de Geertz (2008, p. 4), compartilhamos a seguinte definição:

O conceito de cultura que eu defendo, e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar, é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. É justamente uma explicação que eu procuro, ao construir expressões sociais enigmáticas na sua superfície.

Na preocupação para entender a cultura de uma determinada sociedade, enfatizamos a importância de um profundo contato com os povos, implicando um mergulho em suas experiências e nos significados que elaboram para estas experiências. Devemos observar, para além dos seus discursos, o âmbito relacional na busca por esses significados, ou seja, a cultura não é algo sem sentido, aleatório e desconectado do contexto e das interações. Para Geertz (2008, p. 10), a cultura é um “contexto, algo dentro do qual eles os significados podem ser descritos de forma inteligível — isto é, descritos com densidade”.

Nesse sentido, Brandão (2000, p. 3) aponta “que é começo da possibilidade de os seres vivos aprenderem não apenas diretamente do e com o seu meio natural, naturalmente, mas uns com os outros e uns entre os outros, culturalmente”. A cultura não é homogênea, cada sociedade tem a sua; porém, historicamente, foi imposto um padrão dominante de cultura e estética, e alienação das demais, classificando-se as culturas como superior e inferior. Como a cultura popular, que sofreu e sofre diversos tipos de violência, negação e esteticídio. Logo, é fundamental

reconhecer o valor da cultura popular, a sua originalidade, tradição e enquanto modo de libertação.

Para tratar da cultura popular, utilizaremos Dussel e seus estudos na América Latina. De acordo com as interpretações de Dussel (1997, p. 122), com base nas ideias de Sarmiento “de um lado está a razão, o logos; do outro o não-ser. Uma é a ‘civilização’ que é a européia, e outra é a ‘barbárie’”. Historicamente, povos dados como “bárbaros” foram colonizados a partir dos interesses de outros considerados “os civilizados”. Um amplo projeto de exploração, controle e aumento de riqueza, que envolve o extermínio de povos e de tudo que engloba o seu mundo – aspectos da tradição, da cultura, religião, economia e política que fundamentam a sua origem–, esteve associado aos projetos civilizatórios ocidentais. No que tange ao aspecto cultural, de acordo com os estudos de Freire (1987, p. 94):

[...] a invasão cultural é a penetração que fazem os invasores no contexto cultural dos invadidos, impondo a estes sua visão do mundo, enquanto lhes freiam a criatividade, ao inibirem sua expansão. Neste sentido, a invasão cultural, indiscutivelmente alienante, realizada maciamente ou não, é sempre uma violência ao ser da cultura invadida, que perde sua originalidade ou se vê ameaçado de perdê-la.

Com a destruição do sagrado pertencente aos povos colonizados, o centro conserva seu controle, alguém que tem o conhecimento e diz o que é melhor para todos e, na impossibilidade de seguir esse padrão, o povo sempre se sentirá inferiorizado, diminuído, e tudo que é seu é desvalorizado.

Logo, “a civilização” tem a hegemonia da cultura, aquela que é padrão e que deve ser seguida e, o que for diferente disso, quando não é considerado cultura, é dito apenas como folclórico ou isento de beleza. Nesse sentido, Dussel (2018, p. 24) enfatiza a centralidade da estética eurocêntrica e a negação de todas as outras estéticas.

Trata-se de um esteticídio – como o chamará Boaventura de Sousa Santos –, porque não só há desconhecimento da criação estética das grandes culturas do Sul [...] não se descobre nelas nenhum elemento que pudera servir como momento de criatividade, de novidade estética mundial, por seu atraso ou barbárie (DUSSEL, 2018, p. 24).

Diante da desvalorização da sua cultura, resta ao colonizado a busca pela cultura “dominante”; porém, é uma tentativa de aproximação ou imitação, e não propriamente uma conquista.

Conforme Dussel (1997, p.132), que faz referência a Paulo Freire, surge, assim, o mecanismo pedagógico da dominação cultural: “no ‘centro’ está a cultura imperial, no sentido mais forte: aquela que impõe, por seu império e vontade, o que é seu”. Freire (1973, p. 94) trata do convencimento, por parte dos invadidos, sobre sua suposta inferioridade:

[...] na medida em que os invadidos vão reconhecendo-se “inferiores”, necessariamente irão reconhecendo a “superioridade” dos invasores. Quanto mais se acentua a invasão, alienando o ser da cultura e o ser dos invadidos, mais estes quererão parecer com aqueles: andar como aqueles, vestir à sua maneira, falar a seu modo.

Cabe mencionar que:

[...] é possível assinalar a influência crescente de Fanon em Freire, algo que Freire comenta na *Pedagogia da Esperança*, quando reconhece que o assunto não é tanto a “aderência” do oprimido ao opressor, mas a maneira através da qual o oprimido se distancia dele, colocando-se “fora de si, como diria Fanon”(FREIRE, 1993, p. 47, *apud* WALSH, 2009, p. 33).

Nesse contexto, seguindo os estudos de Dussel, aparecerá uma cultura colonial, que se desdobrará numa elite cultural colonial ilustrada e um povo. “Há como uma correia de transmissão da negação da cultura popular, de parte do eurocentrismo, no centro e na periferia” (DUSSEL, 2018, p. 26). Assim, provocando o esteticídio da cultura popular dentro da colonialidade, com o não reconhecimento da riqueza da cultura popular pela elite.

Nesse processo pedagógico de dominação, a elite alienada exalta a cultura dominante e nega as demais. O caminho para romper com esse processo é através do povo e da sua cultura. Para Dussel (1997, p. 147):

Cultura popular é o fruto do compromisso e da história do povo. Também está sua economia e sua política. Não domina os sistemas econômicos vigentes, no entanto sofre o sistema econômico-político. A memória popular “recorda” quem é aquele que explora o povo, quem é que “suga seu sangue”.

Expressando sua arte, música, linguagem e símbolos de maneira potente e original, a cultura popular tem a presença da ancestralidade e tradição do povo, de lutas históricas que são acionadas contra a opressão. Isso é resistência, é reconhecer seu poder criativo de produção cultural, e fazer diferente do que se diz ser o ideal de cultura, a dominante ou a elitizada.

Nesse sentido, destaco o relato de Larry ao explicar sobre a cultura nas periferias:

Nossa cultura é a cultura mais rica possível, a favela tem tudo, a favela tem o samba, a favela tem Blues, tem o Jazz, tem o Rock, tem o Rap, tem Pagode, tudo isso é favela, por mais que o Rock, o Blues e o Jazz tenha sido penteados por pessoas brancas, elas acabaram se apropriando da cultura negra. [...] A nossa cultura nunca conseguiram matar, porque a gente sempre foi mais forte que tudo isso. A gente se adapta à sociedade moderna, porém com nossos traços ainda é da nossa cultura, e isso tudo é representado dentro da favela (Larry- entrevista individual via rede social - 04/2020).

Assim, enfatizamos a produção poética literária do Sarau da Onça enquanto cultura popular. Nesse contexto, compreende-se que os Saraus não são uma novidade da contemporaneidade, porém apresentam novas características que apontam seu diferencial em comparação aos Saraus dos outros séculos. Logo, para entender essa distinção, brevemente comentaremos o conceito e alguns momentos históricos. De acordo com Pinho (2004, p. 238, *apud* TENNINA, 2013, p.11):

O termo sarau deriva etimologicamente do latim *serum*, que significa “tarde”, período em que justamente se davam os encontros. A dança, a música e a literatura eram as artes protagonistas das reuniões, apesar de a atenção dos presentes concentrar-se também na comida que era servida, na vestimenta dos convidados e nos modos de recepção.

Logo, é possível entender o Sarau como um momento de confraternização das pessoas, contemplando as várias manifestações artísticas e o requinte do ambiente. Ao refletirmos sobre essas características e o surgimento deste tipo de reuniões no Brasil, encontramos na história a presença de um público elitizado que ostentava o luxo, segundo Scavone (2005, *apud* FRANCO, N., 2006, p. 40):

No Brasil, entre o final do século XIX e o início do século XX, o sarau era o evento mais elegante da sociedade e só os seres iluminados que tinham gosto pela música e literatura, ao mesmo tempo em que não precisam se preocupar com dinheiro, podiam se dar ao luxo de promovê-los em seus amplos e belos salões. Esses eventos ainda eram chamados “salões”- muito provavelmente pelo ambiente que ocupavam. Chegaram como tradição importada pela família real, em 1808, e imediatamente ganharam terreno no Rio de Janeiro.

O mesmo autor acrescenta, referente à outra época de Saraus no Brasil, ligados aos valores da alta sociedade paulistana:

No início do século XX, os saraus na Villa Kyrial, sediados na residência de José Freitas Valle, foram os que mais se destacaram. Ele organizava os saraus dentro de uma estética luxuosa e afrancesada, composto sempre com boa mesa, iguarias, vinhos finos, arte e poesia (CAMARGOS, 2001, p. 255, *apud* FRANCO, N., 2006, p. 40).

Apesar da semelhança, no que tange ao motivo das reuniões – a arte–, tratam-se de reuniões em épocas e contextos sociais diferentes dos Saraus das periferias. No século XXI cresce o movimento de Saraus nas periferias brasileiras, protagonizados por seus moradores e construídos a partir das suas perspectivas.

Um dos mais conhecidos, com inúmeras pesquisas já realizadas, e que é inspiração a nível nacional, é o Sarau Cooperifa. Iniciaremos tecendo um breve comentário sobre um dos criadores deste reconhecido Sarau, o qual representa uma das principais referências da poesia e da Literatura Marginal do século XXI, inclusive para o Sarau da Onça.

Logo, quem é Sergio Vaz? Morador da periferia da zona sul de São Paulo, segundo Érica Nascimento (2009), publicou seu primeiro livro em 1988, lançou outras três obras independentes e, desde 2000, atende pelo título de “poeta da periferia”, e caracteriza seus textos como literatura marginal. Segue uma das poesias de sua autoria, frequentemente recitada no Sarau da Onça:

Os Miseráveis

*Vitor nasceu... no Jardim das Margaridas.
Erva daninha, nunca teve primavera.
Cresceu sem pai, sem mãe, sem norte, sem seta.
Pés no chão, nunca teve bicicleta.
Já Hugo, não nasceu, estreou.
Pele branquinha, nunca teve inverno.
Tinha pai, tinha mãe, caderno e fada madrinha.
Vitor virou ladrão, Hugo salafrário.
Um roubava pro pão, o outro, pra reforçar o salário.
Um usava capuz, o outro, gravata.
Um roubava na luz, o outro, em noite de serenata.
Um vivia de cativo, o outro, de negócio.
Um não tinha amigo: parceiro.
O outro, tinha sócio.
Retratado falado, Vitor tinha a cara na notícia,
enquanto Hugo fazia pose para revista.
O da pólvora apodrece penitente, o da caneta enriquece impunemente.
A um, só resta virar crente, o outro, é candidato a presidente.
(Poesia de Sérgio Vaz, consta no Facebook: **Poeta Sérgio Vaz**).*

Para divulgar seus livros e formar novos leitores, Vaz realizou nas escolas, em 2002, o projeto “Poesia contra a violência”, no qual ofertava cartões e

marcadores de presente para os alunos, fazia sorteios de livros, falava e recitava poesia, de acordo com Nascimento (2009, p. 190).

Dentre os inúmeros projetos desenvolvidos por Sérgio Vaz, em 2008, através da coleção *Tramas Urbanas*, produziu o livro “Cooperifa: antropofagia periférica”. Neste trabalho, Vaz (2008) afirma que, em fevereiro de 2001, aconteceu o Cooperifa, em um galpão de uma fábrica em Taboão da Serra. A ideia inicial era um evento com diversas expressões culturais como poesia, música (rap, MPB, reggae e samba), teatro, exposições, capoeira, lançamento de livros, dança (teve até desfile de cabelos afro no dia), possibilitando a divulgação dos trabalhos dos artistas da periferia.

Sérgio Vaz foi um dos criadores do Sarau da Cooperifa, em outubro de 2001. Segundo Vaz (2008, p. 22), não desconfiava que o bar do Zé Batidão, “iria se transformar um dia num dos maiores Quilombos Culturais do país: o Sarau da Cooperifa”. Com um público médio em torno de 200 a 250 pessoas, já chegou a ultrapassar 500 pessoas em Saraus especiais, reunindo-se, de início, todas as quartas-feiras, e atualmente às terças-feiras. O movimento é estritamente literário, porém no tempo que antecede o Sarau, o bar é aberto como centro cultural, para apresentação de outras expressões artísticas. Também eram ofertados diversos filmes e documentários, exposições de fotografias e artes plásticas.

Para Vaz, (2008, p. 166), “O Sarau da Cooperifa sempre teve como filosofia o incentivo à leitura e a criação poética, e sempre foi um projeto de cidadania através da literatura”.

Um dos nossos maiores orgulhos não é a formação de novos poetas e escritores, mas a formação de novos leitores escritores. [...] Através desse conhecimento, adquirir coragem e humildade para voltar à escola, ou ingressar nas universidades, como muitos fizeram na Cooperifa (VAZ, 2008, p.168).

Sendo assim, os Saraus nas periferias e a poesia marginal possibilitam mudanças de realidades, para quem acessa esse conhecimento. Desse modo, trataremos a seguir dos Saraus nas periferias de Salvador e dos coletivos organizadores enquanto movimentos sociais.

3.1 OS COLETIVOS E OS SARAUS DE POESIAS NAS PERIFERIAS DE SALVADOR

Sarau é formação

[...] O Sarau é a expressão de quem quer viver diferente
E na arte transcende sua mente.

Saraus como os que conheci, me encham de Esperança.
Somos tudo aquilo que a grande mídia não mostra.
Somos Liberdade, Criatividade, Força, Inteligência,
Negritude em verso e prosa [...].

(Marteluz de Jesus, poema “Sarau é formação”, publicado no livro “O diferencial da favela...”, Sarau da Onça, 2019, p.49).

Valdeck Almeida de Jesus, jornalista, escritor, poeta e editor (inclusive dos livros organizados pelo Sarau da Onça), organizou o blog “Saraus de poesias em Salvador”, no qual é possível encontrar dados sobre os Saraus que acontecem em Salvador, tais como: nome; endereço; dia e horário; responsáveis e contatos, dentre outras informações. Atualmente, nem todos estão ativos. Segue abaixo o mapa apresentado em 2016 (O blog menciona na legenda a fonte do mapa: “Correio da Bahia, 22.11.2013”), apontando os Saraus literários:

Fig. 4 - Mapa de Saraus em Salvador



Fonte: Blog Saraus de Poesia em Salvador.

É possível observar, através dos dados na figura acima, que os Saraus também acontecem em bairros não periféricos. Entretanto, é preciso ressaltar uma realidade diferente do que o senso comum dissemina, de que os jovens da periferia estão alienados, que se envolvem com a criminalidade, bem como outros discursos de quem não conhece a força e o protagonismo juvenil. É possível afirmar que a periferia tem coletivos espalhados em diversos bairros periféricos, que desenvolvem

trabalhos com enfoque na cultura, arte, educação e literatura, protagonizados por jovens e para os jovens.

Desse modo, teceremos breves comentários sobre movimentos sociais, entendendo que os coletivos, em especial os protagonizados por jovens, são organizados, com intencionalidade, na busca de uma mudança coletiva e para um bem comum. Além disso, as demais condições relacionadas aos movimentos sociais serão discutidas ao longo do texto, como a questão educativa. Conforme Gohn (2000, p.2) o conceito de movimento social tem a seguinte definição:

Movimentos sociais são ações coletivas de caráter sociopolítico, construídas por atores sociais pertencentes a diferentes classes e camadas sociais. Eles politizam suas demandas e criam um campo político de força social na sociedade civil. Suas ações estruturam-se a partir de repertórios criados sobre temas e problemas em situações de conflitos, litígios e disputas. As ações desenvolvem um processo social e político-cultural que cria uma identidade coletiva ao movimento, a partir de interesses em comum.

Os movimentos sociais não surgem do nada. Como a sociedade é dinâmica e instável, os contextos vão sendo alterados, novas demandas surgem e outras recebem novas roupagens. Conforme Gohn (2000, p.2), “não bastam as carências para haver um movimento. Elas têm que se traduzir em demandas que, por sua vez, poderão se transformar em reivindicações, através de uma ação coletiva”. Assim, é preciso adequação dos movimentos a esse processo dinâmico, sofrendo transformações ao longo da história; e os aspectos, como o contexto social, econômico e político, favorecem nesse percurso.

Os poetas marginais podem ser considerados novos atores coletivos, pois, através dos Saraus, há interesses em comum entre os jovens e a própria maneira de entender a sua realidade periférica. Sposito (2000, p. 88) compartilha dos estudos de Melucci (1991, 1996) sobre os novos movimentos sociais: “Uma rede de interações tem caracterizado essas práticas, marcadas pelo intenso grau de trocas sociais que propiciam a construção de identidades comuns, de sentimentos de pertencimento e de canais de expressividade”.

Durante um tempo, a abordagem sobre os movimentos de jovens geralmente era centrada no movimento estudantil. Seguindo as mudanças da conjuntura na atualidade, estamos tratando de grupos organizados oriundos da periferia, a partir da experiência coletiva de jovens que se mobilizam através da arte-educativa,

organizando Saraus, Slams, dentre outras ações, no enfrentamento da realidade imposta pelo sistema hegemônico, pela opressão aos periféricos e genocídio da juventude negra. Segundo Sposito (2000, p. 80):

Essas ações já acenam com vigor para uma inquestionável motivação dos jovens em relação aos temas culturais em oposição ao seu afastamento das formas tradicionais de participação política. Alguns grupos não se limitam aos aspectos centrais de sua atividade ligada à música ou outras formas de expressão artística, mas também se dedicam aos trabalhos comunitários, envolvendo-se em atividades nos locais de moradia em interlocução com alguns segmentos organizados da sociedade civil.

Nessas ações coletivas protagonizadas por jovens, cabe o destaque da mobilização nos territórios abandonados pelo Estado, exigindo o reconhecimento da dignidade desse povo oprimido. Reivindicam a visibilidade e a humanidade desse povo periférico, o direito à vida da juventude negra, enfim, um conjunto de ações que visam o reconhecimento social, cultural e político.

Citaremos alguns coletivos, com ênfase nos que produzem manifestações artísticas como os Saraus, literatura negra e marginal nas periferias e no centro da cidade de Salvador. Essas informações foram obtidas através das redes sociais dos coletivos.

Juventude Ativista de Cajazeiras (JACA) é uma associação para o desenvolvimento étnico e cultural de Cajazeiras, surgida em 2004, e “realiza ações sociais para a juventude como oficinas de arte, debates sobre o racismo, questões de gênero, dentre outros”. O Sarau JACA acontece com frequência mensal desde o ano de 2014 (Facebook do JACA. Disponível em: <https://www.facebook.com/jacacoop/>. Acesso em: 06 mar. 2020).

Coletivo Zeferinas, criado em 2017, formado por mulheres do bairro de Cajazeiras, “visa enaltecer o protagonismo das mulheres negras enquanto artistas marginais e produtoras de conhecimento [...]” (Facebook do Coletivo Zeferinas. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/ColetivoZeferinaS/about/>. Acesso em: 06 mar. 2020).

Grupo de Arte Popular (A Pombagem): “nasceu na periferia de Salvador e, desde 2009, atua com recitais, e espetáculos de teatro de rua” (Instagram de A pombagem. Disponível em: <https://www.instagram.com/apombagem/>. Acesso em: 06 mar. 2020).

Sarau do Cabrito, o qual foi criado em julho de 2015 no bairro do Alto do Cabrito, “é um espaço de arte, cultura e cidadania. E tem como objetivo dar visibilidade a poesia e arte periférica” (Facebook do Sarau do Cabrito. Disponível em: <https://www.facebook.com/saraudocabrito>. Acesso em: 06 mar. 2020).

Enelescência: realizam Saraus no Pelourinho e no Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO) da UFBA. “O objetivo do projeto é criar meios de divulgação das literaturas afro-brasileira e africanas” (blog do Enelescência. Disponível em: <http://enelescencia.blogspot.com/p/o-projeto.html>. Acesso em: 06 mar. 2020).

Em 2015, o blog “Suburbano Convicto”, de Alessandro Buzo, realizou entrevista com Nelson Gonçalves, conhecido pelo pseudônimo Nelson Maca, o qual é poeta, escritor, professor, agitador cultural e criador do Coletivo Blackitude, que articula o Sarau Bem Black, o Slam Lonan, o Encontro de Literatura Divergente e a Balada Literária da Bahia. Nascido no Paraná, Maca veio para Salvador em 1989, transferindo-se para o curso de Letras da UFBA. Referente ao coletivo Blackitude – Vozes Negras da Bahia, Nelson Maca explicou que:

Originalmente um coletivo de hip hop voltado para as questões e expressões da Negritude, que completa 16 anos em novembro de 2015! Chamamos o que fazemos de Afro – Hip- Hop! Desde o início, flertamos com o audiovisual (exibição de vídeos) e com a literatura, mais especificamente a poesia. Gostamos de fazer atividades artísticas juntamente com as de formação e informação. Tentamos, ainda, preservar os 4 elementos em nossos eventos. Mas fazemos outras coisas, entre as quais, as mais populares são os bailes blacks e os saraus literários (Informações transcritas do blog “Suburbano Convicto”. Disponível em: <http://buzo10.blogspot.com/2015/05/entrevista-exclusiva-com-nelson-maca.html>. Acesso em: 06 mar. 2020).

É possível observar a influência do Hip Hop nos coletivos literários da periferia e, logo adiante, trataremos dessa relação. Nesse momento, apresentaremos a fala de Maca (2015) sobre o Sarau Bem Black, criado a partir da referência do Sarau da Cooperifa:

Reúne negros, negras e outras pessoas libertárias, em torno da literatura, mais especificamente sua performance. Iniciou-se em setembro de 2009 e acontece até hoje. Por, aproximadamente, 4 anos e meio, aconteceu, semanalmente, no Sankofa African Bar, no Pelourinho. Com o fechamento do Bar, em 2014 migrou para as ruas do mesmo bairro. Antes acontecia toda quarta feira, porém, em 2015, acontece mensalmente, sempre na primeira quarta do mês, no Café da Walter, que fica na Biblioteca dos Barris, centro. Esta fase é provisória, pois estamos em articulação para voltar ao Pelourinho, onde melhor nos identificamos.

A questão da dificuldade em contar com um espaço próprio para as atividades é revelada em outros Saraus e, desse modo, alguns buscam como alternativas a parceria com instituições religiosas, ONGs, entre outras, ou a rua se torna o palco.

O sarau serve como palco para trocas poéticas e simbólicas. No sarau, há exibição de filmes e fotos, lançamentos, audição de músicas e outras performances, como dança, pintura e artes plásticas. Tudo norteado pela negritude. Entendo e busco criar um ambiente de profundo aprendizado no Sarau Bem Black. O sarau é nossa universidade livre. Em alguns momentos, temos bate-papos que são profundas “trocas” de conhecimentos (MACA, 2015).

Cabe destacar a diversidade artística dos Saraus, ou seja, além dos poemas, dialogam com outras expressões. Assim, possibilitam ampliar a presença de pessoas com diferentes gostos. Destaque para a presença no Sarau do público infanto-juvenil, como aponta Santana e colaboradores (2019, p. 6): “em 2012 o Sarau Bem Legal, também coordenado por Nelson Maca e que acolhe a produção literária de crianças e adolescentes de diferentes bairros da cidade”. Os autores acrescentam a atividade realizada em Sussuarana: “o Sarau da Laje (2017), composto por crianças e que segue na mesma pegada da poesia preta das/nas periferias”.

“Influenciados pelo Sarau Bem Black, acompanhamos a estreia de novos autores e o nascimento de novos saraus, na Bahia e no Brasil, como o Sarau da Mata (Mata Escura), da Onça (Sussuarana) [...]”, afirma Nelson Maca (2015).

Esta pequena síntese da cena poética de Salvador demonstra a força e vitalidade de um movimento que toma a estética como uma arma de luta para afirmação de sentidos novos para a sociedade brasileira. Desse modo, seguimos destacando o Sarau da Onça, sua história, as atividades desenvolvidas, considerando os aspectos de uma educação popular, e as experiências educativas e estéticas dos jovens participantes.

4 SARAU DA ONÇA: AS EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS E ESTÉTICAS DA(S) JUVENTUDE(S)

Nesse contexto, enfatizamos o potencial educativo do Sarau da Onça na perspectiva da Educação Popular, reconhecendo Paulo Freire enquanto referência nesses estudos. A educação popular, conforme as pesquisas de Brandão, (2000, p.23):

[...] 1) constitui passo a passo (“aos tropeços”, dirão os seus críticos) uma nova teoria, não apenas de educação, mas das relações que, considerando-a a partir da cultura, estabelecem novas articulações entre a sua prática e um trabalho político progressivamente popular das trocas entre o homem e a sociedade, e de condições de transformação das estruturas opressoras desta pelo trabalho libertador daquele; 2) pretende fundar não apenas um novo método de trabalho “com o povo” através da educação, mas toda uma nova educação libertadora, através do trabalho do/com o povo sobre ela — este é o sentido em que a educação popular projeta transformar todo o sistema de educação, em todos os seus níveis, como uma educação popular [...].

Consideramos que o Sarau da Onça se enquadra como um projeto de educação popular. Neste sentido, trataremos da sua história a partir da narrativa de seus fundadores, buscando os princípios e ações que o caracterizam como movimento desta natureza.

Para obter informações sobre o Sarau da Onça, foi realizada entrevista com os idealizadores do coletivo, Sandro Ribeiro dos Santos e Evanilson Alves. O primeiro é filho de dona Isaura e Francisco dos Santos, e pai de Maria Cecília. Quem é o artista conhecido como Sandro Sussuarana? Idealizador do Sarau da Onça, poeta, produtor cultural, escritor, articulador de juventude, slammer (poeta do slam), slamaster, organizador e coordenador do Cenpah, estudante do 6º semestre do curso de Serviço Social, professor de capoeira, integrante do grupo Recital Ágape e Agente Pastoral Negro (APN), organização em que atua com questões negras a nível nacional. Em 2017 publicou o seu livro solo “Verso(s) Sob(re) Mim”.

E quem é Evanilson Alves? Idealizador do Sarau da Onça e do Grupo Recital Ágape, poeta, slammer, slamaster, articulador de juventude, professor da FUNDAC, produtor cultural e também escritor (informações adquiridas através do instagram do poeta). Hoje, Evanilson e Sandro têm suas atividades associadas ao Sarau da Onça e ao Grupo Ágape, bem como suas agendas particulares ligadas a arte poética e

literária, tendo como exemplo disso, os projetos desenvolvidos através da participação em editais.

Em 11 de março de 2020, Evanilson estava de passagem pela UNEB para entregar um livro (organizado pelo Sarau da Onça), atendendo um pedido feito por uma mestranda do Ppgeduc. Aproveitei aquele momento e questionei se seria possível realizar a entrevista, e o poeta aceitou. Na área externa do Ppgeduc, foi realizada a gravação da entrevista, conforme acordado com o idealizador. De acordo com as informações prestadas, é importante contextualizar que, anteriormente ao Sarau da Onça, os idealizadores já tinham uma conexão com a poesia, e outras manifestações culturais.

Segundo Evanilson, em julho de 2011 surge o Ágape, com a intenção de ser um grupo de arte dentro da Igreja Católica de Santo Antônio, da Paróquia de São Daniel, em Sussuarana, para trabalhar com música, dança, poesia e teatro, com profissionais de cada vertente. Começou com 40 jovens e Evanilson coordenava o grupo de poesia, pois já tinha uma vivência. O foco das poesias “é o bairro de Sussuarana, através do discurso direto, desmitificando o estereótipo que a mídia colocava como um lugar marginal, mas lá é um pólo de cultura e educação”.

Acontecia apresentação dentro da Igreja e em outras comunidades próximas que também têm uma presença forte de outros jovens. As pessoas se encantavam com todas as apresentações, mas percebi o impacto quando a poesia estava presente. Hoje se tem uma abertura para trabalhar com a poesia marginal, mas quando começamos, ainda causava estranheza, as pessoas não estavam acostumadas, mas ao mesmo tempo havia o brilho nos olhos das pessoas que estava ali presenciando a poesia, e os questionamentos, é como a gente fala, “tirar da zona de conforto”, “chamar para o debate”, isso acontecia de fato sendo o que impulsionou bastante (Trecho da entrevista em 11 de março de 2020).

Evanilson acrescenta que:

Com o tempo encontramos dificuldades para manter o coletivo, as pessoas foram entrando em universidades, trabalhando, enfim, e com isso vai faltando tempo para manter e sustentar o grupo, mas o que permanecia era a poesia. Nós (Evanilson e mais 3 mulheres) começamos com o lema que era “sozinho não posso mais”, depois passou para “Grupo recital Ágape resgatando pelos versos”, com esse cunho social entramos em praça pública, escola, universidades e instituições diversas.

Sandro informou que não fez parte do processo de formação do Ágape, só acompanhava. “Hoje, o grupo recital Ágape existe na pessoa de Sandro e Evanilson” (Trecho da entrevista com Sandro Sussuarana – 12/12/2019).

Fig. 5 - Lançamento do livro do grupo Recital Ágape (2014)



Fonte: Facebook do grupo Ágape

Nesse sentido, destacamos a poesia produzida pelo grupo Ágape que consta no livro que já está esgotado:

A poesia cria asas

A poesia cria asas

Grupo Ágape tá na casa

A poesia cria asas

Grupo Ágape tá na casa

A nossa poesia não foi feita pra burguês gostar,

Porque é um grito de insatisfação, a intenção é incomodar!

Tirar do lugar comum, chamar pro debate.

E que não tentem transformar em circo a nossa arte.

Somos crias de Sussuarana, onde criança vira onça cedo,

e aprendemos que o papel e a caneta são armas contra a opressão e o medo.

[...] É a voz do Grupo Ágape, ecoando cada vez mais forte.

[...] Seja protestando ou falando de amor:

Eu posso garantir que ninguém vai sair daqui do mesmo jeito que entrou.

(Consta no blog do Observatório Municipal Jequié – de Ação Social.

Disponível em: <http://observatoriosocialjequeie.blogspot.com/2016/02/a-poesia-cria-asas-gleise-souza-grupo.html>. Acesso em: 10 jan. 2020).

Cabe enfatizar a relação do coletivo Ágape com o Sarau da Onça, pois os integrantes fazem parte dos mesmos movimentos. O Sarau da Onça iniciou como um evento periódico, hoje também é um coletivo.

O Ágape levava o recital, com a mensagem sobre o nosso cotidiano, da violência policial contra as mulheres, falar de amor e de política. Hoje, quando vamos para outros espaços é levando os dois, fazemos parte do mesmo movimento que é literatura. Hoje é mais contratado pelo Sarau da

Onça, a gente mantém o mesmo discurso e tá sempre falando do grupo Ágape (Evanilson Alves - Trecho da entrevista em 11 de março de 2020).

Fig. 6 – Logotipo do Sarau da Onça



Fonte: Facebook do Sarau da Onça

Para tratar da história do Sarau da Onça, seguindo a solicitação de Sandro, a entrevista foi realizada na sua casa, no final de linha da Velha Sussuarana, em 12 de dezembro de 2019. Sandro me orientou o ponto de ônibus para descer, em seguida foi buscar-me. Lá, fui apresentada a sua irmã e sobrinhos que moram próximos. A entrevista foi gravada, conforme acordado com o idealizador. A 1ª edição do Sarau da Onça surgiu em 7 de maio de 2011 e, nessa época, os organizadores eram Sandro, Evanilson Alves, Maiara Guedes e Omael Vieira (morador da Engomadeira, único integrante que não morava na Sussuarana).

Evanilson aponta que, além dele, atualmente o grupo é composto por Sandro (ambos são responsáveis pela coordenação e apresentação dos eventos), a jornalista Daiane (atuante na relação pública), a fotografia fica com Ray Alcides e Diego França na parte do designer (Trecho da entrevista em 11 de março de 2020). O objetivo inicial era contrapor-se às informações pejorativas acerca do bairro de Sussuarana, pois falavam que estava entre os três mais violentos da capital, com 23 mortes por final de semana; bem como nasceu do intuito de dialogar com os grupos culturais do bairro para fortalecer o movimento e contrapor-se às informações negativas acerca da periferia, pois a mídia não veiculava as atividades culturais e sociais (Trecho da entrevista com Sandro Sussuarana – 12/12/2019).

Nessa época, quando foi pensado o Sarau da Onça, Sandro participava do grupo Juventude Negra pela Paz. A partir de um levantamento sobre o que era positivo e negativo do bairro, e o que era veiculado pela mídia, foram observadas ações que não eram exibidas na TV, tais como: Hip Hop da Onça, Caminhada de

Consciência Negra, Noite da Beleza Negra, Capdever, Cenpah, Sarau, teatro, valsa, Urbanidade Nagô (grupo de percussão que há 25 anos dá aulas gratuitas na comunidade) e os festivais.

Outra inspiração para o surgimento do Sarau da Onça foi o Sarau Bem Black e o Cooperifa, conforme Gama (2019, p. 101):

Foi seguindo um conselho de Maca que Sandro Sussuarana, na época frequentador assíduo do Sarau no Pelourinho, e também inspirado na Cooperifa, criou, em 2011, o Sarau da Onça na Sussuarana, que mais tarde originaria o Slam da Onça. Sandro já era apresentador no Bem Black, e Maca lhe questionou por que ele, que levava o bairro por sobrenome, não realizava um sarau lá na sua periferia, afirmando que saraus de periferias teriam mais força [...] O poeta e produtor cultural conta que começou a frequentar o Sarau Bem Black em 2009, quando este surgiu, e em 2010 se tornou um apresentador do evento.

Seguiremos tratando da história do Sarau da Onça. A primeira edição foi no Cenpah, na parte de cima onde é o salão Santa Bakita, que na época tinha o pré-vestibular e hoje é o curso Pré-Enem. O Anfiteatro ainda não existia. Foi um mês experimental, todos os sábados para observar a resposta das pessoas, já que era novidade no bairro, pois não aconteciam Saraus de poesias (Trecho da entrevista com Sandro Sussuarana – 12/12/2019).

Fig. 7 - Sarau realizado em 2011 no Salão Santa Bakita



Fonte: Facebook do Sarau da Onça

No primeiro sábado estiveram presentes 15 pessoas, sendo 04 apresentadores e 11 eram parentes. Na segunda noite, mais de 30 pessoas e, no terceiro sábado, acima de 50 pessoas. No último sábado, o salão estava lotado, com

“gente sentado no chão e na janela, foi lindo” (Trecho da entrevista com Sandro Sussuarana – 12/12/2019).

Após o mês experimental, as pessoas no bairro questionavam quando seria o próximo Sarau. Daí, em conversa com a coordenação do Cenpah (na época, o Padre Franco e Arturo), foi cedido o espaço aos sábados. No entanto, foram apontadas algumas dificuldades para produção do projeto, como o espaço, que é emprestado e compartilhado com outras atividades, o que demandava uma dinâmica anterior e posterior ao evento. Entretanto, cabe enfatizar a solidariedade e o comprometimento entre os participantes, que buscavam maneiras para contribuir, pois, conforme Sandro, a princípio, o evento era realizado na parte superior do Cenpah, sendo necessário descer as cadeiras da escola – na época, usadas pelo cursinho pré-vestibular – para colocar na garagem e, na sequência, subir com outras cadeiras e ornamentar o espaço para a noite, o que levava o dia inteiro e, às vezes, era apenas uma pessoa que organizava (Sandro, Evanilson ou o amigo Rafael). Sandro lembra: “quando acabava, as pessoas começaram a nos ajudar, os homens fazendo um corredor polonês, passando de mão em mão as cadeiras e as mulheres iam arrumando as cadeiras nas salas, varriam o chão, catavam o lixo”.

Essa realidade de produção dos Saraus nas periferias é relatada por outros poetas nas suas apresentações no palco do Anfiteatro. Estes que, considerando o Sarau da Onça como referência, demonstram a vontade de realizar Saraus na sua periferia, porém encontram inúmeras dificuldades, desde a produção, organização, estrutura física, entre outras. No texto, já foi mencionado sobre um jovem que tentou realizar no seu bairro, mesmo com a orientação do coletivo, mas ainda não obteve êxito. Essa informação foi dada pelo jovem, em conversa informal, quando, em outro momento, o questionei sobre o seu desejo.

Nesse contexto, acrescento que, em 2019, Bolha começou a organizar o Sarau e o Slam da Rua, no final de linha da Sussuarana Velha.

O Slam e o Sarau da Rua foi uma experiência nova para mim, eu nem sabia como eu fazia, nos primeiros é claro que era meio travado. No Sarau e no Slam dou um intervalo entre um ou outro porque eu já conheço o método de Sandro e Evanilson. Eu usei a minha personalidade pelo que ocorria e muito pelo que eu via neles também, o jeito deles se apresentarem (Trecho da roda de conversa presencial – 14/03/2020).

Bolha explana as dificuldades para organizar as atividades culturais:

É muita dificuldade você organizar um evento na favela, mas a gratificação é grande também. A questão de você conseguir o local, o som, microfone, chamar os artistas [...] O Slam era na frente da rua, no caso onde acontecia o tráfico, só que não tinha nada a ver, aí teve uma vez que um sargento parou lá aí mandou desligar o som, falou um monte de coisa lá e depois a gente conversou e deixou continuar o Slam até um certo horário. Sendo que a gente entregava o ofício na companhia, só que o ofício não era carimbado, não era mandado para prefeitura, mas eles estavam cientes que ia acontecer o evento. E aí depois disso que aconteceu desanimou bastante (Trecho da roda de conversa presencial – 14/03/2020).

Cabe enfatizarmos o protagonismo do jovem entrevistado no desenvolvimento de atividades culturais politizadas, na construção de saber e o desejo de multiplicar o acesso dos periféricos ao conhecimento da opressão e libertação, da riqueza da cultura da periferia, mesmo considerando os desafios encontrados no percurso. E ainda percebe-se, na situação tratada, a maneira como um agente policial age, assumindo uma postura repressiva, o que certamente contribui para a imagem já negativa que a polícia tem para os jovens. Ao longo do texto, teremos depoimentos que revelam o protagonismo dos jovens entrevistados, na busca de outra realidade para si e para os moradores da periferia, e como a poesia marginal e o Sarau da Onça colaboram nesse processo. Para Arroyo (2014, p. 27):

O mais importante na pedagogia da prática da liberdade e do oprimido não é que ela desvia o foco da atenção pedagógica deste para aquele método, mas dos objetos e métodos, dos conteúdos e das instituições para os sujeitos. Paulo não inventa metodologias para educar os adultos camponeses ou trabalhadores nem os oprimidos, mas reeduca a sensibilidade pedagógica para captar os oprimidos como sujeitos de sua educação, de construção de saberes, conhecimentos, valores e cultura. Outros sujeitos sociais, culturais, pedagógicos em aprendizados, em formação.

Seguimos com o relato de Sandro sobre uma das propostas do grupo, que é a assessoria a outros poetas que têm interesse em desenvolver Saraus nos seus bairros:

O Sarau da Onça colabora na construção e continuação de outros Saraus. E falamos: vai ter um momento que vocês irão querer desistir, vai chegar um momento que não irá conseguir conciliar a sua vida, profissional, pessoal e o Sarau, aí vai ter que decidir. Qual a importância do Sarau, tá disposto a passar por isso? Estou. Então a gente ensina a usar as partes de designer, divulgação, assessoria, fotografia, e periodicamente mantemos o contato com todos os Saraus para saber se estão precisando de alguma

coisa. A gente não consegue ir em todos, mas dialogamos através de mensagens, e vamos tirando dúvidas e orientações (Trecho da entrevista com Sandro Sussuarana – 12/12/2019).

Nessa perspectiva, Brandão e Assumpção, (2009, p. 99) ressaltam:

[...] o diálogo pode criar, no processo de construção do conhecimento, possibilidades para os sujeitos se compreenderem como em constante aprendizado e se assumirem responsáveis por ações que garantam atitudes e vozes. Portanto, que rompam com as diversas formas de opressão vigente em nossa sociedade e também revelem a diversidade cultural, étnica e de gênero.

Em alguns eventos, os idealizadores desabafaram o desafio para manter as atividades. Sandro enfatizou:

Um dos maiores desafios de fazer Sarau é não ter final de semana, quando conseguimos compreender que o Sarau era um bem maior e necessário, não pesou para a gente o fato de nós passarmos finais de semana seguidos sem nos “divertir”. Porque o Sarau além de um trabalho maravilhoso também é uma diversão, mas em ter outro processo de diversão, lazer no final de semana com a sua família. Mas também é um desafio para a gente muito grande, compreender que esses finais de semana, embora sejam importantes também são desgastantes, o Sarau acontece 2 vezes no mês, no ano são mais de 20 edições, é o Sarau com maior frequência em Salvador, quiçá na Bahia (Trecho da entrevista com Sandro Sussuarana – 12/12/2019).

O idealizador acrescenta que “é uma dedicação total”, pois a qualquer hora do dia pode receber ligação para: uma apresentação, palestra, oficina, para saber informações, para comprar livros ou saber como funciona o grupo. Hoje, o público das noites de eventos, seja Sarau ou Slam, é aproximadamente em torno de 30 a 50 pessoas e, no lançamento do livro, o número foi bem maior. Em uma apresentação de Sarau, Sandro comentou que “começaram o projeto com o público sendo apenas parentes, tem períodos que tem 5 pessoas, outros tem 50, as pessoas não devem cultivar lugar. Tem um processo de ir e voltar, o Sarau não é palco de permanência, é de passagem”.

Em outros momentos (durante o Sarau, no palco do Cenpah), os idealizadores expressaram que “todo ano falamos que já deu, que não iremos continuar o trabalho”. Mesmo diante das dificuldades, diversas vezes os idealizadores citaram situações que renovam o seu desejo de manter o projeto, inclusive a partir do retorno do público, enfatizando a importância deste trabalho.

Referente à fonte de divulgação, no início, era através de mensagem enviada pelo celular para os contatos dos membros do coletivo, iniciando-se a partir da quarta até sábado. Hoje, diante da diversidade dos meios de comunicação, ampliou-se a divulgação pelas redes sociais (Whatsapp, Instagram, Facebook, e outras). Ao longo do tempo, foi produzido um calendário específico pelos novos membros, Blenda Gomes (assessoria) e Alexandra Pedreira (fotografia e design), que ficaram responsáveis pela parte da comunicação, determinando, assim, a realização do Sarau a cada 15 dias. No entanto, há meses em que acontece todos os sábados, como no mês de maio, em comemoração ao aniversário do Sarau e em novembro, por ser o mês da Consciência Negra. Em junho e dezembro, apenas 01 no mês, devido ao período de festas e, também, porque as pessoas viajam.

No que concerne à participação em editais, segundo Sandro, o primeiro que participou foi do Calendário da Arte, mas foi desclassificado, pois desconhecia os documentos necessários. Isso foi importante para aprender o processo (documentação e escrita) e ser contemplado em outros editais. “Quando aprendemos, buscamos ensinar os nossos de como participar e da importância de participar dos editais, pois é dinheiro público, e é nosso, e está lá para ser usado”.

Sandro complementa sobre a importância de “estimular que outros projetos de bairros periféricos que começaram a surgir, e outros que já existiam, pudessem acessar esses espaços, para ter condições de melhorar suas ações dentro da sua comunidade”, pois “não ensinamos a escrever os projetos, mas como participar dos editais, documentação, etc. Isso faz a diferença na hora de concorrer com os grandes”.

Segundo relatos do idealizador, a participação de grupos culturais das periferias em editais é um avanço alcançado através de lutas e redes de solidariedade. Pois todo o processo é complexo e, geralmente, os grupos que têm maiores conhecimentos e recursos, tanto para construção do projeto, bem como para os ajustes das documentações exigidas, é quem são os contemplados. E quem disse que a periferia não tem o direito de participar e ganhar editais? E de utilizar recurso público, que é de todos os cidadãos? Afinal, é recolhido através de impostos, ou seja, é um direito do povo.

Como é importante o recurso dos editais para o desenvolvimento de projetos nas periferias no sentido de valorização do que é feito nesses espaços, bem como do fortalecimento da cidadania. O Sarau da Onça foi contemplado nos editais de

2014, 2017 e 2019²⁰, desenvolvendo o Festival de Arte Cultura. O projeto consistiu em realizar oficinas, saraus, lançamento de livro e amostra final, isso durante 06 meses, e as oficinas foram realizadas no Cenpah. Segue foto do lançamento do primeiro livro em 2014.

Fig.8 - Lançamento do primeiro livro em 2014



Fonte: Facebook do Sarau da Onça

Conforme Sandro, como o grupo também realiza atividade formativa, para que as pessoas participem de outras esferas da arte, como o grafite, parceiros eram convidados para realizar oficinas, em curto tempo de duração. Em seguida, a atividade se encerrava com uma amostra no final do mês de maio (de 2014, 2017 e 2019), apresentando os resultados, dando oportunidade para outros acessarem o que foi construído nas oficinas. Nesse sentido, destaco os estudos de Strick e Esteban (2013, p. 27):

Potenciar o caráter emancipador da educação popular a partir das práticas pedagógicas não consiste em divulgar conteúdos críticos, mas em incorporar estratégias e critérios para a formação de pensamentos e subjetividades críticas e emancipadoras.

No período da pesquisa, o Sarau não estava participando de edital, mas as atividades continuavam ao longo do ano. Assim, o grupo promoveu a oficina desenvolvida por Carolina Rocha (escritora, ativista, professora, historiadora e

²⁰Em 2014 aconteceu o I Festival de Arte, Cultura e Concurso Literário Sarau da Onça, aprovado pelo edital da Fundação Gregório de Matos.

Em 2017 aconteceu o II Festival de Arte, Cultura e Concurso Literário Sarau da Onça, aprovado nos Editais de Literatura da Fundação Cultural do Estado da Bahia, projeto patrocinado pelo Governo do Estado, através do Fundo de Cultura do Estado, Secretaria da Fazenda e Secretaria de Cultura do Estado da Bahia.

Em 2019 aconteceu o Festival de Arte, Cultura e Concurso Literário Sarau da Onça, aprovado no edital "Arte Todo dia Ano IV" da Fundação Gregório de Mattos, da Prefeitura de Salvador.

doutoranda em Sociologia), idealizadora do projeto “Oficina de Escrita para Mulheres”, que trabalha com escrita de si, literatura e autocuidado.

Fig. 9 - Cartaz de divulgação do Sarau da Onça 2019



Fonte: Facebook do Sarau da Onça

Nesse dia (05 out. 2019), quando cheguei, o Cenpah estava fechado e tinha uma jovem na frente do espaço aguardando para entrar. Apenas nós duas íamos participar da oficina. Entrei em contato com Sandro via rede social, o mesmo informou que estava a caminho e pediu para aguardar e avisar a quem chegasse. A jovem também já tinha entrado em contato através da página do Instagram.

Enquanto aguardava Sandro, fiquei durante aproximadamente 30 minutos conversando com a participante, que até então me era desconhecida. A jovem, fonoaudióloga, é moradora de bairro adjacente, frequenta o Sarau da Onça, mas não é assídua, e foi naquele dia especialmente para participar da oficina, inclusive devido ao trabalho realizado pela convidada.

Carol, antes de iniciar a oficina, propôs um momento que poderia dizer que foi ritualístico, utilizando símbolos que representam os 04 elementos da natureza (ar, água, fogo e terra) e, em seguida, explicou a importância de preparar o ambiente da atividade. Espalhou os livros no centro da roda e folhas de papel constando fala de alguma mulher negra. Foi solicitado que escolhêssemos uma para ler e nos apresentássemos. Desenvolveu uma breve técnica de alongamento, do tocar e sentir o próprio corpo. Ao longo da oficina, a convidada apresenta no seu discurso o feminino enquanto sagrado, o cuidado da mulher com a energia, o pensamento e a nutrição; o cuidar de si e das outras mulheres, com ênfase nas mulheres negras; a importância da escrita sobre suas experiências e dores, o valor dessas escritas e da possibilidade de produzir livros a partir desses conteúdos. Trouxe suas experiências com a leitura e escrita e a publicação de seus livros sobre a ancestralidade, o sagrado, o corpo da mulher, entre outros.

Fomos apresentadas a diversos livros de escritoras e escritores negros, a maioria brasileiros, tais como: Conceição Evaristo, Carolina de Jesus, Cristiane Sobral, Misoul Santos, Sônia Rosa, entre outros. Na verdade, eu fui apresentada, pois Laís conhecia a maioria delas. Eu não tive o hábito da leitura. Apesar de ter uma biblioteca no bairro, fui poucas vezes, geralmente para visitas pontuais. O interesse pelo universo literário veio na fase adulta, pois, no espaço laboral, encontrei pessoas que emprestavam livros sobre temáticas que chamavam a minha atenção, e depois fui buscando ampliar as leituras para outros conteúdos. A breve aproximação com a literatura negra foi no período da graduação; porém, predominava o conteúdo referente ao curso, enquanto Laís tem um vínculo específico com a literatura, em especial a negra. A jovem é idealizadora do blog “Uma Leitora Negra”, onde desde 2018 compartilha sobre autores, obras e eventos literários relacionados com a literatura negra. Assim, contribuí no fortalecimento desse cenário literário.

Em conversa, Laís enfatiza que é preciso “mostrar pra além do que foi escrito, mostrar a pessoa que escreveu, e dar visibilidade a esses rostos. O que eu acredito que é o principal é a democratização do conhecimento”. À medida que a condutora falava das escritoras e dos livros, Laís participava ativamente dialogando, apresentando seu conhecimento e, em outros momentos, questionando, demonstrando se sentir bem à vontade nesse mundo da literatura.

Foi-nos solicitado escrever em poucas linhas “o que nossa criança falaria para a adulta” e “o que nós falaríamos para a nossa mãe”, para, em seguida, fazermos a leitura. Naquele momento da prática, eu senti, na pele, como é a escrita sobre si. No início foi difícil, depois vem certo alívio e conforto. Posso dizer que foi libertador.

Carol pediu para fazer uma gravação, cada uma lendo a sua escrita. Laís aceitou tranquilamente. Eu aceitei, mesmo com certa timidez, pois ia ser postado na página do Instagram da Oficina de escrita para mulheres, vista nacionalmente, já que Carol mora no Rio de Janeiro. A convidada pediu o nosso contato e nos adicionou no Whatsapp do grupo da Oficina de escrita para mulheres.

Antes de encerrar, Carol fez a leitura de trechos de vários livros que estavam na roda, mostrando a escrita das experiências de mulheres, a diversidade da forma de escrita, ou seja, o cuidado de não comparar, e valorizar as particularidades de escrita. Laís comentou que:

Com um número reduzido de pessoas, tinha uma troca e um aprendizado maior do que se fosse com muita gente; achei interessante todo o acervo literário que ela nos apresenta, de escritoras fantásticas, esse conhecimento todo é importante a gente ter o contato.

Enquanto isso, no espaço, as pessoas iam chegando para participarem das próximas atividades. Conversando sentadas nas escadarias, percebi a presença de pessoas que geralmente não frequentavam o espaço. Estas conversas paralelas, em alguns momentos, interferiram na condução da oficina.

Fig. 10 - Oficina de escrita para mulheres no Cenpah



Fonte: Facebook Sarau da Onça

Fig. 11 – Livros utilizados na oficina



Fonte: Facebook Uma Leitora negra

Seguindo as atividades desenvolvidas pelo Sarau, de acordo com Sandro, com a inserção de Blenda e Alessandra na produção, foi possível a construção e levantamento de temas a serem debatidos nas mesas e nas oficinas ao longo dos 8 anos. Assim, no decorrer do processo, foi se intensificando a mesa de debate, que, em princípio, acontecia nos meses de maio e novembro e, depois, a cada um mês. E, quando não ocorria a mesa, “puxávamos algum assunto, na perspectiva de passar aquilo que achávamos que era importante para as pessoas que frequentavam o Sarau da Onça”. Nesse sentido, numa noite de Slam, para “puxar assunto”, apresento a narrativa de Sandro referente à experiência na oficina realizada numa escola pública. O idealizador provocou os estudantes a refletirem sobre a relação do personagem “Cascão” ser negro e a única criança que não gosta de tomar banho, “o sujo”, questionando, assim, quem gostaria de ser o negro nessa história. Nesse sentido, vale mencionar as ideias de Streck e Esteban (2013, p. 22):

[...] de modo que a intencionalidade formativa esteja voltada para ampliar as potencialidades de atuação destes sujeitos em diferentes níveis da vida social e política, no horizonte de sua conversão em atores sociais, ou seja, em protagonistas de sua história e na história das sociedades nas quais atuam.

Na conversa com os jovens sobre o Sarau da Onça, recolhemos os seguintes relatos:

Eu vi muita gente que chegou lá com algumas ideias meio controversa com a sua realidade. A pessoa preta, pobre favelada e tá defendendo uma ideologia narcocapitalista de gente rica, sobre livre mercado. Aí a pessoa com o tempo vai parando para pensar e acaba que a ideologia da pessoa pode mudar, porque a gente não impõe nossa ideologia a ninguém. (Trecho da roda de conversa presencial – Larry – 14/03/2020)

Bolha acrescenta que:

Quando você vem para o Sarau e quando você sai do Sarau é um choque de realidade, sai com mil coisas na mente, pensando mil fitas [...] mudou minha forma de pensar, mudou minha forma de agir comigo mesmo e com as pessoas que estão à minha volta, minha forma de enxergar o mundo de enxergar o sistema (Trecho da roda de conversa presencial –14/03/2020).

Franklin explana que:

Porque de eu voltar para o espaço é mais ou menos por causa disso porque lá as temáticas, as vivências que são explanadas através da poesia e alguns debates que de vez em quando rola [...] O espaço do Sarau da Onça me trouxe uma visão melhor da questão de ser um jovem periférico (Trecho da entrevista individual via rede social — 24/04/2020).

De acordo com Sandro:

Convidávamos pessoas influentes, referências nas áreas de literatura e militância principalmente sobre o povo negro, não enquanto um palestrante, mas um provocador, para as pessoas saírem dali com a cabeça fervendo, cheia de ideias ou questionamentos, procurar as redes sociais ou as referências que eram usadas nas falas das pessoas convidadas (Trecho da entrevista com Sandro Sussuarana – 12/12/2019).

Alguns dos temas discutidos nestas ocasiões eram estes: feminismo negro, comunicação, empreendedorismo negro, extermínio da juventude negra, empoderamento, violência doméstica, literatura e vivência. Para dinamizar a mesa de debate, esta acontecia da seguinte forma: o convidado traz uma fala alternando com outras participações, tais como: um poeta recitando, o trecho de uma música, apresentação teatral, dança, a participação do público, dentre outras. Os temas são selecionados com base na votação a partir da sugestão dos organizadores. Conforme Streck e Esteban (2013, p. 28):

Pensar criticamente não é uma faculdade ou um processo abstrato, mas sim concreto, histórico, que exige do sujeito reconhecer-se e assumir-se frente a essa historicidade, ou seja, perguntar-se para que e para quem vai servir o conhecimento ou pensamento que se quer gerar [...] Pensar criticamente não é fazer afirmações com conteúdo crítico, mas adquirir uma maneira de pensar capaz de ler criticamente o mundo por conta própria. Isto implica a formação de critérios para compreender e resolver problemas concretos em contextos cambiantes. Os critérios são razões valiosas que justificam e defendem formas de pensar e fazer que consideramos relevantes, confiáveis e potentes.

Os conhecimentos construídos no Sarau da Onça, sejam através das oficinas, ou dos recitais de poesias, proporcionam uma formação baseada no pensamento crítico, levando a uma reflexão sobre a realidade, possibilitando que os participantes transformem a visão sobre si e o mundo, bem como promovam a realização de mudanças desse contexto.

Na roda de conversa presencial, o que predominou nos relatos dos jovens foi o conhecimento adquirido, compartilhado e dialogado no Sarau. Para Larry:

Eu fiz o Enem e eu considero que eu passei por conta das pessoas que estavam aqui comigo no Sarau da Onça que me ajudaram com muita troca de informações. Aí pessoas falavam, olha essa questão é interessante, é importante que a gente pesquise nisso, eu fui pesquisando para mim aprofundar, e a gente vai passando de um estudo para outro e nisso a gente vai acumulando conhecimento, e foi o que me levou a várias pesquisas que me levaram a conseguir essa vaga em filosofia na UFBA (Trecho da roda de conversa presencial – 14/03/2020).

Segundo Bolha:

Se você vir uma noite no Sarau da Onça você vai ter milhares de informações trocadas tipo a poesia que eu recito é diferente da poesia que ela recita. Então as informações são diferentes, pode até citar o mesmo assunto, falar da mesma coisa, mas de forma diferente. Essa troca de informação que faz a gente ir para casa assim com esse choque de realidade. Com isso, tipo, me incentivou a começar a escrever, mas pode incentivar você a fazer outra coisa, como te incentivou a você fazer esse trabalho aqui, como incentiva outras pessoas a se empoderar, entender o seu lugar, a realmente ter o lugar de fala para esse âmbito. E acredito que isso também pode incentivar outras pessoas, inclusive as pessoas que estão no meio da criminalidade, inclusive as pessoas que estão em outro meio, as pessoas da Polícia Militar ou qualquer outro meio de pensamento, ou da igreja evangélica, que possa te impactar, que você possa colocar seus pés no chão e realmente eu tô no Brasil, eu tô na periferia, eu tô na favela, eu tô na realidade que acontece isso, não posso simplesmente fingir que isso não existe, eu não posso deixar isso para lá, eu tenho que me colocar, eu tenho que entender o meu lugar e eu espero que todo mundo procure saber, procure entender o que você quer realmente, é realidade da sua vida e assim como me motivou, espero que motive outras pessoas (Trecho da roda de conversa presencial – 14/03/2020).

Clara compartilha a sua vivência:

Todo Sarau é uma experiência nova, cada edição tem um estalo diferente. Todo Sarau a gente sempre ouve poesias falando de racismo, sexismo e todos esses atravessamentos. E aí teve uma edição específica que tiveram duas poesias, sobre isso mesmo e aí eu fiquei pensando que não é separado, sabe, tudo faz parte do conjunto. E isso ficou marcado na minha cabeça, e aí eu comecei a escrever uma poesia juntando as duas coisas e recitar ela no Sarau me deixou extremamente satisfeita, com uma sensação indescritível, porque eu só escrevi porque eu recebi aquela mensagem (Trecho da roda de conversa presencial – 14/03/2020).

Larry narra que:

Informações que eu pegava da poesia de outras pessoas eu acabava agregando e assimilando tudo. Tudo que os outros recitavam para mim tinha uma carga maior depois que eu me envolvi com a poesia. [...] Se torna um espaço muito rico, a gente consegue captar muito mais informação em menos tempo, das pessoas que transmite a informação através da poesia. (Trecho da roda de conversa presencial – 14/03/2020).

Acrescentamos a fala de Evanilson sobre o processo de formação:

O Sarau foi espaço de formação não só para mim, mas para diversos jovens da periferia, porque conseguimos trazer diversos atores, posso citar Vilma Reis (teve um papel muito importante na formação de diversas pessoas, até hoje quando trazemos ela, tem um efeito imediato nas pessoas) pelo discurso direto, pela forma como ela se posiciona, ela acabou de certa forma impulsionando e protagonizando diversas histórias. Outras pessoas que também passaram como o Nelson Maca, Giovanni Sobrevivente (referencial positivo pra gente) e novos poetas, como Poeta com P de Preto que é o Nilton Jr., Lara Nunes, Airam Reis (é uma poeta e atriz), poderia ficar a tarde inteira falando de diversas pessoas que têm papel importante no Sarau (Trecho da entrevista com Evanilson Alves – 11/03/2020).

Destacamos o saber construído no Sarau da Onça, a partir da escuta das experiências e do reconhecimento entre pares que essas histórias suscitam, como afirma Arroyo (2014, p. 14):

Esses coletivos populares mostram que toda experiência social, até as mais brutais, de sofrimentos, de vitimação, de opressão produz conhecimentos, indagações radicais, leituras lúcidas de si e do mundo, leituras das relações de poder, de expropriação de suas terras, leituras dos extermínios de que foram e são vítimas. Experiências tão radicais que produzem saberes radicais. Em cada um dos temas nos perguntamos por onde passam essas vivências tão radicais que provocam aprendizados radicais que levam a tomada de consciência política.

Ao longo do texto, os depoimentos dos jovens demonstram a relação do aprendizado compartilhado no Sarau da Onça com a sua realidade de vulnerabilidade, de ser jovem da periferia, do genocídio negro e tantas outras opressões, com o caminhar para uma tomada de consciência. Ressalto que o viés político do Sarau da Onça será ampliado, teoricamente, mais à frente.

A criticidade para nós implica na apropriação crescente pelo homem de sua posição no contexto. Implica na sua inserção, na sua integração, na representação objetiva da realidade. Daí a conscientização ser o desenvolvimento da tomada de consciência. A consciência crítica “é a representação das coisas e dos fatos como se dão na existência empírica. Nas suas correlações causais e circunstanciais”. [...] Por isso é que é próprio da consciência crítica a sua integração com a realidade [...] (FREIRE, 1967, p.60).

Mencionamos a narrativa de Larry:

Quando você começa a frequentar o Sarau, você tem visão de que existe o sistema, que ele não permite que a gente ascenda socialmente e que ele força a gente a algumas condições que acabam por ser de inferioridade, porém eles não deixam explícito isso, então muita pessoas acabam ficando nessa situação de vulnerabilidade social por conta do racismo velado, do racismo institucional e não sabe por quê. Normalmente as pessoas que não têm acesso à informação para ter acesso à educação de qualidade, como é o caso da maioria das pessoas que estudam em escola pública, ela não sabe da existência dessas questões e acaba que elas não têm como saber se está sendo manipulada pelo sistema e tudo mais. Quando você chega no Sarau, ele abre seus olhos para isso, você começa a pensar diferente (Trecho da roda de conversa presencial – 14/03/2020).

Para Clara:

Quando você começar a ir e observar a vivência parecida com a sua, começa a criar uma consciência crítica, começa a reavaliar seus pensamentos, a pensar melhor nas coisas que você vai escrever, as palavras começa a fluir melhor (Trecho da roda de conversa presencial – 14/03/2020).

Conforme os estudos de Freire (1967, p.5), o “aprendizado deve encontrar-se intimamente associado à tomada de consciência da situação real vivida pelo educando”. O pensador acrescenta (1967, p.11): “conscientizar não significa, de nenhum modo, ideologizar ou propor palavras de ordem. Se a conscientização abre caminho à expressão das insatisfações sociais é porque estas são componentes reais de uma situação de opressão”.

Indignados pela opressão, os jovens apontam intenções e iniciativas de promover mudanças dessa realidade, como já foi mencionado anteriormente, quando Bolha assumiu organizar atividades culturais politizadas. Como exemplificam as narrativas dos jovens apresentadas abaixo:

Eu quando conheci o Sarau da Onça meus horizontes se abriram para essas pesquisas, eu percebi que todo mundo ao meu redor, por mais que eu não sofresse com isso, estavam sofrendo com essas questões, então é algo que por mais que não me acometa diretamente, me acomete indiretamente. Então eu precisava que as pessoas que não têm essas informações, tivessem acesso por algum meio (Trecho da roda de conversa presencial – Larry - 14/03/2020).

Nesse contexto, Larry explana a intenção de lecionar em escola pública e os seus propósitos, pois:

Se eu voltar para o local de onde eu saí e levar as oportunidades que eu não tive, vai ter muito mais pessoas no local onde eu estou hoje para poder fazer o mesmo sistema e levar as informações, levar conhecimento, levar outros tipos de benefícios para o local onde elas saíram. Tudo gira em torno disso, se a gente que sai daqui da favela alcança algo bom e sai da favela, mas a gente não vai tá dando retorno nenhum para o local que a gente saiu, para as pessoas que apoiaram a gente aqui dentro. Então, para mim, o mais importante atualmente é devolver para as pessoas o que elas depositam em mim. [...] E com mais pessoas informadas, a gente vai perceber que nossa força não tá na individualidade, tá na União (Trecho da roda de conversa presencial – Larry – 14/03/2020).

A perspectiva de Clara aponta que:

Eu fico conversando com minha mãe sobre essas coisas, para ela poder conversar com as outras pessoas do trabalho, principalmente por essa questão de que ela é uma mulher na polícia e ela é um pouco muito oprimida. Aí eu fico tentando falar sempre que rola alguma coisa. [...] O máximo, desconstruir a ideia que eles têm, eu sei que eu não vou conseguir, porque tá muito enraizado, eles são ótimos pais, mas tem coisas que não é o que eu acredito (Trecho da roda de conversa presencial – Clara – 14/03/2020).

No mesmo sábado que ocorreu a oficina de escrita para mulheres, na sequência, foram debatidos dois temas: “Empreendedorismo negro” e “Masculinidade Tóxica”, com Ari Sacramento (filósofo e professor adjunto da UFBA). Encerrou-se a noite com a atração musical Mc Dexta; porém, este último não assisti, pois saí do espaço às 21h 50min e ainda estava na fala de Ari.

O bate-papo referente ao Empreendedorismo negro foi pleno de conhecimento feminino, com a mediadora Tamila Santos, e as convidadas Amanda Dias e Karine Oliveira. Compartilharam suas experiências com o universo do negócio, dando ênfase à educação financeira, fazendo relação com o contexto histórico, demonstrando que empreender pelo povo negro não é novidade. Durante a conversa, predominava o inventivo, o fortalecimento da autoconfiança, criatividade, coragem e o direito de ser um empreendedor melhor, de se reconhecer enquanto um. Assim, o conteúdo exposto foi de fácil entendimento e a linguagem, próxima aos periféricos.

Nesse dia, encontrei uma vizinha que mora no mesmo bairro que eu morava, Fazenda Grande do Retiro. Ela informou que abriu um pequeno negócio e estava naquele espaço devido à presença das convidadas, que acompanha através das redes sociais. Ao término das falas, foi aberto o debate para a participação do público que, a princípio, ficou tímido, mas, com incentivo, participaram, uns trazendo suas vivências, e outros suas dúvidas. A minha vizinha fez algumas perguntas e, na conclusão da atividade, foi conversar com as convidadas.

Carol, a condutora da atividade anterior, comentou apontando o cuidado com o empreendedorismo neoliberal. As mulheres de negócio responderam dando ênfase ao fortalecimento do empreendedorismo negro. O empreendedorismo do contexto neoliberal segue uma ideologia de incentivo ao individualismo e competição entre os sujeitos, atendendo aos interesses econômicos do sistema capitalista. Atualmente, é possível observar um discurso que fomenta a inserção de qualquer cidadão como empreendedor; porém, existem marcadores, como a classe social, raça e gênero, que impossibilitam o êxito neste ramo.

Para contribuir com esse tema, apresento o resultado do estudo “Empreendedorismo Negro no Brasil”, realizado pela aceleradora de empresários negros PretaHub, da Feira Preta e parceiros (NAVARRO, 2019). O estudo informa que a maioria dos empreendedores negros são mulheres. Acrescenta que:

Os empreendedores negros estão divididos em três perfis, de acordo com suas motivações para empreender. Os da categoria Necessidades (34%) são aqueles motivados a entrar no mundo dos negócios porque precisam do dinheiro ou estão desempregados. Já a categoria Vocação (35%) inclui os negros com familiaridade com atividade empreendedora. A categoria Engajamento (22%), concentra negros com desejo de empreender e vontade de exercer uma atividade auto afirmativa, voltada para o público afro.

Podemos refletir que o empreendedorismo, enquanto engajamento, vem fazendo crescer negócios com enfoque em produtos que atendam a necessidades do povo negro, como salão de beleza e cosméticos para cabelo, valorizando a identidade negra. Negócios criados por negros para o público negro. Além disso, observa-se o incentivo à compra de produtos vendidos por negros como uma forma de fortalecer o trabalho. Destaco esses momentos oportunizados pelo Sarau da Onça, como, por exemplo, numa noite de evento, com a exposição no espaço para a venda de roupas afro:

Fig. 12 - Exposição no espaço para a venda de roupas afro.



Fonte: Arquivo da autora.

Se, por um lado, os negros comprem pensando na representatividade, há, infelizmente, quem não negocie produtos com negros. Outros desafios são apontados por Navarro (2019), como “dificuldades em obter acesso a crédito e em gerir finanças, bem como a carência de apoio no planejamento e administração de negócios, são os principais desafios enfrentados pelos empreendedores negros”.

Nesse sentido, Sandro participou trazendo sua experiência e de uma poeta que estava presente, quando recitavam juntos no transporte público e o dinheiro que ganhavam dos passageiros. Ele compartilhou sua vivência em relação ao trabalho realizado pelos poetas e a desvalorização deste enquanto trabalho remunerado. O poeta foi convidado para recitar num evento realizado pela prefeitura de Salvador, porém informaram que não seria remunerado. Sandro não aceitou participar, pois, para ele, os responsáveis pelo evento teriam recursos financeiros para o pagamento do seu cachê. Baseado nessa situação, Sandro produziu a poesia:

Cadê o cachê?

É o cachê!

*Aquilo que todo trabalhador *deve* receber em troca dos seus serviços*

[...] E os poetas tem que ir recitar de graça?

De onde que cês tiraram isso?

Que a gente trabalha em troca de divulgação?

[...] A gente tá ligado que nosso cachê nunca é previsto

Que a verba foi pouca pra isso e aquilo

Mas, cês precisam entender que valorizar o nosso “Corre” é muito mais do que um “muito obrigado” acompanhado de um sorriso.

(Trecho do poema “Cadê o cachê?” publicado no Instagram de Sandro Sussuarana).

Percebemos como ainda é um processo penoso o reconhecimento do poeta enquanto artista, trabalhador e a valorização da atividade estética como digna de remuneração, principalmente no que tange à literatura marginal. Posto que os artistas consagrados e midiáticos recebem vultosas quantias do poder público, Franklin explana a sua visão:

Há necessidade de dar valor aos escritos, ao que eu produzo, por mais que não seja aquela qualidade tal como eu acho que deveria ser. Eu tenho dado valor agora da importância de produzir e de me colocar como artista, sabe por quê? Para muitos, a gente acaba se colocando como uma pessoa que tem um hobby e não ser vista como artista, e o Sarau me trouxe isso, essa visão (Trecho da entrevista individual via rede social – 24/04/2020).

Atualmente, os idealizadores são profissionais na área da poesia e literatura. Como eles dizem: “vivo da poesia”, ambos têm um rico currículo em atuações no cenário literário. Segundo Sandro, “eu trabalho com palestras, oficinas e apresentações de poesias, eu recebo em muitos casos e em outros não, faço isso individualmente e também pelo Sarau. Há 5 anos a minha dedicação total é única e exclusiva do Sarau”.

Aproveito para ressaltar outro desafio mencionado por Sandro para execução das atividades, o qual é o dinheiro, pois o Sarau é gratuito, e as pessoas que estão lá são voluntárias. Exceto os editais, eles não contam com outro tipo de financiamento.

Existem custos para produzir um Sarau, copo de água, luz, água, transporte e alimentação para o convidado já que não temos dinheiro para pagar o cachê. Às vezes são os próprios participantes que dão essa contribuição, como Valdek, porque inúmeras vezes já foram buscar e levar palestrantes. Existem parceiros na comunidade que são nossos amigos, mas fortalece da forma como eles podem, exemplo “Sangue bom” da Casa de frutas manda frutas.

Assim, destacamos a solidariedade de pessoas e comerciantes do bairro para com o Sarau, certamente por entenderem a sua importância educativa e social. Cabe enfatizar a diversidade de manifestações artísticas e culturais nesse espaço, bem como a íntima relação dos poetas marginais com o movimento do Hip Hop e suas expressões.

Evanilson revelou a sua vivência com arte anteriormente ao Sarau: “um vizinho me ensinou a fazer rap, depois aprendi com Sérgio Bahialista (o pesquisador da UNEB já mencionado neste texto, Sérgio Silva) a fazer cordel. Usei o cordel com o rap, é o tipo de poesia que eu faço, de protesto e ao mesmo tempo com sentimento, muita vida no que escrevo” (Trecho da entrevista em 11 de março de 2020).

Tal associação com o movimento Hip Hop, como já vimos, não é aleatória e, cremos, seja importante situar de maneira sintética este movimento. Conforme os estudos do pesquisador da UNEB, Araújo Neto (2019, p. 91), “o Hip-Hop é um movimento sociocultural que surgiu no início dos anos de 1970 no bairro suburbano do Bronx, na cidade de Nova Iorque –EUA”.

Recorremos à tese de doutorado de Dayrell (2001), que trata do Rap e do Funk na socialização da juventude em Belo Horizonte. Assim, o pesquisador diz que “as linguagens do rap, do *break* e do grafite tornaram-se os pilares da cultura hip hop, fazendo da rua o espaço privilegiado da expressão cultural dos jovens pobres” (DAYRELL, 2001, p. 41).

“No Brasil, a origem do funk e do hip hop remonta aos anos 70, quando da proliferação dos chamados “bailes black” nas periferias dos grandes centros urbanos” (DAYRELL, 2001, p. 41). O pensador também se refere a “[...] jovens que aderiam à “ideologia” do movimento hip hop, com uma proposta mais radical, ligados a um som menos dançante, mais marcado, com letras que faziam críticas políticas ao sistema, a denúncia da realidade social” (DAYRELL, 2001, p. 49). Logo, parece-nos claro o diálogo com a educação popular, pois, conforme Brandão(2000, p.24), esta perspectiva educacional:

[...] define a educação como instrumento político de conscientização e politização, através da construção de um novo saber, ao invés de ser apenas um meio de transferência seletiva, a sujeitos e grupos populares, de um “saber dominante” de efeito “ajustador” à ordem vigente — este é o sentido em que ela se propõe como uma ampla ação cultural para a

liberdade a partir da prática pedagógica no momento de encontro entre educadores-educandos e educandos-educadores [...].

O teor político é uma associação presente nas temáticas musicais do rap e na produção de texto dos poetas marginais. Neste sentido, acrescentamos as ideias de Strick e Esteban (2013, p.26):

Resta, portanto, para a educação popular, o desafio de retomar e potencializar o conteúdo do “popular” [...] como categoria política que dá conta do conjunto de sujeitos e práticas que evidenciam, denunciam e buscam subverter as múltiplas opressões e exclusões da democracia imperante.

Compartilhamos o estudo de Dayrell (2001, p. 49) referente à influência do “rap consciente” no Brasil:

No início dos anos 90, o rap americano vivia um novo momento, com uma nova geração de rappers se referindo de forma mais agressiva à questão racial, à luta pelos direitos civis e ao nacionalismo. Por meio de discos e videoclipes, os jovens passaram a ter acesso a essa tendência chamada de “rap consciente” [...].

Considerando a pesquisa de Araújo Neto, (2019, p. 97):

As mensagens, reflexão, conscientização e entendimento étnico-racial de grupos como o Racionais MC’s, Fação Central e MV Bill, e tantos/as outros/as, principalmente oriundos/as do eixo Rio-São Paulo se difundem pelas periferias de todo o Brasil.

Presenciei, no Sarau, momentos de conexão com essa manifestação cultural, por exemplo, nos intervalos de apresentações de poesias. Seja em dias de Sarau ou no Slam, tocava-se músicas, bem como solicitava-se sugestão do público. Na maioria das vezes, eram músicas do Racionais e a plateia (na sua maioria os jovens frequentadores assíduos) acompanhava cada música como um coral afinado, algumas vezes faziam comentários sobre a relação da letra da canção com as suas realidades.

Nesse contexto, regionalmente, conforme Neto, A. (2019, p. 98): “por meio deste traslado da música preta periférica no âmbito nacional, o RAP adentra na Bahia em meados dos anos 90”. Cabe acrescentar que “Leões do RAP, em meados do ano de 1991, foi o primeiro grupo a cantar RAP em Salvador” (MIRANDA, 2014; *apud* NETO, A., 2019, p. 98).

Segue trecho do rap de Araújo Neto:

*Sou a voz que não cala
(Mc Uh! Neto)*

*Sou a voz que não cala
Malabarismo verbal
Magia
Cada poesia
Tire de mim todo o mal
Entre garranchos da letra
Escrevo mesmo quem eu sou
E quem não entende se atrapalha
Nos caminhos que vou
Sou a voz que não cala
Do poeta esquecido [...]*

O rap desvela sua produção cultural sobretudo nas letras das músicas que denunciam a realidade da exclusão do jovem pobre, sobretudo aquele de origem negra. A fala áspera, que manifesta a fúria e a ira, assim como o tom duro e rude das letras, revela o desejo de resgatar o direito da palavra e da invenção criadora sob a forma de relato malcomportado e teatralizado do drama diário da vida, muitas vezes negando os parâmetros dominantes do gosto e do consumo musical. Sua expressão social predominante é articulada a uma denúncia da exclusão e do racismo, visíveis na violência policial e na falta de alternativas para os jovens, sobretudo os pobres e negros(SPOSITO, 2000, p. 84).

Sendo assim, é possível destacar que a semelhança entre os hip hoppers/rappers e os jovens do Sarau da Onça também é no sentido da atuação enquanto representantes da periferia e seus moradores.

Recorremos aos estudos de Dussel (2018), que apresenta as hipóteses geradoras para uma estética da libertação; assim, destacamos a hipótese que trata da mútua determinação dos campos estético e prático (político, ético, técnico, ideológico, etc.). Desse modo, é possível apontarmos a relação da estética e da política na poesia marginal, através da escrita e na voz de jovens que denunciam a realidade de opressão, que têm o compromisso consigo mesmos, com a periferia e seus moradores. “O campo estético pode estar (e é inevitável que esteja) determinado pelo campo político [...] as obras de arte expressam a interpretação da história de um povo oprimido e seu processo de libertação” (DUSSEL, 2018, p. 18). Conforme a narrativa de Bolha:

A questão da poesia é tipo você sentir raiva daquilo que tá acontecendo, é você se comover com aquilo, é você tomar para si, querer expressar para outras pessoas. [...] São coisas que me inspiram demais para escrever, atualidades e fatos que ocorrem realmente, que quase ninguém vê ou as

peessoas veem e descarta (Trecho da roda de conversa presencial – 14/03/2020)

Segue um trecho da poesia produzida por Bolha:

Regressão

*[...] Tento passar minha informação, minha denúncia, minha realidade
Só não aceita quem é covarde
Pois recito para gueto, no gueto, pelo gueto [...]
Vivo em Salvador
A procura de um pregador
Que me responda por favor
Por que minha fé é tão falha?
Não foi o suficiente pra salvar os irmãos
Que sumiram em um simples click de uma bala.*

Rick explana sobre suas poesias:

Minhas poesias falam absolutamente sobre a minha sexualidade, fala sobre minha cor, fala sobre o estereótipo do gordo, entendeu? eu tento puxar muito para o lado homossexual, são vozes que são pouco faladas, existem vozes homossexuais femininas, tipo de mulheres que são lésbicas, mas não tem vozes homossexuais masculinas [...](Trecho da entrevista individual via rede social – 07/04/2020).

Os movimentos do rap e da poesia marginal estão no engajamento político, com reivindicação e denúncia referente a temas como a desigualdade social e violência vivenciada pelos periféricos, enfim, suas experiências no cotidiano. Outras aproximações entre eles são mencionadas na pesquisa de Érica Nascimento (2009, p. 160):

Valem-se dos mesmos termos (como “mano”, “preto”, “favela” e “gueto”), defendem movimentos que reivindicam a “representação da periferia no plano cultural, [...] questionam os valores culturais e os estilos de vida dos mais ricos, combatem os mesmos inimigos – “o sistema” e “a elite”. [...] em certa medida, o movimento de literatura marginal dos escritores da periferia atualiza as elaborações, os discursos e os projetos do movimento hip hop.

Segue trecho de um rap conhecido dos jovens moradores da área de Sussuarana, de autoria do rapper Wizer, e intitulado “Tudo que vejo”: “daqui de cima enxergo tudo, e vejo que quase ninguém vê, que de todas as quadradas as pior é a TV que distorce, engana e nos rouba apontada para a nossa cara”.

O movimento Hip Hop é uma das potências culturais em Sussuarana. Na roda de conversa presencial, Larry comentou que é comum encontrar no bairro cantores

e grupos ligados ao rap (alguns já gravaram CD), bem como dançarinos de break ou street dance. Dentre estes, podemos citar “Os Agentes”, cuja síntese histórica pode ser colhida na internet: “a banda de rap nascida em 2003, em Sussuarana, dona de projetos como Rap’Sando Sussuarana, festival Hip Hop na Onça e das festas Black House, o grupo representa a Bahia em vários estados do Brasil” (Informações coletadas na página do Festival Negra América. Disponível em: <https://festivalnegraamerica.wordpress.com/coletivos/os-agentes/>. Acesso em: 15 fev. 2020).

Acrescento, ainda, como atividade importante destes coletivos, as batalhas de rima, como a “Batalha do Pega Visão”, que acontece a cada quinze dias, às sextas-feiras, na entrada do Novo Horizonte. Na roda de conversa presencial e nos relatos sobre o primeiro contato com o Sarau da Onça, a Batalha do Pega Visão predomina na fala dos jovens participantes, mencionada como um espaço de contato anterior ou após o Sarau da Onça:

Eu cheguei aqui no Sarau depois de ter frequentado o Pega a visão, foi o meu primeiro contato com a poesia, e na época lá tinha um Slam que era batalha de poesia chamada Slam da Esquina, eu vi Henrique Lima e Samuel Lima fazendo *freestyle* de poesia, eu vi muita gente recitando, isso me chamava atenção, achava algo surreal, eu disse: eu quero participar disso, tá ligado? (Larry - Trecho da roda de conversa presencial – 14/03/2020).

Já Bolha, afirma que, ao sair da igreja, começou a frequentar outros lugares, como as pistas de Skate e o Pega Visão: “quando fui à primeira vez na batalha, fiquei maravilhado, não só pelo rap, não só pela questão da rima, mas também por ver as pessoas recitarem, por ver aquilo ali acontecendo, tipo de ouvir poesias clássicas” (Trecho da roda de conversa presencial – 14/03/2020).

Fig. 13 – Slogan da Batalha do Pega Visão



Fonte: Facebook do Pega Visão

Atualmente, Bolha é um dos organizadores do Pega Visão. De acordo com ele, são realizadas intervenções poéticas no evento e, portanto, ali tem o diálogo entre a poesia e o rap. Destaco o depoimento de Rick, referente às suas experiências nos espaços das batalhas de rimas, que têm uma perspectiva crítica a partir de sua condição de homossexual:

Eu me sinto super desconfortável em estar em espaços aonde só tem visão de heteronormativo e heteroescretos, a batalha de rap é uma coisa aberta aonde muitas vezes um hétero não tem respeito, porque a maioria das pessoas que batalham são héteros; nunca tem uma mina batalhando, entendeu? E são espaços super desrespeitoso, aonde um hétero fica esculhambando o outro; antigamente existia batalhas de conhecimento, onde as pessoas tinham conhecimento nas rimas. Hoje em dia, as batalhas um hétero xinga um ao outro hétero, entendeu? [...] Eu sinto falta de batalha de conhecimento aonde você vai para a batalha e você vê rima de verdade, entendeu?(Trecho da entrevista individual via rede social – 07/04/2020).

Bolha explica sobre o processo da batalha do Pega Visão:

Geralmente, o tema é livre; são coisas como criminalidade, políticas, coisas que geralmente acontece; claro que, às vezes, não saindo do âmbito de batalha, mas sempre nesse foco. A gente tenta prezar a ideologia, a mensagem. Tá ali, batalhar, um vai atacar, o outro vai defender, mas a gente sempre gosta de buscar a integridade. Então já aconteceu de desclassificar Mc por conta de condutas inadequadas, de falas que não são apropriadas (Trecho da entrevista individual via rede social – 07/04/2020).

Nesse sentido, percebemos a diversidade no formato das batalhas de Rima, de conhecimento, enquanto outras utilizam a rima para outros fins. É interessante notar as críticas ao machismo e à competitividade hétero, e o caráter pedagógico e disciplinar expresso nas desclassificações por falta de postura, o que aponta para um sentido ético e político subjacente à experiência estética. Desse modo, enfatizamos os estudos de Dussel (2018, p. 19) quando afirma que “o cruzamento do campo estético com o ético-político, permitirá à estética subsumir as categorias desses dois campos práticos, e a estética se aproximará de sua produção histórico-concreta”.

Batalhas de rimas são desenvolvidas em outras periferias, sendo a rua o espaço. Posso exemplificar a minha experiência no bairro da Fazenda Grande do Retiro, do qual fui moradora. Há 3 anos moro na Liberdade, mas continuo frequentando a “FG” como os moradores chamam, pois meus pais continuam morando por lá. Numa noite dessas, estava acontecendo a “Batalha da FG”.

Fig. 14 - Slogan da Batalha da FG

Fonte: Facebook Batalha da FG

Essa batalha acontece na rua do final de linha do bairro. Como o espaço é público, percebi vantagens e desvantagens para a realização. O lado positivo é que as pessoas transitavam e algumas paravam e ficavam para assistir e terminavam por participar da escolha do vencedor de cada etapa, pois a avaliação é a partir dos aplausos do público, sendo este, geralmente, morador do bairro. Ressalto que tem premiação para o campeão da batalha. Por outro lado, o final de linha é cenário de encontro dos jovens, com diversidade de gostos. Então, a partir de um determinado horário, estacionam carros próximo ao local da batalha, ligando suas caixas de som em elevado volume. Em alguns momentos, havia 2 ou 3 carros em diferentes pontos com o som ligado, o que findava interferindo na escuta da batalha, apesar desta contar com equipamento eletrônico e microfone. As periferias são carentes de espaços para desenvolver atividades culturais, para entretenimento e lazer dos seus moradores.

Para finalizar a explanação sobre a conexão entre esses movimentos culturais periféricos, destaco que acompanhei Evanilson e Sandro no Festival Literário Regional (Flin), realizado no Ginásio Poliesportivo de Cajazeiras. O evento tem entrada gratuita e várias atividades literárias e culturais, com a participação de representantes da arte e cultura do bairro, como o Jaca e Zeferinas, bem como atrações artísticas conhecidas a nível estadual e nacional. Portanto, é um momento de exaltar e divulgar a presença de cultura, arte e literatura nas periferias, sendo representado por Cajazeiras.

Fig. 15 - Cartaz de divulgação do Festival Literário Regional



Fonte: www.flin.ba.gov.br

Nesse dia, o tema do bate-papo foi: “É na voz da quebrada que reluz a minha força”. Para compor a mesa, foram convidados os poetas marginais: Blenda (Sergipe), Sandro e Evanilson (mediador) e o rapper Francisco Igor Almeida dos Santos, conhecido artisticamente por Rapadura, nascido em Fortaleza (CE). Este recorre à associação do rap aos ritmos e cultura nordestinos. Segue abaixo sua composição:

Norte Nordeste Me Veste

*O nordeste é poesia
Deus quando fez o mundo
Fez tudo com primazia
Formando o céu e a terra
Cobertos com fantasia
Para o sul deu a riqueza
Para o planalto a beleza
E ao nordeste a poesia [...]*

Rapadura

O bate-papo mencionado acima aconteceu na área externa do ginásio, onde foram colocados toldos, um ao lado do outro, para a execução de atividades. As mesmas aconteciam de forma simultânea e, algumas, tinham apresentação musical, sendo possível escutar o som; porém, não chegavam a interferir nas demais.

Quando iniciaram a apresentação, ainda havia poucas pessoas, mas, no decorrer do processo, o público foi se aproximando. Alguns sentados nos puffs, outros nos tapetes no chão e a maioria em pé. Em um dado momento, o espaço estava repleto de estudantes e professores (a maioria de escola pública), funcionários do evento e moradores do bairro, todos atentos às falas e performances.

Na fala, os convidados relataram sobre as suas histórias de vida, relacionando a arte com a sua origem periférica. Desse modo, predominava, nos relatos, as semelhanças na questão da inspiração para a construção dos textos (as suas vivências e a relação com a sua realidade enquanto ser da periferia). Rapadura apontou as dificuldades e a luta que enfrenta no cotidiano da periferia, e a desvalorização do rapper; a criatividade ao usar o repente e a música nordestina para fazer o rap, o que exigiu o estudo de vários elementos para se aperfeiçoar.

Conversei com duas estudantes de escola pública. Eu estava sentada ao lado de uma menina cujos olhos brilhavam e a alegria era notável através do largo sorriso, ao ouvir e falar de uma das convidadas, a sergipana Blenda Santos, campeã do Slam BR, em 2018. A adolescente estava eufórica com cada fala da slammer e disse que a segue nas redes sociais. Relatou que escreve poesia, mas nunca recitou, pois tem vergonha, acrescentando que Blenda é sua referência.

Quando abriu para o público, os questionamentos transcorreram em torno de explicações sobre a poesia, a relação com a identidade negra e periférica e sobre o olhar dos convidados diante do atual governo. Quem participava ganhava um livro. Referente ao atual governo, Sandro e Blenda responderam através da declamação de poesias, as quais faziam crítica à atual conjuntura. Blenda respondeu que se considera representando a periferia e a mulher negra de Sergipe: “O meu desejo é de que outras possam falar, ter suas vozes escutadas, não ser a única representante”. Destacou a “representatividade coletiva” que outros possam falar, trazer sua arte.

Sandro e Evanilson realizaram oficinas de poesia em escolas públicas de Cajazeiras e, na Flin, estavam presentes pessoas que haviam participado dessa atividade. Conversei com uma das estudantes, que, tímida, com poucas palavras, afirmou que escrevia poesias sobre o que no momento tinha vontade. Na passagem dos idealizadores pela escola, a adolescente ganhou no sorteio um livro do Sarau da Onça.

Jovens que estavam presentes, e diziam produzir poesia, foram convidados pelo mediador do bate-papo, Evanilson Alves, para recitar. O público foi bem receptivo, aplaudindo cada manifestação poética. Nesse dia, os idealizadores convidaram um amigo poeta e escritor para divulgar seu livro e recitar suas poesias.

Destaco que presenciei vários momentos de solidariedade e apoio mútuo entre os pares. A divulgação de trabalhos de outros poetas é notável em dias de

Sarau/Slam no Cenpah, bem como em outros locais. Destaco o Sarau como um espaço de fortalecimento de outras manifestações culturais da Sussuarana e de outras periferias. Esse aspecto é reconhecido pelos poetas frequentadores, ao apontarem o Sarau da Onça como um espaço de aquilombamento. Joselício Júnior publicou na Revista Fórum, em 2019, o artigo “É tempo de se aquilombar” e afirma que:

Aquilombar-se na atualidade é estabelecer o Autocuidado, construir espaços coletivos de afeto, de acolhimento, de escuta, de sociabilidade, de sentidos coletivos, de fortalecimento de laços, memórias e constituição de uma identidade. Aquilombar-se é se Organizar, constituir espaços que possamos refletir e agir sobre a nossa realidade. Questionar o que está posto que nos oprime e construir demandas, ações concretas, nos colocar em movimento para mudar nossa realidade. Aquilombar-se é compreender a nossa história, nossas origens, nossa cultura, resgatar nossas memórias, é lembrar o passado, para entender o presente e construir o futuro.

Considerando o Sarau da Onça e o sentimento de pertencimento dos jovens ao espaço:

O Sarau é extremamente importante principalmente para manter a nossa história viva, é um local extremamente aberto a pensamentos, é um local de libertação mesmo, também para poder acolher essa comunidade, envolvendo as pessoas nesse meio, sabe? mantendo as pessoas perto da arte e da realidade ao mesmo tempo, salvando vidas atrás disso, não só por estarem salvos enquanto tá ali dentro, mas também por estarem sendo sábia ao ouvir o que é recitado (Trecho da entrevista individual via rede social – Clara – 11/04/2020).

Durante o diálogo, Paula explanou:

O que me levou até aqui foi não ser como meus amigos que entrou no tráfico e pelo que eu passei dentro de casa em relação ao machismo. Minha mãe já apanhou do meu padrasto, e outras coisas de uma visão que eu tinha e não tenho mais através disso (Trecho da roda de conversa presencial – 14/03/2020).

Em outro momento, Rick declara que:

O Sarau da Onça tem o poder de ser degrau para você, eles estão ali, você sempre sabe que eles estão ali, eles te dão um impulso tão grande e têm uma energia tão boa que acaba te levando pra cima.[...] Até então é uma coisa que me reconfortava nos meus momentos de Fúria de Titãs, de exatidão mental e tal, quando eu me estressava muito, tipo com esses casos que eu não sabia me impor, como os de homofobia, eu sempre chorava muito. Acho que se eu não tivesse conhecido o Sarau, eu não teria

nunca sido a pessoa que eu sou hoje (Trecho da entrevista individual via rede social – 07/04/2020).

As relações com os diferentes tornam-se um momento de aprendizado, de troca, amizade, afeto, empatia e solidariedade. Para Bolha, “foi criado meio que uma relação assim de brincadeira como é o Sarau da Onça; é um Sarau bem descontraído” (Trecho da roda de conversa presencial – 14/03/2020).

Nesse sentido, Santana e colaboradores (2019, p. 13) seguem na perspectiva que:

Saraus são, com frequência, vividos, experimentados como quilombos urbanos que são. [...] Além de terem se firmado como espaços de fruição e de convivência comunitária, como espaços onde reconhecer-criar-viver pertencimentos, saraus são também espaços a partir de onde pensar-se. Territórios de reexistência [...].

Os autores mencionados acima acrescentam os estudos de Abdias Nascimento (2009) sobre a noção de quilombismo como “genuínos focos de resistência física e cultural”. Segue o depoimento de Larry:

Quando eu comecei a frequentar, eu tive contato com todas essas pessoas (amigos da época do colégio, vizinhos, e eu não sabia que frequentavam), e também os organizadores e frequentadores do Sarau. Todas aquelas pessoas compartilhava da mesma realidade que a minha, como morador da periferia, passavam pelas mesmas dificuldades, os mesmos problemas, enfrentavam cada uma da sua forma, mas todos unidos ali no Sarau, mas usando um único meio, a poesia. Ali pra mim era o diferencial do Sarau, diante de vários eventos culturais, as pessoas ali são muito unidas (Trecho da roda de conversa presencial – 14/03/2020).

Na roda de conversa presencial, os jovens interagiram, trazendo suas experiências com outros espaços poéticos, e relacionando com algo que é comum acontecer no Sarau da Onça, que é o “microfone aberto”. Clara disse que, quando é aberto ao público, acaba sendo melhor, mencionando sua experiência num Sarau localizado em bairro do centro de Salvador:

Eu fui, só que eu tinha na minha cabeça que seria igual ao Sarau da Onça, aberto para quem quisesse recitar, mas, quando eu cheguei lá, foi completamente diferente, era fechado, tinha três pessoas para se apresentar, só as três puderam recitar (Trecho da roda de conversa presencial – Clara – 14/03/2020).

A esse respeito, Larry afirma que: “como o pessoal falou, é um ambiente descontraído e a descontração do Sarau é o que dá o diferencial das pessoas todas ficarem envolvidas pelo espaço” (Trecho da roda de conversa presencial – 14/03/2020).

Bolha narra a sua experiência e compara com outros espaços:

Comecei a frequentar outros Saraus e percebi que alguns da cidade de Salvador não são assim. São mais fechados, mais centrados, realmente só pra aquele intuito, mas têm muitos outros que são divertidos, tem a Rua Recita, que é o Sarau do Pé Descalços, é um Sarau divertido demais [...] eu acredito que foge do parâmetro de Sarau, acaba virando apenas uma apresentação de poesia, porque realmente o Sarau é você reunir várias informações, várias pessoas (Trecho da roda de conversa presencial – 14/03/2020).

Buscando compreender o trabalho com a poesia marginal nos diversos espaços, acompanhei Sandro no seu projeto “Pendurando saberes poéticos”, no qual desenvolve “oficina de estímulo à fala” nas escolas públicas. Ele me disse que “inclusive eu aprendi com Sérgio Bahialista, que chama pedagogia da onça”, diz Sandro, o que mostra como a pesquisa acadêmica estabeleceu neste caso uma interlocução com os sujeitos locais e suas experiências, possibilitando um diálogo e apropriação de sentidos produzidos localmente. Na sua pesquisa, Sérgio Silva²¹(2013, p. 76) defende uma Pedagogia da Onça:

E são essas vivências poéticas, alicerçadas nos princípios inaugurais de Sussuarana, que se caracterizam uma Pedagogia da Onça, pois tudo parte disso e irradia conhecimentos, saberes e fazeres que compõem o aprender sobre o mundo, sobre a escrita e, acima de tudo, sobre de onde viemos e como essa ancestralidade (a onça suçuarana) nos sustenta no aqui e agora, no ser/estar com.

O pesquisador (2013, p. 161) acrescenta que “é preciso que os educandos das nossas *comunalidades* sejam vistos como parte do corpo escolar, como

²¹Cabe destacar a perspectiva teórica que embasou a pesquisa de Sérgio Silva, referenciada nos conceitos de *comunalidade* e *Arkhé* desenvolvidos por Marco Aurélio Luz e Narcimária Luz. Para Luz (1999, *apud* SILVA, S., 2013, p. 19), *Comunalidades* são as redes de alianças, a solidariedade interativa presentes nos vínculos sociais, “(...) desenvolvidas numa dimensão espaço-temporal na qual são reforçados os vínculos de sociabilidade e promovida a coexistência entre as culturas em torno”.

“A noção de *Arkhé* engloba o princípio de ancestralidade que se caracteriza pelas bases fundadoras e inaugurais das civilizações e suas dinâmicas sucessórias, os *continuuns*” (LUZ, 1998, *apud* SILVA, S., 2013, p. 27).

peças importantes para o sucesso do processo de ensino aprendizagem do corpo escolar”.

Nesse sentido, para Sandro, este projeto nas escolas visa que:

Os alunos compreendam a importância da fala deles; nas minhas atividades, o importante não é o que eu digo, mas como eles se manifestam a partir daquilo que eu estou falando; o importante é o retorno, a minha fala é uma provocação para que eles se percebam potentes, e, a partir daí, que eles falem e não se caleem mais; as minhas poesias, falas, apresentações é para o protagonismo.

Quando cheguei à escola, encontrei o poeta na sala dos professores. Vale mencionar que a escola é pública, de ensino médio, e fica localizada num bairro considerado nobre. O poeta realizou outras atividades naquela escola, ficando, assim, familiarizado com o ambiente, inclusive com a professora e o seu estagiário (da disciplina da área de humanas e sociais), que programaram a atividade.

Ressalto a importância desta atividade de levar para a escola arte-educação através da poesia marginal. A professora produz com sua ação uma forma de resistência que inspira colegas e a equipe pedagógica a repensarem suas práticas. Isto oportuniza um trabalho junto aos estudantes que desperta a reflexão crítica, que fomenta a descoberta de poetas na sala, e incentiva a literatura e a auto-representação.

Quando entramos, a sala estava repleta de meninos e meninas. Sandro apresentou sua trajetória com a poesia, produção cultural e literatura. Destacou a publicação dos livros e os lugares que conheceu através da poesia, como a Suíça. Questionou aos estudantes se conheciam escritores negros, e apenas duas pessoas responderam (vou chamá-las de Mahin e Dandara), citando Djamila Ribeiro e Conceição Evaristo.

Sandro seguiu enfatizando a desvalorização da escrita negra, e ressaltou que “quem conta a história do povo negro é o branco”. Para ilustrar, recitou a sua poesia:

Negaram-me

*Me manipularam o tempo todo
Me dizendo que as coisas que eu gostava não prestavam
Meu cabelo não prestava, minhas crenças não prestavam
Que os meus reis e rainhas não existiam
Me fizeram de escravo.
Definiram um padrão e eu estava à margem dele
Me negaram o direito de viver, ser livre*

*As minhas escolhas só eram aceitas se fossem as escolhas deles
 Hoje, sem o efeito do veneno que foi injetado em minha mente
 Vejo o quanto que é importante ser mais consciente [...]
 (Trecho do poema “Negaram-me”, publicado no Instagram de Sandro
 Sussuarana).*

Falou sobre o surgimento do Sarau da Onça e a relação com o que a mídia propaga sobre a periferia. Nesse momento, foi solicitada a participação dos estudantes, para dizerem o que a mídia divulga de negativo sobre a periferia e o que tem de positivo que não é exposto. A princípio, os estudantes ficaram em silêncio, até a primeira pessoa apontar a sua ideia e as demais contribuírem.

Sandro, no seu discurso, vai provocando os participantes a pensarem, se incomodarem e fazerem análises de forma crítica da realidade periférica, através de exemplos de situações vivenciadas, tais como a entrada da PM na periferia, como diz Sandro: “a imagem negativa da periferia é justificativa para a PM entrar matando?”. E compara com os bairros nobres, como aquele em que fica localizada a escola. Assim, Sandro afirma que “nós temos obrigação de questionar e falar sobre as coisas que acontece na periferia, por isso a poesia do Sarau da Onça fala da PM, político, critica a ausência de políticas públicas, dentre outros temas”.

Eis que surge uma senhora de pele branca na sala, senta próximo da professora responsável pela atividade (vou chamá-la de Quitéria) e, ao mesmo tempo, saem alguns alunos da sala (finalizando a aula daquele grupo). Depois, compreendi que a senhora que entrou na sala é professora da área de letras e iria conduzir a aula seguinte. Logo, Sandro se preparou para finalizar a sua apresentação, quando essa professora pediu para comentar a partir da fala do poeta, afirmando que a poesia é interessante, mas não deveria se denominar como “marginal”. Enquanto Sandro explicava os motivos, enfatizando a necessidade de ressignificação da palavra, a professora tentava dialogar com a aluna sentada ao seu lado, que apenas balançava a cabeça. A professora parecia não prestar atenção às explicações do poeta. Sandro continuou com a exposição. Do local em que eu estava, não dava para ouvir a conversa, apenas trechos soltos, tais como: “que o negro nem sempre é discriminado nas entrevistas de emprego”; “que nem todos empresários são racistas”; “que não é pela questão da cor”. A estudante (Dandara), já aqui mencionada, estava sentada do outro lado da professora de redação (Isabel).

Era nítida a indignação daquela estudante, as expressões faciais, o revirar dos olhos, a respiração travada, os movimentos corporais como o balanço das

pernas, enquanto os demais colegas ficavam em silêncio, mas com olhares atentos na expectativa do desenrolar da situação. Através do movimento com a mão, Sandro pediu calma para a estudante. Notando a tensão, a colega (Mahin) saiu da sua cadeira e ficou do lado de Dandara. Esta, não suportando, virou-se para a professora responsável pela atividade, e desabafou sobre o comportamento de Isabel, falando em alto e bom som para todos ouvirem, o quanto estava indignada. Em um dado momento, a professora Quitéria e as estudantes envolvidas no conflito, demonstravam um misto de emoção, revolta, indignação e tristeza. Sandro e o estagiário recorreram ao livro de sociologia, no capítulo que abordava sobre a teoria eugenista. Isabel se defendia; porém, o pouco que eu ouvia, eram frases soltas do tipo: “eu tenho parentes negros, eu era para ter nascido negra”, “o próprio negro discrimina o negro”. Após a sequência da fala de Isabel, Mahin saiu de onde estava e disse: “a senhora me estimula a não querer ir para escola”. Isabel não suportou ouvir isso e fez algum comentário que não ouvi, e saiu da sala. Sandro deu continuidade, finalizando a apresentação, trazendo fatos sobre o racismo, e como é sutil.

Nesse dia, a exposição de Sandro saiu do universo do discurso e possibilitou a vivência do conflito de realidades para quem estava presente. À medida que as outras turmas encerravam as aulas, os estudantes paravam na porta da sala para assistir a fala do poeta. Sandro fez relação com a proposta do projeto “Pendurando saberes poéticos”, pois “as pessoas que vão passando vão levando, por isso muitos alunos que passavam colhiam um pouco de saberes, e são coisas que eles vão pendurar em outras pessoas, e vai seguindo”. Logo, ao refletir sobre o aprendizado compartilhado nas escolas a partir desse projeto, percebe-se que, além de promover o saber, possibilita mudanças individuais e coletivas, ao multiplicar esse conhecimento, como também a importância das vozes dos estudantes e a escuta no contexto escolar.

Viana (2018, p. 127) fez uma pesquisa sobre a batalha de poesia nas escolas, e defende que “surge como real possibilidade de interação social, proporcionando aos jovens poetas condições de ouvirem a própria voz e de seus pares, por meio de situações reais de criação, circulação e apreciação estética de enunciados”. E acrescenta que “os alunos tiveram a oportunidade de exteriorizar, no contexto escolar, as suas ideologias e visões de mundo [...]”.

As narrativas e as descrições das atividades desenvolvidas revelam a força da educação popular presente no Sarau da Onça, um trabalho político de conscientização e libertação. Destacamos o campo estético e político da poesia marginal, recorrendo à arte da escrita e da voz como instrumento de denúncia e enfrentamento da opressão. Através da poesia e literatura marginais, das oficinas e palestras, é proporcionado um leque de informações que provocam questionamentos, um pensar criticamente sobre a realidade da periferia e as diversas formas de opressão, como o racismo e a desigualdade social. O saber compartilhado e dialogado com os jovens fomenta a busca por novos saberes, a reflexão e o desejo da ação transformadora e libertadora, desmitificando a falsa imagem da periferia como um espaço exclusivamente violento, visibilizando a cultura e o saber popular, com incentivo à leitura, à escrita, ao reconhecimento da identidade negra e periférica, da representatividade, da capacidade e do direito do povo preto da periferia de ocupar espaços acadêmicos, da arte, da poesia, da literatura, ou seja, ser o que quiser.

4.1 SLAM DA ONÇA: A MANIFESTAÇÃO DA VOZ E DO CORPO DOS JOVENS DAS PERIFERIAS

Considerando a amplitude das manifestações poéticas, destacamos o Slam que também é realizado no Cenpah. De acordo com Stella (2015, p. 4), o Sarau e a literatura marginal:

[...] alimentam-se um do outro para a promoção de mudanças amplas em relação a identidade, geografia, dinâmica social e sensação de pertencimento de seus membros em relação ao seu entorno e em relação ao campo literário mais amplo. Da gestação e consolidação dessas duas novas correntes artísticas, surge a base sobre a qual se apoiarão os *slams* de poesia.

Acrescento o elo com o rap e as batalhas de rima nesse processo. Na pesquisa de Gama (2019, p. 108) consta (trecho de entrevista – 30/06/2018) a explicação de Sandro sobre aquilo que, para ele, diferencia um Sarau de um Slam:

Um “profissionalismo”, traduzido neste empenho e engajamento na escrita para a batalha. Os meninos participam do slam não por obrigação, e sim pelo prazer de mostrar uma poesia nova, ele diz, mas há uma responsabilidade [...] Então é essa liberdade, com profissionalismo, na questão do slam, porque tem a competição, que embora seja desnecessária

a questão de votar, mas é bom, o profissionalismo mantém eles nessa linha da liberdade, mas cientes do que eles precisam fazer, que é dar o recado, acima de tudo.

Com referência ao surgimento do Slam a nível mundial, podemos apreciar a explanação feita por D'Alva (2011, p. 120):

Foi no ano de 1986, no Green Mill Jazz Club, um bar situado na vizinhança de classe trabalhadora branca no norte de Chicago, nos Estados Unidos, que o operário da construção civil e poeta Mark Kelly Smith, juntamente com o grupo Chicago Poetry Ensemble, criou um “show-cabaré-poético-vau de villiano” (Smith, Kraynak, 2009: 10) chamado Uptown Poetry Slam, considerado o primeiro poetry slam. Smith, em colaboração com outros artistas, organizava noites de performances poéticas, numa tentativa de popularização da poesia falada em contraponto aos fechados e assépticos círculos acadêmicos. Foi nesse ambiente que o termo poetry slam foi cunhado, emprestando a terminologia “slam” dos torneios de beisebol e bridge, primeiramente para denominar as performances poéticas, e mais tarde as competições de poesia.

Conforme a idealizadora Roberta Estrela D'Alva (2011, p. 125), o Zona Autônoma da Palavra (ZAP!) foi o primeiro Slam criado no Brasil, em 2008. Localizado no bairro da Pompeia, em São Paulo, acontece às segundas quintas-feiras do mês para celebrar a poesia falada.

Já referente à origem do Slam em Salvador, recorreremos aos estudos de Gama (2019, p. 105), a partir do trecho de entrevista – 30/06/2018 com Sandro:

(...) antes disso, Maca sempre falou do Slam, mas ele nunca tinha feito; então, em 2014, eu conheci o Slam da Guilhermina, participei, conversei com alguns produtores, eles me explicaram como é que funcionava; quando eu voltei, eu criei o Slam da Onça, e que aconteceu a primeira edição 22 de outubro de 2014. Meio amistosamente, ainda não tinha, ainda não estava no circuito do nacional, era uma coisa mais pra gente saber como é que estava a questão de competição da galera, se a galera estava produzindo bem, com qualidade, então foi mais amigoso, mas foi bem bacana. E aí, a gente fez em 2014, e tá até hoje, a gente vai fazer agora em outubro 4 anos.

O Slam da Guilhermina é um dos mais conhecidos do país. Gama (2019, p. 105) apresenta a narrativa de Sandro (Trecho de entrevista 30/06/2018), sobre o surgimento do Slam da Onça:

[...] a quantidade de poetas, homens e mulheres, tinha aumentado, porque no começo do sarau, não tinham tantos, eram pouquíssimos, na maioria de fora; quando nós percebemos que dentro da comunidade muitas pessoas tinham se percebido enquanto artistas, enquanto escritores, e que a gente

começou a potencializar isso, nós transformamos em slam para dar um incentivo diferenciado pra questão da escrita e da leitura. Porque quando você escreve para você participar de um sarau, embora você escreva com uma certa qualidade, um certo engajamento, um profissionalismo, você escreve e vai lá apresentar seu trabalho pra que as pessoas conheçam, e o Slam, por ser uma questão competitiva, tem um afinco muito maior da preocupação na pesquisa, no estudo, no entender o que as palavras estão falando, na questão da interpretação, de como você quer que as pessoas sintam a poesia que você vai recitar, da dedicação que você tem em ensaia rela, vários dias para você ir numa competição e você fazer bonito, porque sua poesia vai ser votada, vai ter uma nota pra ela (...). Então a gente criou o Slam pra isso, pra incentivar a escrita, né, profissional, mesmo, engajada, política, direcionada, e a leitura, mas com a interpretação do texto boa, com dedicação, com entendimento, e acima de tudo com profissionalismo.

Ressaltamos a presença de Slams em outros bairros periféricos na Bahia. Considerando os Slams ativos em Salvador no ano de 2019, podemos destacar:

O Slam das Minas (BA), o qual nasce em 2017 com a proposta de “criar um espaço de visibilidade e fortalecimento das artistas local (sic) [...]”. Busca alternativas que proporcionem o protagonismo das mulheres negras e periféricas no meio cultural” (Informações obtidas na página do Facebook do Slam das Minas. Disponível em: <https://www.facebook.com/slamdasminas.ba/>. Acesso em: 06 mar. 2020).

Slam das Mulé, que “é uma batalha de poesia falada, protagonizada por mulheres, com o intuito de nos aproximar para conhecermos a arte umas das outras (Informações obtidas na página do Facebook Slam das Mulé. Disponível em: <<https://www.facebook.com/Slamdasmule/>>. Acesso em: 06 mar. 2020).

Vale mencionar o protagonismo e a representatividade feminina nesse cenário, conforme Santana e colaboradores (2019, p. 9):

Suas lutas coletivas para melhorias de toda a comunidade negra, o enfrentamento nas lutas antirracistas e sua caminhada para a superação das opressões de classe e de gênero vêm sendo uma espécie de ímã que aproxima e move cada vez mais outras mulheres para o protagonismo, seja na poesia como em outros campos da arte e da vida.

Considerando a definição de Slam a partir dos estudos de D`Alva (2011, p. 120):

Poderíamos definir o *slam* de diversas maneiras: uma competição de poesia falada, um espaço para livre expressão poética, uma ágora onde questões da atualidade são debatidas, ou até mesmo mais uma forma de entretenimento. [...] *slam* se tornou, além de um acontecimento poético, um movimento social, cultural, artístico que se expande progressivamente e é celebrado em comunidades em todo o mundo.

Assim, é enfatizada a associação da poesia (texto) com a performance (habilidade em apresentar no palco) em competição (Consta no blog do ZAP!.Disponível em: <<http://zapslam.blogspot.com.br/2009/05/mas-que-raios-e-slam.html>>. Acesso em: 06 abr. 2020).

Literalmente, “palavra falada”, ou poeticamente “poesia falada”, o “spoken word” é uma performance na qual as pessoas recitam textos. Pode acontecer em vários contextos: literatura, artes plásticas, música, mas sempre com foco na oralidade.

Logo, considerando a amplitude do estilo de Slams, seguindo a explanação das diversas formas como é produzido, percebemos que possibilitam acesso para os diversos gostos (Consta no blog do ZAP!).

Existem, por exemplo, slams temáticos, onde a partir de um tema, todos os poetas fazem seus textos, slams de improviso, slam musicais (música +poesia), slams só para mulheres, slams de dançarinos (alguns poetas recitam em cima de “beats”, batidas criadas por sapateadores, por exemplo), Cover Slams (os competidores declamam poesias de poetas célebres), slams teatrais (com cenas).

No Slam da Onça é permitida a associação de música com a poesia, como já presenciei mulheres utilizarem esse recurso logo na entrada do recital. A sensação, pra quem está escutando a performance, não é apenas a voz, mas tem um movimento corporal. A liga entre a música e poesia permite uma riqueza, um sentir e vivenciar a performance envolta de outras emoções, é como o canto da sereia.

Além da música como instrumento utilizado nas batalhas, presenciei, numa feira literária no bairro do Rio Vermelho, o poeta Sandro, no momento da declamação, iniciar cantando um trecho da música de Edson Gomes, “quando a polícia cai em cima de mim, até parece que sou fera [...]”; assim, ressalto o diálogo com outras manifestações culturais e a semelhança entre as temáticas. Em uma *live* feita através do Instagram de Sandro, no período da quarentena de prevenção ao Coronavírus, o poeta mencionou a utilização dos trechos das músicas de Edson Gomes, pois, “são próximos daquilo que eu acredito e dialogo.” Na atualidade, o idealizador acompanha também o rapper Emicida, pois, conforme ele afirma, “fala diretamente com a minha realidade”, e deu exemplo, como no trecho da música “Levanta e anda”: “[...]eu sei cansa/Quem morre ao fim do mês”.

Os temas das poesias mudam conforme as regras de cada grupo de Slam, pois há batalhas em que a temática é específica, enquanto em outras, como o Slam da Onça, o tema é livre, mas geralmente é centralizado nas vivências e críticas ao sistema. “Um círculo poético onde as demandas ‘do agora’ de determinada comunidade, suas questões mais pungentes, são apresentadas, contrapostas e organizadas de acordo com as experiências que esta vivencia” (D`ALVA, 2011, p. 121).

De acordo com Stella (2015, p. 8), “os organizadores se dividem entre as funções de mestre de cerimônias (*slammaster*) e *counter* (responsável pela contagem dos pontos)”. Os *slammers* são os poetas competidores; acrescentamos os poetas não competidores e o público e, enfim, são esses os atores participantes dessa batalha. Os idealizadores são os organizadores do Slam. Assim, são responsáveis por diversas tarefas para a efetivação do evento. Como na noite de Slam da Onça no Cenpah, os organizadores realizam as inscrições dos poetas que participarão da competição.

As áreas periféricas normalmente são os cenários nos quais se realizam os Slams. Também podem ocorrer em espaços próprios, como bares, parcerias com ONGs e na rua, ocupando os espaços públicos. Os registros dos eventos são através de fotos e, em alguns momentos, filmagens, sendo Ray o responsável por essa função no Slam da Onça. Em algumas noites de Saraus e Slam, era apenas Sandro que desenvolvia todas as funções para a execução do evento, desde a inscrição, a apresentação, a fotografia, enfim, toda a produção do evento.

São informadas as regras fundamentais em todas as etapas do Slam da Onça, através de anúncio (via redes sociais), como também no dia do evento, como o tempo de 3 minutos de duração do recital e a exigência das poesias serem autorais. São regras comuns entre os Slams:

Os slams possuem três rodadas; são geralmente de 14 a 18 poetas inscritos na primeira rodada; desses, somente os 5 com maiores notas passarão para a segunda rodada e apenas 3 chegarão à rodada final. [...] É pedido ao poeta que leia três poemas inéditos, textos que não tenham sido lidos em outras edições do slam (STELLA, 2015, p. 11).

Outra regra que é geral, e que influencia na performance, é a não permissão do uso de adereços, figurinos ou acompanhamento musical, pois, segundo D`Alva (2011, p. 123), “apenas com a modulação da voz e do corpo (do qual a voz também

é parte integrante), os poetas devem criar todos os efeitos que qualquer um desses elementos trariam”.

Além das citadas, o Slam da Onça tem as suas próprias regras e atitudes que demonstram o cuidado e a responsabilidade com o outro: é enfatizada a importância do respeito pelos participantes, como a exigência do silêncio enquanto se estiver recitando e o veto de vaias ou qualquer atitude constrangedora. O cuidado com o outro também pode ser observado, quando o participante diz que é a primeira vez no Slam, e este é incentivado com entusiasmados aplausos que expressam o acolhimento ao iniciante. Ao declamar, alguns jovens expressam o nervosismo e a tensão, como disse um veterano, “ainda sinto um frio na barriga.” Da mesma maneira, quando o poeta esquece uma estrofe, a plateia faz um gesto de apoio, estalando os dedos. A impressão é que o gesto iluminará o “lembrei” do participante.

Alguns poetas, antes de recitarem em dia de Slam ou Sarau, tiram as sandálias. Nesse sentido, os jovens entrevistados se expressaram a respeito:

Todos tiram a sandália, é tradição. A gente não sabe quem começou. Eu acho que o Pé Descalço surgiu por conta disso que o pessoal ficar descalço para recitar; eu creio, na minha visão, que é por conta de um respeito pelo local que você tá pisando, você tira sandália e é um ato de respeito, de sacralização do local onde você tá pisando; é como se o solo que você tá pisando ali na hora de recitar fosse sagrado para você, é meio que a conexão de você com o local (Trecho da conversa em grupo via videoconferência – Larry- 04/04/2020).

Clara acrescenta: “eu tiro porque fico muito nervosa, e o pé fica suando, eu fico me embolando na sandália, eu acho que com o pé no chão é melhor” (Trecho da conversa em grupo via videoconferência – 04/04/2020).

Os idealizadores convidam o público para o júri (já fui chamada algumas vezes). Os nomes dos *slammers* são colocados no copo descartável e, a cada fase, os organizadores solicitam alguém da plateia para sortear o nome de quem irá recitar. A cada rodada, após a leitura do poema por todos os inscritos, é solicitado que os jurados entreguem o papel constando as notas, que vão de 0 a 10. Não são divulgadas as notas e nem o nome do poeta eliminado. Cabe ressaltar que, em alguns Slams, esse momento acontece de outra forma, os jurados levantam uma placa constando a nota de cada participante.

Enquanto aguardam a apuração das notas, fica um clima de tensão e expectativa de quem seguirá para a próxima fase. No grupo de jovens, há vários

poetas competidores e não competidores, sendo notável o apoio entre eles. Dos 2 casais de namora dos presentes, cada casal tem um poeta que participa da batalha.

Refletindo sobre o Slam enquanto competição ou batalha de poesias, para D`Alva (2011, p. 121): “[...] prega-se que o propósito do *poetry slam* não é a glorificação do poeta em detrimento de outros, mas a celebração da comunidade à qual ele pertence”. A relação entre os competidores, geralmente, é de amizade, afeto, incentivo, respeito mútuo, e isso também é fomentado pelos idealizadores. Nesse sentido, Sandro enfatiza que “não há competição entre os poetas, estão disputando com os próprios monstros”.

Cabe evidenciar que uma competição, de alguma forma, acaba exaltando algo contrário à colaboração coletiva. Em conversa em grupo realizada via videoconferência, os jovens narram suas experiências nos Slams, a princípio, em relação à batalha enquanto competição:

Conforme Bolha:

É uma emoção muito grande você participar de um Slam, mas pega esse negócio de competitividade, só que ainda assim o clima realmente é passar informação. Eu acredito que tem alguns poetas que sim, que levam muito a sério, leva para um nível que eu acho que não deveria ser levado (Trecho da conversa em grupo em videoconferência – 04/04/2020).

Nesse sentido, Larry diz que: “no Slam você tem que fazer e fazer algo melhor, mas eu tenho, na minha visão, que eu tenho sempre que dar o meu melhor, então eu não tenho que fazer o meu melhor para o Slam” (Trecho da conversa em grupo em videoconferência – 04/04/2020).

Clara compartilha que:

Eu uso nos Slams poesias que eu preparo para qualquer outro, eu não tenho essa preocupação, eu vou escrever para o Slam na minha cabeça, tipo assim, se for de na hora ser minha poesia a escolhida vai ser, mas é aquilo que eu escrevi, não é o Slam que vai determinar aquilo que eu escrevo (Trecho da conversa em grupo em videoconferência – 04/04/2020).

Rick afirma que: “eu não vejo muito ir para Slam na intenção de ganhar. Eu vou muito para as pessoas ouvirem a minha poesia. Até as mais novas, para serem divulgadas e para que as pessoas lembrem” (Trecho da entrevista individual via rede social – 07/04/2020). Portanto, de acordo com os relatos, o que motiva a

participação dos jovens entrevistados nos Slams não é a competitividade e nem a vitória, mas o ato de recitar e socializar informações.

Franklin diz que não participa de Slams e explica os motivos:

Eu me cobro muito, sabe? é por insegurança minha, sabe? comigo mesmo, a questão de estima. As outras pessoas vão me julgar por eu não conseguir me expressar da forma que eu gostaria de expressar, achar que o que eu tô falando não tá chegando de forma coesa para as pessoas. Eu também tenho um pouquinho de bloqueio de me expressar (Trecho da conversa em grupo em videoconferência – 04/04/2020).

Referente ao comentário acima, Larry expõe sua visão:

Por ser competitivo tem essa questão que Franklin falou sobre auto estima, você ir no Sarau, você recita normal, mas no Slam vai ter a cobrança, você vai ter que ser bom para passar de fase, para ganhar, para agradar as pessoas, aí você vai começar a se cobrar. E antes do Slam começar, você vai tá mais nervoso antes da hora de recitar (Trecho da conversa em grupo em videoconferência – 04/04/2020).

Clara complementa, “é lá que você tem essa certeza de que, sim, tem alguém te julgando, não é incerteza. No Sarau você sabe que tão te julgando, mas não vai afetar, no Slam não, isso te afeta diretamente” (Trecho da conversa em grupo em videoconferência – 04/04/2020).

Os intervalos de cada etapa são momentos de variados tipos de interações. Ocorrem brincadeiras entre os jovens e os idealizadores, bem como comentários sobre os temas poéticos. Os poetas não competidores também são chamados para recitar seus poemas ou os clássicos da poesia marginal, geralmente antes e após a batalha, bem como durante os intervalos (enquanto computam as notas).

As pessoas vão chegando durante o andamento das atividades de Slam e Saraus. Sandro logo surpreende o poeta, convidando-o para declamar; alguns tentam escapar, dizem que não estão preparados ou não se lembram de nenhuma poesia. Nesse momento, os amigos que já os conhecem, indicam poesia do próprio poeta ou alguma poesia consagrada, tal como:

*A revolta da Tia Anastácia
Tia Anastácia está revoltada (3x)
Hoje eu estive com Tia Anastácia
Ela me disse que está muito revoltada
Por que o Sítio do Pica pau Amarelo está tirando ela como otária
Ela faz os bolinhos e Dona Benta recebe a medalha.
Farinha de trigo tem que ser?*

Tia Anastácia

(Poesia de *Giovane Sobrevivente*. Disponível em: <http://gramatica.daira.blogspot.com/2007/12/revolta-de-tia-anastacia-um-classico-do.html>. Acesso em: 15 fev. 2020).

O público da batalha de poesia fica na torcida (o grupo de jovens assíduo, pessoas do bairro, amigos, companheiros e visitantes). Além disso, como afirma D`Alva (2011, p. 123): “os espectadores vibram com *slammers* que conseguem tirá-los de onde estão, que provocam paixão, ódio, que despertam desejo, dor, repulsa, admiração”.

“Os poetas competidores normalmente declamam sem auxílio de colas e sua performance parece bem estudada e ensaiada”.(STELLA, 2015, p. 9) No Slam da Onça, é permitida a utilização de instrumentos como papel e celular para leitura dos poemas, sem comprometer o recital.

Os poetas que entram nessa arena, sabem que terão que emocionar a audiência, seja pelo humor, pelo horror, pelo caos, pela doçura, pela perturbação ou pelas inúmeras sensações emocionais e corporais que propõem, e os mais diversos recursos são usados por eles para atingir esses fins (D`ALVA, 2011, p. 123).

Logo, cada poeta tem a possibilidade de construir sua própria estratégia para agradar o público e o jurado, e assim alcançar a vitória. Referente à presença da teatralidade nas performances, D`Alva (2011, p.123) comenta:

[...] a necessidade de composição minuciosa obriga os *slammers* a explorarem o máximo de seus “corpos-vozes”, em sua musicalidade, dinâmicas de respiração e movimentação corporal, presentificando nessa dança-representação, imagens, sentimentos e cores, na busca pela comunicação imediata e urgente.

Os jovens entrevistados explanam sobre a sua performance nas declamações, independente de Slam. Larry considera que:

Hoje eu tento gesticular mais, falar mais alto, olhar no olho, e eu percebi que isso ajuda a gente na nossa performance. Antigamente, quando eu não ligava muito para isso, a minha performance era mais travada. Depois disso, a gente percebe as reações e incentiva a gente, as pessoas estão escutando, tão entendendo, captando a mensagem que a gente tá passando e isso pode ajudar a gente bastante na hora da performance (Trecho da entrevista individual via rede social – 09/04/2020).

Assim, a performance tem a cara de cada poeta:

Seu depoimento pessoal foi estetizado e o ritmo, a materialidade da voz, a presença do corpo, a punção vital da narração autorrepresentativa e a urgência da livre expressão se integraram, resultando em uma bombástica performance poética (D`ALVA, 2011, p. 124).

A experiência de Clara com a performance poética é assim descrita por ela:

Eu comecei a desenvolver também quando eu comecei a recitar, eu era muito tímida, não costumava a participar de nada de apresentação, eu sempre ficava no canto e falava o que era necessário e pronto. Mas aí, depois que eu comecei a recitar, aí eu fiquei pensando nisso, nessa questão não é só você falar, você tem que se expressar, eu sempre ficava me contendo. Com as apresentações eu fui me soltando, aí hoje eu tento procurar algumas aulas que me envolva mais esse universo de performance, mas é meio que foi indo. Eu tento pegar algumas disciplinas na UFBA de dança, de yoga e teatro (Trecho da conversa em grupo via videoconferência – 04/04/2020).

Ao tratar das especificidades da performance poética do Slam, Stella (2015, p. 15) analisa certos sentidos:

Assim é difícil aceitar que as performances poéticas sejam totalmente desinteressadas ou, ao mesmo tempo, totalmente compromissadas com a vitória a qualquer custo. Uma possível chave de interpretação para esse aspecto, que costuma render polêmicas quanto ao verdadeiro teor dos *slams* – opondo uma visão do evento como uma competição encarniçada por pontos e por outro lado um encontro desinteressado de poesia – é considerá-los como um ritual de troca de performances poéticas, um rito que envolve doar e retribuir poesias.

Ou seja, uma troca entre os atores presentes no Slam, sejam os *slammers* ou os poetas não competidores, sejam os organizadores ou o próprio público, dividido entre os espectadores e os jurados.

Por outro lado, em relação ao direcionamento dado à construção da poesia e performances, destaco um evento no qual estavam presentes os idealizadores do Sarau da Onça e uma jovem campeã do Slam BR. A poeta afirmou que sabia que iria ganhar, pois escreveu a poesia com o objetivo de chamar atenção, e o conteúdo do texto foi pensado e pesado, ciente que iria agradar os jurados, pois o tema estava em ascensão. Nesse sentido, compartilhamos a ideia de D`Alva (2011, p. 124):

Há de se reconhecer que na busca por performances impactantes o discurso de muitos *slammers* se acirra racialmente, politicamente, levando temas polêmicos, expondo suas vidas privadas, e o que acontece em muitos desses casos é que as temáticas ficam em destaque e, por vezes, até mesmo se sobrepõem aos poemas.

Os jovens Bolha e Clara, além do Slam da Onça, circulam pelas batalhas que acontecem em Salvador, como o Slam da Rua, mencionado pela poeta. O vencedor de cada Slam segue para o Slam Ba, conforme diz Stella (2015, p.9):

A vantagem em participar de vários *slams* é que a vitória em mais de uma competição, aumenta as chances de que o competidor ganhe uma vaga para a final anual do Slam Nacional ou Slam BR, que caso vença, o credencia a ser representante brasileiro na Copa do Mundo de Poesia Falada em Paris.

No entanto, persistem desafios para a execução do Slam estadual. Segundo Gama (2019, p. 219), Sandro “falou também das divergências quanto ao campeonato estadual, e seu desânimo em prosseguir promovendo o Slam Bahia em 2019”. O evento é gratuito, sem nenhum apoio financeiro, o que dificulta bastante o seu desenvolvimento.

De acordo com Gama (2019), em 2018 o Slam Ba foi formado apenas por dois Slam's, o Slam Da Onça (Salvador) e o Slam Das Mulé (Camaçari). No ano seguinte, a situação ficou ainda mais crítica, pois nem ocorreu o Slam Ba 2019. Sandro é um dos responsáveis pelo Slam Bahia e, no dia do evento, o poeta enviou o informe; porém, em uma noite no Sarau, avisou que foi cancelado: “estou sentido pelos participantes que vinham concorrendo”. Na programação, constava a presença do Slam da Onça, o Slam das Minas e o Slam das Mulé.

Nesse sentido, Bolha desabafa:

Isso foi um baque para todo mundo [...] Isso é, mano, algo muito grande, todos os anos desde que, tipo, começou o circuito, começou com Sandro Sussuarana fazendo o Slam da Onça, mandava um nome para São Paulo, nesse de 2019 não teve um representante da Bahia no Slam BR. Foi uma tristeza muito grande, acredito que para Sandro também deve ter se abalado (Trecho da entrevista individual via rede social – 07/04/2020).

Os competidores das batalhas que se preparam ao longo do ano para as competições, e os que iriam participar do Slam Bahia, perderam a chance de avançar e seguir para o Slam BR, representando a Bahia.

O *slam* é feito pelas e para as pessoas. Pessoas que, apropriando-se de um lugar que é seu por direito, comparecem em frente a um microfone para dizer quem são, de onde vieram e qual o mundo em que acreditam (ou não). [...] É um espaço para que o sagrado direito à liberdade de expressão, o livre pensamento e o diálogo entre as diferenças sejam exercitados. Um espaço autônomo onde é celebrada a palavra, a fala, e, ainda mais fundamental num mundo como o que vivemos – a escuta (D`ALVA, 2011, p. 125).

No resultado da sua pesquisa sobre os Slams em Salvador, Gama (2019, p. 220) recomenda que:

É importante que nos aproximemos mais de seus protagonistas, promovendo a troca de saberes que efetivamente possa contribuir tanto para o fortalecimento e amadurecimento da cena – se de interesse deles – como da sua análise acadêmica, neste sentido engajada.

Destacamos os estudos de Dussel (2018) sobre a descolonização da estética como hipótese preliminar para uma estética da libertação:

Decolonizar encobre uma negatividade (negar a colonialidade estética); libertar, porém, indica o momento positivo: criar a nova obra de arte, a nova estética. Assim, estamos diante do momento *poiético* ou criador do novo momento estético (DUSSEL, 2018, p. 26).

4.2 O PODER DA ESCRITA PERIFÉRICA/MARGINAL

Ao tratar da categoria literatura, ademais seguida do adjetivo marginal, precisaremos considerar as dimensões histórica, política, econômica, social e cultural que variam, segundo a época e sociedade que estamos tratando, implicando sempre uma conceituação contextualizada. Quem tem o poder de definir o que é literatura? Esta definição reconhece a literatura de escritores das periferias?

Antônio Cândido (2004, p.174), referência nos estudos literários no Brasil, assim define o que considera literatura:

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos de folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações.

A associação do termo literatura e marginal não é algo novo, pois essas expressões são historicamente adotadas em momentos distintos, como a princípio a “literatura marginal do século XX”. Conforme os estudos de Érica Nascimento (2006; 2009), o surgimento da literatura marginal no Brasil, no século XX, foi na década de 70, buscando o enfrentamento contra as imposições da ditadura militar. Os escritores eram representantes das classes média e alta, estudantes de universidades públicas, conhecidos como os poetas marginais setentistas, ligados

às atividades de cinema, teatro e música. Foi um movimento sociocultural denominado de Poesia Marginal ou Geração Mimeógrafo, pois seus autores buscaram, como alternativa de produção e circulação, mimeografar suas obras e distribuí-las em diversos espaços. Os trabalhos eram pequenos textos em prosa, linguagem coloquial, poesia versada ou discursiva e tom irônico, e os temas relacionados à vida cotidiana e à prática social da classe média da época.

O enfoque deste estudo será a literatura marginal do século XXI, que tem algumas características similares às do período dos poetas marginais setentistas, porém, com suas singularidades, em especial quanto à origem dos escritores. Para especificar qual literatura marginal estamos estudando, utilizaremos as expressões adotadas por Érica Nascimento: “literatura marginal dos escritores da periferia” e “nova geração de escritores marginais”.

Para contribuir com a explanação referente à literatura marginal do século XXI, recorreremos mais especificamente ao livro *Vozes Marginais* (2009) de Érica Nascimento, resultado da sua pesquisa de mestrado. Trata-se de um estudo desenvolvido entre os anos de 2004 e 2006, sobre a expressão “literatura marginal” adotada pelos escritores da periferia, em alguns livros e pela revista intitulada “Caros Amigos/Literatura Marginal: a cultura da periferia”. De acordo com Nascimento (2009, p.112):

Na produção cultural contemporânea – tomando como recorte temporal os anos que vão de 1990 a 2005 – a expressão literatura marginal entrou em voga para designar a condição social de origem dos escritores, a temática privilegiada nos textos ou a combinação de ambos, disseminando-se para caracterizar os produtos literários dos que se sentem marginalizados pela sociedade ou dos autores que trazem para o campo literário temas, termos, personagens e linguajares ligados a algum contexto de marginalidade.

Nesse contexto da concepção da literatura marginal, destacamos as ideias de Dussel (2018, p. 22), ao afirmar que “o campo teórico ou as concepções ideológicas da estética determinam as práticas estéticas”.

No que se refere à condição social de origem dos escritores e poetas que frequentam o Sarau da Onça, a maioria provém dos diversos bairros periféricos de Salvador, mas vale ressaltar a abertura à participação de pessoas de outras localidades; no entanto, para a publicação nos livros, é obrigatório que o escritor seja oriundo da periferia.

Nesse sentido, cabe a narrativa de Sandro referente ao Sarau da Onça enquanto organizador de livros. O grupo foi contemplado nos editais em 2014, 2017 e 2019, desenvolvendo o Festival de Arte e Cultura. O projeto consistiu em realizar oficinas, Saraus, lançamento de livro e amostra final, isso durante 6 meses, como já informamos em outra passagem. As oficinas foram realizadas no Cenpah.

Em 2014, foi divulgado pelas redes sociais o concurso literário, com duração de 40 dias, aberto para os frequentadores e os demais, sendo obrigatório o poeta ser oriundo da periferia. “A ideia é mostrar que os bairros periféricos têm cultura e potência”. O idealizador acrescenta:

O objetivo era pegar os escritos dessas pessoas que sempre falavam da dificuldade que é a publicação do livro, tanto quanto é de mostrar seus livros para outras pessoas. Elas se sentiam à vontade de fazer isso no Sarau da Onça, quis oportunizar e fazer que esses escritos chegassem a outras pessoas (Trecho da entrevista com Sandro Sussuarana – 12/12/2019).

Menciono a narrativa de um dos escritores do último livro organizado pelo Sarau da Onça, o pesquisador da UNEB Marcelo de Jesus Arouca, conhecido como Marteluz, a partir de uma conversa informal:

Há muitos anos eu escrevo poesia, desde 1996, e sempre achei que não teria um trabalho meu publicado [...] Até que saiu o edital e eu me inscrevi, não tava com muita expectativa, não acreditava tanto que fosse possível ter o trabalho publicado pelo livro, e fiquei bastante feliz quando saiu, vim me reconhecer, eu agora me identifico enquanto poeta.

No processo de seleção das poesias, após o envio dos escritos, foi realizada uma curadoria (composta pelos apresentadores, organizadores e pessoas que acompanhavam o Sarau da Onça), isso “para que não ficássemos com a carga de dizer que colocamos algumas e não outras”. Em seguida, foi enviado para correção e edição na editora de Valdek de Jesus, “amigo e parceiro desde o começo”. Cada participante recebeu seus livros como pagamento dos direitos autorais.

Quem são os escritores dos livros organizados pelo Sarau da Onça? Na divulgação do lançamento do último livro produzido pelo grupo– “O diferencial da favela: dos contos às poesias de quebrada”–, em 2019, foram realizadas postagens nas redes sociais apresentando os escritores. Seguem abaixo alguns citados:

Fig. 16 - Divulgação do lançamento do livro (2019)



Fonte: Facebook do Sarau da Onça

Na imagem consta a foto, nome e uma fala do escritor referente à participação na antologia.

Laço Afrocultural

*A essência da nossa arte dá voz à revolução,
resgata nossa história, fortalece nossa missão.
Traz na alma a negritude que vem da periferia,
rompe com o preconceito que negro não faz poesia.
(Helen Adriane, poema “Laço Afrocultural”, publicado no livro “O diferencial da favela...”, Sarau da Onça, 2017, p.22).*

O apagamento da história de um povo é associado à elaboração de um discurso de ausência de produção em diversas áreas, ou seja, tudo que foi construído é insignificante ou dado como inexistente. Enquanto isso, as narrativas eurocêntricas são dadas como universais e hegemônicas, o subalterno é tratado como o outro, o inferior. Assim, as suas falas não são reconhecidas e, quando se pretende falar sobre o subalterno, é através de outros.

Ao refletirmos sobre os sujeitos que, historicamente, foram silenciados, negados em sua condição de fala, ou seja, no seu direito de fala, cabe o questionamento: quem disse que os sujeitos das periferias não podem falar?

Gayatri Spivak (2010, p. 28), no seu trabalho “Pode o subalterno²² falar?”, no qual trata da teoria pós-colonial em relação aos subalternos, salienta que: “se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade”.

²²Spivak (2010, p.12) explica o termo subalterno: “as camadas mais baixas da sociedade, constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante”.

Esse é um processo histórico de poder e opressão para manter o controle a favor da elite e o silenciamento do subalterno, em detrimento do poder de determinados discursos, desconsiderando outros.

Tentaram

*Tentaram calar a minha voz
Dizendo-me que eu não posso, que eu não sou capaz.
Tentaram fechar os meus olhos, que era para eu não ver quem realmente sou.
Escondendo de mim as histórias dos meus antepassados
Fazendo com que isso não fosse parte de mim.
(Amanda Quésia, poema “Tentaram”, publicado no livro “O diferencial da favela...”, Sarau da Onça, 2017, p.40).*

Nesse contexto, Brandão (2000, p.1) associa o poder e a palavra, e propõe a seguinte reflexão: “porque a palavra é um ato de poder, o que equivale afirmar que ela não é apenas um entre os seus outros símbolos, mas o seu exercício”. Numa sociedade que tem uma relação de opressores e oprimidos, a palavra é instrumento de poder hegemônico, servindo para atender apenas aos interesses de uma classe elitizada. Logo, é fundamental romper com esse processo:

[...] se é com palavras que são escritas as regras que oprimem e consagram a opressão, com elas também os homens entre si podem falar e escrever frases e modos de saber que, pronunciados e exercidos, poderão um dia libertar o homem e os seus mundos (BRANDÃO, 2000, p. 3).

Ressalto a fala de Larry nesta mesma direção: “a poesia é mais que palavra, a poesia às vezes passa até mais do que sentimento, às vezes a poesia é a única coisa que a gente tem” (Trecho da entrevista individual via rede social – 09/04/2020).

Clara afirma que:

Para mim a poesia é muito mais que um hobby, é arte, é tudo, eu acredito que quando você escreve, mesmo que digam que por hobby, sempre tem muito mais envolvido. Na poesia eu consigo falar tudo aquilo que tá preso na garganta e eu não consigo falar no dia a dia. Eu escrevo para isso, para me libertar e tentar fazer as pessoas entenderem, para que se libertem e libertem outras (Trecho da entrevista individual via rede social – 11/04/2020).

Ora, a escrita é uma oportunidade de libertar o que está preso, suas emoções, dores, ódio, indignação, revolta, bem como suas alegrias, enfim, suas experiências únicas, inclusive no cotidiano periférico.

Segue abaixo o depoimento dos jovens referente à criação e à declamação das poesias. Franklin relata:

O que me motiva é a revolta, me sobe uma ira sobre todas as discrepâncias que vejo na sociedade. A melancolia e as mazelas de sobreviver, sinto preso nessa realidade. A inspiração desce geralmente quando meus demônios internos sobem. A necessidade de ser livre que me encoraja a escrever. Eu geralmente escrevo através de metáforas, acho bonito, é a estética que eu gosto, mas eu me saboto muito na hora de escrever por isso não tenho tantas poesias para recitar (Trecho da entrevista individual via rede social – 24/04/2020).

Segue um trecho da poesia de Franklin, publicada no livro “Vozes de reexistências juvenis: presente!”, resultado do projeto da UFBA:

De cara na pedra

*O quadrúpede, transformou-se em megalópole.
Ultrapassamos a idade da pedra, mas... a pedra resiste a metrópole
Saí da caverna, disse uma aí,
Aí entendi que liberdade tem sinônimo
Livrar a si [...]
(Franklin Santos, 2019, p.146)*

Larry diz que:

A gente precisa externalizar, a gente precisa falar sobre, precisa expor alguma coisa que amenize isso, muita gente externaliza da forma errada, acaba fazendo alguma besteira, a gente usa a poesia para amenizar. Quando eu tô escrevendo sinto ódio, porém, depois que eu termino de escrever, é algo que é muito bom, porque, quando a gente acaba, percebe que colocou para fora, a gente tá totalmente livre daquele sentimento ruim (Trecho da entrevista individual via rede social – 09/04/2020).

Nesse contexto, dialogaremos com Eduardo Santos (2013, p.72):

Dentro de uma realidade social complexa e dramática por conta das vulnerabilidades sociais comecei a me dar conta de que a arte é um fator de proteção e ressignificação da vida das pessoas, pois ela excede e completa o cotidiano, trazendo um empoderamento para as pessoas que vivem em situação de adversidade e não só isso, a arte tem função de restaurar aspectos da vida pessoal que foram negados.

Bolha narra que:

No fato de recitar é muito de gratificante, recitar um trabalho que você fez ou um trabalho que você se identifica, autoral ainda mais. Poxa, eu vou recitar aquilo, as pessoas vão entender essa visão, independente de você

falar de uma forma agressiva, eu acredito que eu falo muito assim de poesias revoltantes. E às vezes você tá recitando, as pessoas podem fazer: Vixe! Eita! Fazer umas caras e bocas. (Trecho da roda de conversa presencial – Bolha – 14/03/2020).

Clara desabafa que: “na maioria das vezes, eu sinto angústia de tá escrevendo aquilo que eu sei que é real e que é negligenciado, às vezes eu fico feliz também porque eu sei o que eu tô escrevendo e eu quero que as pessoas também saiba”(Trecho da roda de conversa presencial – 14/03/2020). Acrescento a fala de Rick: “a primeira vez que eu escrevi uma poesia foi no colégio e fiz até o final, e foi estranho, eu nunca levei nada até o final, e sempre fui daquelas pessoas que deixava as coisas de lado” (Trecho da entrevista individual via rede social – 07/04/2020).

Escrevo

[...] Sou da parte esquecida e maltratada do país e nem isso me fez desistir do que sempre quis.

De onde estou quase todos ninguém nota a minha voz, por isso escrevo, mas fica entre nós.

[...] Vejo a arte movimentando o mundo, vejo palavras serem lemas de luta E isso fortalece minha conduta.

(Sol Vasconcelos, poema “Escrevo”, publicado no livro “O diferencial da favela...”, Sarau da Onça, 2017, p. 47)

Merece ênfase a força da palavra dos jovens do Sarau da Onça através da poesia falada e escrita, pois ali reconhecemos outras possibilidades de poder. Como consta no prefácio do último livro de Luciana Sacramento (2019, p. 7), professora adjunta da UNEB, “nossos jovens pretos periféricos em nenhum instante pararam de usar o poder da palavra falada e escrita como revolução”. Vale acrescentar que a professora associa o trabalho do Sarau da Onça com a Revolta de Búzios (1799), “revolta preta popular no Brasil”, ao identificar que, em ambos os movimentos, os jovens pretos, de classes populares, usavam/usam a escrita como instrumento de reivindicação. Ora, isso é aprender com os antepassados, com a história, memória e luta dos oprimidos.

Resistência preta

*[...] Não venha me dizer como agir,
Porque Reagir é o que vou fazer!
Assim me ensinaram
meus antepassados Dandara e Zumbi...
A lutar contra ti!*

*[...] Não venha mais uma vez tentar silenciar a minha voz
 Não vou me calar nunca mais!
 (Ana Paula de Oliveira, poema “Resistência preta”, publicado no livro “O diferencial da favela...”, Sarau da Onça, 2019, p. 52).*

Quando se fala deste tipo de literatura, observamos que não aborda apenas o individual, pois o coletivo está presente, ou seja, representação e autorepresentação. Conforme Érica Nascimento (2009, p. 6), “boa parte dessas histórias assume contornos biográficos de um sujeito ou de um grupo mobilizados em torno da sua periferia, suas condições socioeconômicas e afirmação cultural de suas comunidades”. A jovem Paula compartilhou a sua recente produção poética, não publicada:

Medos

*[...] Não é só batida
 Nem letra
 É sentimento e veio tudo
 De você cada expiração
 Vocês não sabem nada
 E quando falo da glocks
 Vocês acha que revolução
 É com peças nas mãos
 Venho armada e engatilhada só que com palavras
 Não me leve a mal é que já tem muito tempo que fiquei
 calada.*

Referente aos temas das poesias de Sandro, “são todos das minhas vivências, seja de enfrentamento, das que falam de amor, seja os contos eróticos, daquilo que está me indignando, que eu passei ou presenciei”. Segue um conto erótico publicado no blog do poeta:

Errante

Quando ela chegou, nos beijamos e sua mão logo chegou em meu zíper, olhou em meus olhos e disse que não podia demorar muito, mas que do jeito que tinha ficado molhada ao me encontrar que não poderia deixar de me sentir dentro dela...

(Sandro Sussuarana. Disponível em: <https://sandrosussuarana.wordpress.com/>. Acesso em: 10 jan. 2020).

No que tange à representação, observamos os poetas com escritas que discorrem sobre a periferia e seus moradores. Logo, o que é próprio dessa escrita é a temática dos textos e a relação com os escritores. São conteúdos produzidos por sujeitos que vivenciam situações de vulnerabilidade.

Resisto, logo não desisto

E ouvir dos mais velhos de luta, que se sentiu representado na minha fala me motiva a continuar na caminhada. E ver no olhar do Professor Juraci Tavares a emoção. Ouvir de João Jorge que a sua luta não foi em vão, só me mostra que eu tô no caminho certo e sei qual é a minha missão.

Em nome dos que se foram

E por aqueles que ainda estão por vir

Seguimos firmes e não iremos desistir.

(Samuel Lima, poema “Resisto, logo não desisto”, publicado no livro “O diferencial da favela...”, Sarau da Onça, 2019, p. 131).

É possível observar relatos e denúncias de problemas sociais vivenciados no cotidiano periférico, tais como: abandono do Estado e fragilidade das políticas públicas; violência da polícia, dentre outros.

Pacto pela vida

*[...] Capitães do mato e coronéis como Jorge velho,
ceifam as vidas nos nossos quilombos urbanos,
decapitam nossos zumbis e Dandaras
e fazem jorrar abruptas as lágrimas das mães pretas.[...]*

Assim o Pacto pela Vida se faz.

Que vida?

De quem?

(Vanessa Cerqueira, poema “Pacto pela vida”, publicado no livro “O diferencial da favela...”, Sarau da Onça, 2019, p. 28).

É um grito de denúncia, reivindicação e de superação, de um cotidiano de luta pela vida, pela arte e pelo direito de existir dignamente.

O que falta é oportunidade

Oportunidade é o que falta para todos os meus irmãos.

Sem distinção de raça, sexo, opção sexual ou até mesmo condição social.

O que queremos é educação, segurança, saúde, mobilidade...[...]

(Ronaldo Castro, poema “O que falta é oportunidade”, publicado no livro “O diferencial da favela...”, Sarau da Onça, 2017, p. 73).

São poesias que descrevem as particularidades da periferia e seus moradores, seus hábitos, modos de vida, maneiras de superação e sobrevivência, seu linguajar e as redes de solidariedades, entre outros aspectos.

Sarau é formação

O orgulho de ser Favela.

Periferia sopra em mim os ventos da revolução.

Do meu povo que transborda em uma juventude poetizada,

Nas senhoras e senhores que nos ensinam a caminhar.

(Marteluz de Jesus, poema “Sarau é formação”, publicado no livro “O diferencial da favela...”, Sarau da Onça, 2019, p. 49).

É necessário ressaltar que os poetas das periferias também produzem escritas sobre o amor, como:

Fim

[...] Eu sinto muito por você não sentir o mesmo que sinto, eu sinto muito por não me ver da forma que te vejo, eu sinto muito por sentir tudo isso por você.

Continuo (co) existindo contigo.

(Inara Makini, poema “Fim”, publicado no livro “O diferencial da favela...”, Sarau da Onça, 2019, p. 82).

A literatura da periferia também dialoga sobre questões identitárias, tais como racismo, violência contra a mulher, intolerância religiosa, homofobia, entre outras.

Intolerância religiosa

Onde não há uma religião oficial, então nem venha me dizer que a sua é a única original

Até porque minha religião é ancestral

[...] O candomblé me representa e eu uso a poesia para resgatar tudo que o preconceito conseguiu apagar

E agora, antes de praticar a intolerância religiosa,

vai pesquisar a nossa verdadeira história.

(Maíara Silva, poema “Intolerância religiosa”, publicado no livro “O diferencial da favela...”, Sarau da Onça, 2017, p. 48).

Quanto à autorepresentação, ou o poder de falar de si e negar o padrão de que alguém tem melhores condições para falar sobre o outro, o conteúdo deste tipo de obra literária também aborda a história de vida dos seus escritores e de terceiros, ou seja, eles podem ser os personagens.

Nas entrevistas individuais, ao tratar dos temas das suas criações, alguns jovens apresentaram reflexões sobre a legitimidade de escrever sobre temas que não vivenciam:

Por um tempo eu tentei me calar ao falar de racismo por achar que não cabia a mim, nunca tive esse espaço para falar sem ter o receio de passar por afroconveniente e tendo do outro lado da balança o peso do privilégio latino (Trecho da entrevista individual via rede social – Franklin - 24/04/2020).

Na percepção de Rick:

O que eu escrevo são sobre as minhas vivências, é sobre algo que aconteceu comigo ou alguém próximo de mim, tipo escrever sobre sexualidade eu tenho toda autoridade, eu tenho liberdade de uma certa forma de escrever sobre isso, porque eu vivo isso, não teria nada a ver um hétero escrever ou falar, não que não possa, mas é um tanto estranho um hétero tá escrevendo sobre isso porque não tem autoria sobre isso, um hétero nunca vai saber a dor de um gay, nunca vai saber nada disso, entendeu?(Trecho da entrevista individual via rede social – Rick - 07/04/2020).

Larry defende que:

As minhas poesias falam de diversas temáticas que eu domino e algumas nem tanto, porque é como eu falava com Rick, desde quando eu comecei a fazer poesia, tem muita gente falando sobre espaço, sobre local de fala, porém, eu acredito, sim, que cada um tem o seu lugar de fala, que não devemos interferir no local de fala do outro, todo o debate saudável é bem-vindo, mas também não devemos desconsiderar a versão de ninguém, a voz de ninguém. Porém, quando a gente fala sobre algo que a gente não tem total propriedade, é só a gente não se apropriar da dor da pessoa, porque nas minhas poesias eu vou ter temas como machismo, homofobia, intolerância religiosa, sendo que eu não passo por esse problema. Em qualquer tipo de luta, todas as pessoas que irão lutar são bem-vindas (Trecho da entrevista individual via rede social – 09/04/2020).

Ressaltamos a importância da autorreflexão de todos quanto ao seu papel na luta e defesa da condição humana, contra a opressão de classe social, etnia, gênero, orientação sexual, religião, entre tantas outras diversidades. Nesse contexto, destaco o que defende Fanon (2008, p.187): “todas as vezes em que um homem fizer triunfar a dignidade do espírito, todas as vezes em que um homem disser não a qualquer tentativa de opressão do seu semelhante, sinto-me solidário com seu ato”.

Na produção literária, destacamos a escrita de autores negros que explanam sobre si; na contemporaneidade, temos Conceição Evaristo, que propõe a noção de “escrevivência” como a escrita fundamentada no cotidiano, na experiência do negro brasileiro, especialmente as mulheres negras.

Sandro fala sobre escrevivência: “antes de eu conhecer o que a Conceição Evaristo fala sobre escrevivência (que é escrever sobre as nossas vivências), eu já falava que a minha escrita fala da minha vida, fala do lugar que eu moro, do cotidiano, da minha relação com o meu cotidiano [...]”.

Culpado

*[...] Eu sou a periferia estigmatizada pelo Estado,
que na sua Política de “guerra às drogas”
Só os pretos são condenados [...].
(Sandro Sussuarana, poema “Culpado”, publicado no livro “O diferencial da favela...”, Sarau da Onça, 2017, p. 26).*

Para tratar da diversidade de produção literária, tomando como base a literatura negra, recorreremos aos estudos de Evaristo (2009, p. 27):

Afirmando um contra-discurso à literatura produzida pela cultura hegemônica, os textos afro-brasileiros surgem pautados pela vivência de sujeitos negros/as na sociedade brasileira e trazendo experiências diversificadas, desde o conteúdo até os modos de utilização da língua.

Diante do contexto, destacamos o discurso de Sandro referente ao tema da sua escrita, relacionando a fala de si e o espaço: “escrevo o que eu tenho propriedade para falar, não são temas preestabelecidos, eles apenas surgem, me vem a necessidade de falar sobre algo eu falo, geralmente sobre preto, porque eu sou preto, também sobre periferia, porque tô nesse espaço”. (Trecho da entrevista com Sandro Sussuarana – 12/12/2019).

A presença da valorização e reconhecimento da identidade negra e periférica no conteúdo do texto fica evidente, bem como o enfrentamento do racismo e da criminalização do negro periférico.

Jovem Negro Vivo

*[...] No país mais negro fora da África
quem mata os preto
recebe honraria e medalha
[...] A pergunta que fica é:
quando um jovem negro morre
Você se importa?
(Sandro Sussuarana, poema “Jovem Negro Vivo”, publicado no livro “O diferencial da favela...”, Sarau da Onça, 2017, p. 71).*

O poeta está empenhado em desmistificar a imagem conservadora e estereotipada do negro da periferia, exaltando a sua capacidade intelectual, criativa e produtora de cultura e conhecimento. Neste sentido, a poesia falada e escrita possibilita a visibilidade do protagonismo juvenil negro e periférico. Em conversa referente à identidade negra e ao racismo, os jovens relataram que:

Eu tinha acesso à informação sobre racismo; eu sabia que existia, mas eu não me considerava uma vítima por conta que eu poderia considerar que seria qualquer outra questão, e por que seria logo racismo que estaria me acometendo? Eu nem me considerava uma pessoa negra, me considerava uma pessoa parda. Eu falava: sou pardo, eu não sofro racismo. Eu sou pobre, isso acontece com todo pobre (Trecho da roda de conversa presencial – Larry - 14/03/2020).

Franklin diz que:

Eu não tinha noção quão estrutural é o racismo. Eu apenas me via como o pardo, e achava que não sofria racismo porque era pardo, não entendia que aquele desconforto que me acompanhava é parte desse processo. Eu vim pegar a visão sobre o racismo, bem mais agora, porque me encontrei nos espaços culturais, ali onde pessoas pretas, periféricas me ensinam tudo que foi negado ou negligenciado dentro dos espaços de formação social, como escola e talvez família [...] (Trecho da entrevista individual via rede social – 24/04/2020).

Como bem aponta o estudo de Fanon (2008, p. 90): “a experiência vivida do negro será, sobretudo, dada pelo olhar do branco: É o racista que cria o inferiorizado”. Para Larry:

A gente é muito mais que só sofrimento, se a gente busca a nossa representação em África sobre o negro, em seu próprio ambiente, em sua própria sociedade. A gente percebe que tudo isso que acomete a gente não é um problema nosso, não foi a gente que escolheu passar por isso, foram eles que nos acometeram a essa situação, a esse local. Então, a gente estudando vai estar reocupando o local que é nosso por direito, ocupando os espaços acadêmicos, procurando aprender sobre as nossas ancestralidade, a gente aprende quem realmente nós somos. A gente tem a nossa história que a gente tem porque lutar, porque, na minha opinião, tudo é sobre o porquê da gente lutar e um motivo para a gente fazer isso, porque ninguém vai enfrentar nenhum problema sem motivo (Trecho da roda de conversa presencial – 14/03/2020).

Símbolo de Resistência

*E ver meu povo preto no poder é o que quero
Poesia que recito, corpo que grita, alma que expresso
e peço nada além disso, representatividade e sucesso.
(Maiara Silva, poema “Símbolo de Resistência”, publicado no livro “O diferencial da favela...”, Sarau da Onça, 2017, p. 94).*

Assim, destacamos na poesia marginal a presença da resistência na voz e na união dos jovens que lutam por justiça e igualdade. Bolha defende que:

Uma pessoa que tava ali ouvindo a gente recitar poderia tá lá embaixo, poderia tá traficando, mas não, a pessoa estava me ouvindo, ouvindo a arte, a poesia [...]. A nossa aliança acaba sendo com a nossa cultura, e a gente

não quer que isso acabe, por isso que a gente faz, porque a gente chama de movimento de resistência porque é resistência, é persistência [...] a poesia pode levar você para outro nível, para outro patamar de sociedade (Trecho da entrevista individual via rede social – 07/04/2020).

A literatura negra é uma possibilidade de conhecimento da história pelo povo que vivenciou, que reconhece a luta e seus saberes ancestrais. Evaristo (2009, p.17) enfatiza a existência de especificidades da literatura negra, para que a “experiência das pessoas negras ou afrodescendentes possa instituir um modo próprio de produzir e de conceber um texto literário, com todas as suas implicações estéticas e ideológicas”. E acrescenta, afirmando a presença de uma vertente literária negra feminina.

Sendo as mulheres negras invisibilizadas, não só pelas páginas da história oficial brasileira, mas também pela literatura, e quando se tornam objetos da segunda, na maioria das vezes, surgem ficcionalizadas a partir de estereótipos vários, para as escritoras negras cabem vários cuidados [...] as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma autorepresentação (EVARISTO, 2005a, p. 6).

Meu corpo Negro

*Meu corpo negro foi vendido
Virei mulata!
Troféu sexual do país que fiz meu.
Bunda grande
Pernas grossas
Corpo robusto
A cor do pecado...
Sou mulher para satisfazer
o homem branco para
Que ele volte ao Brasil [...].*

(Ana Paula de Oliveira, poema “Meu corpo Negro”, publicado no livro “O diferencial da favela...”, Sarau da Onça, 2017, p. 41)

Referente à imagem deturpada da mulher negra encontrada na literatura brasileira, Evaristo (2005b, p. 53) ressalta que “um aspecto a observar é a ausência de representação da mulher negra como mãe, matriz de uma família negra, perfil delineado para as mulheres brancas em geral. Mata-se no discurso literário a prole da mulher negra”.

Oh preta!

*Não te cales, oh preta!
E nem sintas vergonha das tuas tetas,
Que muitos amamentaram! Nem só gente da tua cor, A NEGRA!
E muitos dos brancos que usufruíram desse teu recurso, hoje peitam!*

*Os mesmos ficam putos quando veem alguém da tua cor sentado na mesa [...].
(Iasmin Caroline, poema "Oh preta!", publicado no livro "O diferencial da favela...", Sarau da Onça, 2017, p. 23).*

A produção literária sobre a condição da mulher negra, bem como as vozes desta, através da escrita biográfica das suas experiências singulares, revela as inúmeras violências sentidas no seu cotidiano, desde a desvalorização dos seus atributos físicos e exaltação de um modelo estético diferente do negro, aos estereótipos da sexualidade, do machismo, da maternidade ao aborto, e tantos outros.

Crespo

*Nada de Bombril!
Meu cabelo não é esponja de aço
É crespo, moço!!!
É crespo, moça!!! [...].
(Jacquinha Nogueira, poema "Crespo", publicado no livro "O diferencial da favela...", Sarau da Onça, 2017, p. 24).*

Clara desabafa que:

Eu não me entendia como uma mulher negra e periférica até algum tempo atrás. Hoje eu sou extremamente feliz com quem eu sei que sou. É como se eu nunca tivesse pertencido a outro lugar que não esse. Para mim, o que me deu aquele choque de realidade foi cortar o meu cabelo. [...] É muito marcado o jeito em que me olham e falam comigo em relação a minha identidade, principalmente dentro de casa. Por isso falei que acaba adoecendo, sabe? Eu acabo sendo atingida mais pelo que é próximo a mim. Quando vem de fora, eu sinto que consigo ser mais forte, porque eu sei quem eu sou e que ser uma mulher preta não faz que eu seja pior que ninguém, eu sei que aquela pessoa que está ali não me conhece, e não sabe a minha história, não vive a minha vida e sequer tem entendimento das coisas, é como se fosse mais uma pessoa com o ego inflado que atravessou o meu caminho. Mas, quando vem de dentro, eu me abalo, porque é parte de mim, eu converso, eu explico, eu questiono, eu mando ler texto, eu dou livro, eu falo, eu falo, eu falo... É como se nada que eu fizesse fosse validado por tudo que eles já têm como entendimento. Eu tenho que ouvir que meu cabelo é duro, que meu cabelo tá feio, que eu tô parecendo uma "nêga tifum", no sentido pejorativo, que eu tô parecendo um homem, e isso acaba me atingindo mais porque são partes de mim. (Trecho da entrevista individual via rede social – 11/04/2020).

Nesse sentido, ressaltamos outra representação da mulher negra na literatura, ou seja, as auto-representações: "criam, então, uma literatura em que o corpo-mulher-negra deixa de ser o corpo do 'outro' como objeto a ser descrito, para se impor como sujeito-mulher-negra que se descreve, a partir de uma subjetividade

própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira” (Evaristo, 2005b, p. 54).

Carolina

Em meu Quarto de Despejo

Comi pedaços da fome.

Em minha casa de alvenaria

Escrevi meu estranho diário:

Diário de Bitita!

Meus provérbios e antologia pessoal,

Mas onde está a felicidade?

Onde está Carolina?

Está viva em cada viela,

cada Maria,

Na arte da periferia!

(Vanessa Cerqueira, poema “Carolina”, publicado no livro “O diferencial da favela...”, Sarau da Onça, 2019, p. 92).

Antes, estas pessoas eram descritas por outros, tinham alguém para representá-las, agora se autorepresentam. Considerando a presença dos marcadores de classe social, raça e gênero, no que tange à opressão vivenciada pelas mulheres, cabe a análise a partir da interseccionalidade que, segundo Akotirene (2018, p. 14):

Visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtores de avenidas identitárias onde mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais.

Desse modo, na roda de conversa, apareceu nas falas das jovens participantes o tema violência contra a mulher. Assim, compartilho as narrativas de Paula: “eu escrevo poesia sobre o empoderamento feminino, sobre certas coisas que as mulheres vivem, tipo assédio, machismo, estupro”. Conforme Paula:

Agora não mais, quando o meu padrasto bebe demais ele vai, parte para agressão, minha mãe só escapou porque eu estava lá, ele me empurrou, eu bati minha cabeça [...] chamei um amigo que me ajudou, meu padrasto saiu de casa, uma semana depois ele conversou com a minha mãe, se acertaram, mas minha mãe é um amor doentio.

A jovem encerra a fala chorando e diz: “é uma situação horrível e é marcada...”. Nesse sentido, Akotirene (2018, p. 64) defende que:

Além da violência atravessar as raças, classes e gerações, as queixas das mulheres negras sofrem estigmatização pelos aparelhos do Estado, devido às mulheres negras serem moradoras de espaços considerados perigosos, identificados como pontos de tráfico de drogas pelas mídias televisivas. O machismo, além disto, propicia aos agressores de mulheres, delegados, juizes ativistas de direitos humanos o encontro de iguais, porque a polícia que mata os homens no espaço público é a mesma que deixa as mulheres morrerem dentro de suas casas – o desprestígio das lágrimas de mulheres negras invalida o pedido de socorro político, epistemológico e policial.

Paula trouxe outra situação de agressão sentida por uma colega: “ela levou um murro do namorado, e quando foi procurar a polícia, na delegacia o cara falou praticamente para ela, você é feminista, cadê as mulheres? O próprio delegado falou isso, e ficou por isso mesmo”. A violência é retratada na manifestação poética logo abaixo:

Amélia

Cumprindo o papel que a sociedade lhe deu.

Amélia nunca dançou,

Amélia nunca bebeu,

Amélia nunca gozou

E por torturas

Adoeceu.

[...] É vítima do machismo

Gera índices de feminicídios.

[...] POR FAVOR! Libertem Amélia, Amélia precisa ser, mulher de verdade.

(Fabrícia de Jesus, poema “Amélia”, publicado no livro “O diferencial da favela...”, Sarau da Onça, 2019, p. 69).

Como afirma Evaristo (2009, p. 18):

As experiências dos homens negros se assemelham muitíssimo às minhas, em muitas situações estão par a par, porém há um instante profundo, perceptível só para nós, negras e mulheres, para o qual nossos companheiros não atinam. Do mesmo modo, penso a nossa condição de mulheres negras em relação às mulheres brancas. Sim, há uma condição que nos une, a de gênero. Há, entretanto, uma outra condição para ambas, o pertencimento racial, que coloca as mulheres brancas em um lugar de superioridade – às vezes, só simbolicamente, reconheço – frente às outras mulheres, não brancas. E desse lugar, muitas vezes, a mulher branca pode se transformar em opressora, tanto quanto o homem branco. Historicamente, no Brasil, as experiências das mulheres negras se assemelham muito mais às experiências de mulheres indígenas.

Ocupar o espaço literário, sendo referência para tantas outras mulheres que não reconheciam o seu potencial de fala e escrita, e a importância das suas histórias, sendo elas as protagonistas, isso é um momento singular, que a escritora trata com clara consciência do sentido estético e político deste trabalho.

Pode-se dizer que o fazer literário das mulheres negras, para além de um sentido estético, busca semantizar um outro movimento, ou melhor, se inscreve no movimento a que abriga todas as nossas lutas. Toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se toma o lugar da vida (EVARISTO, 2005b, p. 54).

É necessário ressaltar como o sistema é cruel, como cria uma realidade na qual as mulheres acreditam que o caminho é a disputa, concorrência e comparação entre elas. Nesse sentido, menciono a fala emocionada de Clara sobre a questão da gordofobia e como lida com as agressões sofridas pelas mulheres:

Eu sou muito afetada, por mais que aparento ser forte, eu recito, mas eu sou muito afetada, principalmente em relação a mim. Acho que quando em relação a outras mulheres que estão ao meu redor, eu falo mesmo, mas comigo é diferente, tipo roupa para menina gorda. Usando essa roupa? Isso é tipo de roupa de gordo usar?

Um olhar para si na intenção do amor próprio, autocuidado e elevação da autoestima, ainda é um processo na busca do êxito. As mulheres sofrem críticas e cobranças para atender padrões hegemônicos, são silenciadas nos seus sentimentos, histórias e opiniões. A luta é pelo fim da opressão, desigualdade e a liberdade de simplesmente ser mulher na sua plenitude. Segue abaixo uma poesia produzida pela jovem Clara:

O epistemicida mora logo ali

[...] Estão matando Vanessa
Que sai com suas madeixas crespas para o alto
E ouve que mulher tem que sair arrumada
Não importa o que aconteça
Estão matando Beatriz
Que sempre soube que não quer ter filho
E sempre ouve que não sabe o que diz
Estão matando Andressa
Que vive correndo atrás do seu desejo
Se encaixar, na epistemi da princesa
Mal sabe ela, que chegar perto do que dizem ser princesa
Vai tirar dela, o que ela mais ama
E não há drible
Ser princesa na nossa sociedade
Só significa não ser livre [...]

Assim, produzir uma escrita que possibilita um olhar para a outra, compartilhando afeto, saberes, experiências e fortalecimento da ancestralidade, parece ser um caminho quase libertador para estas autoras e suas leitoras.

Black Power, Sim!

*[...] Por isso uso a poesia
Pra defender e afirmar minha raça
Puxa, preta!
Seu cabelo é lindo
Saiba que antes de beleza e estilo
Ele, pra mim, é um ato político
(Ludy Borges, poema “Black Power, Sim!”, publicado no livro “O diferencial da favela...”, Sarau da Onça, 2017, p. 16).*

Nesse sentido, considero de extrema relevância mencionar o trabalho desenvolvido pelo também idealizador do Sarau da Onça, Evanilson Alves, junto com as meninas da Comunidade de Atendimento Socioeducativo (Case).

O Lançamento do livro “Força Feminina: A Poesia que Liberta” foi realizado no Teatro Castro Alves, em 2017. O site da editora Galinha Pulando informa que, no livro, constam 53 poesias, escritas pelas adolescentes que estão no cumprimento de medida socioeducativa na Case Feminina, em Salvador. O livro é resultado da parceria entre a Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social (SJDHDS), a FUNDAC e a Editora Galinha Pulando.

Fig. 17 - Capa do livro “Força Feminina: A Poesia que Liberta”



Fonte: (Blog Galinha Pulando. Disponível em: <https://galinhapulando.blogspot.com/2018/03/livro-de-poesias-feitas-por.html>. Acesso em: 10 jan. 2020).

O site da editora Galinha Pulando acrescenta que:

As poesias retratam as histórias de vida das socioeducandas, bem como sobre os laços familiares, projetam perspectivas positivas para o futuro, a busca da liberdade, além de traduzir sentimentos de amor, amizade e companheirismo.

A construção das poesias é um resultado das oficinas de escrita criativa realizadas na Case Feminina, que começaram em 2015. Evanilson explica que:

No início as meninas eram reativas, óbvio que entendo, ninguém que tá preso, privado de liberdade [...] ficava pensado como eu iria dizer para essas meninas que poesia é bacana, que inclusive elas podem utilizar poesia não somente como uma forma de dialogar, mas de transformar esse cenário. Não encontrei um ambiente fácil, também encontrei uma reação negativa dos colegas de trabalho, muitas pessoas não acreditam que o adolescente merece educação, tem que tá preso, sem direito nenhum, tem que ser violência com violência, ódio com ódio, maldade com maldade, e eu não vejo dessa forma (Trecho da entrevista – 11 de março de 2020).

Evanilson afirma que, com o tempo, as jovens entenderam que:

[...] eu trouxe poesia não só minha, mas de diversos autores que eu conhecia, que eu tinha uma vivência, uma relação. Então, comecei a levar textos dessas pessoas para dentro da unidade, e que aproximou e incutiu nas meninas que elas também poderiam ser protagonistas, não era só elas estarem vendo as poesias, eu queria que elas escrevessem, e elas entenderam isso e conseguiram. O que ajudou também foram as rodas de conversas que a gente fez ao longo dos 4 anos e 3 meses que eu passei na feminina, levei diversos artistas, professores de universidade [...] profissionais que puderam passar uma visão de um determinado tema, como preconceito, racismo, violência policial, feminicídio (Trecho da entrevista – 11 de março de 2020).

Conforme entrevista com Evanilson, referente à intenção do seu trabalho com as socioeducandas:

[...] é nunca deixar a poesia, essa literatura, e essa vivência que tem sido feita dentro das grades, não somente dentro das grades da instituição, é pra que seja exposta, é pra que as meninas possam sair, independente de estarem privada de liberdade, possam mostrar seu trabalho [...]a minha proposta é protagonizar, fazer com que elas façam esse caminho também, seja na poesia, em qualquer parte da arte, ou em outro âmbito profissional, que sejam protagonistas, que não se resume a ladrão, traficante, assassinos, que a sociedade faz questão de pontuar todos os dias (Trecho da entrevista – 11 de março de 2020).

Compartilho a afirmação que consta no site Galinha Pulando, referente ao objetivo desta produção literária: “é a formação centrada nas adolescentes em privação de liberdade para fortalecer a autoestima, a capacidade de expressar ideias e sentimentos e de utilizar a palavra para a resolução de conflitos, além do engajamento político social”.

Evanilson acrescenta que, além da produção do livro, as oficinas alcançaram como resultado:

As meninas começaram a aprender a abrir a mente, ainda que estivessem privadas de liberdade, e começaram a escrever poesias extremamente politizadas. A nível de dentro da proposta de oficina de poesia, previa saídas externas para que elas pudessem apresentar o material de trabalho delas, causa estranheza nas pessoas quando elas abriam a boca e começavam a discursar através da poesia, e viam que elas eram extremamente politizadas, o tempo fez delas assim, ao se permitirem.

Acrescento que, nesse cenário, da Case Feminina, Evanilson organizou edições de batalhas de poesia junto com as socioeducandas, Slam Força Feminina. Nesse sentido, destaco a relevância de outras pesquisas aprofundarem sobre o tema da poesia nesses ambientes, em especial com o enfoque na escuta das adolescentes poetas que estão privadas de liberdade, suas experiências, subjetividades, histórias de vida, enfim, seu processo transformativo.

Dando continuidade, referente às especificidades das produções literárias, que rompem com o padrão dominante de escrita considerada culta e elitizada, compartilhamos a ideia de Evaristo (2009, p. 19): “o faz diferentemente do previsível pela literatura canônica, veiculada pelas classes detentoras do poder político-econômico”. Essa literatura tem uma linguagem específica, apresentando trechos com gírias e palavrões, assim, não segue propriamente a língua oficial brasileira.

Put a poesia

*A poesia é puta
Se dá para quem tem vontade
Onde tem vontade
Se tiver vontade.
Ela é livre! [...].*

(Adrielle do Carmo, poema “Put a poesia”, publicado no livro “O diferencial da favela...”, Sarau da Onça, 2019, p. 13).

Pude observar produções literárias escritas em formato de poesia, conto, prosa e cordel, como este trecho apresentado abaixo:

Meu sertoneste

*Ô bichinho, Venha cá!
Ouça com atenção o que vou te contar.
Se acheque mais; por favor, tire o chapéu.
Pronto para ouvir uma história em cordel?! [...].*

(Iasmin Caroline, poema “Meu sertoneste”, publicado no livro “O diferencial da favela.”, Sarau da Onça, 2017, p. 67).

É fundamental que o interesse das editoras na publicação da literatura marginal não seja apenas com foco na experiência social dos escritores enquanto

“novidade”, sem o reconhecimento da dimensão literária e da qualidade do texto. Que as poesias sejam reconhecidas, valorizadas e tratadas como literatura na sua totalidade, tanto pelo mercado editorial como pelos leitores das diversas camadas.

Nesse sentido, compartilho o relato de Clara referente à escolha do seu tema de monografia:

Eu, conversando com o professor, acho que eu vou falar sobre a invisibilidade dos artistas negros e da arte negra, dessa questão de se você for uma pessoa negra e se você faz artes, você é automaticamente considerado como uma pessoa que faz arte negra e não como uma pessoa que faz arte, ai ele falou assim: mas por que você vai falar sobre isso? Porque acho que me compete.

Geralmente, os escritores almejam acessar o mercado editorial, porém muitos não têm condições financeiras para publicar sua obra, e isso requer a busca de alternativas como fazer “vaquinha” ou participar de editais. Diante dessas dificuldades, os escritores da literatura marginal têm as suas próprias formas de produção, circulação e consumo.

Nesse contexto, cabe a explanação de Dussel (2018, p. 34) sobre a estética da libertação, no sentido de que “o cruzamento do campo estético com o campo técnico ou produtivo (como *produção* da obra de arte), [...] depende, em grande medida, do avanço civilizatório da cultura que produz obras de arte”. O autor esclarece: “os princípios técnicos que, não obstante possam ser melhorados e inspirados em outras experiências, guardam coerência cultural com o entorno” (DUSSEL, 2018, p. 22).

É possível observar a diversidade de meios para circulação da poesia (impressa, virtual e falada), como através das camisetas, postes, ônibus, nas ruas e nas redes sociais. Referente a estas últimas, enquanto instrumento de divulgação, é possível encontrar na pesquisa de Leal (2017, p. 118) algumas indicações importantes:

[...] nesta articulação multimídia, há diálogo constante entre autores e leitores, ou público em geral [...] E como o contexto *on-line* permite a participação de pessoas de diferentes orientações culturais nas redes sociais, observamos nos *posts* do *Sarau* uma inserção ativa de pessoas de diferentes espaços ou contextos sociais.

Fig. 18 – Divulgação e interação através da rede social



Fonte: Facebook do Sarau da Onça

Em 1999, Vaz (2008, p.58) lançou uma série de cartões postais poéticos para divulgar a poesia do seu livro “Pensamentos vadios”, e distribuía poesia gratuitamente. Podemos citar a confecção de camisetas, constando nas estampas versos de poesias, como as produzidas por Sandro Sussuarana.

Fig. 19 – Sandro veste a camiseta com verso de sua poesia “A perifa”. Ao fundo, o banner do Sarau.

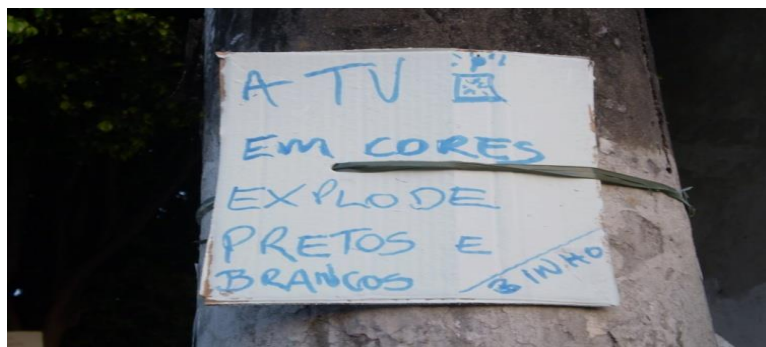


Fonte: Facebook de Sandro Sussuarana

De acordo com Vaz (2008, p. 109), o poeta e artista plástico, conhecido como Binho,

[...] faz intervenções em postes pela cidade, o que chama de “Postesia” desde 1997. São placas com pequenos poemas, como: “O tiro é no nariz, mas é no peito que dói”. “Minha ideia era fazer poesia em postes, reciclando material de campanha política. Depois, passei a pintar e colocar nos postes, com tinta doada”.

Fig. 20 – “Postesia” (placas com pequenos poemas)



Fonte: Blog postesias (Disponível em: <http://postesias.blogspot.com/2010/>. Acesso em: 10 fev. 2020).

Outro âmbito de circulação da poesia é o transporte público:

Essa gente que durante muito tempo foi e é moída dentro dos ônibus lotados ao ir e voltar do trabalho e cuja única dose de lazer e cultura eram as pílulas anestésicas da televisão, agora tinha um dia para comungar a palavra, uma palavra que a gente não tinha e que agora era a nossa voz (VAZ, 2008, p. 114).

Bolha versou sobre a sua experiência poética nos ônibus:

Às vezes as pessoas acham que o poeta entra ali para poder fazer o trabalho só pensando no dinheiro, mas não tem como você tirar o dinheiro, não tem como você se sustentar disso. Realmente tem como você sustentar, mas você tem que fazer uma carga horária, para poder ganhar um dinheiro, tipo, você entrar no buzu e recita uma poesia só, e pedir a moeda, você vai ganhar mais tempo para poder entrar em outro ônibus. Só que a gente não fazia assim, a gente recitava 3 a 4 poesia no ônibus, fazia realmente um Sarau dentro do ônibus e a moeda era como se fosse um agradecimento pelas pessoas, não era só o dinheiro, era as pessoas olharem para gente, tipo assim, se abismar. Aí você tá no seu ônibus, você tá naquela coisa monótona indo para o trabalho, voltando e do nada entra o poeta, e te dá esse choque de realidade e você fica, tipo, é mesmo! É sério que isso acontece?!

Cabe ressaltar que os depoimentos evidenciam a importância da poesia marginal nos transportes públicos, com transmissão de informações e a intenção de fomentar o pensamento crítico coletivo através da arte poética. Nesse contexto, Larry diz que:

Eu comecei a tentar levar essas informações para outras pessoas no buzu, como essa informação chegou a mim através da poesia, então eu precisava levar essa informação para outras pessoas, por mais que ela não quisesse escutar, mas é uma informação, precisa ser compartilhada. Os veículos midiáticos não compartilham a nossa vivência, a informação do que acontece aqui dentro, eles compartilham o que eles querem que as pessoas saibam o que acontece aqui dentro, no caso é morte a violência (Trecho da roda de conversa presencial – 14/03/2020).

Questionadas sobre esse contexto, Paula e Clara revelaram que sentiam vergonha de recitar nesses espaços; ambas trouxeram a preocupação com a reação dos passageiros. No entanto, a poesia marginal empodera jovens da periferia, conforme analisa Eduardo Santos (2013, p. 74):

A arte empodera a pessoa e essa afirmação contém uma força surpreendente. O que eu quero indicar, no entanto, é que através da arte e da educação a pessoa se torna mais crítica e se coloca no tempo e no espaço com uma dimensão mais atuante, mais prospectiva, não ficando refém do aqui-agora das relações, sem um projeto de vida ou mesmo um sentido e uma força para seguir em frente nas suas escolhas e modos de vida.

Cabe mencionar que o Coletivo Arte no Buzu é um trabalho desenvolvido por três jovens poetas (Maiara Silva, França Mahin e Negro Roh) “nos coletivos de Salvador com objetivo de despertar o senso crítico, trazer a poesia como ato de liberdade, e assim através dos nossos textos falar dos nossos incômodos, vivências dentro da escrita negra periférica” (Informações retiradas do Facebook de Maiara, uma das idealizadoras do Sarau da Onça e do Grupo Ágape. Disponível em: <https://www.facebook.com/maiara.silva.7587>. Acesso em: 06 mar. 2020).

O transporte público faz parte da minha rotina diária; assim, já vivenciei diversas manifestações poéticas no “buzu”, meninos e meninas recitando, geralmente conteúdos relacionados à periferia, racismo, violência policial e críticas à conjuntura política. Após declamar uma ou duas poesias, eles solicitam aplausos. Em alguns casos, também há divulgação do trabalho em redes sociais ou venda de panfletos. E como forma de contribuição, solicitam dinheiro ou qualquer moeda, mas é comum afirmarem que o agradecimento pode ser também através de abraços, sorrisos, aperto de mão. Observando as reações dos passageiros, algumas pessoas ficam atentas à declamação; outras, que já estavam conversando, geralmente permanecem nesse estado. A maioria responde com aplausos, alguns poucos dão moedas, e presenciei aqueles que apertam a mão e até há quem abrace.

Ainda nesse contexto de poesia no ônibus, apresento o resultado de uma conversa informal com um jovem que encontrei por coincidência na Estação Pirajá, pois lembrei que o tinha visto naquela noite no Sarau da Onça. O papo transcorreu durante aproximadamente 30 minutos e o jovem relatou suas experiências com a poesia, em ser negro e da periferia, inclusive que é comum, no seu cotidiano, as abordagens policiais e a presença do racismo institucional (sua dor, medo,

humilhação e indignação pela forma de tratamento). Afirmou, no entanto, que isso é um incentivo para pensar nas suas interpretações no ônibus: “faço questão de entrar no ônibus com boné escondendo uma parte do rosto, as pessoas pensam logo que irei roubar”. Deixa, portanto, claro a intenção de provocar impacto nos passageiros, pois já esperam que o poeta dê voz de assalto.

Já presenciei esse tipo de performance no ônibus, as pessoas que não estão acostumadas com a poesia nesses ambientes, geralmente, dizem: “tomei um susto”. Citamos uma narrativa de Sandro na época que, junto com Evanilson, faziam o transporte público de ambiente poético, entravam dizendo: “olha o arrastão, olha o arrastão. Não! Sem pânico e sem frustração, pelo menos aqui. Falta muita informação”.

Na roda de conversa com os jovens, revelei o meu desejo de acompanhá-los no recital de poesias nos ônibus, porém, na semana seguinte começou o processo da quarentena devido ao Coronavírus. O “buzu”, como um espaço de poesia marginal, de informação e diversidade de experiências, merece pesquisas que aprofundem esse leque de possibilidades.

No que tange ao universo do seletivo mercado editorial, aberto para os padrões ditos cultos de literatura, notamos que a periferia e a negritude estão aos poucos ocupando seu lugar, lutando pelo direito de escrever e publicar sobre si e o seu espaço. Nesta linha, destaco a editora Galinha Pulando, de Valdek de Jesus que, além da parceria com o grupo Sarau da Onça, oportuniza e fortalece a escrita e publicação de outros coletivos e poetas baianos. Assim, Santana e colaboradores (2019, p. 14) traduzem este movimento:

Através do selo editorial Galinha Pulando, tem publicado a obra de diversos desses poetas das periferias da capital baiana. Algumas dessas edições, como se verá, foram realizadas com recursos públicos, através de editais de fomento à produção artística e literária – que é, aliás, outro aspecto a se sublinhar, posto que, embora escassos, os recursos públicos para essas publicações vêm representando uma discreta mudança no cenário. Mas que se registre também que esse processo é, sobretudo, resultado não da suposta generosidade do poder público, mas da presença destes poetas, artistas, nos Fóruns e Conselhos onde se discutem as políticas públicas para as artes.

Dentre várias produções de Valdek de Jesus, destaco a realizada em 2018, o livro “Poéticas periféricas: novas vozes da poesia soteropolitana”:

Composto por cerca de 100 poemas, o livro é resultado do trabalho coletivo de vários protagonistas de saraus, slams, grupos e coletivos de artistas da palavra, que representam quase 3 milhões de vozes da capital baiana. Registra parte da produção literária de Salvador e traz denúncias contra o genocídio da juventude negra e periférica, racismo, homofobia, racismo religioso, machismo e todas as opressões. E também tem poemas de amor, sonhos e alegria. A publicação pretende dar visibilidade, proporcionar a compilação de poemas para fontes de pesquisas, além de valorizar o movimento de leitura e escrita, bem como fortalecer políticas de formação de leitores e facilitar o acesso à produção poética da periferia para os interessados. A publicação deve facilitar a circulação da produção poética através dos saraus e slams e fomentar o mercado editorial local.

A pergunta que não quer calar é: a quem interessa a leitura de textos sobre a periferia e seus moradores? A publicação e circulação das obras produzidas pelos escritores da periferia fomentam a formação de leitores, tanto os periféricos como das demais camadas sociais.

Além disso, destaco a narrativa de Marteluz e a utilização do seu livro: “hoje eu uso o meu exemplar no meu espaço de trabalho e quem lê sente o peso e a importância desse tipo de trabalho”. Para os periféricos, é uma forma de se sentirem representados, ao acessar textos que falam de si, da sua realidade e de seus pares. Além da referência, de acreditar na sua capacidade de escrita criativa e no valor da sua história. Por outro lado, conforme o relato de Sandro, referente à repercussão após a publicação do primeiro livro:

Nós começamos a ganhar visibilidade e espaço em emissoras de TV e rádio, site elitizados, que começaram a sentir “interesse” sobre nós. As coisas são devido a essas escritas e informações, a fala sobre o projeto e sobre o bairro não aconteceram por conta da importância apenas sobre o bairro e o projeto, mas aconteceram também porque eles precisavam chegar e acessar essas pessoas que não leem eles, que não assistem eles. Nós entendemos que é mais pelo interesse da audiência dessas pessoas do que por conta dos projetos, se fosse pelo projeto a Urbanidade Nagô tem 25 anos e nunca foi chamado (Trecho da entrevista – 12/12/2019).

Saliento essa crítica de Sandro aos interesses midiáticos diante do trabalho cultural desenvolvido pela periferia, ao selecionar qual atividade será divulgada e desprezar outras, demonstrando que o objetivo não é a exposição e valorização da cultura, arte e criatividade presentes na periferia, mas a utilização dessa imagem como estratégia de ganho de audiência junto a esse público, de lucro, bem como de controle em função de seus interesses. Conforme Sandro:

Esse projeto incomodou mais do que eles esperavam que incomodasse, teve repercussão maior que eles esperavam, ai veio fazer matéria, emissora de TV, jornais de outros estados, sair em capa de revista. Para nós ainda é mais importante essa fala e escrita, porque elas são preconceituosas, porque mesmo vindo falar do Sarau da Onça no bairro periférico, vai fazer associação com a criminalidade. No período de 2013, 2016 até 2017, conseguiram espaço nos jornais. Hoje, eles quando vêm buscar o bairro, procura ver o que tem de bom. Isso foi importante para mostrar o outro lado da favela. Por isso, o Sarau da Onça chama o diferencial da favela, é esse o objetivo, é mostrar que certa mídia não tem interesse em divulgar. (Trecho da entrevista com Sandro Sussuarana – 12/12/2019).

Nesse sentido, aponto o convite que o Sarau recebe de alguns órgãos, porém são comunicados de quais poesias devem ser recitadas e as que são excluídas do repertório. Em vários momentos, os idealizadores relataram que concordam com o aviso, até ensaiam nos locais de acordo com as exigências; porém, na apresentação, recitam também as poesias que seriam descartadas, geralmente são temas que tratam da PM, políticos e racismo. O lado positivo é que, com a grande mídia, e demais meios de comunicação, potencializa-se a visibilidade dos escritores da periferia.

Os idealizadores do Sarau da Onça frequentam espaços considerados elitizados, assim têm contato com leitores de outras camadas sociais, que desconhecem a realidade da periferia e terão acesso através das vozes de quem a vivencia.

Acompanhei Evanilson no evento de lançamento de uma campanha que tratava sobre cultura e era notório que as pessoas que estavam no espaço, no bairro considerado elitizado, não eram de camada popular, a exemplo dos atores globais, empresários, etc. Algumas pessoas, que estavam apresentando a parte cultural, eram oriundas da periferia. O poeta dialogou com um grupo cultural que também foi convidado para apresentar, e um de seus integrantes comentou: “ainda bem que encontramos uma cara conhecida”.

Em seguida, conversando com Evanilson, este defendeu a importância da presença do Sarau da Onça nesses espaços, pois, considerando-se os leitores que são de classe social alta, “esse tipo de público é quem paga os livros”. O idealizador foi atencioso com as pessoas que o abordaram para saber informações sobre o grupo e os livros. No momento da sua apresentação, o público gravou e aplaudiu o recital de poesias. Porém, cabe a reflexão para quem assiste, sobre qual a imagem que fica sobre a poesia e o poeta marginal: se como uma possibilidade de conhecer

a periferia e sua realidade; se compreendem que nesse espaço tem produção cultural e intelectual, ou é apenas como entretenimento e novidade.

Por outro lado, a divulgação do livro organizado pelo Sarau da Onça na periferia, como os jovens dizem, “é outro sabor”. Quando comecei a frequentar o espaço, logo nos primeiros encontros estavam no processo de conclusão do Festival de Artes e Cultura, com o lançamento do livro. Outros espaços demonstraram interesse na exclusividade para o lançamento, mas Sandro disse: “primeiro em Sussurana”. Destacamos a importância de priorizar a periferia e os seus moradores. Conforme Sandro: “um dos objetivos é priorizar a circulação dos textos nas periferias, para que os seus pares acessem a cultura e os conteúdos com os quais se identificam, que falam da realidade deles”.

Foi uma noite de glória para os idealizadores, os escritores participantes e familiares, bem como para o povo das periferias. A vitória é coletiva. Iniciaram o discurso com a trajetória do grupo, relatando a iniciativa, as parcerias, mas também as dificuldades para a realização e manutenção ao longo dos 8 anos.

Fig. 21 – Os poetas escritores do livro “O diferencial da favela: dos contos às poesias de quebrada” (2019)



Fonte: Facebook do Sarau da Onça

Os idealizadores estavam visivelmente tensos e emocionados. Sandro afirmou: “todas as vezes eu choro”. Enfatizaram a felicidade da concretização daquele trabalho, “quebrando com estereótipos, mostrando que é possível a periferia escrever”.

O público era puro êxtase, especialmente os familiares dos escritores. Observei a família do poeta Marteluz, a presença emocionada da mãe e de seus

filhos. Como a sua esposa estava fora do Brasil fazendo pesquisa, o filho fez transmissão em tempo real para a mãe participar desse momento único.

Fig. 22 – O público nas escadarias do Anfiteatro no lançamento do livro (2019)



Fonte: Facebook do Sarau da Onça

Cabe ressaltar a sensação que é autografar livros com suas escritas e para os seus. No final do evento, foi o momento das fotos e autógrafos, quando me aproximei de vários escritores para pedir o autógrafo e vi uma jovem que estava nervosa com a situação, as mãos tremiam para assinar. Pedi minha caneta emprestada para continuar a autografar outros livros; ela confessou: “nem pensei em trazer caneta”.

Fig. 23 – Uma escritora autografando no lançamento do livro (2019)



Fonte: Facebook do Sarau da Onça

Bolha afirma que:

O Sarau da Onça só fez acrescentar na minha vida; escrever, fazer poesia, fazendo corre nos ônibus e nisso abriu amplitude para várias coisas. Inclusive, pelo Sarau da Onça, a gente já fez o projeto com a UFBA, tá fazendo agora com a UNEB. Eu já fui para TVE gravar uma poesia, e agora

eu tenho que gravar um vídeo de 2 minutos sobre o Coronavírus, falando o que tá acontecendo na quarentena nos bairros periféricos (Trecho da roda de conversa presencial – 14/03/2020).

Para Dussel (2018, p. 27):

É a produção artística dos povos que começam a descobrir suas próprias *aísthesis* (ou compreensão da beleza) e que, lentamente, com instrumentos próprios ou modernos (frequentemente modificados), produzem suas obras de arte, na música, pintura, literatura, dança, arquitetura etc.

Os relatos dos jovens, referentes às suas experiências estéticas educativas com o Sarau da Onça e a poesia marginal, revelam um processo de libertação, empoderamento e transformação da sua realidade e dos pares. Logo, possibilitam um leque de reconhecimentos, da sua criação poética, estética e politizada, do seu espaço periférico, de produtores de conhecimento e tantos outros, elevando, assim, a autoestima de jovens que têm estereótipos de destinos traçados para o crime e desacreditados do seu protagonismo de construir outras histórias. De acordo com Eduardo Santos (2013, p. 73):

Queremos existir como novidade, como algo que não se repete, como originalidade, e o artista quando produz e elabora a sua obra de arte está nos dizendo isso e nos fazendo pensar que a vida é mais, é maior do que aquilo que vemos. Estar diante de uma obra nos traz essa força de viver, de querer existir sempre e mais e melhor. A arte também pode acender o desejo de viver, de produzir, trabalhar e tornar este mundo mais humano, mais significativo. Esse processo se dá através da internalização de aspectos que estão dentro e fora de nós, mas que podem ter sido sonogados pelas situações de pobreza, violência etc.

Como afirma Freire (1967, p.7), “o que fundamentalmente importa é que estes homens particulares e concretos se reconheçam a si próprios, no transcurso da discussão, como criadores de cultura”. O jovem Larry declara que:

O Sarau tornou uma experiência renovadora. No início que tinha esse bloqueio por conta de não ter confiança de fazer esse tipo de coisa, eu não vou fazer porque vai ficar ruim, não vou fazer porque eu acho que não vão gostar. Aí, eu comecei a trabalhar em casa para poder ajudar a recitar no Sarau. E aí quando você tem consciência de o que eu fazia era bom, que as pessoas gostavam do que eu fazia, que eu tinha um papel importante lá dentro, começou a mudar porque além de eu fazer um trabalho para mim, tava fazendo para outras pessoas (Trecho da roda de conversa presencial – 14/03/2020).

Nos estudos de Fanon (2008, p.180) sobre o reconhecimento do negro:

O homem só é humano na medida em que ele quer se impor a um outro homem, a fim de ser reconhecido. Enquanto ele não é efetivamente reconhecido pelo outro, é este outro que permanece o tema de sua ação. É deste outro, do reconhecimento por este outro que dependem seu valor e sua realidade humana. É neste outro que se condensa o sentido de sua vida.

Fanon (2008, p.181) acrescenta: “eles reconhecem a si próprios, como se reconhecem reciprocamente”. Destaco a fala de Rick:

Eu era aquela pessoa tímida, eu ficava no meu canto quieto, não falava com ninguém, chegava sozinho e saía sozinho, aí às vezes eu recitava e não olhava para o público, falava super baixo olhando para o chão [...] Lá foi um berço, digo quem criou Rick Lima foi o Sarau da Onça, porque quando eu ia para o Sarau, era Ryan. [...] Eu cresci muito com o Sarau, o meu campo de visão mudou, até saber como eu me impor em um ato de preconceito, no ato de homofobia, o Sarau, tipo, ampliou nesse caso (Trecho da entrevista individual via rede social – 07/04/2020).

Compartilhamos os estudos de Arroyo (2014, p. 133) que explanam sobre o reconhecimento das diversidades:

Que significados políticos se revelam nessas presenças afirmativas dos diferentes? Um significado pressiona pelo reconhecimento da sua diversidade. A diversidade de presenças afirmativas tem como sujeitos concretos, históricos os coletivos diferentes em classe, raça, etnia, gênero, campo, periferias.

Nessa direção podemos apreciar a experiência de Clara:

Eu vivia mais dentro de casa e aí depois que eu tive contato, passei a me interessar mais para conhecer esse local e encontrar também o meu local na sociedade. Porque, antes, eu me achava muito perdida, o ambiente em que eu vivia, eu não achava condizente com o que de fato era meu ambiente e aí mudou muito, tanto do meu visual como do meu pensamento (Trecho da roda de conversa presencial – 14/03/2020).

Chega de apagamento de histórias que vibram vida, experiências, sentimentos e realizações. Chega de luta para que a diversidade seja tratada como humano. Enquanto esse dia não chega, ainda é necessário que a voz dos oprimidos reverbere em todos os cantos, pois, para Fanon (2008, p.184), “não estando jamais seguro de que o branco o considera como consciência em-si-para-si, ele se preocupa continuamente em descobrir a resistência, a oposição, a contestação”. Nesse sentido, Arroyo (2014, p. 173) propõe que:

Colocar-se na agenda política ou pedagógica, e até na pauta das análises de políticas o reconhecimento da diversidade, das diferenças vem representando uma conquista das lutas dos diferentes, e suas pressões não param por aí: pressionam por que sejam reconhecidos seus processos, suas lutas por autorreconhecimentos. Por reconhecimento das Outras Pedagogias, autopedagogias coletivas em que produzem suas autoidentidades positivas.

Como foi demonstrado em vários relatos dos jovens entrevistados, bem como nas observações no espaço do Sarau da Onça, “a poesia salva”, liberta, transforma e visibiliza a existência da(s) juventude(s) periféricas. Para Rick:

Se não fosse a poesia eu não seria a pessoa que sou hoje. Eu era uma pessoa que eu não sabia me posicionar, não sabia falar, a poesia me inticou a começar a ler muito. Eu acho que foi a poesia que me salvou quando eu fui morar sozinho, os corre de poesia super me salvaram,entendeu? Foi aquela coisa, quando eu tava precisando, ela tava lá. Era ela ou era, sabe?(Trecho da entrevista individual via rede social – 07/04/2020).

Arroyo (2014, p. 45) acrescenta que: “quando defendem a igualdade levam suas lutas mais a fundo, igualdade no ser, no viver, no ser reconhecido como humanos, não desiguais, porque inferiores, sub-humanos”. Destaco a fala de Franklin: “tem muita coisa que tem nos salvado, tem feito a vida valer a pena, sabe? trouxe uma perspectiva melhor pra minha vida, inclusive no futuro, e tal” (Trecho da entrevista individual via rede social – 24/04/2020). Para Eduardo Santos (2013, p. 75): “a arte protege o humano, pois é um processo de elaboração importantíssimo na constituição da nossa subjetividade, por isso ela precisa ser levada em conta como um dos níveis de desenvolvimento humano”.

As vozes dessas experiências gritam que não aceitam mais as migalhas que vêm do opressor, querem um mundo novo, no qual a riqueza seja a vida, a liberdade de ser. Escutem essas vozes. Segue a poesia escrita pelo jovem Larry:

Vingança

*Mais uma vez a favela sangra e chora a morte de mais um inocente.
Mais um estudante, mais um trabalhador.
Gente da gente.
[...] Quanto mais negros o estado mata mais nascem revoltados.
Eu só não quero que venham desmerecer os poetas e a poesia.
A gente se arrisca. Fazendo isso aqui um de nós pode amanhecer no Cia.
Já tiveram a coragem de falar pra mim que cota gera desigualdade.
Como você quer competir com alguém que não tem um ensino de qualidade.
Você fala essas “paradas” porque nunca passou necessidade
E fica revoltadinho se ver um favelado na universidade.*

*Vocês acharam que iam escravizar o meu povo e ia ficar por isso mesmo?
 Não! Chegou a hora da cobrança.
 E vocês ainda dão sorte que os pretos estão aqui pedindo igualdade e não
 vingança!*

Tal expressão poética parece reverberar as ideias de Fanon (2008, p.181):

Peço que me considerem a partir do meu Desejo. Eu não sou apenas aqui-
 agora, enclausurado na minha coisidade. Sou para além e para outra coisa.
 Exijo que levem em consideração minha atividade negadora, na medida em
 que persigo algo além da vida imediata; na medida em que luto pelo
 nascimento de um mundo humano, isto é, um mundo de reconhecimentos
 recíprocos.

O reconhecimento e a visibilidade da história dos jovens da periferia na sua condição humana, afirmando a sua diversidade de raça, de classe social, de cultura, de gênero, de religião e sua orientação sexual, são saberes construídos presentes na poesia marginal e no Sarau da Onça.

Assim, as narrativas que aqui tratamos, referentes às experiências educativas e estéticas da(s) juventude(s) das periferias, demonstram a capacidade de organização, o trabalho educativo articulado, a parceria com outras instituições, como a igreja, através de suas pastorais.

Há uma visão crítica que provoca os jovens a repensarem: seus territórios (desmitificando-os como espaços de violência e marginalidade e afirmando-os como espaços de potência, cultura, arte e literatura); suas trajetórias (reconhecendo a opressão, as vulnerabilidades, fragilidades das políticas públicas e a presença do genocídio do jovem negro, entre outros); sua organização de atividades (seja seguindo a influência do Sarau da Onça, desenvolvendo Saraus, Slams, projetos, promovendo eventos, entre outros); seu protagonismo cultural e histórico (criando, escrevendo suas histórias e histórias parecidas com as suas, compartilhando conhecimento e ecoando as vozes das poesias nos “buzus”).

Enfim, o Sarau da Onça é um espaço que produz autoras/es, formando a subjetividade de jovens com iniciativa, capacidade crítica e reconhecimento da sua escrita literária. Logo, os atores/autores de políticas são os nativos e nativas da periferia, fazendo história, conscientes de que são protagonistas, que querem viver, mas, não com o mínimo, e sim com dignidade, com humanidade, com liberdade na sua plenitude.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa analisou as narrativas de jovens da periferia, buscando compreender os significados atribuídos às suas experiências educativas e estéticas no coletivo Sarau da Onça. Para tanto, buscamos o diálogo dos teóricos com os depoimentos dos jovens e dos organizadores do Sarau da Onça.

A pesquisa revelou as situações de vulnerabilidade e risco que vivenciamos jovens da periferia. Foram apresentadas narrativas de jovens que, mesmo oriundos das periferias, trouxeram diferentes experiências, pois, como afirmaram teóricos como Dayrell (2003), tratamos de juventude(s) na sua pluralidade.

Consideramos a perspectiva sociocultural e histórica na construção juvenil, como destaca Groppo (2004), e a diversidade, seja nas condições sociais, culturais (etnias, identidades religiosas, valores), de gênero, dentre outras, como enfatiza Dayrell (2001). Procuramos nos aproximar da construção e reconstrução dos sentidos da vida dos jovens, e como as instâncias (família, escola, religião, Sarau da Onça, entre outras) influenciam nesse processo formativo singular.

Ressaltamos a diversidade, no caso das condições financeiras, da família de Clara, que permitiu alguns privilégios, como o acesso ao ensino em escola particular e, logo na sequência, em faculdade. Foi assim mostrado o processo de reconhecimento da sua condição de mulher negra da periferia, pois os relatos revelam que o acesso a espaços como o Sarau da Onça (a partir do namorado Franklin, que conheceu no curso de Design) e a faculdade, possibilitou expandir seu conhecimento sobre a sua realidade e do mundo.

Destacamos situações referentes ao ambiente familiar, como no caso da homofobia sentida pelo jovem Rick, levando-o a ser expulso de casa devido à sua orientação sexual. Outros jovens, buscaram ressignificar a ausência do pai na formação dos filhos. Assim, os relatos provocam a reflexão, considerando a interseccionalidade, a partir dos estudos de Akotirene (2018), enfatizando-se a associação de marcadores de classe social, raça, gênero e sexualidade. Experiências relacionadas com a questão de gênero, como a violência doméstica, a gordofobia e o machismo, vividos e narrados de maneira singular pelas jovens Clara e Paula.

Nas narrativas, observamos o reconhecimento, como diz Mbembe (2016), da necropolítica, especialmente nas periferias, a partir do genocídio dos jovens negros,

das dores com a perda de amigos, das incertezas e do risco de não retornar para casa, e da denúncia e enfrentamento dessa realidade com a poesia marginal como instrumento de conhecimento e libertação.

Verificou-se que o cotidiano da(s) juventude(s) periférica(s) é marcado pelas incertezas, dores, luto, mas também luta e resistência, diante de situações de desproteção na garantia dos direitos sociais, da integridade física e do direito à vida. Logo, os jovens demonstram capacidade de reconhecer os contextos, situações, agentes e driblarem os estereótipos, se afirmando como pessoas capazes de refletir sobre a realidade e de transformarem a si mesmos e o contexto que os envolve.

Identificou-se, em Salvador, especialmente nas periferias, a presença de vários coletivos, com iniciativa de jovens desenvolvendo trabalhos políticos, culturais, poéticos e literários através de Saraus e Slams.

Neste trabalho refletimos sobre a experiência educativa e estética do coletivo cultural Sarau da Onça, a partir do ponto de vista dos jovens participantes. Notamos a força da poesia marginal na vida dos jovens e como esse instrumento de arte-educação possibilita extravasar e liberar dores, medos, solidão, angústia, bem como também alegria e fortalecimento de laços.

Foi possível observar que o Sarau da Onça é um espaço de educação popular e de estética na busca da libertação, com luta, resistência, empoderamento e o protagonismo de sujeitos historicamente marginalizados e estigmatizados, contemplando a diversidade do povo periférico. Constatou-se que o coletivo realiza um trabalho politizado através da produção de cultura, arte, poesia e literatura. São obras de arte criadas pelo próprio povo oprimido, que tratam das suas histórias de opressão.

Tal experiência fomenta o pensamento crítico, a tomada de consciência, com reflexões e ações de denúncia e engajamento político que visam mudanças da realidade de si e do mundo, bem como uma visibilidade da potência do povo periférico. Pudemos perceber que o campo estético da poesia e literatura marginais do Sarau da Onça, articula-se com os campos político, ético, ideológico e técnico e demonstra o seu potencial decolonial para uma estética da libertação.

Algumas limitações foram enfrentadas ao longo desta pesquisa, tal como a situação de isolamento social provocada pela presença do Coronavírus, que interferiu na fase final da pesquisa no campo, sendo necessário realizar alterações na metodologia. Recorremos ao uso da tecnologia, a partir de videoconferência e

redes sociais, para as entrevistas, porém enfrentamos algumas barreiras próprias desse instrumento.

A poesia marginal, a palavra, a escrita, a arte são poderosos enquanto possíveis instrumentos de libertação dos oprimidos, que circulam além dos Saraus e Slams, nas escolas, transporte público, na rua, nas Cases. Logo, recomenda-se fomentar a discussão da poesia marginal nesses outros espaços, especialmente dialogando com a Política de Educação, a partir das escolas e dos jovens estudantes, considerando as suas diversidades nesses espaços.

Os relatos dos jovens demonstram que a poesia marginal e o Sarau da Onça elevam a sua autoestima, possibilitam acreditar na sua capacidade e valorização enquanto produtores de conhecimento, escritores, poetas, criativos e protagonistas de histórias diferentes daquelas estereotipadas que esperam do jovem da periferia o caminho da marginalidade. Além disso, assumem a sua responsabilidade com o coletivo, fomentando para os seus pares o reconhecimento da sua dignidade humana.

As narrativas dos jovens da periferia sobre a descoberta do seu poder transformativo a partir da escrita, me fez refletir e aprender quanto ao reconhecimento de minha capacidade e protagonismo como pesquisadora e autora de escrita acadêmica, pois surgiram muitas dúvidas se daria conta deste trabalho. Entender que realmente é possível uma mulher negra da periferia ser produtora de conhecimento acadêmico, mobiliza em mim o desejo de lembrar aos meus irmãos que essa realidade é legítima e é um direito de todos nós, por mais que digam que não.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena W. **Cenas Juvenis: Punks e Darks no Espetáculo Urbano**. São Paulo: Scritta, 1994.

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ALMEIDA, Márcio Nery de. **Viver a comunalidade na escola: para além das habilidades e competências do currículo escolar**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) – Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2007. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp080957.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2019.

ANDRADE, Adriana Leal de. **Entre o impresso e o digital: as experiências de escrita dos jovens do grupo Sarau da Onça**. 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2017. Disponível em <<http://www.saberaberto.uneb.br/handle/20.500.11896/672>>. Acesso em: 14 jan. 2020.

ARAÚJO NETO, Manoel Alves de. **Experiências e educação: percepções acerca da formação intelectual de mc's negros/as do recôncavo da Bahia**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) – Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2019. Disponível em: http://www.cdi.uneb.br/site/wp-content/uploads/2019/10/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Manoel_Neto.pdf. Acesso em: 14 mar. 2020.

ARROYO, Miguel G. **Outros sujeitos, Outras Pedagogias**. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

AZEVEDO, Lena. **Chacina do Cabula: um ano, 12 mortos e uma sentença de absolvição. Geledes**, 8 mar. 2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/chacina-do-cabula-um-ano-12-mortos-e-uma-sentenca-de-absolvicao/>. Acesso em: 02 jul. 2019.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

_____.; ASSUMPÇÃO, Raiane. **Cultura Rebelde: Escritos sobre a educação popular ontem e agora**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2009. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4541406/mod_resource/content/0/BRANDAO.pdf. Acesso em: 01 abr. 2020.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. **Estatuto da juventude: atos internacionais e normas correlatas**. Brasília, DF: 2013.

BRITES, Cristina M^a. **Psicoativos (drogas) e Serviço Social: uma crítica ao proibicionismo.** – São Paulo: Cortez, 2017.

CÂNDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. **Vários Escritos.** 4 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2004. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4208284/mod_resource/content/1/antonio-candido-o-direito-a-leitura.pdf. Acesso em: 01 abr.2020.

CARVALHO, Marco Antônio. 75% das vítimas de homicídio no País são negras, aponta Atlas da Violência. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,75-das-vitimas-de-homicidio-no-pais-sao-negras-aponta-atlas-da-violencia,70002856665>. Acesso em: 20 jul. 2019.

CASTEL, Robert. **A insegurança social: o que é ser protegido.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

D'ALVA, Roberta Estrela. **Um microfone na mão e uma ideia na cabeça: o poetry slam entra em cena.** Synergies Brésil, [s.l.], n. 9, p. 119-126, 2011. Disponível em: <<https://gerflint.fr/Base/Bresil9/estrela.pdf>>. Acesso em: 30 fev. 2020.

DAYRELL, Juarez. **A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude em Belo Horizonte.** 2001. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001. Disponível em: <http://bdae.org.br/bitstream/123456789/1591/1/tese.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2019.

_____. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação.** n. 24, set. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2019.

DEMO, Pedro. **Pobreza política (pobreza humana).** São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.fundacaosintaf.org.br/arquivos/File/Pobreza%20Politica%20-%20Pedro%20Demo.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2020.

DUARTE, Joana das F. **Meninas e Território: criminalização da pobreza e seletividade jurídica.** São Paulo: Cortez, 2018.

DUSSEL, Enrique. Cultura imperial, cultura ilustrada e libertação da cultura popular. In: **Oito Ensaios sobre cultura Latino-americana e Libertação.** São Paulo: Paulinas, 1997. Tradução de: Sandra Trabucco Valenzuela.

_____. **Sete hipóteses para uma estética da libertação.** Práxis. Revista de Filosofia. n. 77. Janeiro – Junho 2018. Tradução de: Luciano Costa Santos.

ENEGRESCÊNCIA. **BlogEnegrescência,** Salvador. Disponível em:<http://enegrescencia.blogspot.com/p/o-projeto.html>. Acesso em: 06 mar. 2020.

ESPINHEIRA, Gey. (coord.). **Sociabilidade e Violência: criminalidade no cotidiano de vida dos moradores do Subúrbio Ferroviário de Salvador.** Salvador: Ministério Público do Estado da Bahia, Universidade Federal da Bahia, 2004.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza; SCHNEIDER, Liane (Orgs.). **Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora**. João Pessoa: Ideia, 2005a.

_____. Da representação à auto-representação da mulher negra na literatura negra no Brasil. **Revista Palmares: cultura afro-brasileira**, Brasília, n. 1, p. 52-57, ago. 2005b. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/52%20a%2057.pdf>. Acesso em: 08 jan. 2020.

_____. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **Revista Scripta**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, ago. 2009.

FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008. Tradução de: Renato da Silveira.

FRANCO, Marielle. **UPP a redução da favela em três letras: uma análise da política de segurança pública do estado do Rio de Janeiro**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

FRANCO, Nilton Ferreira. **Sarau Paulistano na Contemporaneidade: Cooperifa - Zona Sul 1980 – 2006**. Dissertação (Mestrado em educação, artes e história da cultura) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2006. Disponível em: <http://tede.mackenzie.br/jspui/bitstream/tede/1942/1/NILTONFRANCOEAHC.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2020.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GAMA, Danielle M. H. de L. da. **A voz e a vez de dizer: batalhas de poesia em comunidades de periferias em Salvador/Ba**. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2019. Disponível em: <https://rl.art.br/arquivos/6846199.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2020.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008. Disponível em: https://monoskop.org/images/3/39/Geertz_Clifford_A_interpretacao_das_culturas.pdf. Acesso em: 30 out. 2019.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4.ed. Rio de Janeiro: LTC, 2004. Tradução de: Mathias Lambert. Disponível em: http://www.aberta.senad.gov.br/medias/original/201702/201702_14-114707-001.pdf. Acesso em: 30 out. 2019.

GOHN, Maria da Glória. 500 anos de lutas sociais no Brasil: movimentos sociais, ONGs e terceiro setor. **Revista Mediações**, Londrina, v. 5, n. 1, p. 11-40, jan./jun. 2000. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/9194/7788>. Acesso em: 03 mar. 2020.

GROPPO, Luís Antonio. Dialética das juventudes modernas e contemporâneas. **Revista de Educação do Cogeime**. n. 25. dez. 2004. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-cogeime/index.php/COGEIME/article/download/629/568>. Acesso em: 10 de jun. 2019.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. A sensibilidade do desemprego às condições da economia para diferentes grupos de trabalhadores. In: **Mercado de Trabalho Conjuntura e Análise**. 2018. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/mercadode-trabalho/181031_bmt_65.pdf. Acesso em: 10 de jun. 2019.

_____.; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Atlas da violência 2020**. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Ipea e FBSP, 2020. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/3519-atlasdaviolencia2020-completo.pdf>. Acesso em: 12 de jan. 2021.

IVENICKI, Ana; CANEN, Alberto G. **Metodologia da Pesquisa**: rompendo fronteiras curriculares. Rio de Janeiro: Ciência Moderna Ltda., 2016.

JESUS, Carolina Ma^a de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 1960.

JESUS, Valdeck Almeida de. (org.). **Saraus Literários em Salvador**. Blog Saraus de Poesia em Salvador. Salvador, 08 dez. 2016. Disponível em <http://sarausdepoesiaemsalvador.blogspot.com/> Acesso em: 20 dez. 2019.

_____. (org.). **Poéticas periféricas**: novas vozes da poesia soteropolitana. Vitória da Conquista: Galinha Pulando, 2018. Disponível em <https://rl.art.br/arquivos/6384948.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2019.

JUNIOR, Joselício. É tempo de se aquilombar. Revista Fórum, abr. 2019. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/colunistas/joseliciojunior/e-tempo-de-se-aquilombar/>. Acesso em: 20 mar. 2020.

KALOUSTIAN, Sílvio Manoug. (org.). **Família Brasileira**: a base de tudo. 10.ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNICEF, 2011.

KOWARICK, Lúcio. **Viver em risco**: sobre a vulnerabilidade socioeconômica e civil. São Paulo: 34, 2009.

MACA, Nelson. Entrevista exclusiva com Nelson Maca que lança Gramática da Ira, seu primeiro livro. [Entrevista cedida a] Alessandro Buzo. **Blog Suburbano convicto**, 26 maio 2015. Disponível em: <http://buzo10.blogspot.com/2015/05/entrevista-exclusiva-com-nelson-maca.html>. Acesso em: 06 mar. 2020.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Artes & Ensaios, v. 32, dez. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>. Acesso em: 10 de junho de 2019.

MENEZES, Jamile. **Inscrições abertas para a Noite da Beleza Negra em Sussuarana!** Portal Sotero Preta, Salvador, 31 out. 2019. Disponível em: <http://portalsoteropreta.com.br/category/danca/>. Acesso em: 06 mar. 2020.

MENDES, Sheylla M^a. **Juventude e mídia tribunal**: considerações sobre a violência a partir de uma abordagem televisual. Curitiba: Appris, 2017.

MINAYO, M^a Cecília de S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 12.ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME. **Orientações Técnicas Centro de Referência de Assistência Social - CRAS**, Brasília, DF: 2009.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME. **Caderno de Estudos do Curso de Indicadores para Diagnóstico do SUAS e do Plano Brasil sem Miséria**, Brasília, DF: 2010.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME. **Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos - SCFV**, Brasília, DF: 2016.

MIOTO, Regina C.; CAMPOS, Marta S.; CARLOTO, Cássia M^a (org.). **Familismo, direitos e cidadania**: contradições da política social. São Paulo: Cortez, 2015.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Genocídio do Negro Brasileiro**: Processo de um Racismo Mascarado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

NASCIMENTO, Érica P. do. **“Literatura marginal”**: os escritores de periferia entram em cena. 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-03092007-133929/publico/TESE_ERICA_PECANHA_NASCIMENTO.pdf. Acesso em 01 abr. 2020.

_____. **Vozes marginais na literatura**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

NAVARRO, Victória. As dificuldades do empreendedorismo negro. **Meio&mensagem**, dez. 2019. Disponível em: <https://www.Meioemensagem.com.br/home/marketing/2019/12/13/as-dificuldades-do-empreendedorismo-negro-no-brasil.html>. Acesso em: 04 mar. 2020.

NERY FILHO, Antônio; MESSEDER, Marcos Luciano. Exclusão ou desvio? Sofrimento ou prazer? In: TAVARES, Luiz Alberto et al. **Drogas: tempos, lugares e olhares sobre seu consumo**. Salvador: EDUFBA; CETAD/UFBA, 2004.

NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, M^a Isabel; EUGÊNIO, Fernanda (org.). **Culturas jovens**: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

OBSERVATÓRIO DE BAIROS SALVADOR. **Novo Horizonte**. Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2018. Disponível em: <https://observatoriobairrossalvador.ufba.br/bairros/novo-horizonte>. Acesso em: 06 abr. 2020.

OLIVEIRA, Moisés B. S. de. **Processo formativo educacional de jovens envolvidos com o tráfico de drogas, cumprindo medida socioeducativa em regime de internação na CASE – Salvador**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) – Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia, 2017.

OLIVEIRA, Raquel Correia de. Vulnerabilidade social e juventude: um estudo de suas dimensões e impactos. In: **Seminário VIII Jornada Internacional de Políticas Públicas**. Universidade Federal do Maranhão, 2017. Disponível em: <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2017/pdfs/eixo4/vulnerabilidadesocialejuventudeumestudodesuasdimensoeseimpactos.pdf>. Acesso em: 06 out. 2019.

PIMENTA, Victor Martins. **Por trás das grades: o encarceramento em massa no Brasil**. Rio de Janeiro: Revan, 2018.

SANTANA, Jamile. et al. Salvador > saraus: quilombismos. In: DALCASTAGNÉ, Regina; TENNINA, Lucía (org.). **Literatura e Periferias**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2019. Disponível em: <https://rl.art.br/arquivos/6837294.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2020.

SANTOS, Milton. **Por uma outra Globalização: do pensamento único à consciência universal**. 6.ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. **O espaço do Cidadão**. 7. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007.

_____. **A metamorfose do espaço habitado**. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 2011.

SANTOS, José Eduardo F. **Cuidado com o vão: repercussões do homicídio entre jovens de periferia**. Salvador: EDUFBA, 2010.

_____. **Nascente da beleza: história, arte, religiosidade e música na cultura popular brasileira**. São Paulo: Scortecci, 2013.

SARAU DA ONÇA (org.). **O diferencial da favela: poesias e contos de quebrada**. Vitória da Conquista: Galinha Pulando, 2017.

_____. **O diferencial da favela: dos contos às poesias de quebrada**. Vitória da Conquista: Galinha Pulando, 2019.

SÉRIE Bahianation desembarca em Machu Picchu, a cidade perdida. [Entrevista cedida a] **Aprovado**, 2 ago. 2015. Disponível em: <http://gshow.globo.com/Rede-Bahia/Aprovado/noticia/2015/08/serie-bahianation-desembarca-em-machu-picchu-cidade-perdida.html>. Acesso em: 06 mar. 2020.

SILVA, Jaílson de S. et al. O que é a Favela, afinal? Rio de Janeiro: Observatório de Favelas, 2009. Disponível em: <https://observatoriodefavelas.org.br/wp-content/uploads/2013/09/o-que-%C3%A9-favela-afinal.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2020.

SILVA, Joselia Santos da. **Margens: formas de resistência e reexistência**. 2018. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia, Alagoinhas, 2018. Disponível em: https://portal.uneb.br/poscritica/wp-content/uploads/sites/113/2019/02/JOSELIA_SANTOS_DA_SILVA.pdf. Acesso em: 14 jan. 2020.

SILVA, Sérgio Ricardo Santos da. **O cordel pilando (re)elaborações de valores comuns e perspectivas de educar: a Pedagogia da onça**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) – Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2017. Disponível em: <http://www.saberaberto.uneb.br/handle/20.500.11896/672>. Acesso em: 14 jun. 2019.

SOUTO, Stéfane. Aquilombar-se: Insurgências negras na gestão cultural contemporânea. **Revista Metamorfose**, v. 4, n. 4, jun de 2020. 133-144. Disponível em: <file:///C:/Users/Home/Downloads/34426-134607-1-PB.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2020.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o Subalterno Falar?**. Belo Horizonte: UFMG, 2010. Tradução de: Sandra Regina.

SPOSITO, Marília Pontes. Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação. **Revista Brasileira de Educação**. n. 13, jan.2000.

_____. (coord.). **O Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006)**. v. 1. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

SOUZA, Ana Lúcia; SALA, Laila; ANDRADE, Luana, et.al. **Vozes de reexistências juvenis: presente!** Salvador: Segundo Selo, 2019. p.146.

STELLA, Marcello Giovanni Pocai. A Batalha da Poesia... O slam da Guilhermina e os campeonatos de poesia falada em São Paulo. **Ponto Urbe – Revista do núcleo de antropologia urbana da Universidade de São Paulo**. São Paulo, n. 17, 2015. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/2833> . Acesso em: 01 abr. 2020.

STRECK, Danilo R.; ESTEBAN, Maria T. (org.). **Educação Popular: lugar de construção social coletiva**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

TENNINA, Lucía. Saraus das periferias de São Paulo: poesia entre tragos, silêncios e aplausos. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**. Brasília, n. 42, jul. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/elbc/n42/01.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2020.

VAZ, Sergio. **Cooperifa: Antropofagia Periférica**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2008. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/236041101/0-Cooperifa-Miolo>>. Acesso em: 02 abr. 2020.

VELHO, Gilberto. Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea. In: ALMEIDA, M^a Isabel; EUGÊNCIO, Fernanda (org.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

_____. A dimensão cultural e política dos mundos das drogas. In: ZALUAR, Alba (org.). **Drogas e Cidadania: repressão ou redução de riscos**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

VIANA, Lidiane. **Poetry slam na escola: embate de vozes entre tradição e resistência**. 2018. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis. 2018. Disponível em <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/153407>>. Acesso em: 01 abr. 2020.

WALSH, Catherine. Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, Vera Maria (org.). **Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

WENDEL, Bruno. Dois homens são mortos em Sussuarana em represália à morte de chefe do tráfico. **Correio**, Salvador, mar. 2019. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/dois-homens-sao-mortos-em-sussuarana-em-represalia-a-morte-de-chefe-do-trafico/>. Acesso em: 20 jul. 2019.

ZALUAR, Alba (org.). **Drogas e Cidadania: repressão ou redução de riscos**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ZAP! ZONA AUTÔNOMA DA PALAVRA. O que é Slam? **Blog ZAP! Um slam brasileiro!**, [s.l], [2009?]. Disponível em: <<http://zapslam.blogspot.com.br/2009/05/masque-raios-e-slam.html>>. Acesso em: 06 abr. 2020.

Redes Sociais

A POMBAGEM. Instagram: Apombagem. Disponível em: <https://www.instagram.com/apombagem/>. Acesso em: 06 mar. 2020.

CAPDEVER, 7 abr. 2014. Facebook: Capdever-Motumbaxé. Disponível em: <https://www.facebook.com/capdever>. Acesso em: 06 mar. 2020.

COLETIVO PÉ DESCALÇO, 11 jul. 2017. Facebook: Coletivo Pé Descalço. Disponível em: <https://www.facebook.com/C.pedescalco>. Acesso em: 06 mar. 2020.

COLETIVO PEGA VISÃO, 8 maio 2015. Facebook: Coletivo Pega Visão. Disponível em: <https://www.facebook.com/esquinaspegavisao>. Acesso em: 06 mar. 2020.

COLETIVO ZEFERINAS, 16 mar. 2016. Facebook: Coletivo ZeferinaS. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/ColetivoZeferinaS/about/>. Acesso em: 06 mar. 2020.

EVANILSON ALVES. Instagram: Evanilson Alves (Poeta). Disponível em: https://www.instagram.com/evanilson_alves/?hl=pt-br. Acesso em: 06 jul. 2019.

JACA - JUVENTUDE ATIVISTA DE CAJAZEIRAS, 7 out. 2011. Facebook: JACA - Juventude Ativista de Cajazeiras. Disponível em: <https://www.facebook.com/jacacoop/>. Acesso em: 06 mar. 2020.

MAIARA SILVA, 16 jul. 2011. Facebook: Maiara Silva. Disponível em: <https://www.facebook.com/maiara.silva.7587>. Acesso em: 06 mar. 2020.

SANDRO SUSSUARANA. Instagram: Sandro Sussuarana (Poeta). Disponível em: <https://www.instagram.com/sandrosussuarana/?hl=pt-br>. Acesso em: 06 jun. 2019.

SARAU DA ONÇA, ago. 2017. Facebook: Sarau da Onça. Disponível em: <https://www.facebook.com/saraudaonca/>. 08 2017. Acesso em: 06 jun. 2019.

SARAU DO CABRITO, 1 maio 2015. Facebook: Sarau do Cabrito. Disponível em: <https://www.facebook.com/saraudocabrito>. Acesso em: 06 mar. 2020.

SÉRGIO VAZ, 25 ago. 2012. Facebook: Poeta Sérgio Vaz. Disponível em: https://www.facebook.com/poetasergio.vaz2/?ref=page_internal. Acesso em: 06 mar. 2020.

SLAM DAS MINAS, 25 fev. 2017. Facebook: Slam das Minas. Disponível em: <https://www.facebook.com/slamdasminas.ba/>. Acesso em: 06 mar. 2020.

SLAM DAS MULÉ, 1 jul. 2018. Facebook: Slam das Mulé. Disponível em: <https://www.facebook.com/Slamdasmule/>. Acesso em: 06 mar. 2020.

Sites visitados

<https://sandrosussuarana.wordpress.com/>. Acesso em: 10 jan. 2020.

<http://www.irdeb.ba.gov.br/evolucaohiphop/?tag=caminhada-da-consciencia-negra>. Acesso em: 15 fev. 2020.

<https://cenpah.wordpress.com/>. Acesso em: 15 fev. 2020.

<http://www.combonianos.org.br/>. Acesso em: 15 fev. 2020.

<http://www.flin.ba.gov.br/>. Acesso em: 10 jan. 2020.

<https://galinhapulando.blogspot.com/2018/03/livro-de-poesias-feitas-por.html>. Acesso em: 10 jan. 2020.

<http://postesias.blogspot.com/2010/>. Acesso em: 10 jan. 2020.

<http://observatoriosocialjequie.blogspot.com/2016/02/a-poesia-cria-asas-gleise-souza-grupo.html>. Acesso em: 10 jan. 2020.

<https://festivalnegraamerica.wordpress.com/coletivos/os-agentes/>. Acesso em: 15 fev. 2020.

<http://gramaticadaira.blogspot.com/2007/12/revolta-de-tia-anastcia-um-clssico-do.html>. Acesso em: 15 fev. 2020.

Músicas

CAMELÔ. Intérprete: Edson Gomes. Compositores: Edson Gomes e Zé Paulo Oliveira. In: Apocalipse. Gravadora: EMI, 1997. Faixa 3.

DONA ISABEL. Intérprete: Mestre Toni Vargas. Compositor: Mestre Toni Vargas. In: Liberdade. 2007. Faixa 1.

LEVANTA E ANDA. Intérprete: Emicida (feat:Rael). Compositor: Emicida e Rael. In: DVD 10 anos de Triunfo (Ao Vivo). Gravadora: Laboratório Fantasma, 2018. Faixa 26.

NORTE NORDESTE ME VESTE. Intérprete: RAPadura. Compositores: RAPadura. In: Fita Embolada do Engenho. Gravadora: ¼ D`Engenho, 2008. Faixa 8.

SOU A VOZ QUE NÃO CALA. Intérprete: Mc Uh! Neto.

TUDO QUE VEJO. Intérprete: Wizer.

APÊNDICE A - Roteiro do questionário para o perfil dos jovens entrevistados

Nome:

Idade:

Cor:

Religião:

Bairro:

Escolaridade:

Ocupação:

Renda:

Composição familiar

Nome:

Parentesco:

Idade:

Cor:

Religião:

Bairro:

Escolaridade:

Ocupação:

Renda:

APÊNDICE B – Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO CAMPUS I
COLEGIADO DE PEDAGOGIA
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
ESTAPESQUISASEGUIRÁOSCRITÉRIOSDAÉTICAEMPESQUISACOMSERESHUMANOSC
ONFORME RESOLUÇÃO Nº 466/12 OU 510/16 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.**

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome do Participante: _____
 Documento de Identidade nº: _____
 Sexo: F () M ()
 Data de Nascimento: ____ / ____ / ____
 Endereço: _____ Complemento: _____
 Bairro: _____ Cidade: __ CEP: _____
 Telefone: () _____ / () _____ / _____

II -DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA:

- 1 **TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA: “JUVENTUDE (S), EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS E PROJETOS DE VIDA: UMA ANÁLISE DE TRAJETÓRIAS DE JOVENS DA PERIFERIA DE SALVADOR- BA”.**
- 2 **PESQUISADOR (A) RESPONSÁVEL: TATIANE PEREIRA DOS SANTOS**
- 3 **Cargo/Função: ESTUDANTE**

III - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA:

1. O (a) senhor (a) está sendo convidado (a) para participar da pesquisa: “Juventude (s), experiências educativas e projetos de vida: uma análise de trajetórias de jovens da periferia de Salvador- BA”, de responsabilidade da pesquisadora, Tatiane Pereira dos Santos, que tem como objetivo analisar a constituição da trajetória de jovens da periferia, buscando compreender os significados atribuídos as suas experiências educativas no Sarau da Onça. A realização desta pesquisa trará ou poderá trazer benefícios, entender a educação como alternativa de projeto de vida a partir das experiências dos jovens. Caso aceite o Senhor (a) esta entrevista será gravada em áudio e vídeo pela pesquisadora e depois transcrita resguardando nome entre outros elementos identitários. Devido a coleta de informações o senhor poderá vir a recordar de fatos de sua vida que podem de algum modo ocasionar alguma lembrança triste. Sua participação é voluntário e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Garantimos que sua identidade será tratada com sigilo e, portanto o Sr(a) não será identificado. Caso queira (a) senhor(a)

poderá, a qualquer momento, desistir de participar e retirar sua autorização. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição. Quaisquer dúvidas que o (a) senhor(a) apresentar serão esclarecidas pela pesquisadora e o Sr caso queira poderá entrar em contato também com o Comitê de ética da Universidade do Estado da Bahia. Esclareço ainda que de acordo com as leis brasileira o Sr (a) tem direito a indenização caso seja prejudicado por esta pesquisa. O (a) senhor (a) receberá uma cópia deste termo onde consta o contato dos pesquisadores, que poderão tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

IV. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: Tatiane Pereira dos Santos

Endereço: Rua Adelino Santos Nº 43, Liberdade Telefone: .(71) 99216-1385, E-mail: tps24@bol.com.br

Comitê de Ética em Pesquisa- CEP/UNEB Rua Silveira Martins, 2555, Cabula. Salvador-BA. CEP: 41.150-000. Tel.: 71 3117-2399 e-mail: cepuneb@uneb.br

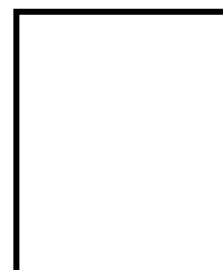
Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP/RTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte CEP: 70719-040, Brasília-DF

V. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Após ter sido devidamente esclarecido pelo pesquisador(a) sobre os objetivos benéficos da pesquisa e riscos de minha participação na pesquisa, concordo em participar sob livre e espontânea vontade, como voluntário consinto que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos desde que a minha identificação não seja realizada e assinarei este documento em duas vias sendo uma destinada ao pesquisador e outra a via que a mim.

_____, _____ de _____ de _____.

Assinatura do participante da pesquisa



Assinatura do pesquisador discente
(orientando)

Assinatura do professor responsável
(orientador)



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO CAMPUS I
COLEGIADO DE PEDAGOGIA
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
ESTAPESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES
HUMANOS CONFORME RESOLUÇÃO Nº 466/12 DO CONSELHO NACIONAL DE
SAÚDE.**

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome do Participante: _____
 Sexo: F () M () Data de Nascimento: ____ / ____ / ____
 Nome do responsável legal: _____
 Documento de Identidade nº: _____
 Endereço: _____ Complemento: _____
 Bairro: _____ Cidade: ____ CEP: _____
 Telefone: () _____ / () _____ / _____

II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA:

**TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA: “JUVENTUDE (S),
EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS E PROJETOS DE VIDA: UMA ANÁLISE DE
TRAJETÓRIAS DE JOVENS DA PERIFERIA DE SALVADOR- BA”**
PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: TATIANE PEREIRA DOS SANTOS
Cargo/Função: ESTUDANTE

III - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA:

2. Caro (a) senhor (a) seu filho (a) está sendo convidado (a) para participar da pesquisa: **“JUVENTUDE (S), EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS E PROJETOS DE VIDA: UMA ANÁLISE DE TRAJETÓRIAS DE JOVENS DA PERIFERIA DE SALVADOR- BA”**, de responsabilidade da pesquisadora Tatiane Pereira dos Santos, da Universidade do Estado da Bahia que tem como objetivo analisar a constituição da trajetória de jovens da periferia, buscando compreender os significados atribuídos as suas experiências educativas no Sarau da Onça.
3. A realização desta pesquisa trará ou poderá trazer benefícios: entender a educação como alternativa de projeto de vida a partir das experiências dos jovens. Caso o Senhor (a) aceite autorizar a participação de seu filho (a) ele(a) será entrevistado/s na Associação. Esta entrevista será gravada em

áudio e vídeo pela pesquisadora depois transcrita resguardando nome entre outros elementos identitários. Devido a coleta de informações seu filho poderá lembrar momentos de tristeza da sua vida, mas terá o direito de interromper a gravação sem acarretar nenhum dano para nenhuma das partes, com possibilidade de retomar as gravações nouro momento, se assim o desejar. A participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Garantimos que a identidade será tratada com sigilo e, portanto seu filho não será identificado. Esta pesquisa respeita o que determina o ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente desta forma a imagem se seu filho será preservada. Caso queira (a) senhor (a) poderá, a qualquer momento, desistir de autorizar a participação e retirar sua autorização. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação e a de seu filho (a) com a pesquisadora ou com a instituição. Quaisquer dúvidas que o (a) senhor (a) apresentar serão esclarecidas pela pesquisadora e o Sr caso queira poderá entrar em contato também com o Comitê de ética da Universidade do Estado da Bahia. Esclareço ainda que de acordo com as leis brasileira é garantido ao participante da pesquisa o direito a indenização caso ele(a) seja prejudicado por esta pesquisa. O (a) senhor (a) receberá uma cópia deste termo onde consta o contato dos pesquisadores, nos quais poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e a participação, agora ou a qualquer momento.

IV. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: Tatiane Pereira dos Santos

Endereço: Rua Adelino Santos Nº 43, Liberdade Telefone: (71)99216-1385, E-mail: tps24@bol.com.br

Comitê de Ética em Pesquisa- CEP/UNEB Rua Silveira Martins, 2555, Prédio da Reitoria, 1º andar, Cabula, Salvador-BA. CEP: 41.150-000. Tel.: 71 3117-2399 e-mail: cepuneb@uneb.br

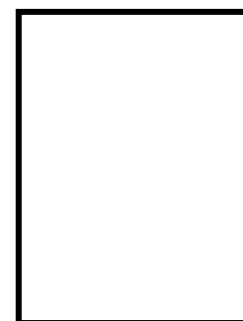
Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP-End: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte CEP: 70719-040, Brasília-DF

V. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO.

1. Declaro que, após ter sido devidamente esclarecido pelo pesquisador(a) sobre os objetivos benefícios da pesquisa e riscos de minha participação na pesquisa **“JUVENTUDE (S), EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS E PROJETOS DE VIDA: UMA ANÁLISE DE TRAJETÓRIAS DE JOVENS DA PERIFERIA DE SALVADOR- BA”**, e ter entendido o que me foi explicado, concordo em autorizar a participação de meu filho(a) sob livre e espontânea vontade, como voluntário, consinto também que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos desde que a minha identificação não seja realizada e assinarei este documento em duas vias sendo uma destinada ao pesquisador e outra a via que a mim.

_____, _____ de _____ de _____.

Assinatura do participante da pesquisa



Assinatura do pesquisador discente
(orientando)

Assinatura do professor responsável
(orientador)



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO CAMPUS I
COLEGIADO DE PEDAGOGIA
TERMO DE ASSENTIMENTO DO MENOR
ESTÁGIO DE PESQUISA EM SÉRIES HUMANAS CONFORME RESOLUÇÃO Nº 466/12 DO CONSELHO NACIONAL
DE SAÚDE.**

Você está sendo convidado para participar da pesquisa **“JUVENTUDE (S), EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS E PROJETOS DE VIDA: UMA ANÁLISE DE TRAJETÓRIAS DE JOVENS DA PERIFERIA DE SALVADOR- BA”**. Seus pais permitiram que você participe. Queremos saber como elaboram seus projetos de vida, tomando como base as suas experiências educativas no Coletivo Sarau da Onça. Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu e você não terá nenhum problema se não aceitar ou desistir. Caso aceite, você será observado, entrevistado, fotografado e gravado pela pesquisadora. É possível que se sinta triste ao lembrar determinadas situações da sua vida, caso você queira poderá desistir e a pesquisadora irá respeitar sua vontade. Mas há coisas boas que podem acontecer com a realização deste projeto, pois sua realização poderá vir a entender a educação como alternativa de projeto de vida a partir das suas experiências educativas. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar as crianças que participaram da pesquisa. Quando terminarmos a pesquisa os resultados serão publicados em jornais e revistas científicas e você também terão acesso a eles.

Você ainda poderá nos procurar para retirar dúvidas pelos telefones:

PESQUISADOR (A) RESPONSÁVEL: Tatiane Pereira dos Santos

Endereço: Rua Adelino Santos Nº 43, Liberdade Telefone: (71) 99216-1385,

E-mail: tps24@bol.com.br

Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos – CEP/UNEB, UNEB –Prédio da Reitoria, 1º andar - Rua Silveira Martins, 2555, Cabula. Salvador-BA. CEP: 41.150-000 Tel: (71) 31172399E-mail: cepuenb@uneb.br

Eu _____ aceito participar da pesquisa **“JUVENTUDE (S), EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS E PROJETOS DE VIDA: UMA ANÁLISE DE TRAJETÓRIAS DE JOVENS DA PERIFERIA DE SALVADOR- BA”**. Entendi os objetivos e as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir. Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis. Recebi uma cópia deste termo de assentimento, li e concordo em participar da pesquisa.

Salvador, _____ de _____ de 20__

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura do pesquisador

ANEXO A

Seguem as poesias completas, ainda não publicadas, dos jovens entrevistados. Consta o título da poesia, o nome do poeta e a página da qual o trecho foi citado na dissertação.

Coragem (Rick Lima) (p.66)

Ela é cheinha

Ela é feinha

Ela é gorda (2x)

Desculpa, tá?
 Não era pra ofender
 Mas não temos roupas [...] você
 Não trabalhamos com o GG no momento
 Procure outra loja, lamento

Ela é cheinha

Ela é feinha

Ela é gorda (2x)

Procura-se modelo para nossa coleção
 Mas você, não se encaixa no nosso PADRÃO
 Você tem tantas curvas que, não ficaria legal para nossa imagem
 E convenhamos vestir uma roupa e rasgar na perna?
 Coragem!
 Não trabalhamos com a moda Redonda
 E para uma boa foto é bom que a gordurinha você esconda
 Pois não ficaria legal mostrar a celulite ou as estrias que estão aparentes
 Vamos fazer uma cessão de rosto, você tem belos dentes
 E esse é o dilema que vivo no dia a dia
 Tratado como embalagem
 Pois a todo momento tentam rotular a minha imagem
 Dizendo o que eu posso ou não fazer
 E nem posso correr atrás
 Pois cresci ouvindo que eu parecia um botijão de gás
 Só pelo meu porte
 E me dá um nó na garganta quando dizem: “Poxa você tá forte”
 SIM, fortemente ofendido
 pelo padrão que até hoje é vendido
 E muitos compram por sinal
 Mas não quero que vocês se assustem
 Pois 2019 era ninguém solta a mão de ninguém mas no final eles que lutem
 Eu sou GG e nem por isso me escondo por aí
 Eu sou linda, sou gata e fecho do jeito que estou aqui
 E sim falo do meu cotidiano

Porque o que adianta falar do que aconteceu lá em São Paulo
 E esquecer de um simples baiano
 Eu não preciso fazer rima pra ganhar competição
 E nem muito menos do teu ensaio fotográfico
 A rua é meu palco
 Geral tira foto
 E eu faço sozinha o meu portfólio
 E nem venha com tua linguagem “culta”
 Nasci da onça e me tornei elefante
 Não me cutuca com vara curta
 Porque ninguém visualiza um trava formada
 E vocês seguem fazendo minha raça de caricata
 Por isso minha luta é constante
 Eu vou ter meu TCC e vou ser uma trava estudante
 Por que eu to cansada
 Cansada de soar todos os dias e mesmo assim ser rotulada
 Cansada de conviver com a síndrome do emagrecer
 E ter que moldar a minha voz só pra aparecer
 Por que as vezes não é tão fácil pegar a visão
 E ver que a rima não tá na esquina
 E o mesmo que te da a mão
 É o que corta tua crina
 * E demorei a perceber que a minha luta? *
Ela não é coletiva
Pois foi o estilete, a navalha e a gilete que me manteve viva (2x)
 Engraçado né?
Eu que lute
Tu que lute
Eles que lutem (2x)
 Eu ouço todo dia e todo dia eu luto
 Eu luto todo dia e todo dia eu fujo
 Eu fujo todo dia mas nem sempre eu consigo
 Pois as vezes é tão forte, que não dá pra desviar do tapa agressivo.

Regressão (Bolha) (p.114)

De um país em “CONSTRUÇÃO”
 fruto de uma falsa “COLONIZAÇÃO”
 onde a poesia é um ritual de libertação
 Mas me mantenho esperto
 Liberdade nem uma se eu me bater com a peto
 Pensando em coletivos pensantes
 Onde as mentes pensam mais até do que a alma
 Paro e penso mais um pouco
 E vejo que pensar não da em nada
 Um dia desses eu ouvi um falar por ai
 “os poetas não querem realmente que vocês mudem”
 “realmente não quero ninguém mudar”
 Tento passar minha informação, minha denúncia, minha realidade

Só não aceita quem é covarde
 Pois recito para gueto, no gueto, pelo gueto
 Lugares onde não preciso suplicar respeito
 Por que quem é sabe o que nós vive
 Eles roubam de mais e põe a culpa na crise, vixx
 Tá osso até pra comprar o pão
 Mas nós tem consciência
 Que racistas aqui não pa-sa-ram
 E como uma bituca de cigarro em um mato seco
 Quei-ma-ram
 Mas mude, se mude, procure mudar
 Pois ideia batida
 Com alienação dura
 Tanto bate até que fura
 Vivo em Salvador
 A procura de um pregador
 Quem me responda por favor
 Por que minha fé tão falha
 Não foi suficiente pra salvar os irmãos
 Que sumiram em um simples click de uma bala

Medos (Paula) (p. 144)

Olho no espelho e penso
 Meus demônio tem medo
 Olho no espelho e vejo q sou gostosa pra caralho mais do que pensa
 Eu sou foda pra caralho
 E já não ligo mais para o que vocês pensam
 Afinal quem paga minhas contas
 Sou eu
 Então que se foda suas críticas
 Briguei com o mundo até
 dormir essa noite
 Partir sem se despedir
 Hoje eu luto pra mim
 Faço por mim
 E a quem diga q não irei conseguir
 Amigos falso sempre vão existir
 Olhe pro seus e veja que nem todos são tão seus amigos assim
 Enquanto mais vc escreve mais as críticas alimenta sua fome de Vencer na vida
 Ser verdadeira são para os forte
 Os falsos usam máscara e ainda se diz melhor do q você
 Tire 100 conto da sua fara
 E ajude sua mãe a pagar uma conta de casa
 Vcs dizem usar ice
 Deve ser com o dinheiro roubado da sua própria mãe q te deu teto, água e roupa lavada
 Nem pra peça vc tem disposição
 Meu corpo pede arrego

Minha alma sussego
 Meu país já não ver paz já tem tempo
 Vc ainda brinca de estrupo
 Não tirem sarro o assunto é sério
 Não foi vc q sentiu no ventre
 A dor nos consome diariamente
 A cada esquina uma lágrima caída
 O tempo está see passando
 O mundo acabando
 Antes de sumir
 Eu me expresso
 Em cada linha
 E sinto eu partir
 Vivendo aprendendo,
 São q a anos vcs n saber
 O mundo adimira poder e dinheiro
 Enquanto o futuro nos destrói
 Através daquela bala
 meu corpo ainda arde
 Salvador qnunca para
 Q meus ovário esteja seguro
 Em cada becos escuros
 E q as balas perdidas
 Com o caminho certo
 Nunca nos ache
 A reza é braba, soq o ódio nos acha até em cs
 N é só batida
 Nem letra
 É sentimento e veio td
 De vc cada expiração
 Vcs n sabem nd
 E quando falo da glocks
 Vcs acha q revolução
 É com peças na maos
 Venho armada e engatilhada só que com palavras
 Não me leve a mal é que já tem muito tempo q fiquei calada

O Epistemicida mora logo ali (Clara) (p. 154)

Suicidaram Mateus
 Matavam Mateus todos os dias
 Mas ninguém percebeu
 Porque tudo que importava...
 Era quem não era Mateus
 O suicídio dele não veio do acaso
 Foi uma morte sistêmica
 Mas, para ninguém isso importa
 Pois... cada um tem sua preferência epistêmica
 Dona Ana é morta todo dia

Trabalha como doméstica e sai de casa às 5h da manhã
E ainda ouve do patrão que sem ele...
Nada ela seria
Assassinaram Maria
Que estava feliz porque seus filhos iam comer melão pela primeira vez
Mas, ela não chegou nem na metade do caminho que para casa faria
Manuel é morto hoje e também será amanhã
Afinal, ele não é a “cara da empresa”
Mas Ricardo, muito pelo contrário
Esse ai já tem até fã
Estão matando Vanessa
Que sai com suas madeixas crespas para o alto
E ouve que mulher tem que sair arrumada
Não importa o que aconteça
Estão matando Beatriz
Que sempre soube que não quer ter filho
E sempre ouve que não sabe o que diz
Estão matando Andressa
Que vive correndo atrás do seu desejo
Se encaixar, na epistemi da princesa
Mal sabe ela, que chegar perto do que dizem ser princesa
Vai tirar dela, o que ela mais ama
E não há drible
Ser princesa na nossa sociedade
Só significa, não ser livre
Seguem matando João
Que por não gostar de jogar bola
Perdeu sua moral no quesito “machão”
Para vocês, pouco importa, e é sem problema
Afinal, propagar tudo isso...
Te coloca dentro do sistema
A cada minuto morre uma Marianna
Que trabalha de domingo a domingo e mora sozinha
Mas mesmo assim ela não presta
Não tem nenhum homem preso a sua cama
Seguem matando todos nós, e não falo só de quem usa farda
Matam cada um de nós a todo momento...
Nos fazem crer em contos de fadas
Me diz que herói vem de cavalo branco
Enquanto mães estão das 5h às 17h no trampo
Estão matando todos nós, e não é só na bala
Propagam esteriótipos e arquétipos
E nem precisam da fala
Mas “violência gera violência”
Não só idealizada, mas de forma sistêmica
Tudo depende da conveniência
Mas e ai, o que é que a gente faz com sua violência epistêmica?
E esse papinho de que são laços afetivos
Nem vai colar
Eu não nasci para passar pano

Nos dois sentidos
Estão matando todos nós
E é sem condolência
Mas tudo bem...
Porque enquanto quem estiver morrendo formos nós
Violência não gera violência
E é tudo sem tem alarde
Sabe porque?
Cachorro que morde
Não late!
Eu precisava desabar, e vim, sem desculpa
E nem adianta me dizer
Que na real, é da epistemi a culpa
Eu já não sei qual pancada é pior, a de casa ou da rua
Então, nem me diga que a culpa não é sua
Sempre fui aquele barquinho, que não tem porto
E na real, eu nem faço ideia de como isso chegou até você
Pois afinal, eu já to morto
E ainda dizem que nas relações existentes, só o namoro é abusivo
E de novo... não importa, somos só corpos negros
Garotos gays morrem todo dia, e eu não fui exclusivo
E mais uma vez, não foi atoa que isso aconteceu
E eu fui só mais um condenado pela epistemi cristã
Prazer, eu sou Mateus.